

Educação e Arte na ANPEd: potência do coletivo

Francione Oliveira Carvalho
Kelly Sabino
(Orgs.)

Educação e Arte na ANPEd: potência do coletivo



ANPEd

Associação Nacional de Pós-Graduação
e Pesquisa em Educação



Pedro & João
editores

**Francione Oliveira Carvalho
Kelly Sabino
(Organizadores)**

Educação e Arte da ANPEd: potência do coletivo



ANPEd | Associação Nacional de Pós-Graduação
e Pesquisa em Educação



Pedro & João
editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Francione Oliveira Carvalho; Kelly Sabino [Orgs.]

Educação e Arte da ANPEd: potência do coletivo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 278p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-1795-6 [Digital]

1. Educação. 2. Arte. 3. Grupos de Pesquisa. 4. ANPEd. I. Título.

CDD – 370

Capa: Marcos Della Porta

Arte da capa: Cipriano. **A fumaça vai, a fumaça vem Pai Joaquim de Angola tem mironga, tem!** II. Técnica mista sobre tecido algodão. 210x138cm. 2022.

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2025

Sumário

Apresentação: GT 24 – Educação e Arte da ANPEd como um espaço de articulação, produção e compartilhamento de saberes	9
Kelly Sabino, Francione Oliveira Carvalho	
ARTEVERSA: a invenção de um grupo sobre arte e docência	19
Luciana Gruppelli Loponte, Karine Storck, Deborah Vier Fischer	
Educação estética, Arte e Formação Docente em pesquisa: Frestas para epistemologias outras	33
Adrienne Ogêda Guedes, Michelle Dantas Ferreira, Virna Bemvenuto	
Estudos Culturais em Educação, Arte e Saúde (UERJ): Laboratório de Ensino da Arte	49
Aldo Victorio Filho, Ana Valéria de Figueiredo Costa, Denise Espírito Santo, Isabel Almeida Carneiro, Renata Gesomino	
FAPEM - Formação, Ação e Pesquisa em Educação Musical: pesquisadores (as) em movimentos de grupo	63
Cláudia Ribeiro Bellochio, Luciane Wilke Freitas Garbosa	
Fios que tecem o GPeMC - Grupo de Pesquisa Mediação cultural: contaminações e provocações estéticas	79
Débora Rosa da Silva, Estela Maria Oiveira Bonci, Mirian Celeste Martins	

Grupos de Pesquisa ArtCIED e Grupem: contribuições para a cultura, arte e educação musical Cristina Rolim Wolffenbüttel	95
Grupo de Pesquisa Arte e Formação: uma década de pesquisas Giovana Bianca Darolt Hillesheim, Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva	115
Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Imagem (GEFI) Giovana Scareli, Andrea Versuti, Rosana Aparecida Fernandes	131
Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação – Laborarte/ Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp André Luiz Correia Gonçalves de Oliveira, Eliana Ayoub, Marcia Strazzacappa	143
MIRADA em múltiplas visualidades, corporeidades, sonoridades e teatralidades Francione Oliveira Carvalho, Olga Egas	155
Movimentos de um bando chamado gepaefd (UFSM) Marilda Oliveira de Oliveira, Vivien Kelling Cardonetti, Francieli Regina Garlet	169
NUPAE: O fazer-se sensibilidade na pesquisa Sílvia Sell Duarte Pillotto, Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon	185

O espectador como um narrador complementar e as narrativas do silêncio na arte	199
Rosângela Martins Carrara, Henry Wilson León Calderón, Anne Caroline de Moraes Santos	
O Grupo Flume e a pesquisa entre Educação e Artes Visuais na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul	215
Carmen Lúcia Capra	
Sobre o GPAP: infiltrações investigativas em Arte e Educação	231
Jéssica Mami Makino, Mirian Celeste Martins	
Pesquisas em Artes e Visualidades - PAVIS UERJ	247
Ana Valéria de Figueiredo, Isabel Carneiro, Valéria Leite de Aquino	
Sobre as autoras e os autores	263

GT 24 – Educação e Arte da ANPEd como um espaço de articulação, produção e compartilhamento de saberes

A Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), fundada em 1978, é uma entidade sem fins lucrativos que congrega programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação, professores e estudantes vinculados a estes programas e demais pesquisadores da área. Atualmente, a ANPEd é organizada em 23 Grupos de Trabalho (GTs) e 3 Grupos de Estudo (GEs).

Luciana Grupelli Loponte (2007), indica que o GT 24 – Educação e Arte, teve seu pontapé inicial no ano de 2005, na 28ª Reunião da ANPEd, quando ela ainda era anual e acontecia em Caxambu, no interior de Minas Gerais. Foi ali que diversas pesquisadoras e pesquisadores, vindos de diferentes GTs, começaram a discutir a possibilidade de criar um GT específico para a área de Arte. Marcos Villela Pereira (2021) afirma que:

Em 2005, portanto, foi constituída a comissão que, em 2006, submeteu à assembleia geral a proposta de criação de um GT em educação e arte. Um tema bastante problematizado foi o sentido da criação de um espaço específico: por um lado, a dispersão dos trabalhos de educação e arte nos diversos GTs já existentes podia representar uma estratégia de infiltração e de contágio dos outros campos; por outro, a criação do GT poderia contribuir para a consolidação do campo no universo da educação, resguardadas sua especificidade e sua particularidade.

Esta Comissão, durante todo o ano de 2006, esteve em contato com a Secretaria da ANPEd, com coordenadores de alguns GTs e com um grupo expressivo de pesquisadores que têm esta interface Educação e Arte, em suas diferentes dimensões – Teatro, Música, Dança e Artes Visuais –, como objeto de estudo/pesquisa. Buscou também Grupos de Pesquisa cadastrados no CNPq, tanto na área de Ciências Humanas e Sociais, quanto na de Letras, Linguística e Arte, que vinha conquistando cada vez mais espaço no campo de

teorização e investigação relativos à temática, a fim de planejar atividades para a 29ª Reunião Anual. É nesse Encontro Nacional, realizado em 2006, que é aprovada a criação do Grupo de Estudo Educação e Arte, que funciona nessa modalidade até 2008, pois em 2009, na 31ª Reunião Anual da ANPEd, o GE torna-se o Grupo de Trabalho 24 – Educação e Arte.

Ao longo de sua história, 6 pesquisadoras: Luciana Gruppelli Loponte (UFRGS), Maria Isabel Leite (UNESC), Márcia Strazzacappa (UNICAMP), Monique Andries Nogueira (UFRJ), Marilda Oliveira de Oliveira (UFSM), Kelly Sabino (UNICAMP) e 5 pesquisadores: Luís Fernando Lazzarin (UFSM), Marcelo de Andrade Pereira (UFSM), Everson Melquiades Araújo Silva (UFPE), José Albio Moreira de Sales (UECE), Francione Oliveira Carvalho (UFJF), assumiram a coordenação do GT 24. Junto delas e deles, dezenas de Grupos de Pesquisa, atuantes nas diversas universidades brasileiras, foram fundamentais para a consolidação da Área de Arte na ANPEd.

É dentro deste contexto que surgiu o I **Seminário dos Grupos de Pesquisa do GT 24 da ANPEd**. Ele procurou criar condições de trocas, articulações e parcerias entre os integrantes do GT Educação e Arte além dos encontros nacionais que ocorrem a cada dois anos. Percebemos na última reunião a necessidade de ações contínuas de consolidação e amadurecimento das discussões promovidas pelo grupo. Dessa forma, o Seminário criou um espaço de socialização e mapeamento do trabalho que é realizado pelos grupos de pesquisa vinculados ao GT 24 – Educação e Arte; conhecer a proposta de atuação de cada coletivo (temas e interesses, metodologias de trabalho, resultados alcançados), além de fortalecer as discussões políticas e educacionais sobre a arte e a cultura na ANPEd.

Este livro é resultado deste I Seminário, que teve 21 Grupos de Pesquisa inscritos, oriundos de 15 instituições acadêmicas de 8 estados brasileiros: Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Pará e Pernambuco. Entretanto, nem todos os Grupos de Pesquisa estão presentes nessa publicação,

pois as inúmeras demandas da vida universitária urgem e, muitas vezes, impedem que aceitemos todos os convites.

A cada escrita nos deparamos com como cada um dos grupos situados nos quatro cantos do país reflete sobre temáticas caras aos pesquisadores da interface entre educação e arte, como veremos a seguir. No primeiro capítulo vemos a história do grupo *ARTEVERSA – Grupo de estudo e pesquisa em arte e docência* da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, coordenado pela profa Luciana Loponte, que além de contar com inúmeras pesquisas em torno da docência e da arte contemporânea, desde sua criação em 2015, tem feito inúmeros trabalhos de extensão, curadoria de exposições e tornou-se um importante instrumento de pesquisa para professores e pesquisadores de todo o país. O site *ARTEVERSA* traz artistas e coletivos de arte contemporânea em uma linguagem acessível para docentes de qualquer área, apresentando questões que se conectam à docência, sendo hoje referência para grupos de pesquisa, inclusive de fora do país.

No segundo capítulo, as pesquisadoras Adrienne Ogêda Guedes, Michelle Dantas Ferreira e Virna Bemvenuto, apresentam a trajetória do Grupo de Pesquisa *FRESTAS*, formado em 2014 por educadoras da Educação Infantil da rede pública do Rio de Janeiro, motivadas por experiências formativas sensíveis vivenciadas no curso de extensão “Arte, Corpo e Natureza” da UNIRIO. Desde 2019, o *FRESTAS* consolidou sua presença na pós-graduação integrando pesquisa, ensino e extensão com metodologias baseadas em narrativas, cartografia e arte, afirmando seu compromisso com uma educação que nutre sensibilidades, criatividade e transformação.

Também situado no Rio de Janeiro, vemos, no terceiro capítulo, a apresentação do grupo de pesquisa *Estudos Culturais em Educação, Arte e Saúde*, da UERJ, sob responsabilidade de Aldo Victorio Filho, Ana Valéria de Figueiredo Costa, Denise Espírito Santo, Isabel Almeida Carneiro e Renata Gesomino, cujo foco está na interface

entre Educação, Arte e Saúde, com participação das artes em contextos escolares e hospitalares, como no Hospital Universitário Pedro Ernesto. O grupo tem belos trabalhos de extensão como oficinas artísticas para pacientes e comunidade, ateliês de múltiplas linguagens, e parcerias com unidades como o Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA), contribuindo para a formação de estudantes de arte e profissionais da saúde e fomentando o debate sobre o impacto terapêutico da arte.

Já no quarto capítulo, o *FAPEM - Formação, Ação e Pesquisa em Educação Musical*: pesquisadores (as) em movimentos de grupo, capitaneado pelas pesquisadoras, Cláudia Ribeiro Bellochio, Luciane Wilke Freitas Garbosa apresenta os mais de vinte anos de percurso de pesquisas na área da Educação Musical. Alocado na UFSM, está ativo desde 2002, reunindo pesquisadores para promover estudos sobre formação inicial e continuada de professores, práticas pedagógicas e produção de materiais didáticos, contextos escolares e não escolares. A trajetória do FAPEM revela uma contundente articulação entre educação e música como um fenômeno sociocultural e humano, cujas ações buscam compreender e transformar a área, promovendo processos educativos inclusivos, críticos e sensíveis às diversidades culturais e históricas da música.

O quinto capítulo traz um tear repleto de histórias que reúne inúmeros pesquisadores, professores e estudantes em torno da mediação cultural feita pelo *GPeMC - Grupo de Pesquisa Mediação cultural: contaminações e provocações estéticas*, escrito por Débora Rosa da Silva, Estela Maria Oliveira Bonci e Mirian Celeste Martins. Os estudos do grupo focalizam a mediação cultural, desde 1999, ainda quando o termo não tinha ainda se tornado um território de saberes e processos. As autoras tecem uma linha do tempo na qual vemos os diversos projetos como publicações, simpósios, dissertações, teses e pesquisas, evidenciando a riqueza de conexões entre arte, educação e cultura, contribuindo para a consolidação da importância da pesquisa sobre mediação cultural vista como uma prática de ação transformadora.

Na sequência, a pesquisadora Cristina Rolim Wolffenbüttel traça um panorama histórico dos grupos de pesquisa e extensão *ArtCIEd* e *Grupem*, vinculados à Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), sendo o primeiro fundado em 2002 de caráter interdisciplinar, integrando artes visuais, dança, música, teatro e educação, e o segundo, criado em 2010, tem focado suas pesquisas na educação musical, com ênfase nas políticas públicas e na implementação do ensino de música nas escolas. Ambos os grupos trazem subsídios importantes para a pesquisa nos campos da educação em arte e educação musical.

O sétimo capítulo nos leva à UDESC, onde o *Grupo Arte e Formação nos Processos Políticos Contemporâneos*, criado em 2011 por Giovana Bianca Darolt Hillesheim e Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva, se destaca. O *Grupo Arte e Formação nos Processos Políticos Contemporâneos*, é vinculado ao Programa de Pós-graduação de Artes Visuais (PPGAV), ao Programa Profissional em Artes (PROFARTES) e ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), envolvendo pesquisadores da UDESC e de outras universidades brasileiras e internacionais, cuja articulação teórica se fundamenta na Pedagogia Histórico-Crítica, investigando como contextos sociais e culturais influenciam a formação docente e as práticas pedagógicas. Entre os trabalhos destacados estão estudos sobre o mercado de arte, análise curricular, formação docente em diferentes regiões do Brasil e questões relacionadas à cultura afro-brasileira, indígena e espaços expositivos.

No oitavo capítulo vemos a prova de que bons encontros com arte, filosofia e educação não só podem perdurar como criar novos caminhos para além dos muros de uma universidade, como é relatado pelas pesquisadoras Giovana Scareli (UFSJ), Andrea Versuti (UnB) e Rosana Aparecida Fernandes (UFRGS). O *Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Imagem (GEFI)* foi criado em 2011 com um interesse em comum: a pesquisa com imagens. Desde lá, as três professoras-pesquisadoras, orientadas pela Filosofia da Diferença e pelo método cartográfico buscam romper com as

limitações da academia, criando um espaço de estudo e amizade que amplia a potência de agir e pensar, conforme Spinoza e Deleuze. O grupo promove encontros com imagens, teorias e conceitos, explorando a educação, filosofia e narrativas transmídias em três linhas de pesquisa. Cada linha aborda as imagens como objetos de estudo, reflexões filosóficas e educativas, e novas práticas narrativas no contexto digital.

As memórias e caminhos do *Laborarte* (Unicamp) são apresentadas no nono capítulo, pelos pesquisadores André Luiz Correia Gonçalves de Oliveira, Eliana Ayoub e Marcia Strazzacappa. Criado em 1994 na FE-Unicamp, foi um dos primeiros grupos de pesquisa da instituição. Desenvolve há trinta anos projetos que aproximam escolas públicas e universidades, estudando as relações entre arte, corpo e educação, priorizando a dimensão autoral nos processos criativos em contextos formais e não formais. A diversidade está presente em toda a trajetória do *Laborarte*, em relação aos referenciais teóricos, às metodologias, ao formato de elaboração dos textos, mas também é perceptível na sua atuação tanto nacional quanto internacional. O *Laborarte* traz uma significativa contribuição para a história deste GT e para a pesquisa em arte e educação desde uma perspectiva democrática e humanizadora de educação que se mostra aberta a diálogos pulsantes nos processos de produção de conhecimentos e saberes.

A complexa visualidade do mundo contemporâneo, na qual as imagens devem ser pensadas como cruzamentos de linguagens, saberes, tradições e experiências constituem, junto com a formação docente, um território mediador para o *MIRADA – Grupo de Estudo e Pesquisa em Visualidades, Interculturalidade e Formação Docente*, coordenado por Francione Oliveira Carvalho e Olga Egas. Fundado em 2016, na Faculdade de Educação da UFJF, Juiz de Fora, o grupo trabalha de forma coletiva e visa tencionar as produções de conhecimento no entre escola e universidade, por meio de pesquisa, ensino e extensão criando maneiras próprias de ser, estar e pensar. O *MIRADA* apresenta uma série de reverberações de novas

aprendizagens e entrecruzamentos entre a academia, as linguagens artísticas e as culturas da contemporaneidade que são fundamentais para repensarmos o ensino da arte no nosso próprio tempo.

“O que pode um grupo?” é uma das inquietações presentes no 11º capítulo, escrito por Marilda Oliveira de Oliveira, Vivien Kelling Cardonetti e Francieli Regina Garlet, pesquisadoras do *Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Filosofias da Diferença (GEPAEFD)*, fundado em 2006 na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Ao longo da escrita, somos conduzidos pelas metamorfoses que os caminhos da pesquisa trilharam. Trata-se de um grupo que combate a solidão da pesquisa com invenções e conversações, focando na criação de formas singulares de pesquisar, produzir escrita e reinventar métodos. A cartografia, a pesquisa biografemática, a fiandografia, a andarilhagem, a garimpagem e a artegrafia estão entre suas experimentações, que têm como objetivo ampliar as possibilidades de pesquisa e composição com a arte, explorando novas formas de estar juntos e produzir conhecimento.

Também alinhado ao potencial criador de novas formas de pesquisar, o grupo de pesquisa *NUPAE: O fazer-se sensibilidade na pesquisa*, coordenado por Silvia Sell Duarte Pillotto e Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon, ambas pesquisadoras da Universidade da Região de Joinville (Univille), estabelece-se como um espaço de encontro, afeto e inquietação. Nesse ambiente, promove-se a interação entre pensar e sentir, aproximando os sujeitos de si mesmos e dos outros. Os encontros e a produção de conhecimento no *NUPAE* destacam a transformação coletiva, alinhando-se à provocação de Deleuze e Guattari (1995): “não somos mais nós mesmos”, mas seres multiplicados pelas interações, movidos pela transitoriedade e pelo movimento contínuo em busca de novos caminhos. O grupo rejeita verdades absolutas, valorizando os gestos, os rastros e a espera como dispositivos que abrem possibilidades.

Na sequência, encontramos a pesquisa “Narrativas do Silêncio”, que analisa o espectador como coautor de narrativas a

partir de experiências artísticas em diversas linguagens, como artes visuais, literatura, cinema e teatro. O objetivo é aprofundar a compreensão sobre a interação entre arte e vida cotidiana, bem como os impactos da arte na formação educacional e pessoal. Essa investigação é parte do *Grupo de Pesquisa Linguagem, Educação, Tecnologia e Cognição (LETEC)*, liderado pelas professoras Arceloni Neusa Volpato e Rosângela Martins Carrara desde 2007, atualmente vinculado ao Centro Universitário UNIFACVEST. A pesquisa destaca a leitura como eixo temático, incentivando colaborações entre diferentes áreas do conhecimento e promovendo o avanço educacional por meio de metodologias que respeitam as demandas específicas de cada contexto.

Os leitos d'água presentes em três dos *campi* da UERGS inspiraram a criação do grupo *Flume*, fundado em 2018 pelas docentes da Graduação em Artes Visuais – Carmen Lúcia Capra, Igor Simões, Mariana Silva da Silva e Mariane Rotter. O grupo reflete sobre a formação docente por meio das poéticas visuais, da história, teoria e crítica das Artes Visuais e pela educação e/em Artes Visuais. Conectando arte, educação e extensão universitária, o *Flume* promove pesquisa, formação e divulgação de produções acadêmicas e culturais, atuando em espaços como a Casa de Cultura Mario Quintana e o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS). O grupo fortalece diálogos interinstitucionais, aborda questões urgentes como representatividade racial e desigualdade de gênero e fomenta reflexões que ultrapassam fronteiras estaduais. A não separação entre arte e vida permite que a pesquisa seja também um ato de criação e posicionamento, ampliando os horizontes do campo.

Mirian Celeste e Jéssica Makino relembram a trajetória do *GPAP – Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia*, que, desde 2012, persiste em infiltrar a arte na pedagogia. O grupo aborda, por meio de metáforas ligadas à água, a inclusão da arte nos processos educativos e suas múltiplas interações com a pedagogia. Desde sua formação, o *GPAP* tem promovido iniciativas como simpósios internacionais, pesquisas interdisciplinares e publicações que

consolidam o papel da arte na formação de educadores. As autoras destacam ainda o lançamento da Rede +Arte na Pedagogia, que, atualmente, reúne 24 instituições signatárias e promove a integração da arte como ferramenta essencial na formação de educadores.

Por fim, Ana Valéria de Figueiredo, Isabel Carneiro e Valéria Leite de Aquino contam um pouco do Grupo de Pesquisa PAVIS – Pesquisa em Artes e Visualidades, criado em agosto de 2018 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. o PAVIS tem como objetivo investigar os processos de educação formal e não formal em artes, culturas e ensino de artes de maneira ampla, bem como suas estratégias de ensino-aprendizagem, com o intuito de registrar e analisar como ocorrem essas aprendizagens em suas singularidades no campo das artes e visualidades.

Com este livro, reafirma-se o papel do GT 24 – Educação e Arte como um espaço de resistência, produção e compartilhamento de saberes que contribuem para o fortalecimento do campo da arte na educação no Brasil. As reflexões e trajetórias compartilhadas evidenciam não apenas a potência do coletivo em articular pesquisas, metodologias e ações que transformam o campo da educação e da arte, mas também sua capacidade de impactar realidades institucionais e sociais. A diversidade de enfoques, seja no campo da música, das artes visuais, da dança, do teatro ou da literatura, reflete o compromisso em construir pontes entre teoria e prática, universidade e escola, arte e vida cotidiana. Esse esforço contínuo evidencia a importância da pesquisa e da ação colaborativa como motores para o avanço das discussões políticas e educacionais no campo da arte e da cultura.

Acreditamos que as experiências narradas ao longo deste livro podem servir como fontes de inspiração e aprendizado para todos aqueles que se dedicam a investigar, ensinar e transformar, com sensibilidade e criticidade, as práticas pedagógicas e artísticas. Que este trabalho reverbere, conecte novas ideias e amplie o diálogo entre os diferentes grupos e territórios que compõem essa rica teia de saberes.

Referências

LOPONTE, L. Educação e arte na ANPEd: a conquista de um novo espaço. *In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE EDUCADORES DO BRASIL*, 17., 2007. **Anais** [...]. Florianópolis: Udesc, 2007. Disponível em: <https://docplayer.com.br/62017710-Educacao-e-arte-na-anped-a-conquista-de-um-novo-espaco.html>.

Acesso em: 12 jan. 2025.

PEREIRA, Marcos Villela. **Educação e arte: dez anos de trajetória do GT24**. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2021, vol.26, e260043. Epub 26-Jul-2021. ISSN 1809-449X. <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/r6JgvLPBJDhhg5H3mT9Dw4L/> . Acesso em: 12 jan. 2025.

ARTEVERSA: a invenção de um grupo sobre arte e docência

Luciana Gruppelli Loponte
Karine Storck
Deborah Vier Fischer

O *ARTEVERSA – Grupo de estudo e pesquisa em arte e docência* foi criado em 2015, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a partir do desejo e do amadurecimento de questões de pesquisa e da vontade de orientandos e ex-orientandos do Programa de Pós-Graduação em Educação de continuar juntos, estudando e pesquisando coletivamente. Paralelamente à criação do grupo, criamos o site, a partir da ideia de uma bolsista de Iniciação Científica. No âmbito do projeto de pesquisa *Docência como campo expandido: arte contemporânea e formação estética* (2013-2016, com financiamento do Edital Universal do CNPq), pensávamos em aproximar as discussões provocadas pela arte contemporânea a docentes, apresentando artistas e seus processos a partir de pranchas impressas, como comumente é feito em museus e instituições culturais. Mas, então, uma bolsista pergunta: e por que não um site? Aos poucos, com os recursos que tínhamos, criamos o site *ARTEVERSA*, que começou a apresentar artistas e coletivos de arte contemporânea em uma linguagem acessível para docentes de qualquer área, sempre apresentando questões que se conectavam à docência. Com a colaboração de bolsistas de Iniciação Científica e de membros do grupo, começamos a pesquisar e escrever textos inéditos sobre práticas artísticas contemporâneas que tangenciavam temas como educação, escola, gênero, sexualidade, racismo, ações comunitárias, ambiente e tantos outros. Nossa intenção nunca foi a de ensinar como trabalhar com esses artistas, mas de instigar outros modos de pensar a partir deles.

Com a ajuda de redes sociais (*Facebook, Instagram e Twitter*), mesmo sem impulsionamento pago, o site começou a tomar proporções e a ter um alcance que, no início, não imaginávamos. O site *ARTEVERSA* foi se consolidando nesse período como um grande repositório de material sobre produção artística contemporânea, escrito em linguagem convidativa e endereçada ao público docente, sem perder o rigor e a seriedade em relação às temáticas. Além de a página apresentar a produção acadêmica atualizada do grupo, o site vem sendo conhecido e utilizado no Brasil por docentes de várias áreas, e sendo referência para outros grupos de pesquisa, inclusive de fora do país. Os textos originais sobre artistas e coletivos são produzidos a partir de pesquisa do grupo, sendo publicados de forma regular, de modo a despertar um interesse crescente, visível pelo número de acessos do site (cerca de 10.000 acessos mensais) e pelos contatos em redes sociais. Nosso site tem sido referido em livros didáticos de arte para Educação Básica, e foi mencionado em questões da prova do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes, organizado pelo INEP (ENADE) de 2021, dos cursos de licenciatura em Artes Visuais, entre outros. Nos anos de 2021 e 2024, o site *ARTEVERSA* recebeu indicação para o Prêmio Açorianos de Artes Visuais, prêmio tradicional da Secretaria Estadual de Cultura do RS, na área de Educação e Formação.

Temos produzido e publicado material derivado das discussões do grupo, nas seções “Coleção de artistas” e “Textos para abrir uma conversa”. Na seção “Textos para abrir uma conversa”, já publicamos mais de 30 textos, escritos por convidados ou selecionados por meio de chamada aberta, realizada nas redes sociais com a temática arte, educação e pandemia. Na seção “Coleção de artistas”, já são mais de 70 textos. Desde o início, se pensou em um site vivo, em movimento, atualizado permanentemente. Durante o período crítico da pandemia de COVID 19, foram produzidos textos específicos sobre temáticas prementes naquele momento, tais como infâncias, violência contra as mulheres, fome, isolamento etc. Com o financiamento obtido pelo

CNPq, nos últimos anos, conseguimos o incremento e a atualização do site, tornando-o mais ágil e amigável para o público pretendido, qual seja, docentes da Educação Básica. Inclusive, contamos com recursos de acessibilidade. Para a produção desse material, envolvendo pesquisa, escrita e edição, tem sido fundamental o trabalho e apoio técnico das bolsistas de Iniciação Científica nos últimos anos: Agda Céu Rocha (2018-2020), Estela Böckmann (2020-2021), Hariel de Souza (2021-2022), Clarissa Nunes de Medeiros (desde 2022), e das bolsistas de Apoio Técnico, Diane Sbardelotto (2019-2021) e Lobna Essaba (desde 2023).

Figura 1 - Fragmento do site ARTEVERSA.



Fonte: www.ufrgs.br/arteverrsa

As produções do grupo passam a demonstrar que os processos formativos da docência e da escola podem ser impulsionados pelos movimentos instaurados por produções artísticas contemporâneas, tanto na forma de pensar essas problemáticas educacionais quanto em relação aos modos de fazer pesquisa nesse campo. Nossas investigações posicionam-se contrariamente a um suposto discurso neoliberal hegemônico, que reivindica a criatividade, a inovação, a flexibilidade e as competências individuais como elementos essenciais para uma vida produtiva no sistema capitalista. Nesse sentido, nossas pesquisas têm reforçado nosso compromisso

político, ético e estético na relação entre arte e educação, entendendo que não é possível uma separação entre estética, ética e política. A curadoria da coleção de artistas para o site reverbera essa forma de pensar.

Como grupo, temos nos reunido regularmente, uma vez por mês. Além de orientandos e ex-orientandos, participam colegas da UFRGS, como o professor Cristian Poletti Mossi, que foi o vice-coordenador do grupo até o início de 2022, e professores de diferentes instituições, como Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), IFSul – Pelotas e Sapucaia do Sul, Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e Universidade de Antioquia (Medellín), além de professores da Educação Básica. Desde 2022, o vice-coordenador do grupo é Daniel Bruno Momoli, que cursou doutorado no PPGEDU/UFRGS e atualmente é professor da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). A cada reunião, um dos componentes fica responsável por elaborar uma narrativa visual do que foi discutido, das ações realizadas, das elaborações e combinados para o próximo encontro ou para atividades futuras do grupo. As reuniões acontecem de forma presencial, sempre que possível, no entanto, tivemos momentos em que houve a necessidade de se fazer apenas no formato on-line (período da pandemia de COVID-19 e das enchentes no RS). Como forma de participação dos integrantes que não residem em Porto Alegre, a opção híbrida torna-se sempre uma possibilidade. As narrativas visuais tornaram-se uma marca do grupo de pesquisa, sendo realizadas de forma inventiva e sempre diferentes¹.

A existência do *ARTEVERSA* é possível pelo amadurecimento de questões de pesquisa nos últimos anos, como também pelo financiamento obtido nas diferentes investigações. Temos obtido,

¹ Ver aqui uma narrativa audiovisual de uma reunião do grupo em 2017: https://youtu.be/poOXFrkLKR8?si=OB_QojW_LlF9OO4y Acesso em 13.01.2025.

regularmente, financiamento por meio do Edital Universal do CNPq, o que propicia a aquisição de livros e equipamentos, além de subsidiar passagens, diárias e outras despesas, como o próprio aprimoramento e aperfeiçoamento do site.

As últimas pesquisas financiadas pelo CNPq que subsidiam o trabalho do grupo são: *Arte e estética na formação docente* (2007-2010), *Arte contemporânea e formação estética para a docência* (2010-2013), *Docência como campo expandido: arte contemporânea e formação estética* (2013-2016) e *O campo expandido da arte e da docência: aproximações, tensões, processos e práticas artísticas contemporâneas* (2016-2023). Atualmente, a pesquisa em desenvolvimento é *Arte, docência e práticas artísticas contemporâneas: processos formativos para a Educação Básica*, com financiamento do Edital Universal 2023. Algumas questões levantadas por essas pesquisas têm amadurecido e se sofisticado nos últimos anos. Em linhas gerais, perguntamos: É possível encontrar espaços de criação na docência da Educação Básica? Que formação estética é necessária para a docência? De que modo as artes contemporâneas podem alimentar novos modos de pensar a docência e os processos de formação inicial e continuada? Os processos e práticas artísticas contemporâneas podem ser tomadas como “plataformas de pensamento” para o campo da docência e de sua formação? Como interlocutores teóricos dessas discussões, estão autores como Michel Foucault, Friederich Nietzsche, Nadja Hermann, Luís Camnitzer e, de forma cada vez mais emergente, os autores que discutem temas como racismos, feminismos, decolonialidade, virada educacional nas artes e a virada decolonial da arte contemporânea brasileira.

Muitas destas questões têm sido escrutinadas em diversos artigos, tais como *Tudo isso que chamamos de formação estética: ressonâncias para a docência* (Loponte, 2017), *Arte contemporânea e ensino tecnológico: deslocamentos possíveis* (Amaral; Loponte, 2016), *Para pensar o horizonte da arte e da educação na contemporaneidade* (Capra; Momoli; Loponte, 2016), *Experimentar modos outros de habitar a escola: arte e filosofia na pesquisa em educação* (Momoli; Loponte,

2018), *Docência como campo expandido: arte contemporânea e formação estética* (Loponte, 2019).

Em 2023, tivemos publicado um livro do grupo, que reúne o trabalho de dez anos, envolvendo as temáticas da arte e da docência. Com financiamento de verba CAPES/PROEX, conseguimos traduzir textos ainda inéditos em português, que subsidiaram diversas discussões, assim como reunir vários textos de membros do grupo. O livro se chama *ARTEVERSA: arte, docência e outras invenções* e está disponibilizado gratuitamente em forma de e-book: <https://www.pimentacultural.com/livro/artevera-arte>. A capa e elementos visuais do interior do livro foram extraídos de produções de Juliana de Lima Veloso, ex-orientanda de mestrado, artista visual e professora de artes da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre.

Figura 2 - Capa do livro do ARTEVERSA.



Fonte: <https://www.pimentacultural.com/livro/artevera-arte/>

Vale a pena destacar, ainda, as parcerias internacionais que temos feito, especialmente com a Universidade de Antioquia, em Medellín, Colômbia, por meio do professor Bernardo Bustamante Cardona, e com a Universidade de Lleida, Espanha, por meio da professora Glòria Jové. Já estivemos em Medellín mais de uma vez, a convite da universidade, ministrando conferências e realizando contatos com o grupo de pesquisa ArtEducación. O professor Bernardo participa regularmente das reuniões do ARTEVERSA, especialmente as realizadas por videoconferência. Recentemente, tivemos a oportunidade de estar com ele em Porto Alegre e Pelotas, em encontros promovidos pelo grupo de pesquisa e a UFPel.

Já a interlocução com a professora Dra. Glòria Jové, da Universidade de Lleida (UDL), Espanha, foi iniciada a partir de encontro durante a 10ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, no ano de 2015, quando descobrimos interesses teóricos em comum, como a relação que estabelecemos entre arte contemporânea e formação docente. Desde então, já realizamos várias atividades conjuntas, no marco de convênio firmado entre nossas universidades, como estadias como professora visitante, participação de bancas nos dois países e projetos conjuntos. Continuamos mantendo uma interação constante.

A partir do ARTEVERSA, vimos realizando várias ações de extensão, abrindo a discussão que temos feito internamente para o público interessado. De 2016 a 2022, realizamos várias ações abertas à comunidade: em 2016, com Lucimar Bello Frange e Marcos Villela Pereira; em 2017, *O que pode ser uma escola?*, com Glòria Jové; em 2018, *Reunião Aberta – Escola e Arte: que trânsitos são possíveis?*, com Andréa Coutinho, Renata Caetano e Luciane Uberti; em 2019, *E se um museu fosse uma escola?*, com Glòria Jové, em parceria firmada entre a Universidad de Lleida, o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) e a Fundação Iberê Camargo. Ainda em 2019, houve o *Seminário Ivone Richter: o que precisamos dizer de novo em arte e educação?*, em homenagem aos 80 anos da professora Ivone Richter; em 2020, a 4ª *Reunião Aberta do ARTEVERSA, com Ana Flávia*

Baldisserotto, transmitida ao vivo pelo Youtube, em comemoração aos 5 anos do grupo. Em 2021, realizamos o curso de *extensão Práticas artísticas para [mobilizar...] Práticas Pedagógicas*, em parceria com o PRAPEDI² do Colégio de Aplicação da UFRGS. A realização do curso por meio de videoconferência proporcionou a presença de muitos participantes, de vários estados brasileiros e de outros países.

Figura 3 - Cartazes de divulgação de eventos do ARTEVERSA, 2019.



² Programa de Extensão Práticas Pedagógicas do CAP/UFRGS em Diálogo.

Figura 4 - Card de divulgação do Curso de extensão realizado em 2021.

práticas
artísticas
para {desacomodar
desassossegar
mobilizar
tensionar
movimentar
criar} práticas
pedagógicas

UFRGS PRAPEDI Arte 750 FAGED

CURSO DE EXTENSÃO
TERÇAS/19H-21H (SET A NOV/2021)

INSCRIÇÕES GRATUITAS
(VIA LINK) DE 24/08 A 03/09
OU ATÉ ESGOTAREM AS VAGAS

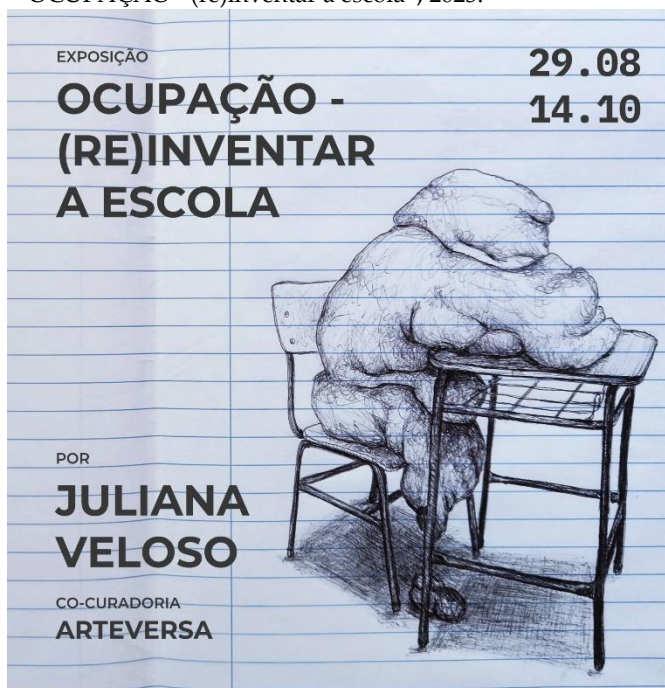
Fonte: <https://www.instagram.com/p/CSfbPzcn1nO/> Programação do Curso disponível em: <https://www.instagram.com/p/CS1zeqtnWVA/>

Em outubro de 2022, realizamos um seminário interno do grupo ARTEVERSA de forma presencial, em Porto Alegre-RS. Na oportunidade, tivemos a presença de colegas do Ceará, de Alagoas, do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Conjuntamente, pensamos em estratégias para o grupo nos próximos anos, como a formação de uma rede de pesquisa a respeito dos temas que nos são caros, como arte e docência e também a reatualização das perguntas que nos movem enquanto um coletivo de estudo e pesquisa.

O ARTEVERSA é cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPQ e atualmente se organiza em três linhas de pesquisa que, de certo modo, se entrecruzam e complementam: (1) Arte e processos de formação docente; (2) Práticas artísticas contemporâneas, educação e docência; e (3) Gênero, artes visuais e educação. Com as mudanças do grupo nos últimos anos, essas linhas de pesquisa estão em processo de atualização.

No ano de 2023 foi realizada a exposição “OCUPAÇÃO - (re)inventar a escola”, da artista, professora e integrante do grupo, Juliana Veloso, na qual o ARTEVERSA assumiu a co-curadoria e parceria nas atividades de realização e mediação do trabalho “Sala de Aula Pública”.

Figura 5 - Imagem de divulgação da Exposição “OCUPAÇÃO - (re)inventar a escola”, 2023.



Fonte: <https://www.ufrgs.br/arteverisa/exposicao-ocupacao-reinventar-a-escola>

O projeto da exposição foi contemplado dentro do Edital Público do espaço Força e Luz Energia Cultural 01/2022 (na cidade de Porto Alegre-RS) e teve como objetivo apresentar, de forma inédita, a pesquisa da artista, de 2017 a 2023 e sua interlocução com a arte, a docência e a escola.

Figura 6 - Detalhe da obra *Diário de bordo*, 2019-2023, Cartazes lambe-lambe, 2,40 x 9,10m, de Juliana Veloso, na mostra “Ocupação – (re)inventar a escola”, em 2023.



Fotografia de Luísa Guazzelli Sirangelo.

A temática da escola pública, bem como as forças que a habitam com os corpos discentes e docentes, seus problemas e afetos, tomam protagonismo e ação nos trabalhos de Juliana Veloso³.

O trabalho “Sala de Aula Pública”, envolveu a participação de, aproximadamente 30 propostas e propositoras/es, que ativaram esse espaço na exposição com atividades variadas, abertas e gratuitas ao

³ Trecho do texto de apresentação da exposição, no site do ARTEVERSA: <https://www.ufrgs.br/artevera/exposicao-ocupacao-reinventar-a-escola/>. A programação completa das atividades da Sala de Aula Pública e o registro da realização, pode ser visualizado em: <https://www.instagram.com/saladeaulapublica/>.

público. Nas mesmas, também houve a participação de grupos de alunos de escolas da educação básica e de ensino técnico e superior.

Desde 2023/2024, as investigações em andamento no âmbito de mestrado e doutorado têm ampliado e qualificado as discussões do grupo, trazendo ao debate temas cada vez mais atuais e urgentes, como: os percursos de formação de estudantes negros nos cursos de graduação em Artes Visuais; a docência em Artes Visuais, a partir da experiência de um professor negro; a decolonialidade e a educação das relações étnico-raciais na formação docente; agroecologias artísticas para a docência; práticas de si feministas para multiplicar os horizontes éticos e estéticos na docência; as relações entre animalidades, infâncias e práticas artísticas contemporâneas. Mesmo que as temáticas e questões se ampliem e se modifiquem, o foco das investigações do grupo permanece no pensar as relações entre arte, educação e docência, a partir de questões contemporâneas que, mais recentemente, têm trazido à reflexão a importância das práticas antirracistas e das discussões acerca de um pensamento decolonial, marcando também o compromisso e o posicionamento do grupo, no sentido da necessária reparação histórica.

Neste ano de 2025, o grupo de pesquisa *ARTEVERSA* comemora 10 anos de muito trabalho e produção. O site do grupo continua bastante ativo e temos investido tempo para que continue sendo uma referência para o trabalho de docentes a partir da arte contemporânea. Além da produção de conteúdo novo sobre artistas contemporâneos, estamos começando a publicar percursos temáticos, criando novas curadorias para pensar temas cada vez mais emergentes, como a relação que temos com a natureza, ou com pautas como o antirracismo e feminismo. Alguns dos componentes do grupo seguem desde o início, outros o deixaram e outros ainda foram chegando a cada ano, mostrando como o movimento é parte fundamental de quem se dedica a fazer pesquisa, a trabalhar com a arte e com a docência. Como modo de celebrar esse tempo, que não é pouco, considerando ser um grupo de pesquisa formado por

docentes, que possuem em sua trajetória profissional, uma elevada carga horária de trabalho e que assumem, por vezes, diversas funções e atribuições em seus espaços de ensino, busca-se pensar em formas de olhar para essa caminhada, vendo o que dela se mantém e o que seria o momento de rever ou repensar, considerando uma projeção para os próximos anos do *ARTEVERSA*. O que ainda podemos inventar?

Referências

AMARAL, Carla Giane Fonseca do; LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte contemporânea e ensino tecnológico: deslocamentos possíveis. **Educação**, [S. l.], v. 39, n. 4, p. s76-s85, 2016. DOI: 10.15448/1981-2582.2016.s.22431. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/22431>. Acesso em: 10 jan. 2025.

CAPRA, Carmen Lúcia; MOMOLI, Daniel Bruno; LOPONTE, Luciana Gruppelli. Para pensar o horizonte da arte e da educação na contemporaneidade. **Revista GEARTE**, [S. l.], v. 3, n. 2, 2016. DOI: 10.22456/2357-9854.65911. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/65911>. Acesso em: 10 jan. 2025.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Tudo isso que chamamos de formação estética: ressonâncias para a docência. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, p. 429-452, 2017.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Docência como campo expandido: arte contemporânea e formação estética. *In*: LIMA, Sidiney Peterson Ferreira de; AUGUSTOWSKI, Gabriela. (orgs.). **Instantes-já da formação docente em Artes**. V. 1. São Paulo: Terracota, 2019.

LOPONTE, Luciana Gruppelli, MOSSI, Cristian Poletti (orgs). **ARTEVERSA: arte, docência e outras invenções**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/artevera-arte> Acesso em: 10 jan. 2024.

MOMOLI, Daniel Bruno; LOPONTE, Luciana Gruppelli. Experimentar modos outros de habitar a escola: arte e filosofia na pesquisa em educação. **Revista Educação e Cultura**

Contemporânea, [S. l.], v. 15, n. 39, p. 215–237, 2018. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/4741>. Acesso em: 10 jan. 2025.

Educação estética, Arte e Formação Docente em pesquisa: Frestas para epistemologias outras

Adrienne Ogêda Guedes
Michelle Dantas Ferreira
Vina Bemvenuto

No início eram pessoas. Pessoas que tinham em comum a profissão. Eram professoras. No início eram professoras que tinham questionamentos. Eram questionamentos que inquietavam. No início eram professoras inquietas que buscavam respostas às suas perguntas, ou mais perguntas para as respostas que já tinham. No início era um curso de extensão. Eram professoras inquietas com alguns objetivos comuns que encontraram orientadores pensantes e pulsantes. Daí que as dúvidas suscitaram questões, que mobilizaram pessoas, que criaram um grupo que passou a ser e a querer: Formações, Resignificações, Saberes, Trocas, Artes e Sentidos. Eram possibilidades, passagens e aberturas. São Frestas por onde espiamos, vivenciamos, penetramos, permitimos, afetamos, convidamos, brincamos, revelamos, fomos e somos. E seremos. (Ferreira, 2014, s.p)

Em 2014 o Grupo de Pesquisa Formação e Resignificação do Educador: Saberes, Troca, Arte e Sentidos – FRESTAS começou a ser gestado, a partir da mobilização de um grupo de educadoras da Educação Infantil da rede pública municipal do Rio de Janeiro, desejosas por experienciarem mais práticas teórico-vivenciais que chacoalhassem seus corpos e suas docências, semelhantes às que haviam vivenciado na experiência formativa que impulsionou esse desejo. Estas professoras participaram do Curso de Extensão: Arte, Corpo e Natureza, ofertado em 2013.2 coordenado pelas Professoras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) Lea Tiriba e Adrienne Ogêda com a parceria da Professora Nuelna Vieira. Este curso foi um dos frutos de um convênio firmado entre o

Ministério da Educação (MEC) e as Universidades Públicas brasileiras, como parte da Política Nacional de Formação para profissionais da Educação Básica pública do país. A ênfase voltada ao campo das artes, do corpo e da natureza respondia não apenas aos interesses de pesquisa das coordenadoras, mas também a uma demanda das professoras da rede pública, indicadas por consulta pública feita pela Plataforma Paulo Freire.

A UNIRIO ofertou duas modalidades – Extensão e Especialização. A Extensão tinha uma carga horária de 80h, distribuídas em 4h semanais com aulas/encontros aos sábados, com uma estrutura organizada em quatro grandes campos: Educação Estética; Cultura; Infâncias e Arte, com foco na Educação Infantil. A metodologia contava com encontros teórico-vivenciais, ou seja, a teoria não se descolava da experiência frutiva e estética. As experiências vividas mobilizavam sentidos, reflexões, conexões com o campo da educação, dos estudos da área e das práticas das/dos docentes envolvidas/dos; inscreviam-se em seus corpos, sendo (re)elaboradas em articulação com os referenciais teóricos e nas rodas de conversas, geralmente propostas ao final de cada encontro. A avaliação também experimentava formatos mais afetos às concepções que animavam o curso, afinal, como quantificar as experiências de cada participante? Como avaliar o quanto cada uma/um aprendeu com o que foi vivido? Seria possível criar um modelo avaliativo que pudesse mensurar um conhecimento que mobilizava aspectos tão subjetivos e singulares? Diante disso, a avaliação propunha o registro do que foi vivido durante todo o curso, tanto dentro quanto fora dele, na criação de um Álbum da Vida, que tinha o objetivo de mostrar o caminho percorrido pelas/pelos participantes no curso e as ressonâncias em suas vidas. Assim, a ideia era qualificar o percurso, o processo de conhecimento, que é tão particular, rompendo com a lógica de uma avaliação metrificadora.

Outra dimensão potente e potencializadora que essa formação trazia era a diversidade na composição da equipe de formadoras/es,

que contava com educadoras/es que eram também artistas, em sua maioria, com incursões em diferentes linguagens artísticas: artes visuais, dança, teatro, palhaçaria, cinema, fotografia, poesia e literatura. Isto propiciou às/aos cursistas, por exemplo, a apreciação de espetáculos teatrais, de dança e exposições protagonizados por elas/eles.

Assim, a formação abrangia um campo para além do acadêmico, ampliando repertórios, sensibilizando percepções e possibilitando construções de conhecimento que dialogavam com as/os cursistas em suas inteirezas; em suas vidas. Desta forma, não se apresentou como prescritivo acerca da docência e/ou de práticas educacionais; ao contrário, intencionava fortalecer o corpo [da/do] docente, que nutrido por vivências fecundas em sensibilidades, afeto, investigação e criação, acabava por possibilitar – e muitas vezes conseguir, como nos chegava/chega por meio de relatos – deslocamentos nas/das percepções acerca da Educação e de seus processos, fomentando mudanças nas proposições feitas para/com as crianças, nas instituições; mas não como receitas replicáveis.

O curso abriu um mundo de novas possibilidades. As/Os cursistas, ainda não entendiam bem se e como todas aquelas experiências vivenciadas iam reverberar efetivamente em suas práticas, pois as realidades que muitas/os enfrentavam teimavam em se opor a essa educação das sensibilidades. Porém, algumas estavam impactadas e queriam entender melhor como essa educação estética se dava. Necessitavam estudá-la e seguir experimentando em/com seus corpos o conhecimento construído na relação com as múltiplas linguagens artísticas. Tinham sido tocadas, atravessadas por uma formação que até então não haviam tido em nenhum lugar e queriam mais. A ideia surgiu de Monica Rosa, participante do curso, sendo disseminada em uma das muitas rodas de conversa ao final de cada dia de vivência. Logo contagiou outras participantes e a professora Adrienne Ogêda, que toparam embarcar nessa aventura. Deste caldo, então, um grupo de pesquisa dedicado a estudar/vivenciar a formação docente – com foco na Educação

Infantil –, a educação estética, a arte e as relações estabelecidas entre elas e as crianças no cotidiano escolar, começou a ser gestado.

Figura 1 – Abrindo FRESTAS



Fonte: Arquivo Pessoal do Grupo FRESTAS

Os primeiros anos foram dedicados ao entendimento e a constituição de um grupo de pesquisa. Por isso, diferentes foram os formatos de estudo, os dias e horários dos encontros, os conceitos e referenciais a serem estudados e até a formação das/dos pesquisadoras/es participantes. Da mesma forma como fora criado, todos estes processos foram sendo construídos coletivamente, tendo a escuta atenta, o espaço para a expressão dos desejos que mobilizavam cada integrante e o olhar sensível como pilares estruturantes. Além disso, a construção do conhecimento por meio da experiência, tal como defendida por Larrosa (2014), era – e ainda é – um princípio inegociável, uma vez que concordamos com Duarte Junior (2010, p. 31) ao dizer que “[...] na realidade, uma educação do sensível só pode ser levada a efeito por educadores cujas sensibilidades tenham sido desenvolvidas e cuidadas, tenham sido trabalhadas como fonte primeira dos saberes e conhecimentos que se pode obter acerca do mundo.”.

O primeiro Projeto cadastrado na CAPES e na UNIRIO intitulava-se “Corpo, arte e natureza: investigando metodologias de

formação docente”, compreendendo o período de 2014 a 2023, tendo como objetivo aprofundar os estudos e experiências no campo da formação a partir dos resultados do curso de extensão que deu origem ao grupo de pesquisa. Seu referencial teórico central girava em torno dos estudos acerca da educação estética (Soares, 2008; Duarte Jr. 2000; 2010; Ormezzano, 2007; Ferreira, 2011; Perissé, 2014; Loponte, 2017), da arte (Eisner, 2018) e da formação docente (Ferreira; Prado; Aragão, 2015), em diálogo com a educação, por meio de uma metodologia de Pesquisa-formação (Longarezi; Silva, 2013), compreendendo as experiências formativas como elementos que fomentavam as investigações do grupo. Formação, autoformação como processos recursivos que se retroalimentam. O que pesquisávamos nutria nossas práticas, nossas práticas impulsionavam as pesquisas.

Desde seu início, nosso grupo integrava espaços de estudo com proposições formativas. Compromissadas com o tripé da educação universitária – pesquisa, ensino e extensão –, propusemos diversas ações ao longo do período citado, nas diferentes frentes, de modo a fomentar uma educação sensível (Duarte Jr., 2000; 2010), encantada (Simas; Rufino, 2020; Rufino, 2021), amorosa (hooks, 2021) e esperançosa (Freire, 2020).

Figura 2 – FRESTAS na/com a Extensão [Formação]



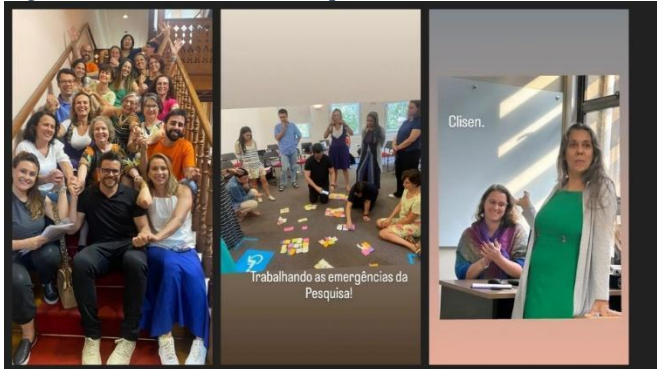
Fonte: Arquivo Pessoal do Grupo FRESTAS

Figura 3 – FRESTAS na/em Pesquisa-Formação



Fonte: Arquivo Pessoal do Grupo FRESTAS

Figura 4. FRESTAS na/em Pesquisa-Formação



Fonte: Arquivo Pessoal do Grupo FRESTAS

Figura 5. FRESTAS no/com Ensino [Formação]



Fonte: Arquivo Pessoal do Grupo FRESTAS

Abrindo FRESTAS na Pós-Graduação

Em 2019, após um percurso que contou com muitas formações realizadas e ofertadas; participações em eventos nas áreas da educação, corporeidade e arte; publicações de artigos em periódicos destes campos; a arte de um livro do grupo e participação em outros livros, com capítulos de autoria de Freteiras/os, o FRESTAS oficialmente adentrou ao Programa de Pós-Graduação da UNIRIO, com o credenciamento da Professora Adrienne Ogêda no Mestrado em Educação. De lá para cá, totalizamos 11 Mestrandas, com 7 dissertações defendidas e 3 Doutorandas.

Em nossas pesquisas temos nos desafiado a buscar articulações entre a forma como temos apresentado e escrito nossas dissertações e teses e o seu conteúdo, de modo que as dissertações defendidas chegaram às/aos professoras/es da banca em formatos físicos e/ou virtuais diferenciados, acompanhadas por convites mobilizadores das sensibilidades e apresentando-se de forma a propiciar, desde os inícios, uma experiência estética e estésica por meio dos encontros, do diálogo com as pesquisas e da construção de conhecimentos. Nos instiga pensar uma pesquisa COM arte e não apenas ou unicamente sobre arte. Sendo assim, abrimos espaço para percursos investigativos que evidenciam o corpo em experiência no processo de criação das pesquisas, como território sensível que elabora linguagens para a expressividade do que pode vir a ser uma pesquisa em educação.

Nesse sentido, lançamos mão de metodologias minúsculas (Guedes; Ribeiro, 2019), que compreendam a importância das multiplicidades e prezem as singularidades da pesquisa como exercício de alteridade e criação. Metodologia da conversa (Ribeiro; Souza; Sampaio, 2018), a pesquisa narrativa (Chaves; Mori, 2019) e a cartografia (Rolnik, 2016) que buscam acompanhar processos e “dar língua para os afetos que pedem passagem” (Rolnik, 2016), de modo a acolher não apenas dados e referenciais bibliográficos para elaboração teórica, mas sustentar os afetos que atravessam uma

pesquisa em educação desde o corpo e se materializam em imagem, artefato, acontecimento, encontro, movimento, som, palavra. Que culminam em rituais de defesa que se apresentam em outros formatos, por meio de Cartas, Performances, Exposição Artística, Relatoria Poética... dissertações materializadas em livretos, livro-cordel, caderno de artista, livros artesanais... bordados, chitas, impressões fotográficas de composições autorais... enviadas de forma personalizada em cestas, caixas, *ecobags*... com objetos-referência: kit para rituais contra os dissabores/saberes do mundo, kit para avivar potência criadora, guloseimas que remetem às origens (Nordeste), travesseiro para os olhos, cards das composições artísticas e muito afeto em cada gest[o]ação que nos convidam a desconfiar “[...] dos lugares cristalizados, das cláusulas, das obrigatoriedades, das naturalizações, seja no campo da vida cotidiana, da arte ou da ciência [...]” (Guedes; Ribeiro, 2019, p.21).



Acesse para conhecer mais sobre as produções

Fazer parte de um grupo de pesquisa não é só compartilhar memórias, mas costurar histórias e dividir incertezas acerca dos caminhos. O FRESTAS se propõe a pensar questões sobre a ótica de uma Educação Estética, das sensibilidades, ressaltando as vivências corporais, artísticas, afetivas de crianças e adultos, procurando entender como essas experiências afetam de fato às práticas docentes e a aprendizagem discente. Por isso, desde os inícios, o Grupo foi mobilizado por processos formativos sensíveis, por formações estéticas, que seguem trazendo ebulição para nossas reuniões, nossas formações e nossas pesquisas, pois são perspectivas que estruturam e embasam nossas ações, conferem especial valor

aos aspectos pessoais das experiências vividas pelas/pelos docentes em formação – individual e coletivamente. Daí a ampliação do repertório de experiências estéticas na formação docente, como estratégia metodológica, a fim de mobilizar as dimensões sensório-perceptivas das/dos sujeitas/os em formação, provocando fricções entre cognição e sensibilidade, conceitos e experiências, vida e docência, personalidade e profissionalidade.

Nesse enredo, a formação torna-se um processo autoformativo da pessoa/profissional, em sua integralidade, por meio de processos sensíveis que reconhecem a inteireza do ser docente, que têm suas histórias, experiências, inserções sociais, crenças, desafios, certezas e incertezas e levam consigo para a profissão. Sensíveis por incluir o afeto, o cuidado, os sentimentos, as emoções, as memórias, a força (cri)ativa da pessoa em formação. Sensíveis, enfim, por se tratar de processos permeados por elementos que extrapolam o âmbito do intelecto e provocam também o corpo, instigando a dimensão sensório-perceptiva que muitas vezes é deixada de lado nas aprendizagens escolares formais – de adultos e crianças.

Todas essas experiências formativas, seja com as professoras em formação (inicial e continuada) nos projetos de Ensino e Iniciação Científica, seja nas ações de Extensão, nos levaram a pesquisa atual, “O ethos do cuidado na formação docente: potencializando o corpo, o movimento e a arte como dispositivos do sensível”, contemplada pelo Edital FAPERJ N°13/2023 APQ1, impulsionadas pelas questões que percebemos emergir em nossas ações. Atuar como professor/a na Educação Pública Básica brasileira implica inúmeros desafios. As instituições educativas são atravessadas e habitadas por questões que envolvem as desigualdades sociais, as condições e nuances ambientais, políticas, econômicas, os desafios da socialidade e da vida em grupo, as complexidades das tramas familiares, a constituição das subjetividades, dentre tantas outras. Quanto mais, então, praticamos modos de agir, pensar, educar, socializar, trabalhar e formar afastados de um *ethos* do cuidado, do convívio, da atenção e da proximidade entre nós, humanos, e outros seres,

nossa condição, portanto, de pessoa integrada com/no mundo perde força, a ponto de nos conduzir a condições de adoecimento (Patzdorf, 2021), desencanto (Simas; Rufino, 2019; 2020) e desvitalização de nossa potência criativa e força criadora.

Diante disso, indagamos o quanto os modos pelos quais compreendemos, encaramos e praticamos nossa formação como sujeitos/as no/com o mundo tem agravado esse enfraquecimento? E nossa formação e ação docente? De que forma os processos pedagógicos que desencadeamos se associam a esse adoecimento? E mais: quais possibilidades – e por quais meios – poderíamos potencializar esse *ethos* do cuidado e essa proximidade com a vida na educação?

Afinadas nessa direção, compreendemos que para levar a cabo uma formação de professores/as que possa contribuir para a constituição desse educador/a sensível, em comunhão com o mundo, é fundamental propor experiências formativas que se sustentem em epistemologias que compreendam que somos seres em que razão, emoção, natureza e cultura se imbricam. Aprendemos sobre o mundo e sobre nós mesmos a partir, não apenas de nossa capacidade racional, mas também, na interconexão com nossa corporeidade, nossos sentidos (Duarte Jr., 2000). Portanto, formações docentes que se pretendam e se sustentem nestas premissas precisam, necessariamente, tocar as sensibilidades, “[andar] em constelação” (Krenak, 2020), ao fomentar o sentido de pertença ao coletivo e a natureza.

Inúmeros são os desafios, mas a Educação – e consequentemente a formação docente – é um campo de germinações, de fortalecimento de espaços-tempos de exercícios democráticos, de construção de comunidades de aprendizagem (hooks, 2017), do estabelecimento e (re)aproximação de laços de afetividade e pertencimento que possam contribuir para uma ecologia do cuidado (Esquirol, 2015; 2021). Uma educação que fortaleça o sentido de ser coletivo e, em sincronia, potencialize as/os sujeitas/os, criando uma docência estesiada, encantada, sensível e

potente diariamente, não só como direito fundante da educação, mas como um imperativo de vida e transgressão. Para tanto é necessário cuidarmos de nossos corpos e dos corpos que conosco COM-vivem. Apostamos na potência das experiências que envolvem a criação e as artes como fomentadoras desse encantamento e fortalecimento do sentido de pertencimento e da vitalidade. Um fazer com arte que conversa com nossas subjetividades criativas e convida à experimentação, reconectando o sensível, o imaginário e o racional, em reação e reafirmação de nossa existência e pertencimento no mundo.

Referências

- BARBOSA, B. **Narrativa Itinerante de uma Professora Palhaça**. 133f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: https://www.unirio.br/ppgedu/dissertacoes/repositorio-de-dissertacoes/1f4c22021/04_bianka-barbosa-penha. Acesso em: 28 out. 2024.
- BEMVENUTO, V. da S. **Esvaziar para preencher: experiências (trans)formativas de educadoras**. 212f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: https://www.unirio.br/ppgedu/dissertacoes/repositorio-de-dissertacoes/1f4c22022/23_vitoria-da-silva-bemvenuto. Acesso em: 28 out. 2024.
- BEMVENUTO, V. **Reimaginar Ruínas: (de)formações poeticopedagógicas**. 2024. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.
- CHAVES, I.; MORI, M. A pesquisa narrativa: uma abordagem teórico-metodológica sobre o silêncio de existir e o mistério da palavra. In: GUEDES, A. O.; RIBEIRO, T. (Orgs.). **Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

DUARTE JUNIOR, J. F. **O sentido dos sentidos:** a educação (do) sensível. 2000. 234f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

DUARTE JUNIOR, J. F. **A montanha e o videogame:** escritos sobre educação. Campinas-SP: Papirus, 2010.

EISNER, E. E.. O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? **Currículo sem Fronteiras**, v. 8, n. 2, p. 5-17, jul.-dez. 2018. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/eisner.pdf>.

ESQUIROL, J. M. **La resistencia íntima.** *Ensayo de una filosofía de la proximidad.* Barcelona: Alcantilado, 2015.

ESQUIROL, J. M. **Humano, más humano.** *Una antropología de la herida infinita.* Barcelona: Alcantilado, 2021.

FERREIRA, L. H. (Org.). **Arte de olhar:** percursos em educação. São Paulo: Ed. Ilion, 2011.

FERREIRA, L. H. **Educação estética e prática docente:** exercício de sensibilidade e formação. 2014. 335f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2014.

FERREIRA, L. H.; PRADO, G. do V. T.; ARAGÃO, A. M. F. de. **A formação do professor por suas narrativas:** desafios da docência. *Revista Hipótese*, Itapetininga, v. 1, n. 4, p. 204-227, 2015. Disponível em: <https://revistahipoteses.editoraiberoamericana.com/revista/article/view/100/92>

FERREIRA, M. D. **Formação do sensível:** espiando pelas frestas do corpo, da arte e da natureza e vivenciando uma educação estética. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU, 2., 2015. Campina Grande, PB. *Anais...* p. 1-12.

FERREIRA, M. D. Espiando pelas Frestas de um Grupo de Pesquisa: diálogos sobre Educação Estética, Arte e Formação de Professores. **Tramas para Reencantar o Mundo**, v. 2, n. 2, 2016. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/tramas/article/view/1075>. Acesso em: 30 out. 2024.

FERREIRA, M. D. **Miudezas (des)formativas do/no cotidiano:** experiências estéticas e artísticas em um coletivo de educadoras/es. 2021. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: https://www.unirio.br/ppgedu/dissertacoes/repositorio-de-dissertacoes/1f4c22021/23_michelle-dantas-ferreira Acesso em: 28 out. 2024.

FERREIRA, J. de S. **Quando os rios se encontram:** FRESTAS e eu – histórias e entrelaçamentos. 2022. 52f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança:** um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 27. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GUEDES, A. O.; VIEIRA, N.; QUINTANILHA, M.. Formação Estética: em busca do sensível. In: GRUPECI - SEMINÁRIOS DE GRUPOS DE PESQUISA SOBRE CRIANÇAS E INFÂNCIAS: ética e diversidade na pesquisa, 4., 2014, Goiânia. **Anais...** p. 1-13. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/693/o/TR09.pdf>. Acesso em 30 out. 2024.

GUEDES, A. O.; VIEIRA, N. **Formação de corpo inteiro:** a experiência do curso de extensão da UNIRIO “Educação Infantil: arte, corpo e natureza”. *Revista Linha Mestra*, COLE, 19, Ano VIII. n. 24, jan/jul 2014. Disponível em: https://linhamestra24.wordpress.com/wpcontent/uploads/2014/08/linha_mestra_24_19_cole_00b_mesas_comunicacoes_adreana_alexandra.pdf. Acesso em: 28 out. 2024.

GUEDES, A; RIBEIRO, T. Apresentação. In: GUEDES, A.; RIBEIRO, T. (Orgs.) **Pesquisa, alteridade e experiência:** metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

GUEDES, A. O.; VIEIRA, N. Formação Estética do Professor da Educação Infantil: a experiência do curso de extensão da UNIRIO. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 192-201, 2018.

Disponível em: <https://publicacoes.unicid.edu.br/ambienteeducacao/article/view/525>. Acesso em: 30 out. 2024.

GUEDES, A. O.; SILVA, G. D. de B.; VIEIRA, N. Uma experiência de pesquisa-formação de professores de Educação Infantil: Artes de ver, experimentar e ressignificar as práticas. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED – Plano Nacional de Educação: tensões e perspectivas para a educação pública brasileira, 37., 2015. Florianópolis, SC, **Anais...** p. 1-20. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT24-4500.pdf>. Acesso em: 30 out. 2024.

GUEDES, A. O.; FERREIRA, J. de S.; FERREIRA, M. D.; SILVA, E. O. da; MELLO, L. B.; SALES, A. C.. Pelas FRESTAS da memória, narrativas que se tecem. In: Grupo de Pesquisa FRESTAS (Org.). **Pelas FRESTAS**. Ebook. Mar del Plata; Universidad Nacional de Mar del Plata, 2024. (Tomo V: Pedagogía Cítrica). Disponível em: [Pelas FRESTAS. pdf](#)

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

HOOKS, B. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LONGAREZI, A. M.; SILVA, J. L. da. Pesquisa-formação: um olhar para a sua constituição conceitual e política. **Revista Contrapontos - Eletrônica**, v. 13, n. 3, set-dez 2013, p. 214-225. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/4390>.

LOPONTE, L. G.. Tudo isso que chamamos de formação estética: ressonâncias para a docência. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 69, abr./jun. 2017.

ORMEZANO, G. (Org.). Educação Estética: abordagens e perspectivas. **Em Aberto**, Brasília, v. 21, n. 77, p. 1-148, jun. 2007.

DOI: 10.24109/2176-6673.emaberto.21i77. Disponível em: <https://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/issue/view/227>.

PATZDORF, D. **Pequeno manual de autocuidado para corpos esgotados**. 2021. Disponível em: https://www.academia.edu/52447603/PEQUENO_MANUAL_DE_AUTOUIDADO_PARA_CORPOS_ESGOTADOS.

PERISSÉ, G. **Estética & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. (Coleção Temas & Educação).

QUINTAL, L. da C. **Relatoria Poética: por uma educação como forma de (a)mar**. 2024. 163f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

RIBEIRO, T.; SOUZA, R.; SAMPAIO, C. S. (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**, Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.

ROSA, C. C. D. da. **Caderno de uma artista pesquisadora**. 2023. 120f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: https://www.unirio.br/ppgedu/dissertacoes/repositorio-de-dissertacoes/2023/3_carolina-cony-dariano-da-rosa. Acesso em: 28 out. 2024.

RUFINO, L. **Vence-Demanda: educação e descolonização**. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SILVA, G. D. de B.; GUEDES, A. O.; VIEIRA, N.; FERREIRA, M. D.. Um curso em formação: corpo, arte e natureza – UNIRIO. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 420-436, 2016. DOI: 10.12957/riae.2015.23789. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/23789>. Acesso em: 28 out. 2024.

SILVA, E. O. da. **Formação de Professoras na/da Creche: ouvir a si e ouvir o outro na construção de uma experiência coletiva**. 2021. 124f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.unirio.br/ppgedu/dissertacoes/repositorio-de-disserta>

coes/1f4c22021/07_edilane-oliveira-da-silva. Acesso em: 28 out. 2024.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Flecha no tempo**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Encantamento**: sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

SOARES, M. L. P. **Educação Estética**: investigando possibilidades a partir de um grupo de professoras. 2008. 102f. Dissertação (Mestrado em Educação), UNIVALI, Itajaí, SC., 2008.

TIRIBA, L.; GUEDES, A. O.; VIEIRA, N.. Ensaando práticas de formação teórico-brincantes. SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE INFÂNCIAS E PÓS-COLONIALISMO – pesquisas em busca de pedagogias descolonizadoras. 2., 2015. UNICAMP, São Paulo, **Anais...** p. 360-375. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/evemtos/infancia/anais.pdf>. Acesso em: 30 out. 2024.

Estudos Culturais em Educação, Arte e Saúde (UERJ) **Laboratório de Ensino da Arte**

Aldo Victorio Filho
Ana Valéria de Figueiredo Costa
Denise Espírito Santo
Isabel Almeida Carneiro
Renata Gesomino

Criado na UERJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, o grupo Estudos Culturais em Educação, Arte e Saúde é dedicado às pesquisas nas áreas da Educação, Arte e Saúde nas quais a participação das artes e de seus ensinamentos é central. Com projetos e investigações em escolas públicas da educação básica e em unidades hospitalares do Hospital Universitário Pedro Ernesto da UERJ, as ações de pesquisa são voltadas para o aprofundamento do conhecimento da participação das artes nos cotidianos escolares e nas iniciativas institucionais ou informais voltadas para a saúde em suas dimensões e interfaces culturais. Assim, as pesquisas desenvolvidas no grupo propiciam subsídios aos estudos e ações voltadas à atualização da formação docente em arte; dos procedimentos no universo curricular da arte e das aplicações de meios e instrumentos artísticos no universo da saúde.

Decorrente das necessidades de atuação do grupo, foi criado o Laboratório de Ensino da Arte - LEA - no Instituto de Artes da UERJ em parceria com o Laboratório de Educação, sons e imagens da Faculdade de Educação da mesma universidade. Ambos os laboratórios são membros da rede de laboratórios e grupos de pesquisa em educação, imagens, sons e afetos - REISA, rede internacional de grupos de pesquisa nos campos supracitados.

As relações com as áreas se caracterizam em diferentes e articuladas dimensões investigativas e formativas, da formação

docente em artes aos desafios da formação do artista e a participação das artes no campo da saúde. O grupo é formado por docentes do Instituto de Artes e por estudantes de diferentes níveis acadêmicos: graduandos em Licenciatura em Artes Visuais; bolsistas de iniciação científica; bolsistas de iniciação à docência; mestrandos e doutorandos de ambos os programas nos quais o coordenador atua, o Programa de pós-graduação em Educação, PROPED na linha de pesquisa Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais e o Programa de pós-graduação em Artes – PPGARTES, na linha de pesquisa Arte, sujeito e cidade.

Assim, a abrangência dos interesses, do acolhimento às pesquisas trazidas pelas sucessivas gerações de pós-graduandos é plural e diversa, com interesses investigativos que buscam compreender como a produção poética outorgada pelos sistemas das artes (ou a estes, marginais) em múltiplos cotidianos atuam nas diferentes redes educativas que, por sua vez, nos formam individual e coletivamente. Atentos à diversidade de fluxos e dinâmicas culturais, portanto estéticas e políticas, recorreremos às variadas noções, ideias e autores que dialogam e contribuem com os interesses do grupo. Logo, a atuação plural permite a abordagem de questões que se articulam em ações e processos epistemológicos-teóricos-metodológicos. Entre estes, destacamos a pluralidade dos cotidianos; a consideração atenta às redes de conhecimentos e significações; o vastíssimo panorama de processos culturais nos, igualmente, inúmeros *espaços tempos*; o franco reconhecimento da importância e a imprescindibilidade dos pequenos e muitas vezes discretos processos que constituem a vida humana individual e coletivamente; a consideração de aprendizados ao longo da vida; as políticas públicas que incidem sobre as instituições formativas e as memórias das práticas educativas; a existência das muitas escolas que habitam e convivem dentro de cada escola; os complexos contextos de formação docente, enquanto *espaçostempos* de criação de saberes meio às muitas e diversas práticas éticas, estéticas e políticas; os processos de emancipação realizados, afirmados e

experienciados nas práticas cotidianas; as dimensões estéticas da existência na invenção de si; as ofertas das rupturas pós-estruturalistas e pós-coloniais face às problemáticas sociais; o papel dos artefatos culturais em processos curriculares para além das ortodoxias das políticas públicas curriculares; os processos identitários, o jogo dos abrigos identitários e sua provisoriedade face aos desafios das injustiças sociais vividas e combatidas nos cotidianos; a interrogação dos valores como conhecimentos na formulação das ações a ação; as táticas de enfrentamento demandadas nas lutas cotidianas pela superação dos preconceitos e demais injustiças sociais; o papel social das artes, suas frequências e intensidades para além dos aparatos culturais oficiais, as narrativas dos docentes, suas criações curriculares cotidianas e suas reverberações nos processos escolares; os atravessamentos, influências, desafios e oportunidades das mídias nos processos formativos bem como o papel contemporâneo da produção pessoal como obra poética e os modos e interesses na circulação de imagens no âmbito da Cultura Visual.

Os pesquisadores e pesquisadoras que atuam no grupo têm em comum a atenção aos aspectos acima apresentados, tanto no universo da educação formal e não formal, quanto no âmbito da criação artística por meio de diferentes abordagens, sejam teóricas ou poéticas. O papel das imagens é, portanto, central: fotografias, vídeos e filmes, sons e suas narrativas, se igualando e complementando nos diversos procedimentos investigativos: as imagens - imaginal, visual, sonora, mítica etc. Os diversos planos, da produção à interlocução/criação imagética no universo das culturas juvenis; no ensino das artes visuais e, sobretudo, no jogo das visualidades nos cotidianos escolares frente à pedagogia das imagens que atravessa todos os campos e relações sociais contemporâneas, têm significação predominante para o grupo.

Um número significativo de pesquisas de mestrado e doutorado foi realizado desde 2012 sob orientação dos professores e professoras participantes do grupo: professoras Denise Espírito

Santo, vice coordenadora do grupo e do Laboratório de Ensino da Artes cuja pesquisa individual é voltada às pedagogias do corpo no teatro e na performance atuando em diversas frentes investigativas, tendo como referências a participação das artes face aos desafios de gênero, racialidade, etnia e ação social; Professora Isabel Carneiro que se dedica à pesquisa artística e à intercessão da arte com a formação e atuação docente no ensino das artes; Professora Ana Valéria Figueiredo, que pesquisa as pedagogias da Visualidade e o Ensino de Artes que se constroem nas dimensões viso imagéticas (imagens fotográficas, cinema, cartazes, entre outras produções visuais analógicas e tecnológicas), e como essas imagens vêm forjando modos e maneiras de olhar/ver/criar o mundo em suas diversas manifestações humanas. Assim, o interesse é conhecer e elucidar processos de produção, recepção e leitura de imagens na dimensão de letramentos multissemióticos e suas articulações com o campo das leituras e dos letramentos, como Pedagogias da Visualidade que se colocam, formalmente e informalmente, como ensinamentos didatizados, estabelecendo cânones de costumes, hábitos, modos de ser e estar na complexidade social da cidade.

O LEA apoia os 4 grupos de pesquisa que se inter-relacionam. Os pesquisadores do grupo, pertencentes ao programa de pós-graduação em artes e do programa de pós-graduação em Educação, ambos da UERJ, pertencem à linha de pesquisa no PPGARTES, Arte, sujeito e cidade - linha dedicada à reflexão sobre a arte entendida não apenas como produção de artefatos e eventos, mas como práxis definidora de modos de ser e de habitar a cidade. Nesse sentido, a arte é compreendida como atividade incessante de criação de espaços de vida e de autoformação, de experimentação de práticas de subjetivação e de produção de presença. São, pois, os primeiros produtos da atividade artística, a sensibilidade, a intenção e o gesto, que constituem o ser na pluralidade do mundo, mas, também, o corpo e espaço que fazem ser a cidade. A linha de pesquisa Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais, do Programa de pós-graduação em Educação, também participa do

laboratório via a conexão com o Laboratório de Educação, Sons e Imagens esse anelamento se dá pelo interesse comum aos dois laboratórios nas relações, participações e significados das imagens, artísticas ou não, visuais e sonoras nos processos educativos.

Os projetos de pesquisa ativos em 2024 sob a orientação da professora Denise Espírito Santo de doutorado são: Alex Teixeira “Quando o site-specific encontra a arte e comunidade: experiências de grupos artísticos nas Cidades do Rio de Janeiro, Porto e Braga; Erika Soares Nascimento - “A potência política da arte em defesa da terra”; Alessandro Conceição - “Teatro do oprimido e as possíveis influências e semelhança: da metodologia teatral africana kotéba - por um teatro de estética negra, afro diaspórica e de aquilombamento”; Taliboy - “Aparição das masculinidades embocetadas nos campos da normatividade”. As atuais pesquisas de mestrado: Danilo dos Santos - “Poder e subversão na cultura visual periférica: um debate contracolonial sobre Pixação e pequenas intervenções urbanas” e Erika Monteiro - “Vivências em arte-educação preta e periférica em museus de arte na cidade do Rio de Janeiro”.

Quanto aos projetos, a professora coordena o projeto de extensão “Palco em Debate”, ativo há 10 anos, cujo interesse é fomentar estudos e pesquisas sobre o trabalho de criação do ator/performer em suas interfaces com a dança, o teatro, o audiovisual e a performance. Deste modo está em diálogo com outros projetos da unidade acadêmica como o Ateliê de performance da Prof. Dra. Eloisa Brantes, o PIBIC Laboratório de Ensino da Arte, em parceria com os professores Aldo Victorio e Isabel Carneiro.

Desde 2011, são realizadas oficinas artísticas com grupos e coletivos de teatro do interior do estado e, a partir de 2013 o LEA faz parceria com a Unidade Docente de Psiquiatria, do Hospital Universitário Pedro Ernesto, da UERJ, ofertando oficinas artísticas para os pacientes e comunidade. Para tanto, com apoio da FAPERJ instalamos oficinas de cerâmica, música e artes visuais naquela unidade hospitalar, que tem contado com a participação de

estudantes, pesquisadores e voluntários do curso de artes para a condução e apoio às atividades.

A partir de 2018 expandiu esse projeto (oficinas de artes) para o Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente - NESA, também localizado no Hospital Universitário Pedro Ernesto. Outro projeto articulado aos demais é o *corpocidade: arte, saúde, cuidados e educação* e o Casa Ateliê que atua na interação entre a arte, a saúde e a educação, centrando as ações no campo dos cuidados com a pessoa, entendidos como a esfera do afeto, da estética e da política em prol da justiça social. Sua finalidade é, portanto, subsidiar ações de pesquisa, produção de metodologias no campo do ensino da arte, fomentar debates e estudos interdisciplinares voltados, tanto para a formação, como para o aperfeiçoamento dos estudantes de arte e dos profissionais da saúde. As premissas deste projeto resultaram de um outro projeto, o Ateliê de múltiplas linguagens, que deflagrou a instalação do ateliê na vila da psiquiatria com oficinas de cerâmica, canto e musicalização, voltadas tanto para os pacientes do ambulatório, quanto para os internos e comunidade. A iniciativa foi financiada com recursos de um edital FAPERJ de apoio às universidades públicas do estado do Rio de Janeiro. Além das melhorias materiais no hospital, esses recursos têm ajudado a disseminar as ideias e premissas de trabalho com arte em unidades de saúde, aprofundando o debate sobre os benefícios das atividades artísticas na saúde mental e seus efeitos terapêuticos que unem pacientes e não pacientes em interação igualmente terapêutica. Outro ponto importante é a ampliação da formação dos licenciandos em artes envolvidos, que têm tido a oportunidade de iniciarem e avançarem no conhecimento da interseção da arte, da educação e da saúde.

A segunda etapa deste começou em 2018 com a parceria com o NESA – Núcleo de estudos da saúde do adolescente, da UERJ. Essa expansão do projeto teve o financiamento concedido pelo CNPq através do Edital Universal.

As pesquisas atualmente orientadas pelo professor Aldo Victorio Filho: no Programa de pós-graduação em Educação, PROPED: mestrado: “Ensino das artes visuais, cultura visual e as formações escolares docência e discência: colonialidade e emancipação, riscos e desfrutes” de Breno Felipe Araújo de Oliveira Gomes e doutorado, “Arte e ensino da arte nas escolas: possibilidades e contribuições atuais” de Victor Hugo de Oliveira Pinto. No Programa de pós-graduação em Artes: as pesquisas de doutorado de Roberto Doria, sobre a criação, história e atuação do teatro infantil no Instituto de Aplicação da UERJ; Felipe Barros da Silva, cujo projeto é “Ilha de Contingência: imagens encarnadas da memória”, uma pesquisa no campo da produção poética no qual a memória tem a centralidade na pesquisa plástica e Nathan Braga Motta de Paula, com a pesquisa “Rememoração e sobrevivência: práticas Artísticas”, também uma pesquisa artística na qual avança as realizações alcançadas na pesquisa de mestrado.

A professora Ana Valéria de Figueiredo da Costa, tem as seguintes orientações em andamento no PPGARTES - UERJ, pesquisas que dialogam com o campo de estudos Pedagogias das Visualidades e Ensino de Artes, no escopo da Cultura Visual, doutorado: Franklin Alonso, projeto: A musicalidade Mbyá-Guarani no Tekoá (Aldeia) Ka’Aguy Ovy Porã (Mata Verde Bonita) e oficinas de práticas musicais. O objetivo é elucidar e desenvolver, a partir da realidade sonora tradicional do estudante Guarani, a democratização do seu acesso ao saber a outras formas de ouvir, sentir e interpretar a arte musical. No trabalho de oficinas de musicalização, o autor busca dispor de alternativas metodológicas que permitam ajustar práticas musicais conforme as necessidades que surjam durante o processo de ensino, promovendo no estudante uma compreensão progressiva da linguagem musical a partir de sua experiência cotidiana. As oficinas musicais são dinamizadas junto aos indígenas Mbyá-Guarani no Tekoá (Aldeia) Ka’Aguy Ovy Porã (Mata Verde Bonita) em São José de Imbassaí, bairro situado na cidade fluminense de Maricá e Lucas Almeida de Melo Projeto:

Aprendendo a Desobedecer e o Jogo de Narrativas Poéticas: possibilidades didáticas dos quadrinhos no âmbito do ensino de arte. A pesquisa sugere, então, a adoção dos quadrinhos como um meio visual para introduzir debates contemporâneos sobre a arte nas salas de aula, apresentando o álbum gráfico “Aprender a Desobedecer” que discute o conflito geracional entre o personagem Antônio, um professor universitário, e seu filho (produção artística do autor). Dessa forma, a investigação visa promover uma abordagem crítica do ensino da arte, desafiando a hegemonia e a rigidez dos saberes tradicionalmente consolidados. No mestrado: Leandro Rodrigues Nascimento da Silva, Projeto: De Beija-Flor à Mangueira: uma análise crítica dos Desfiles de Carnaval de 2018 a 2019 como recurso de debate social por meio de Pedagogias Visuais a contrapelo. A pesquisa situa-se na interseção entre Carnaval, política e arte e visa entender como as escolas de samba refletem e criticam a realidade sociopolítica do Brasil. A Beija-Flor e a Mangueira, duas das maiores escolas de samba, desempenham papéis centrais nesse cenário. Os objetivos desta investigação são pesquisar e analisar como essas escolas utilizaram suas apresentações para fazer críticas sociais e políticas pela arte em suas Pedagogias Visuais; Mariana Nunes dos Santos, Projeto: Fotografias ImPerfeitas, O projeto tem como objetivos centrais investigar e analisar o que os jovens estão consumindo, quais plataformas utilizam e como isso afeta suas percepções e criações frente ao questionamento sobre o que é o padrão, ao que é considerado usual na linguagem fotográfica e também ao conteúdo que é fotografado. A palavra ImPerfeito do título foi pensada de forma a exaltar a grafia das palavras perfeito e imperfeito. A epistemologia da palavra “imperfeito” tem como seguintes significados: não acabado, incompleto, mal executado, incorreto, defeituoso, malfeito; e de perfeito sendo seu contrário, implicando, portanto, no questionamento dos ditames da suposta perfeição; Gab Dias, Projeto: Práticas culturais codificadas nas travessias do atlântico e a presença de Exu no Rio de Janeiro. O projeto pretende investigar e

retratar a riqueza visual da cultura afro-brasileira, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro e a presença de Exu nas manifestações artísticas. A investigação pretende contribuir sobre as linguagens visuais afro-brasileiras e ideias abordadas anteriormente por Abdias do Nascimento, Luiz Rufino, Luiz Antonio Simas, Tadeu Mourão dos Santos Lopes, e nas obras visuais de Rosana Paulino, Breno Loeser, Elian Almeida, Simba, Ani Ganzala. Pretende-se realizar uma pesquisa teórico-prática acerca das visualidades da cultura carioca; Verônica Pinheiro de Souza de Carvalho, Projeto: Confluências Afro-Pindorâmicas e Ensino de Artes: acordamento da memória para uma Educação Contra-Colonialista, pesquisa cujo objetivo é compreender como as temáticas afro-pindorâmicas são abordadas no Ensino de Artes na Educação Básica e no serviço educativo de museus no Rio de Janeiro e em São Paulo, visando propor encontros, oficinas de artes e discussões sobre currículo escolar mediadas por pessoas indígenas, quilombolas, africanas e afro-brasileiras em escolas, territórios tradicionais e museus. Traz as experiências e práticas elaboradas, vivenciadas e registradas no Cadernos Selvagem.

A professora Isabel Almeida Carneiro, cujas orientações em curso, 6 pesquisas de mestrado e uma de doutorado, sob a pesquisa que coordena, *"temporalidades inconciliáveis"*, a saber, "Poéticas do Sertão: territórios de um corpo em travessia", de Monique Silva de Araújo; "Reflexos de uma artista andante à deriva: a cartografia de espaços psicogeográficos" de Maria Helena Paula Motta Gomes; "Ser professor é dar "Xou pra Ninguém de João Gabriel da Silva de Carvalho Moreira; "Arte, docência e práticas desobedientes na educação infantil: propostas decoloniais com livros infantis de Otávio Júnior na periferia" de Rodolfo Rodrigues Pontes e "Medicamentos Poéticos para uma prescrição poética: dispositivos de práticas cotidianas" de Adeilma Casado da Costa.

A professora Renata Gesomino Renata Gesomino, Coordenadora do projeto de pesquisa e extensão mapeando arte e cultura periférica, Projeto MACP <https://dgp.cnpq.br/dgp/>

espehogrupo/804125, orienta as seguintes pesquisas de mestrado: “A estética do cangaço: uma visualidade a serviço da sobrevivência, da guerra e da subjetividade nordestina” de Cintia Rodrigues Dias Gouveia; “Fabulações e ressonâncias do território de origem” de Fabiana Gomes da Silva. “Emocionalidades negras e práxis artística: ser-em-arte sob o tecnovigilantismo” de Bianca Kremer Nogueira Corrêa e a pesquisa de doutorado “Poéticas da existência - contra discursos periféricos”.

Nos últimos anos o LEA tem obtido diversos financiamentos de agências como a FAPERJ, CNPq, Capes e Finep, como, por exemplo, o projeto em curso de melhoria às escolas públicas no estado do Rio de Janeiro, por meio do qual foram implementados laboratórios para o ensino da arte em três unidades escolares do estado. O edital concedeu bolsas para os professores das escolas, para os licenciandos e para alunos do ensino médio, o que contribui, efetivamente, para as atividades de desenvolvimento de recursos didático pedagógicos para o ensino da arte. Assim, anelada às pesquisas artísticas e de ensino, desde 2013 ampliamos as relações com a área da saúde, via os projetos citados (2013 - Apoio às Universidades Estaduais do Rio de Janeiro - UERJ, UENF, UEZO Saúde e Arte: laboratório multilinguagens de práticas artísticas); 2016 - Programa de Estímulo à Criação, Experimentação e Pesquisa Artística, realização de uma parceria entre o Instituto de Artes, o Programa de pós-graduação em Artes do Instituto de Artes da UERJ/ Laboratório de Ensino da Arte e a Unidade Docente e Assistencial de Psiquiatria do Hospital Universitário Pedro Ernesto. O objetivo foi criar e manter um espaço de pesquisa que redunde em benefícios para ambas as unidades acadêmicas, tanto no aspecto acadêmico, com resultados positivos para as pesquisas e fortalecimento intelectual dos estudantes engajados, quanto nos procedimentos que envolvam os atendimentos aos pacientes assistidos pela unidade clínica.

A elaboração do projeto se baseia em algumas premissas, como as notórias experiências bem sucedidas no trato clínico de pacientes

psiquiátricos que se valeram da produção plástica, estética e poética; o interesse e necessidade das duas unidades universitárias de expandirem suas atuações no âmbito da pesquisa aplicada e no desfronreamento disciplinar de seu projeto acadêmico; o propósito de alcançar, via a efetivação de práticas específicas, a qualidade do atendimento clínico e a ampliação da compreensão da relação humana com a produção artística, assim como propiciar maior aprofundamento da investigação entre criação estética e diversidade humana e, sobretudo, incentivar e investir em atividades que permitam, via realizações práticas de importância comunitária, a ampliação da qualidade da produção teórica das áreas de estudo envolvidas, além, certamente, dos benefícios aos pacientes e demais usuários do laboratório de práticas artísticas.

Referências

ALVES, Nilda; CALDAS, Alessandra Nunes; ANDRADE, Nivea. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – Após muitas “conversas” acerca deles. In. **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente**: questões metodológicas, políticas e epistemológicas / Inês Barbosa de Oliveira, Leonardo Ferreira Peixoto, Maria Luiza Süsssekind (organizadores) - Curitiba: CRV, 2019.

ALVES, Nilda. Cotidiano e cultura escolar. **Revista Brasileira de Educação**. n 23. Maio de 2003.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BERNADINO-COSTA, Joaze; MALDONADO, Torres; GROFOGUEL, Ramon. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano 1**: as artes do fazer. Petrópolis, E. Vozes, 2000.

CRARY, Jonathan. **Técnicas do Observador**. Visão e modernidade no século XIX. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

CORAZZA, Sandra Mara. **Artistagens**: filosofia da diferença e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CORAZZA, Sandra Mara. A vontade de potência do professor-artistador: currículo e didática da tradução. **Reunião científica regional da ANPED**: educação, movimento social e políticas governamentais. UFPR. Trabalho encomendado. Curitiba, 2016.

FILHO, Aldo Victorio. Cultura Visual: Cidade, artes visuais e educação in. **Educação e Audiovisualidades**. Curitiba: Appris, 2018.

FILHO, Aldo Victorio. et al. Alunos ensinam professores a ser professores na escola que não é mais escola. **Periódico de Educação UFSM**, Santa Maria, v. 42 n. 3, p. 597-614 set./dez. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996

HERNANDEZ, F. Presentación: La perspectiva postcualitativa y la posibilidad de pensar en 'otra' investigación educativa. **Educatio Siglo XXI**, Vol. 37 nº 2 ·, pp. 11-20. Murcia, Espanha, 2019.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual**. Proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007. p.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. **ETD – Educação Temática Digital**. Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 745-768, out./dez. 2016. ISSN 1676-2592. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646472>. Acesso em: 20 jul. 2023

MIRZOEFF, Nicholas. **How to see the world**: an introduction to images, from self-portraits to selfies, maps to movies, and more. Nova Iorque: Basic Books, 2015.

MITCHELL, W. J. T. O que as imagens realmente querem? In. **Pensar a Imagem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MONDZAIN, Marie-José. **Homo spectator**: ver > fazer ver. Lisboa: Orfeu Negro, 2015.

- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Currículos praticados:** entre a regulação e a emancipação. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- RANCIÈRE, Jacques. **A Partilha do Sensível.** São Paulo: EXO experimental: Editora 34, 2005.
- RECALCATTI, Massimo. **La hora de classe:** por una erótica de la enseñanza. Barcelona: Anagrama, 2016.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010.
- WULF, Christoph e GEBAUER, Gunter. **Mimese na cultura:** agir social, rituais e jogos e produções estéticas. São Paulo: Annablume, 2004.
- WULF, Christoph. **Antropologia da Educação.** Campinas, SP: Alínea, 2005.

FAPEM - Formação, Ação e Pesquisa em Educação Musical: pesquisadores (as) em movimentos de grupo

Cláudia Ribeiro Bellochio
Luciane Wilke Freitas Garbosa

Desde o ano de 2002, o grupo de FAPEM: Formação, Ação e Pesquisa em Educação Musical da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) vem tecendo movimentos, os quais são construídos por pessoas que se agregam e desenvolvem pesquisas em Educação Musical, mobilizando ações entre doutorandos, mestrandos, estudantes de iniciação científica, professor(a)s e egressos. O grupo vincula-se ao Laboratório de Educação Musical, do Centro de Educação (LEM-UFSM), e ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UFSM), linha de Pesquisa Educação e Artes (LP4).

No ano de 2022, quando vivíamos a pandemia do Covid 19, celebramos nossos 20 anos. Foram quatro eventos denominados “FAPEM em tela: todo o dia 20”. Naquele momento, pesquisadores (as) egressos (as) puderam narrar os seus processos formativos, destacando os desdobramentos da pesquisa e do grupo em sua vida profissional. Impressionou-nos as marcas positivas deixadas e as inserções profissionais com posicionamentos críticos e aguerridos na e para a Educação Musical. Entendemos, assim, a dimensão de grupo como potencializadora de relações para produção de pesquisas no FAPEM. Segundo Ferry (2004), trata-se de construções coletivas que são tomadas como dispositivos de aprendizagem. Compreendemos, com essa linha de pensamento, que, em um grupo de pesquisa, “não basta estar junto, é preciso aprender a ver no outro, no diferente, não aquilo que não desejo em mim, mas o que pode me produzir um outro. Um outro que também tem no grupo um dispositivo para se tornar melhor” (OLIVEIRA, 2011, p. 108).

Desde sua origem, o FAPEM agrega pesquisadores (as) em três grandes linhas temáticas que derivam do nome do grupo e orientam conceitualmente o trabalho de pesquisa desenvolvido.

Formação envolve pesquisas sobre os processos de formação profissional, inicial e continuada, de especialistas e não-especialistas em música que atuam ou estão em processo de formação para atuação profissional em educação musical, em espaços escolares e não-escolares, em perspectivas contemporâneas e históricas. *Ação* está vinculada às pesquisas que discutem as práticas educativas desenvolvidas por professores especialistas e não-especialistas em música que atuam com educação musical, envolvendo formas de apropriação e transmissão do conhecimento pedagógico-musical, bem como a produção e análise de material didático para o ensino de música, considerando-se os múltiplos espaços em que a mesma poderá existir. A ação também é abordada pelo grupo sob a perspectiva histórica e cultural. Por *Pesquisa* o grupo compreende todas as formas de investigação sobre, para e em educação musical, produção de trabalhos que contribuam para a reflexão e transformação da área. (Bellochio; Garbosa, 2014, p. 11-12)

O grupo tem como particularidade pensar em processos de pesquisa que reflitam criticamente e respondam à Educação Musical, sobretudo, aquela vinculada à Educação Básica e aos processos não formais de ensino de Música, quer seja pela formação profissional, ações pedagógico-musicais ou pela construção e uso de materiais didáticos.

Como temos entendido, o grupo constitui-se em *locus/espaco/lugar/territorio/dispositivo* de pesquisa. Como *locus*, destacamos o grupo e os pesquisadores (as) que desenvolvem suas investigações; como *espaco*, entendemos o próprio FAPEM em suas dimensões e significações repercussivas; como *lugar*, o espaco de pertencimento de pesquisadores (as) que congregam interesses na Educação Musical; como *territorio*, assinalamos a referenciação de trabalho, interna e externamente, o que valida os movimentos de pesquisa realizados; e, como *dispositivo*, compreendemos as possibilidades diversas que emanam do grupo e suas relações com outras pesquisas e grupos, movimento que envolve objetivações e

subjetivações em processos de produção de conhecimentos. Como destaca a pesquisadora, os territórios são percebidos

[...] por indicadores que incluem o aporte legal e institucional que sustenta as propostas e os programas de formação. Decorre, também, do tempo de ocupação, que revela a intensidade da sua institucionalização e o reconhecimento de seus efeitos pelos beneficiários das ações formativas. (Cunha, 2008, p. 186).

Com esses movimentos, o FAPEM constitui-se por um conjunto de pesquisadores (as), iniciais e experientes, que conjugam aspirações e fazem do grupo um lugar dotado de compreensões, orientações teórico-metodológica, valores e significados constituídos com diversidades, mas com perspectivas de compreender, transformar e melhorar a Educação Musical brasileira. Não se trata aqui de limitar as produções investigativas a formas pedagogizadas para pensar a Música na escola e em outros contextos educacionais, mas cabe o estudo do já existente, das tradições da Educação Musical e suas constantes inovações, das diversidades socioculturais da Música, de suas possibilidades e limites compreensivos. No âmbito da produção de pesquisas, “não se trata de produzir iguais, mas de encontrar na diferença, decorrente das relações e interesses do outro, motivação e conhecimentos que potencializam as produções do grupo”. (Bellochio; Garbosa 2014, p.13)

Em geral, na configuração do FAPEM, os (as) pesquisadores (as) têm experiência profissional como músicos, professores (as) e alguns tecem a trajetória de estudantes de graduação a estudantes de pós-graduação. São pessoas que vêm da graduação em Música - bacharelado e licenciatura, Pedagogia, Educação Especial ou Teatro. Dessa forma, as diversidades de origem são potencializadoras de diálogos e reflexões com escutas formativas, leituras de textos e interpretações empíricas vividas e narradas pelas experiências do grupo.

Vimos pensando o FAPEM no contexto da Educação Musical e entendemos, neste sentido, como campo de conhecimentos

decorrentes de encontros e desencontros dos campos da Educação e da Música, ou melhor, das Educações e das Músicas. Da Educação, tomamos os pressupostos filosóficos, sociológicos, culturais, antropológicos, didáticos, psicológicos e, da Música, tomamos a musicologia, a etnomusicologia, a história da música, a teoria, a análise, a performance, a estética e outros elementos que permitem adentrar ao objeto música. Assim, compreendemos a Educação Musical como uma construção epistemológica que se desenrola das educações e das músicas e a elas retorna e enrola-se novamente, construindo seu próprio campo com especificidades que a relacionam aos processos de ensino e de aprendizado de Música, quer seja em espaços formais, quer seja em espaços não formais.

No que tange ao campo epistemológico, fazemos uso do pressuposto conceitual de educação musical como área de conhecimento, com representação estética da própria música e suas interfaces com outros campos do conhecimento, não limitada a expressões tonais ou atonais. Educação Musical como área que compõe-se e deriva das áreas de educação e da música. Reconhecemos a educação musical como espaço para aprendizados e processos de desenvolvimento de uma linguagem culturalmente construída, que comunica. Educação Musical como relação entre pessoas e música que envolve práticas de ensinar e aprender, a qual abriga múltiplos e diferenciados processos e formas de envolvimento do ser humano com as músicas, considerando culturas e práticas diversas, seus processos de apropriação e transmissão. (Bellochio; Garbosa, 2014, p. 15)

Assinalamos que nossa percepção volta-se a pressupostos da Música como um fenômeno humano, feito por pessoas para outras pessoas, “ocupando dentro de cada grupo um importante espaço com significados, valores, usos e funções que a particularizam” (Queiroz, 2004, p.103).

Como orientações às pesquisas produzidas, temos referências nos focos do grupo, bem como em linhas de pesquisas que derivam deles e articulam-se em objetivos que se somam.

Quadro: Linhas de Pesquisa do FAPEM (Bellochio; Garbosa, 2014, p.18)

LINHAS	OBJETIVOS
<p>Formação e profissionalização de professor(a)s especialistas e não-especialistas em Educação Musical</p>	<p>(a) estudar a formação profissional e a profissionalização de sujeitos que atuam com a Educação Musical na escola básica, em escolas de Música e outros espaços educativos; (b) compreender as relações entre a formação e a ação profissional do professor(a)s de Música; (c) estudar a formação musical de professor(a)s em uma perspectiva histórica; (d) investigar as articulações e conexões entre Arte, cultura e formação pedagógica de professor(a)s.</p>
<p>Práticas acadêmicas, escolares e não escolares, em Educação Musical</p>	<p>(a) compreender a formação acadêmica e suas relações com o trabalho desenvolvido pelo professor(a)s quando no exercício profissional; (b) investigar as práticas educativas de sujeitos que atuam com Educação Musical em espaços não-escolares; (c) estudar as articulações entre Arte, Educação e cultura em espaços escolares e não-escolares.</p>
<p>Produção e análise de material didático para o ensino de Música</p>	<p>(a) pesquisar e produzir material didático para o ensino de Música na escola e em outros espaços educativos; (b) investigar sobre os materiais didáticos de Música utilizados em contextos escolares e não-escolares, em perspectiva atual e histórica.</p>

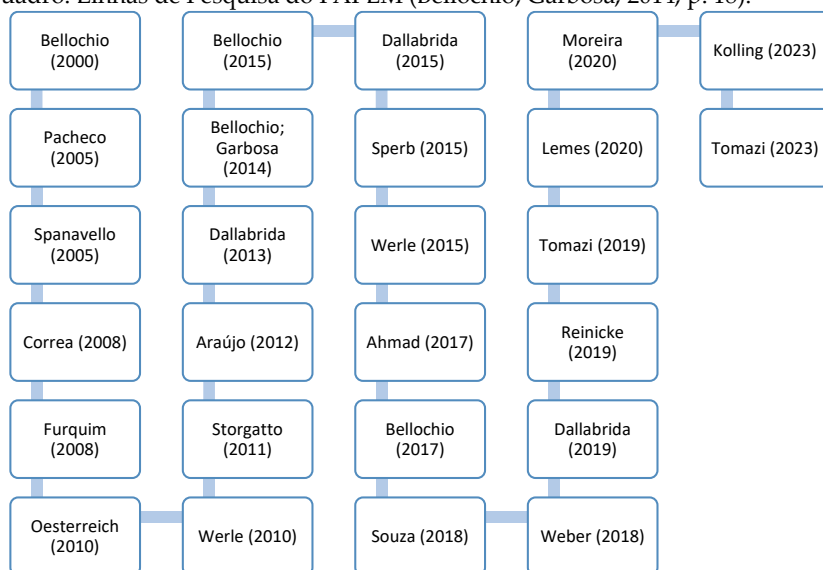
Em relação à linha da “Formação e profissionalização de professor(a)s especialistas e não-especialistas em Educação Musical” e à linha de “Práticas acadêmicas, escolares e não escolares, em Educação Musical”, destacamos pesquisas focalizadas na formação e práticas de professor(a)s referência, egresso(a)s, principalmente de cursos de Pedagogia. No momento Priscila Reinicke está desenvolvendo a pesquisa “A Música-Educação Musical na formação de professores em cursos de Pedagogia das Universidades Federais do Brasil” que tem como o objetivo “mapear a presença da Música-Educação Musical na formação de professores em cursos de Pedagogia das Universidades Federais do Brasil, modalidade

presencial” e compreender como tem sido implementada”. (Reinicke, 2024, p.11).

Como grupo, entendemos que as marcas da formação acadêmico-profissional de professor(a)s são fundamentais às escolhas docentes que sustentam modos de ser professor(a)s na Educação Básica e, dessa forma, destacamos esses processos nas pesquisas do grupo.

O quadro, a seguir, apresenta trajetórias de pesquisas e produções acadêmicas que resultaram em dissertações, teses e livros e estão relacionadas à temática Educação Musical e Pedagogia.

Quadro: Linhas de Pesquisa do FAPEM (Bellochio; Garbosa, 2014, p. 18).



Também buscamos compreender a formação e práticas de professor(a)s de Música egressos, sobretudo, de cursos de Música-Licenciatura. Nessa segunda linha, algumas pesquisas com relação ao Estágio Supervisionado têm sido produzidas como, por exemplo, Abreu (2023) que operou conceitos de trilhas formativas e docência estagiária de estudantes que viveram seus estágios de modo remoto, durante a pandemia do Covid 19.

Enfatizamos que, ainda que mantenhamos focos de pesquisa, outros trabalhos investigativos são realizados, como, por exemplo, duas teses que evidenciam trajetórias de 30 anos da Associação Brasileira de Educação Musical - ABEM. A primeira delas é de autoria de Ivan Schwan (2021) e teve como objetivo “compreender movimentos, memórias e histórias, instituídas e instituintes da ABEM como Instituição potencializadora da Educação Musical brasileira, através das significações imaginárias construídas nas narrativas dos seus presidentes” (Schwan, 2021, p. 32). A outra é de autoria de Bruno de Almeida (2024) e objetivou “compreender o impacto dos conhecimentos em Educação Musical, produzidos por autores brasileiros, a partir das edições da Revista da ABEM, publicadas entre os anos de 1992 e 2023”. (Almeida, 2024, p.17).

No que tange à terceira linha, “Produção e análise de material didático para o ensino de Música”, assinalamos que, desde 2020, vimos investindo em estudos e pesquisas que convergem na elaboração de materiais pedagógicos para as diferentes etapas da Educação Básica. Desse movimento, nasceu o CriaMus, grupo integrado por seis professoras/es de instituições escolares e do ensino superior, constituindo uma comunidade de aprendizagem profissional (Nóvoa, 2009). O grupo toma, como base, uma concepção investigativa e ativa, de forma que construção de conhecimentos e desenvolvimento profissional ocorrem na correlação teoria-prática, em uma dinâmica aprendente e reflexiva. A formação no contexto do CriaMus, em comunidade, tem como “princípio balizador a aprendizagem coletiva, as experiências acumuladas e a relação de cada integrante com o outro, cuja marca é a diversidade, a pluralidade” (Garbosa, 2016, p.07) e a dimensão do humano. O CriaMus e as produções vinculadas a ele integram os movimentos da Rede Básica, programa institucional com financiamento governamental, de apoio ao ensino remoto na Educação Básica.

Nos últimos anos, nossas pesquisas guarda-chuva são projetos CNPQ-PQ e Projeto Rede Básica.

Com relação aos primeiros, um conjunto de pesquisas desenvolvidas nos últimos 10 anos incluem: “Professor(a)s e Educação Musical na escola: modos de ser unidocente e pensar a Música neste processo” (2015-2018), que se orientou pelo objetivo geral de compreender os modos de ser unidocente trazidos em narrativas de professor(a)s de referência, atuantes na escola, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e suas maneiras de pensar a Música/Educação Musical no processo de escolarização. Aprofundamos, a partir de narrativas, sobre os modos de ser professor(a)s referência no âmbito geral da unidocência e das práticas com Música em sala de aula.

O projeto “Música - Pedagogia - formação humana: encontros em modos de ser do professor(a)s no ensino superior” (2018-2022) orientou-nos posteriormente. O projeto teve o objetivo de investigar possíveis encontros, atravessamentos e potências entre Música, Pedagogia e formação humana que movimentam modos de ser professor(a)s de Música/Educação Musical no Ensino Superior e a formação acadêmico-profissional, em cursos de Pedagogia, a partir de narrativas de docência de professor(a)s formadores. A temática, por focalizar o Ensino Superior na perspectiva dos formadores, teve potencial de impactar compreensões acerca de aspectos conceituais da relação Música/Educação Musical e Pedagogia e a organização de cursos para a Pedagogia. Até o ano de 2026, estamos desenvolvendo a pesquisa “Educação Musical e Pedagogia: experiências formativas e escolares com música”, com o objetivo de compreender acerca da educação musical na formação de professor(a)s em cursos de Pedagogia, no contexto da UFSM, e em seus modos de ser docente quando estão atuando, como professor(a)s, na docência dos primeiros anos da Educação Básica.

As pesquisas aqui referidas entrelaçam as duas primeiras linhas de pesquisa do grupo, vinculadas à formação e às práticas educativas. Teoricamente, temos nos apoiado em produções acerca da formação de professor(a)s, entendendo que

[...] não podemos permitir que a formação de professores seja redefinida por modelos praticistas que defendem o regresso a uma mera formação prática, no terreno, no *chão da escola*, junto de um professor mais experiente, corroendo assim as bases intelectuais, críticas, da profissão docente. (Nóvoa, 2019, p.13).

Assim, pensamos em pesquisas do grupo que olhem também para a formação humana de professor(a)s, para seus modos de ser docente e para sua ação profissional que implica a formação de outros seres humanos.

A educação, seja a educação de crianças, de adultos, seja a educação de outros 'recém-chegados', é afinal sempre uma intervenção na vida de alguém; uma intervenção motivada pela ideia de que tornará essa vida, de certo modo, melhor: mais completa, mais harmoniosa, mas perfeita – e talvez, até mais humana. (Biesta, 2013, p. 16).

Teórico-metodologicamente, temos nos guiado pelas pesquisas narrativas, sobretudo, as de natureza (auto)biográfica. A escuta do outro, de suas memórias, de suas histórias de vida internalizadas, sua subjetividade e reflexividade trazidas em memórias são dispositivos para as nossas pesquisas. Escutar sobre processos formativos e práticas docentes narradas por professore(a)s é possibilidade de compreender suas decisões sobre docência, é escutar a escuta narrativa do outro, de um si. É poder conhecer o espaço educacional do outro e suas escolhas frente aos desafios da Educação Musical.

A escuta será sempre a de alguém que narra e, ao narrar-se, produz sua autobiografia. Desse modo:

Narrar implica, pois, configurar, na forma de uma história ou relato, a experiência viva dos incidentes e acontecimentos a que estamos sujeitos no transcurso de nossa existência. Assim, a narrativa nos faculta compartilhar intersubjetivamente um saber acerca do “[...] modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e do modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. (Carvalho, 2020, p. 5).

A pesquisa sobre formação e práticas de professore(a)s viabiliza o acesso a uma singularidade de pensamento, a uma subjetividade

de proposições pedagógicas, escolares e não escolares, a uma história de formação e vida profissional em contextos de trabalho, encontrando-se, nestes modos de ser docente, as relações com a(s) música(s). É um modo de encontrar-se com as experiências que sustentam os modos de ser professor(a)s nos primeiros anos da Educação Básica. A “experiência [com Música/Educação Musical] não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem ‘pre-ver’ nem ‘pré-dizer’” (Larrosa, 2016, p. 34).

Os estudos e as pesquisas envolvendo a elaboração de materiais pedagógicos para área, por sua vez, envolvem subjetividades, experiências individuais que perfazem um coletivo integrado por professores que se encontram ligados entre si a partir de um mesmo propósito, constituindo uma rede colaborativa. Cada integrante carrega saberes, experiências, interesses e perspectivas distintas, fazendo escolhas, assumindo posturas e significados a partir de suas vivências. Na coletividade, expressa a partir das diferenças e da soma das partes, buscamos, de forma cooperativa e interativa, a qualificação para o desempenho de novas funções, de proposições para além do estabelecido e a viabilização de outras formas de ser professor de Música.

Frente ao exposto, sublinhamos a relevância do grupo FAPEM e suas pesquisas no contexto do Laboratório de Educação Musical e do Programa de Pós-graduação em Educação, interfaces entre Educação e Música necessárias aos contextos de ensinar e de aprender. Temos sido referenciados em outras pesquisas compondo avanços para a educação Musical no Brasil. Acreditamos no valor do grupo e entendemos que temos produções significativas de pessoas dedicadas à pesquisa e aos enfrentamentos necessários para transformar a Educação Musical brasileira. Seguimos!

Referências

- ABREU, Washington Nogueira de. **Educação musical e estágio supervisionado: trilhas formativas na construção da docência-estagiária**. 2023. 176 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2023.
- AHMAD, Laila Azize Souto. **A música no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria: da arena legal à arena prática**. 2017. 285 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2017.
- ALMEIDA, Bruno Felix de. **O conhecimento acadêmico-científico em educação musical na revista da Abem: um discurso histórico-narrativo**. 2024. 223 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2024.
- ARAÚJO, Gabriela da Ros de. **Formação continuada em música: reconstruindo conhecimentos musicais e pedagógico-musicais com professoras unidocentes**. 2012. 104 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2012.
- BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. **A educação musical nas séries iniciais do ensino fundamental: olhando e construindo junto às práticas cotidianas do professor**. 2000. 423 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2000.
- _____. **Educação musical e unidocência: pesquisas, narrativas e modos de ser do professor de referência**. Porto Alegre: Sulina, 2017.
- BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro; GARBOSA, Luciane Wilke Freitas. **Educação Básica, professores unidocentes e música: pensamentos em tríade**. In: BELLOCHIO, C. R.; GARBOSA, L. W. F. (Orgs.). **Educação Musical e Pedagogia: pesquisas, escutas e ações**. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2014, p.47-68.
- BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

CARVALHO, José Sérgio da Fonseca de. **Um Sentido para a Experiência Escolar em Tempos de Pandemia**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 45, n. 4, p. 1-13, 2020. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/edreal/a/Zbk8kmDw88D3SvTJhh64Q3k/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 16 nov. 2024.

CORREA, Aruna Noal. **“Programa LEM: Tocar e Cantar”**: Um estudo acerca de sua inserção no processo músico-formativo de unidocentes da Pedagogia/UFSM. 2008. 175 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2008.

CUNHA, Maria Isabel. **Os conceitos de espaço, lugar, território nos processos analíticos da formação dos docentes universitários**. In: Educação Unisinos, São Leopoldo, v. 12, n.3, p. 182-186, 2008. Disponível em:<<https://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/5324/2570>>. Acesso em: 16 nov. 2024.

DALLABRIDA, Iara Cadore. **A racionalidade pedagógica da Música na Pedagogia**: um estudo com docentes formadores. 2019. 224 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2019.

_____. **Educação Musical e unidocência**: um estudo com professoras da Educação Básica. 2013. Monografia (Licenciado em Música) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2013.

_____. **Sentidos da educação musical na formação acadêmico-profissional do pedagogo**. 2015. 155 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2015.

FERRY, Gilles. **Pedagogía de la formación**. 1ª. ed. 1ª reimp. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2004.

FURQUIM, Alexandra Silva dos Santos. **A formação musical de professores em cursos de Pedagogia**: um estudo das Universidades Públicas do RS. 2009. 150 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2009.

GARBOSA, Luciane Wilke Freitas. **Narrativas (auto)biográficas e formação docente**: o PIBID como dispositivo grupal na formação de professores de música. In: Paula Perin Vicentini, Jorge Luiz da

Cunha, Lilian Auxiliadora Maciel Cardoso. (Org.). Experiências formativas e práticas de iniciação à docência. 1 ed. Curitiba: CRV, 2016, v. 2, p. 73-88.

KOLLING, Luciane Inês. **Educação Musical e unidocência**: modos de ser professora na educação infantil. 2023. 141 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2023.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

LEMES, Daffny Cristina Molina. **Educação musical, Pedagogia e estágio supervisionado**: encontros formativos presenciais e virtuais. 2020. 142 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2020.

MOREIRA, Vinicius Ceratti. **Repertórios musicais em cursos de Pedagogia**: narrativas de professores formadores. 2020. 125 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2020.

NÓVOA, António. **Os professores e sua formação em um tempo de metamorfose da escola**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 1-15, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edreal/a/DfM3JL685vPJryp4BSqyPZt/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 16 nov. 2024.

_____. **Professores**: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

OESTERREICH, Frankiele. **A história da disciplina de música no curso de Pedagogia da UFSM (1984-2008)**. 2010. 171 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2010.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. **Formação docente e dispositivo grupal**: aprendizagens e significações imaginárias no espaço biográfico. Revista Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 180-188, mai./ago. 2011. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/reveduc/v34n02/v34n02a08.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2024.

PACHECO, Eduardo Guedes. **Educação musical na educação infantil**: uma investigação-ação na formação e nas práticas das

professoras. 2005. 118 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2005.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Educação musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 10, p. 99-107, mar. 2004. Disponível em: <<https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/367/296>>. Acesso em: 16 nov. 2024.

REINICKE, Priscila Kuhn Scherdien. **Educação musical com estudantes trabalhadoras da Pedagogia Noturno/UFSM: mobilizações em grupo no estágio supervisionado**. 2019. 163 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2019.

REINICKE, Priscila Kuhn Scherdien. **A Música-Educação Musical na formação de professores em cursos de Pedagogia das Universidades Federais do Brasil**. 2024. Projeto de pesquisa (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2024.

SCHWAN, Ivan Carlos. **Movimentos da ABEM para a Educação Musical no Brasil: imaginários sociais em construção pelas narrativas de presidentes**. 2021. 396 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2021.

SOUZA, Zelmielen Adornes de. **Aproximações e distanciamentos na docência virtual em música: narrativas de professores formadores em cursos de pedagogia da UAB**. 2018. 303 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2018.

SPANAVELLO, Caroline Silveira. **A educação musical nas práticas educativas de professores unidocentes: um estudo com egressos da UFSM**. 2005. 128 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2005.

SPERB, Leonardo Martins. **Educação Musical e educação infantil: sentidos, tensões e vicissitudes**. 2014. 61 f. Monografia (Licenciado em Música) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2014.

STORGATTO, Sabrina Silveira Spanavello. **Educação Musical e Educação Infantil: um estudo com pedagogas**. 2011. 108 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2011.

TOMAZI, Ana Carla Simonetti Rossato. **A voz pedagógica de professoras formadoras em música na Pedagogia: narrativas (auto)biográficas**. 2023. 197 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2023.

_____. **Educação musical em pesquisa-formação: a voz cantada e falada de professoras da Educação Infantil**. 2019. 166 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2019.

WEBER, Vanessa. **Unidocência e Educação Musical: crenças de autoeficácia do professor de referência**. 2018. 216 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2018.

WERLE, Kelly. **A música no Estágio Supervisionado da Pedagogia: Uma pesquisa com Estagiárias da UFSM**. 2010. 128 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2010.

_____. **Infância, música e experiência: fragmentos do brincar e do musicar**. 2015. 197 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2015.

Fios que tecem o GPeMC - Grupo de Pesquisa Mediação cultural: contaminações e provocações estéticas

Débora Rosa da Silva
Estela Maria Oiveira Bonci
Mirian Celeste Martins

Fig. 1 - Capas das cinco publicações organizadas pelos grupos de pesquisa em Mediação Cultural.



Fios... Linhas... Barbantes... Para envolver, unir, agregar, tecer...

Fios que perfuram e entrelaçam as duas primeiras publicações (2005 e 2007) do Grupo de Pesquisa Mediação: Arte/Cultura/Público vinculado ao Programa de Pós-graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

Barbantes-nuvens que traduzem os rizomas emaranhados nas jornadas pelos territórios da arte e cultura, culminando na publicação “Pensar juntos a mediação cultural: [entre]experiências e conceitos” (2014 e 2018), fruto do Grupo de Pesquisa em Mediação Cultural: provocações e contaminações estéticas - GPeMC, nesse momento vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Barbantes-olhares que unem os olhos de obras de arte, atentos e sensíveis como os nossos, que são convocados na pesquisa sobre livros, dissertações e teses que focalizam a mediação cultural, desde 1999, ainda quando o termo não tinha ainda se tornado um território de saberes e processos. Olhares mediadores presentes em diversas ações retratadas na publicação “MediAÇÃO Cultural: proposições, pesquisas e experiências estéticas com arte na contemporaneidade” (2024).

Barbantes lúdicos que nos convidam a laçar o passado para lançar as pesquisas desenvolvidas e em processo, demonstrando que seguimos girando...

Um tear repleto de fios de histórias entrelaçadas e compartilhadas.

Há mais de duas décadas o grupo segue caminhando, girando e tecendo fios.

Nessa trajetória houve alterações de membros, contudo, manteve-se a constante de ser composto por educadores, professores e profissionais das áreas de arte e cultura, atuantes em diferentes contextos e localidades.

Os fios e o ato de tecer são evidenciados ao observar as produções resultantes desse grupo artístico/científico/amoroso, formado por encontros e parcerias entre pessoas educadoras e profissionais das áreas de arte e cultura, atuantes em diferentes contextos e localidades e que culminaram em participações em congressos nacionais e internacionais, na elaboração de dissertações e teses, na organização de simpósios, na publicação de artigos e livros, e na pesquisa em andamento que levou à tessitura de um novo livro.

Para não perdermos o fio da meada, compartilhamos os principais registros de nossa trajetória enquanto grupo de pesquisa em Mediação Cultural, em uma linha cronológica.

Organizando os fios nas cronologias que contam histórias

2003-2007 – O Grupo de Pesquisa Mediação: Arte/Cultura/Público nasceu das pesquisas realizadas na graduação em Educação Artística no Instituto de Artes/UNESP e na disciplina *Mediação: Arte/Público: possibilidades e limites na formação de fruidores/leitores dos signos artísticos* oferecida no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes-UNESP, ministrada por Mirian Celeste. Sua primeira publicação *Mediação: provocações estéticas* (2005) traz textos gerados a partir da referida disciplina. Em 2007, foi gerada segunda publicação: *Mediando [con]tatos com arte e cultura* (2007) resultado de um ciclo de conversações no SESC Pinheiros: *[con]tatos com mediação cultural*. Depois de trabalhar mais alguns anos após sua aposentadoria, Mirian Celeste se retira da UNESP.

2009. O grupo ressurge na Universidade Presbiteriana Mackenzie com o nome de Grupo de Pesquisa: Mediação Cultural: provocações e contaminações estéticas/GPeMC, com integrantes do primeiro grupo acrescido de alunos do Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura.

2009-2011. Primeira pesquisa: Arte no “*Caderno do aluno*” para escolas públicas do Estado de São Paulo: *fendas de acesso para arte e cultura?*, material didático oferecido desde 2009 pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo em que foram analisados cerca de 431 cadernos e 164 questionários de estudantes dos Ensinos Fundamental II e Médio, de escolas rurais, centrais ou de periferia, além dos registros de 69 de professores e 13 de Professores Coordenadores de Oficina Pedagógica/PCOPs, incluindo um questionário em braile. Esta pesquisa refletiu a voz do estudante, possibilitou compreender como se deu seu acesso à Arte, revelando que o Caderno pode ser um instrumento de mediação cultural. A pesquisa foi apresentada em diversos encontros, incluindo o ConFAEB (2010) e o Congresso Mundial da InSEA em Budapeste (2011).

2011-2012. A pesquisa *Mediação cultural entre territórios de Arte e Cultura*, desenhou os territórios que compõem a mediação cultural, entendida como provocação e contaminação estética. Seus resultados foram apresentados no ConFAEB (2011, 2012). Em 2012, nasce o GPAP – Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia que se une ao GPeMC e os Simpósios e publicações que se seguem.

2013. Um dossiê foi publicado na Revista *TRAMA Interdisciplinar* trazendo artigos de Fernando Hernández, Luiz Guilherme Vergara, Virginia Kastrup, Stela Barbieri, ensaio visual de Rita Demarchi e entrevista com o professor Ricardo Marín Viadel, um dos expoentes das metodologias artísticas de investigação em educação.

2014. Publicação do livro *Pensar juntos a mediação cultural: [entre]laçando experiências e conceitos* que teve uma segunda edição em 2018, reunindo textos interligados, originados desses territórios.

2015. Realização do *I Simpósio Internacional Formação de Educadores em Arte e Pedagogia*, com a proposta de dar visibilidade a questões relevantes no contexto nacional no diálogo entre a Universidade e a Educação Básica tendo como foco a compreensão das infâncias tratadas em sua pluralidade em conexão com formação de educadores em Pedagogia, Arte e Mediação Cultural. Iniciamos também a pesquisa sobre o Giro Educacional, uma tradução livre de *Educational Turn* ou Virada Educacional. Adotando a nomenclatura *giro educacional*, estávamos nós, girando e nos movendo em torno de produções de artistas propositores e de estudiosos que pouco conhecíamos. Os estudos sobre os artistas nos levaram a rever a concepção de Kristina Lee Podesva em seu artigo *A Pedagogical Turn: Brief Notes on Education as Art* (2007) e nos levaram a criar uma cartografia a partir de obras dos artistas pesquisados.

Fig. 2. Cartografia: características das produções de arte participativa a partir das obras analisada. Fonte: Gráfico produzido pelo GPemC, 2018.



2015-2016. O livro fechou um ciclo e deu início a um novo projeto de pesquisa *Conexões mediadoras: arte, cultura, vida e formação de educadores*, começando com um estudo a partir do atlas de imagens de Aby Warburg – Mnemosyne. Este projeto explorou conexões rizomáticas e possíveis implicações em pesquisas e curadorias educativas nas escolas, nas instituições culturais e na formação de educadores, sendo apresentado em comunicação no ConFAEB (2015).

O *II Simpósio Internacional Formação de Educadores em Arte e Pedagogia* teve sua dinâmica pensada no sentido de potencializar reflexões interdisciplinares sobre pesquisas além dos moldes tradicionais e interações entre o público e convidados de universidades brasileiras e instituições culturais: educadores, artistas, curadores e especialistas. Grupos de Pesquisa relacionados à temática apresentaram seus modos de ser e fazer investigações coletivas. Destaca-se a presença do Prof. Dr. Ricardo Marín Viadel da Universidade de Granada/ES abordando as metodologias artísticas de pesquisa. Também foi realizada uma homenagem à Prof. Dra Ana Mae Barbosa que nesse ano completou 80 anos de vida, 60 anos de educação e 50 anos de estadia em São Paulo, abrilhantando o evento.

2017. *III Simpósio Internacional Formação de Educadores em Arte e Pedagogia* ampliou as reflexões e discussões sobre o tema da interdisciplinaridade, da formação cultural e dos processos

colaborativos. Diálogos que nos permitiram questionar como cultivamos o silêncio e a escuta. Assim como nos permitiu um espaço de encontros para nos fazer ver o que nos amarra e o que nos impulsiona a assumir riscos criativos. Foi também publicado o e-book *Mediação cultural: olhares interdisciplinares* (Martins, 2017)

2018. Publicação do livro: *formação de educadores: modos de pensar e provocar encontros com arte e mediação cultural*: (Martins, Momoli e Bonci, 2018), que reuniu artigos escritos nos três simpósios. Com caráter interdisciplinar o *IV Simpósio Internacional Formação de Educadores em Arte e Pedagogia* contou com grande diversidade de convidados e com a apresentação da pesquisa sobre o Giro Educacional.

2019. Publicação do livro: *formação de educadores: contaminações interdisciplinares com arte na pedagogia e na mediação cultural* (Martins, Faria e Lombardi, 2019)

2020. *V Simpósio Internacional Formação de Educadores em Arte e Pedagogia*, frente à pandemia de COVID-19, em modo *online*, trouxe conferências, mesas-redondas e ações poéticas que geraram espaços de conversa nos Ciberdiálogos realizados em salas *online*, onde a partir de proposições práticas, o diálogo e as conversações circularam e fomentaram ações e reflexões coletivas. Destacamos a presença de Joaquín Róldan da Universidade de Granada e Gloria Jové da Universidade de Lleida e de convidados que ampliaram as conexões interdisciplinares brindadas pela estesia, pela relação com a cultura, com políticas de formação e com as dimensões potenciais com as questões indígenas e afro-brasileiras.

2021. Publicação do livro *formação de educadores: formação cultural: arte: docências: Pedagogia* (Martins, Bonci, Makino, Americano, Costa, 2021). No primeiro e segundo semestres de 2021, os membros do Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia/GPAP e o Grupo de Pesquisa em Mediação Cultural/GPeMC realizaram os *Seminários Entre Docências e Pesquisas*. Dois Seminários pensados como projetos de extensão do Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História do Centro de Educação, Filosofia e

Teologia (CEFT), da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), realizados de forma virtual, ainda em virtude da pandemia de Covid-19. O propósito dos seminários foi possibilitar trocas entre os integrantes dos grupos de pesquisa e público interessado em geral, ampliando discussões sobre metodologias de pesquisa e temáticas que articulam formação de professores, arte e ensino de arte, mediação cultural e interdisciplinaridade. Transmitidos pelo Youtube, o primeiro seminário gerou a publicação: *Breves ensaios: entre docências e pesquisas*.

2021- 2024 - Integrantes do GPeMC e GPAP iniciaram nova pesquisa que vinha sendo gestada desde 2019. Observávamos que estudantes em formação inicial no curso de Pedagogia demonstravam não conhecerem os patrimônios artísticos de sua localidade, não consumiam a cultura popular da região e os espaços de difusão de Arte. Em 2020 foi feita uma enquete e convite para que em 2021 se consolidasse um coletivo que acabou sendo composto por professores de Arte nos cursos de Pedagogia de 22 universidades brasileiras e uma da Colômbia e outra do Uruguai. Em 2022 enviamos para a Plataforma Brasil a pesquisa encabeçada pelas perguntas: Quais seriam as bagagens culturais/artísticas dos estudantes dos cursos de pedagogia e similares? O que nos revela? Questões que se ampliaram: Como acessar as bagagens culturais das(os) estudantes? Como trazê-las à tona? Como propor algo que provoque a criação e consista em si mesmo em formação e também arte? O método cartográfico, a artografia (que usamos antropofagicamente sem barras) e a sociopoética foram as bases metodológicas para a criação de proposições que foram vivenciadas pelas/os pesquisadoras/es em suas universidades. Foram realizados três Simpósio Internacionais Formação docente com e em artes/culturas (2022, 2023 e 2024) e neste momento estamos finalizando os relatórios e publicações.

2023-2024 – Um novo livro. A partir de uma conversa, com olhos atentos e escuta sensível, Mirian Celeste conversou com uma educadora em uma exposição no SESC-SP no segundo semestre de

2023. Em sua preparação para trabalhar na exposição, compartilhou profundos estudos sobre o artista e suas obras expostas. Sobre sua formação em mediação cultural, a educadora respondeu a partir de sua percepção que este é um campo de pesquisa muito recente e tem muito pouco material para pesquisar. Sem que o foco estivesse no jogo sobre a formação da educadora e sim no compromisso que o contexto a convocou, a questão se transformou em incentivo para a escrita de mais um livro, *MediAÇÃO Cultural: proposições, pesquisas e experiências estésicas com arte na contemporaneidade*, baseado no legado de muitos estudos de uma legião de conhecidos e desconhecidos, que foram se apresentando em um árduo e transformador caminho de pesquisa e escrita, um ato e estado de querer “estar entre muitos” que fizeram da pesquisa sobre MediAção inspiração de vida.

Sendo o GPeMC composto por professoras e professores atuantes em diversas áreas da arte e cultura, somados aos mestrandos e doutorandos da pós graduação do Programa de pesquisa: Educação, Arte e História da Cultura pelo Mackenzie, orientandos da professora Mirian, ao conhecerem o projeto se sentiram também instigados e logo o projeto se tornou coletivo. A afirmação da educadora transformou-se em valiosas perguntas: Como e por que a área de pesquisa a qual dedicamos os últimos anos ainda é desconhecida? Por que os estudos aos quais nos dedicamos não chegaram em formações para ações educativas?

O problema estava posto, era necessário compilar, materializar em um livro sobre *Mediação Cultural e suas inscrições no tempo*.

Um livro composto por textos, mapas e gráficos que revelam movimentos significativos da porosidade das políticas educacionais, dos movimentos de grupos de pesquisa e suas atuações acadêmicas, de um termo, um conceito polifônico, polissêmico em pleno movimento.

A mediação compreendida como Ação, não como ponte, pois estamos do mesmo lado do fruidor, como o mestre ignorante, como

preconiza Rancière (2012) que deseja a emancipação do espectador¹, e não é ferramenta, pois ferramenta é o objeto, a mediação é a ação.

O título *MediaÇÃO Cultural*, firma a AÇÃO, entendida como a alma e o corpo de um “estar junto” com tantos outros, frente à cultura, e nela a arte, os territórios, as subjetividades e contextos envolvidos, os teóricos que a pensaram e pensam, os mediadores que a viveram e vivem e a pesquisaram e ainda a pesquisam, seja em museus, escolas, universidades, instituições culturais, ONGs ou em outros tantos espaços de arte e educação, nos reconhecendo pelas ações mediadoras.

Em uma intensa e delicada busca por livros, teses e dissertações publicadas no Brasil com o desejo de despertar mais leituras e ampliações do termo, se mantinha a certeza que a lista sempre estará incompleta, em permanente processo, pela inexorável natureza das produções, por serem cada vez mais expandidas e transdisciplinares. Esta longa listagem de teses, dissertações e livros, nos faz pensar que:

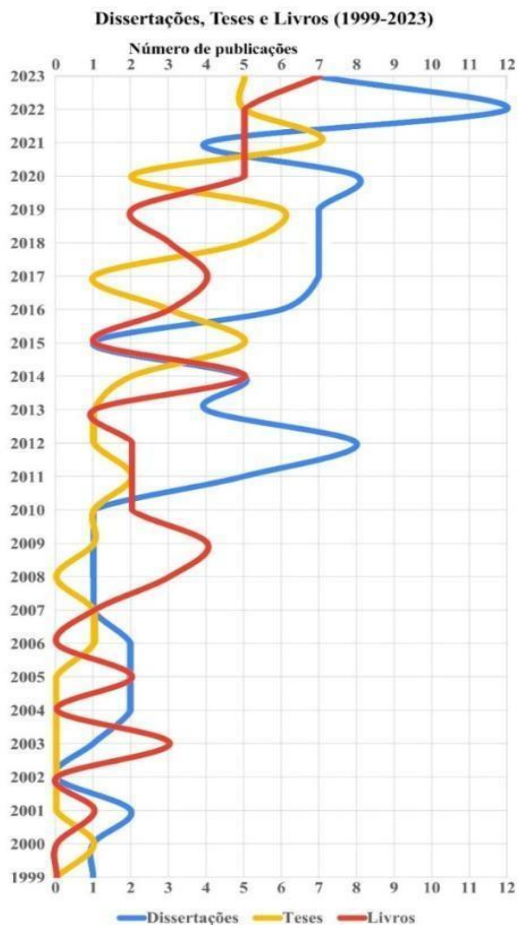
Toda bibliografia deve refletir uma intenção fundamental de quem a elabora: a de atender ou a de despertar o desejo de aprofundar conhecimentos naqueles ou naquelas a quem é proposta. [...] Esta intenção fundamental de quem faz a bibliografia lhe exige um triplo respeito: a quem ela se dirige, aos autores citados e a si mesmos. Uma relação bibliográfica não pode ser uma simples cópia de títulos, feita ao acaso, ou por ouvir dizer. Quem a sugere deve saber o que está sugerindo e por que o faz. Paulo Freire² (1981, p. 8)

Assim, como tecelãs na trama da busca por fios que se configuravam por livros, teses e dissertações, surgiu a costura do tempo que se tornou visível por um desenho que nos surpreendeu.

¹ “Isso significa a palavra emancipação: o embaralhamento da fronteira entre os que agem e os que olham, entre indivíduos e membros de um corpo coletivo” Rancière (2012, p. 23).

² O texto *Considerações sobre o ato de estudar* foi escrito em 1968 na introdução de uma relação bibliográfica para os participantes de um seminário nacional sobre educação e reforma agrária.

Gráfico 1 – Períodos e número de publicações de dissertações, teses e livros sobre mediação.



A amarela linha das teses se inicia com Denise Grinspum em 2000³. Embora não traga o conceito de mediação cultural como será nomeado futuramente, focaliza a relação entre museu e escola a partir de sua experiência na área de Ação Educativa no Museu Lasar Segall, já desenvolvida também em seu mestrado sobre as políticas públicas (Grinspum, 1991). A linha azul das dissertações marca a presença de Amanda Tojal (1999) e sua preocupação com o público especial, hoje compreendido como políticas para acessibilidade e

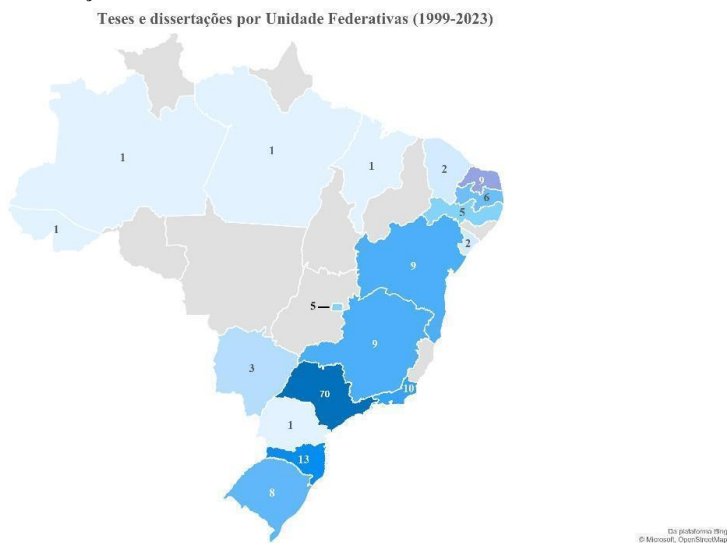
³ Foram consideradas como datas no gráfico 1, os anos de entrega das Teses e Dissertações que constam na capa e ficha catalográfica dos trabalhos.

inclusão. Em relação aos livros, em 2001, Gilberto Velho e Karina Kuschnir organizam *Mediação, Cultura e Política*, que trata a mediação como fenômeno cultural permanente, mas nem sempre óbvio. É interessante observar que *O amor pela arte* de Pierre Bourdieu e Alain Durbel, publicado originalmente em 1966, é traduzido em 2003. Podemos considerar que o movimento nos revela que há um mercado editorial aberto e atento às questões dos museus? (Martins et al, 2024, p.24-25)

A costura do tempo (gráfico 1) nos revela como o interesse pelo tema foi se ampliando, entrecruzando conceitos, ações, fundamentos, modos de pesquisar, aprendizagens sobre si e o outro. Um lugar de ativação para novas pesquisas que nos convidam a provocar, como diriam Deleuze e Guattari (1995), relações rizomáticas.

Por outro lado, analisar o mapa geográfico para além de suas linhas fronteiriças como territórios múltiplos de ocupação e de irradiação de provocações para a arte, a cultura, a mediação cultural ou sociocultural como a denominam Ana Mae Barbosa e Rejane Coutinho (2009).

Gráfico 2 – Territorialidades: Universidades que acolheram dissertações e teses que abarcam a mediação cultural



O que podemos ler deste mapa? Que conexões ele pode nos provocar? Como desmontá-lo e perceber suas histórias singulares? Quais seriam as linhas de pesquisa e os professores pesquisadores que fortalecem esta trama? Estas são perguntas que gerarão muitos diálogos, artigos, outras pesquisas.

Em *Contemplando estrelas: constelações de palavras-chaves sobre MediAÇÃO Cultural*, são visualizadas as nuvens de palavras-chaves dão as boas-vindas ao leitor, foram arquitetadas para cada texto/capítulo. Elas foram indicadas após leitura dos textos pelos revisores da comissão científica, compondo o universo da MediAÇÃO Cultural que geraram uma primeira nuvem com riqueza de temas e que levaram a uma segunda nuvem que somaram constelações:

Fig. 3 – *Constelações da MediAÇÃO Cultural*, 2024.



Fonte: acervo das autoras.

Cada termo é como via láctea, repleta de pontos abordados e que convidam a muitas leituras. É um universo repleto de

estrelas/ideias que abarcam o que está no livro que se torna resultado da análise do que foi sendo construído.

Na Parte 2: *MediaÇÃO cultural em espaços de aprendizagem e desaprendizagens* as proposições mediadoras se mostram com seus desafios, espantos, saberes, afetos, considerando os territórios das escolas, dos museus, das Bienais de São Paulo, nas questões de acessibilidade, das relações com a música e em outros ecossistemas e entre grupos de pesquisa.

Na parte 3: *MediaÇÃO cultural nos desafios da formação*. Textos escritos por coordenadores em programas educativos compartilham processos, relações com a educação formal e como pensam e pesquisam suas ações nas escolas, nas universidades, nas relações com a formação de professores, com foco na leitura de obras.

Em todo o livro a ação é o foco, o ato e o estado de “estar entre muitos” na relação público e arte/cultura.

Reconhecemos a amplitude de tempos e territorialidades, mas o reconhecimento é apenas o início do ato da percepção, do pensamento, da reconstrução viva e crítica de camadas que podem se tornar cada vez mais nítidas na transparência do universo da mediação cultural que se revela em suas constelações.

Na iminência de novas poéticas e na permanência do gesto pela linha imagética e por muitas vezes concreta, por diferentes materialidades, se faz real na concretização de escrevinhações que desaguarão e continuam a desaguar em novas, pesquisas, reflexões e encontros. Como um novelo de muitas linhas, por alinhavos no tempo corrente, sem perder a dimensão das urgências, das complexidades que se apresentam e exigem ser mediadas, aqui e agora. Assim, continuamos tecendo...

Referências

BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. G. **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Unesp, 2009.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v.1 Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FREIRE, Paulo. Considerações em torno do ato de estudar. In_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 8-10.

GPeMC. Arte no caderno do aluno para escolas públicas do Estado de São Paulo: fendas de acesso para Arte e cultura. In: **Anais do ConFAEB 20 anos**. Goiânia: FAEB, 2010b, p. 740-751. Disponível em: <<http://faeb.com.br/wp-content/uploads/2012/08/XX-CONFAEB.pdf>>. Acesso em 21 junho 2014.

MARTINS, M. C. (Org.). **Mediação Cultural: proposições, pesquisas e experiências estéticas com arte na contemporaneidade**. São Paulo: Editora Liber Ars, 2024.

MARTINS, M. C.; BONCI, E. M. O.; MAKINO, J. M.; AMERICANO, R. Q.de M.; COSTA, V. D. (orgs). **:formação de educadores: formação cultural : arte : docências: Pedagogia:**. São Paulo: LiberArs, 2021. Disponível em: <https://www.arte-pedagogia-mediacao.com.br/_files/ugd/7ee6db_65e77f8f0cbd4ca6b92ac2014cd40bf3.pdf>. Acesso em 04 novembro 2024.

MARTINS, M. C.; FARIA, A. A.; LOMBARDI, L. M. S. dos S. (orgs). **:formação de educadores: contaminações interdisciplinares com arte na Pedagogia e Mediação Cultural**. São Paulo: Terracota, 2019. Disponível em: <https://www.arte-pedagogia-mediacao.com.br/_files/ugd/7ee6db_a382de24805344cb94854a0923542895.pdf>. Acesso em 04 novembro 2024.

MARTINS, M. C.; MOMOLI, D.; E. M. O. (orgs). **:formação de educadores: modos de pensar e provocar encontros com a arte e mediação cultural:** . São Paulo: Terracota, 2018. Disponível em: <https://www.arte-pedagogia-mediacao.com.br/_files/ugd/7ee6db_eae317e45a284d11b33bc5237a7315d9.pdf>. Acesso em 04 novembro 2024.

MARTINS, M. C. (Org.). **Mediação cultural: olhares interdisciplinares**. São Paulo: Uva Limão, 2017. Disponível em:

<https://uvalimao.com.br/ebooks/med_cult.pdf>. Acesso em 04 novembro 2024.

PODESVA, K. L. A Pedagogical Turn: Brief Notes on Education as Art. In: **Filip 6**, Vancouver, n° 6, 2007. Disponível em: <<http://fillip.ca/content/a-pedagogical-turn>>. Acesso em 04 novembro 2024.

RANCIERE, Jacques. **O espectador emancipado**. 1.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

Grupos de Pesquisa ArtCIEd e Grupem: contribuições para a cultura, arte e educação musical

Cristina Rolim Wolffenbüttel

Introdução

Este texto apresenta os grupos de pesquisa e extensão "Arte: Criação, Interdisciplinaridade e Educação" (ArtCIEd) e "Educação Musical: Diferentes Tempos e Espaços" (Grupem), ambos vinculados à Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), registrados na Plataforma dos Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Como líder destes grupos, tenho a satisfação de compartilhar as contribuições significativas que têm sido feitas para o avanço das pesquisas e atividades de extensão em educação, música, folclore, projetos de leitura e artes em geral.

O ArtCIEd, criado em 2002, desenvolve ações voltadas ao segmento educacional e artístico, congregando professores e acadêmicos das áreas de artes visuais, dança, música, teatro e educação. O grupo tem como pressupostos as investigações sobre as artes e suas possíveis articulações, incluindo atividades criativas.

O Grupem, fundado em 2010, surgiu a partir da existência dos cursos de Graduação em Música: Licenciatura e da Especialização em Educação Musical, ambos da Uergs. O grupo contribui para a expansão dos estudos na área musical, considerando a legislação para a inserção do ensino de música na educação básica.

Ao longo dos anos, ambos os grupos têm desenvolvido projetos de pesquisa e extensão, os quais, acredita-se, tenham impactado significativamente a compreensão e o desenvolvimento das artes e da educação musical em diferentes contextos educacionais e sociais. Este texto visa apresentar as contribuições desses grupos e destacar

a importância das pesquisas e ações realizadas para o campo da educação, música, folclore, projetos de leitura e artes em geral.

Grupo de Pesquisa e Extensão ArtCIEd

O Grupo de Pesquisa ArtCIEd, fundado em 2002, emerge como uma iniciativa pioneira na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), na confluência entre arte e educação. Este coletivo de pesquisadores dedica-se à integração de diversas disciplinas artísticas - artes visuais, dança, música e teatro - com o campo da educação, promovendo uma abordagem multidisciplinar que enriquece tanto a pesquisa quanto a prática educacional.

O ArtCIEd tem como cerne de sua missão o desenvolvimento de investigações aprofundadas sobre as artes e suas múltiplas articulações, com particular ênfase em atividades criativas no contexto educacional. Ao explorar as interseções entre expressão artística e processos pedagógicos, o grupo contribui significativamente para o avanço do conhecimento nesta área interdisciplinar, fomentando inovações metodológicas e conceituais.

As atividades do grupo são estruturadas em torno de três linhas de pesquisa principais, que refletem a amplitude e a profundidade de seu escopo acadêmico. A primeira linha, "Artes e linguagens em processos de ensino e aprendizagem", investiga a integração de diferentes formas de expressão artística nos processos educativos, buscando compreender como as diversas linguagens artísticas podem enriquecer e transformar as experiências de aprendizagem. A segunda linha, "Educação e interdisciplinaridade", foca na exploração de abordagens interdisciplinares na educação, com ênfase na incorporação das artes como elemento catalisador de conexões entre diferentes áreas do conhecimento. Por fim, a terceira linha, "Literatura e ações de leitura", examina o papel fundamental da literatura e das práticas de leitura no contexto educacional e artístico, reconhecendo a importância da palavra escrita como forma de expressão e como potente elemento pedagógico.

A composição do ArtCIEd é bastante diversificada, contando com aproximadamente 38 membros que incluem estudantes da graduação e pós-graduação da Uergs, pesquisadores afiliados a outras instituições e egressos dos cursos da universidade. Essa heterogeneidade de perfis acadêmicos proporciona um ambiente rico em perspectivas e experiências, fortalecendo a capacidade de pesquisa e extensão do grupo e promovendo um diálogo constante entre diferentes níveis de formação e áreas de especialização.

Um aspecto distintivo do ArtCIEd é sua conexão com a comunidade e instituições locais, exemplificada pela parceria estratégica com a Fundação Municipal de Artes de Montenegro (FUNDARTE). Esta colaboração foi instrumental na criação dos quatro cursos de artes oferecidos pela Uergs, demonstrando o compromisso do grupo em estabelecer vínculos sólidos entre a pesquisa acadêmica e as necessidades concretas da comunidade artística e educacional.

As atividades de extensão constituem uma característica proeminente do ArtCIEd, com projetos frequentemente culminando em ações práticas que beneficiam diretamente a comunidade. Esta abordagem não apenas reforça a relevância social do trabalho realizado pelo grupo, mas também promove uma integração efetiva entre teoria e prática no campo da interseção entre arte e educação, criando um ciclo virtuoso de produção e aplicação de conhecimento.

A contribuição do Grupo de Pesquisa ArtCIEd tem sido percebida ao longo dos anos, constituindo-se um avanço para o conhecimento, promovendo o desenvolvimento de práticas inovadoras em contextos educacionais e artísticos. Por meio de sua abordagem diversificada e de seu compromisso com a integração entre academia e comunidade, o ArtCIEd procura contribuir com a pesquisa e a extensão universitária, o que também se reflete no ensino.

O Grupo de Pesquisa e Extensão Grupem

O Grupo de Pesquisa em Educação Musical: Diferentes Tempos e Espaços (Grupem) foi fundado em 2010. Sua criação está diretamente ligada à implementação dos cursos de Graduação em Música: Licenciatura e da Especialização em Educação Musical na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), refletindo um movimento de expansão e aprofundamento dos estudos na área musical no contexto do ensino superior da Uergs.

O Grupem emerge em um momento crucial para a educação musical no país, alinhando-se com as demandas geradas pela legislação que determina a inserção da música na educação básica. Este contexto legislativo não apenas justifica a existência do grupo, mas também orienta suas pesquisas e ações, tornando-o um importante agente na implementação e aprimoramento das políticas educacionais relacionadas à música.

As atividades de pesquisa do Grupem são estruturadas em torno de três linhas principais, que refletem as preocupações contemporâneas da educação musical. A primeira linha, "Currículos em educação musical no Brasil", dedica-se ao estudo e análise das estruturas curriculares, buscando compreender e propor modelos que atendam às necessidades educacionais brasileiras. A segunda linha, "Estudos sobre processos de ensino e aprendizagem em música", tem como propósito a investigação das metodologias e práticas pedagógicas específicas do campo musical, contribuindo para o aprimoramento das abordagens didáticas. Por fim, a terceira linha, "Políticas em educação musical", examina o contexto político-institucional que envolve o ensino de música, analisando e propondo políticas públicas que fortaleçam a presença da educação musical no sistema educacional.

A composição do Grupem é diversificada e qualificada, contando com 33 pesquisadores que incluem professores especialistas, mestres e doutores em música e em outras áreas do conhecimento, além de acadêmicos vinculados a programas de pós-

graduação. Essa pluralidade de formações e experiências enriquece o grupo, proporcionando uma abordagem multidisciplinar às questões da educação musical e fomentando um diálogo profícuo entre diferentes perspectivas teóricas e metodológicas.

Um aspecto distintivo do Grupem é sua rede de parcerias institucionais, que se estende além das fronteiras nacionais. No âmbito nacional, destaca-se a colaboração com a Universidade do Estado do Pará (Uepa), que tem sido uma parceira constante em iniciativas de ensino, pesquisa e extensão. Internacionalmente, o grupo mantém vínculos significativos com a Universidad Autónoma do Estado de Hidalgo (UAEH), no México, e com a Universidad de Almería (UAL), na Espanha. Estas parcerias internacionais não apenas ampliam o escopo das pesquisas desenvolvidas pelo Grupem, mas também promovem um intercâmbio cultural e acadêmico que enriquece a produção de conhecimento na área da educação musical.

A materialização mais evidente dessas parcerias se dá com a realização de eventos acadêmicos, com destaque para o Encontro Internacional de Educação Musical. Iniciado em 2020 e mantido ininterruptamente desde então, este evento tornou-se um importante fórum para a discussão e disseminação de pesquisas e práticas em educação musical, reunindo pesquisadores, educadores e estudantes de diferentes países e instituições.

O Grupem representa um núcleo de excelência na pesquisa em educação musical, contribuindo para o avanço do conhecimento neste campo e para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras. Sua atuação, que engloba desde a investigação acadêmica até a extensão, com a promoção de eventos internacionais, posiciona o grupo como um ator fundamental no cenário da educação musical brasileira e internacional. Com suas pesquisas, parcerias e ações de extensão, o Grupem não apenas responde às demandas atuais da área, mas também antecipa os rumos futuros da educação musical, reafirmando a importância da música como componente essencial da formação educacional e cultural.

Produção Acadêmica e Impacto dos Grupos

Os grupos ArtCIEd e Grupem têm se destacado como núcleos de produção acadêmica e científica nas áreas educação, música, folclore, projetos de leitura e artes em geral. Desde suas fundações, em 2002 (ArtCIEd) e 2010 (Grupem), esses grupos vêm contribuindo significativamente para o avanço do conhecimento em suas áreas de atuação, por meio de uma intensa atividade de pesquisa, publicações e formação de recursos humanos.

Entre 2002 e 2024, ArtCIEd e Grupem desenvolveram um total de 55 projetos de pesquisa e 27 projetos de extensão. Esta produção acadêmica abrange uma ampla gama de publicações, incluindo artigos em periódicos científicos, trabalhos em anais de eventos, livros e capítulos de livros. Destacam-se as obras “Educação musical: diferentes tempos, espaços e abordagens” (Wolffenbüttel, 2019), “Folclore e música folclórica: o que os alunos vivenciam e pensam” (Wolffenbüttel, 2019), “Artes em Contextos Educacionais: Produtos Técnicos e Tecnológicos” (Wolffenbüttel; Pacheco, 2024), “Sons da Infância” (Felicio; Wolffenbüttel, 2024), “Educação musical: uma proposta de inserção do ensino da música no projeto político-pedagógico” (Scheffer; Wolffenbüttel, 2024), “Educação, música, folclore, leitura e interdisciplinaridade: pesquisas e trabalhos na escola” (Wolffenbüttel, 2024),

O Grupem tem se dedicado a investigações no campo da Educação Musical, com ênfase nas políticas públicas e na implementação do ensino de música nas escolas. Entre suas pesquisas recentes, destacam-se estudos sobre a inserção da música nas escolas públicas do litoral do Rio Grande do Sul, análises das competências específicas da Música na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e investigações sobre a atuação dos conselhos de educação na operacionalização do ensino de música na Educação Básica.

Entre 2023 e 2024, o Grupem realizou uma pesquisa documental sobre a inserção da música nas escolas públicas do litoral do Rio Grande do Sul, analisando as competências e

habilidades específicas da música expressas nos documentos orientadores das secretarias de educação da região. De 2022 a 2023, investigou-se a presença das competências específicas da música da BNCC nos referenciais curriculares de secretarias de educação do Rio Grande do Sul, com foco no COREDE Vale do Caí.

O grupo também participou de uma pesquisa interinstitucional sobre a implementação da BNCC e seus efeitos nos currículos das escolas públicas do estado entre 2021 e 2022. Além disso, realizou um estudo documental sobre os processos músico-pedagógicos desenvolvidos pela FUNDARTE, desde seu início até a atualidade.

Outros projetos do Grupem incluíram investigações sobre o impacto da FUNDARTE no desenvolvimento da Educação Musical da região do Vale do Caí, a contribuição de mulheres na construção da história da música no Brasil, e estudos sobre bandas instrumentais e sua contribuição para a educação musical na região de Montenegro.

Por sua vez, o ArtCIEd tem se concentrado em pesquisas que abordam diferentes aspectos da arte e educação. Entre 2018 e 2019, o grupo realizou uma pesquisa sobre música e literatura no Ensino Médio, investigando as percepções de estudantes e professores sobre preferências musicais e literárias e seus reflexos nos processos de ensino e aprendizagem.

Desde 2018, o ArtCIEd tem conduzido um projeto mais amplo intitulado "Educação e Cultura: investigações e ações nas escolas do Rio Grande do Sul", que busca compreender como a música, o folclore e os projetos de leitura se apresentam nas escolas públicas e particulares do estado. Entre 2017 e 2018, o grupo desenvolveu uma pesquisa sobre os processos de ensino e aprendizagem em Educação Musical e suas interlocuções com as linguagens em diferentes contextos educacionais, analisando, também, os impactos na elaboração e implementação de políticas públicas.

Outros projetos relevantes do ArtCIEd incluíram investigações sobre a formação de leitores, ações interdisciplinares para promoção da leitura, uso de vídeos como ferramenta pedagógica, e

estudos sobre interdisciplinaridade na produção científica brasileira. O grupo também realizou pesquisas sobre folclore e música folclórica nas vivências de estudantes, além de um projeto de maior duração (2011-2014), intitulado "Artista e arteiro: ensinar com arte e aprender brincando", que desenvolveu ações de ensino e intervenção artística em escolas públicas.

Ambos os grupos têm demonstrado uma preocupação constante com a repercussão, na prática, de suas pesquisas, e com o impacto social de suas produções. Isso se reflete na organização de eventos e seminários, como as edições do "Seminário de Pesquisa e Escrita Grupem e ArtCIEd", que pretende compartilhar a produção científica de seus integrantes, bem como de pesquisadores de outros grupos de pesquisa, e destacar a importância da interdisciplinaridade e da criação artística.

A parceria com a FUNDARTE tem sido particularmente significativa, fortalecendo as ações de extensão e pesquisa, e promovendo eventos e projetos conjuntos que enriquecem a formação acadêmica e cultural. Os grupos também têm participado ativamente de conferências e mesas-redondas com outras instituições, como a "Mesa Redonda On-line Uepa e Uergs", demonstrando seu compromisso com a disseminação do conhecimento e a troca de experiências entre acadêmicos e profissionais da área.

Os projetos de extensão desenvolvidos por ambos os grupos têm reforçado seu papel social e educacional, promovendo atividades que integram música, arte e educação nas comunidades locais. Essa atuação demonstra o compromisso dos grupos em transpor as fronteiras acadêmicas e impactar diretamente a sociedade.

O ArtCIEd tem se destacado por projetos que integram diferentes linguagens artísticas e promovem a leitura e a literatura. Entre 2020 e 2021, o grupo realizou o "Programa de Educação Musical e Literária em Prol da Vida", focado em atividades musicais e literárias para bebês, crianças e famílias em escolas, centros

culturais e hospitalais. O projeto "Minutos de Poesia", iniciado em 2020 e ainda em andamento, consiste em uma série de vídeos com leituras de poesias disponibilizados online, visando ampliar o acesso à poesia e incentivar a leitura em família.

O grupo também desenvolveu várias edições do projeto "A Arte de Ler" entre 2017 e 2019, incluindo edições com temáticas diferenciadas, incluindo "Os Sentimentos Femininos pelas Mulheres" (2019), "Poesias para Crianças" (2018) e "Poesias de Mulheres" (2017). Esses projetos, realizados em parceria com a TV Cultura do Vale, da FUNDARTE, e outras instituições locais, buscaram promover a leitura e divulgar a obra de diversos poetas e escritores.

Outros projetos relevantes do ArtCIEd incluem o "Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID/Uergs" (2018), "Música e Literatura: construindo pontes para o aprendizado" (2016), e "Contribuindo com a escolarização na Educação Básica: o papel das Artes e da Leitura" (2013-2014).

O Grupem, por sua vez, tem concentrado seus esforços em projetos de educação musical, tanto na formação de professores quanto no desenvolvimento de atividades musicais em escolas e na comunidade. Entre 2020 e 2021, o grupo realizou o "Programa Educação Musical na Escola" e o "Programa Educação Musical: Diferentes Tempos e Espaços", ambos oferecendo ações pedagógico-musicais, em formato virtual, para professores, estudantes e famílias.

Em 2019, o Grupem desenvolveu projetos como "Conjunto Instrumental da Uergs: Compondo, Tocando, Ensinando e Aprendendo" e "Grupos Vocais e Formação Humana: uma Proposta de Educação Musical através do Canto Coletivo". Esses projetos visaram promover a prática musical coletiva e a formação de grupos vocais para diferentes faixas etárias na comunidade.

O projeto "Educação Musical: Brincando, Lendo e Aprendendo Música na Escola" (2018) buscou integrar ações musicais e literárias em escolas públicas municipais, enquanto "Educação Musical: perspectivas de inserção da música na vida das escolas e das

pessoas" (2018) focou na formação continuada de professores e na produção de material didático.

Ambos os grupos demonstraram uma preocupação constante em adaptar seus projetos às necessidades da comunidade e às circunstâncias atuais, como evidenciado no projeto "Cantando, Tocando e Conversando: Práticas Amorosas em Família" (2020), desenvolvido durante a pandemia de COVID-19.

Os projetos frequentemente envolvem parcerias com outras instituições, como a TV Cultura do Vale, a FUNDARTE, e diversas secretarias municipais de educação. Isso amplia o alcance e o impacto das ações, além de proporcionar uma rica troca de experiências.

Um aspecto notável é a integração entre ensino, pesquisa e extensão. Muitos projetos envolvem estudantes de graduação, especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado, contribuindo para sua formação acadêmica e profissional. Além disso, os projetos muitas vezes se baseiam em pesquisas realizadas pelos grupos, aplicando os conhecimentos gerados em benefício da comunidade.

Os projetos de extensão do ArtCIEd e do Grupem demonstram um compromisso sólido com a democratização do acesso à arte, à música e à literatura, bem como com a melhoria da educação básica através da formação continuada de professores e da introdução de práticas pedagógicas inovadoras. Esses projetos não apenas beneficiam diretamente a comunidade, mas também enriquecem a formação dos estudantes envolvidos e contribuem para o avanço do conhecimento nas áreas de educação em arte e educação musical.

A produção acadêmica e o impacto dos grupos ArtCIEd e Grupem demonstram a importância da pesquisa sistemática e da reflexão crítica para o avanço das áreas de educação em arte e educação musical. Seus trabalhos não apenas têm ampliado o conhecimento teórico nesses campos, mas também têm promovido transformações significativas nas práticas educacionais, contribuindo para uma educação mais inclusiva, criativa e culturalmente relevante nos contextos nacional e regional.

Os projetos de pesquisa e extensão da atualidade

O Grupem está conduzindo uma série de pesquisas abrangentes na área de educação musical. Estas investigações refletem uma abordagem multifacetada para compreender e melhorar o ensino de música na educação básica, com um foco particular nas políticas educacionais e na implementação de diretrizes curriculares.

O projeto "Ensino de Música na Educação Básica do Rio Grande do Sul: uma investigação a partir dos documentos exarados pelos conselhos municipais de educação", iniciado em 2024, representa um esforço significativo para mapear e analisar as políticas locais de educação musical. Esta pesquisa é crucial para entender como as diretrizes nacionais são interpretadas e adaptadas em nível municipal, revelando possíveis discrepâncias ou inovações na implementação do ensino musical. Ao examinar os documentos dos conselhos municipais, o estudo pode identificar boas práticas, desafios comuns e áreas que necessitam de maior atenção ou recursos.

Complementando esta abordagem, o projeto "O Ensino de Música nas Escolas do Litoral do Rio Grande do Sul" foca em uma região específica do estado, permitindo uma análise mais detalhada e contextualizada. Esta pesquisa é particularmente valiosa por considerar as características da região litorânea, que podem influenciar a implementação e a eficácia dos programas de educação musical. Ao examinar as competências e habilidades específicas da música nos documentos orientadores, o estudo pode revelar como as particularidades culturais e sociais da região são refletidas no currículo musical.

O projeto de maior amplitude, "A Operacionalização do Ensino de Música na Educação Básica: uma pesquisa a partir das competências dos Conselhos de Educação", iniciado em 2022, oferece uma visão mais abrangente da situação em todo o estado. Esta investigação é fundamental para compreender a dinâmica entre as políticas estaduais e municipais, bem como a eficácia da

implementação da legislação nacional em diferentes níveis administrativos. Ao analisar as normativas dos conselhos de educação, o estudo pode identificar padrões, inconsistências e áreas de sucesso na operacionalização do ensino de música.

O projeto colaborativo "Educação e Cultura: investigações e ações nas escolas do Rio Grande do Sul", realizado em parceria com o grupo ArtCIEd, adota uma perspectiva interdisciplinar única. Ao investigar as inter-relações entre música, folclore e projetos de leitura, esta pesquisa reconhece a importância de uma abordagem diversificada para a educação cultural. Este projeto pode fornecer compreensões importantes sobre como diferentes formas de expressão cultural se complementam e se reforçam mutuamente no ambiente escolar.

Coletivamente, estas pesquisas têm o potencial de transformar o panorama da educação musical no Rio Grande do Sul. Ao abordar questões de política, currículo e prática em vários níveis - do municipal ao estadual, e em regiões específicas - o Grupem está construindo um corpo de conhecimento abrangente e nuancado. Este conhecimento pode informar futuras políticas educacionais, melhorar a formação de professores, e enriquecer as práticas pedagógicas em música.

Além disso, a diversidade metodológica empregada nestas pesquisas - incluindo análise documental, abordagens qualitativas e estudos de caso regionais - oferece uma visão multidimensional do estado atual da educação musical. Esta abordagem abrangente não apenas identifica desafios e oportunidades, mas também fornece uma base sólida para o desenvolvimento de soluções práticas e políticas eficazes.

O impacto potencial dessas pesquisas se estende além do âmbito acadêmico. Os resultados podem ser instrumentais na criação de programas de desenvolvimento profissional para educadores musicais, na elaboração de currículos mais eficazes e culturalmente relevantes, e na promoção de uma maior integração da música no currículo escolar geral. Ademais, ao destacar a importância da

educação musical no contexto mais amplo do desenvolvimento cultural e educacional, estas pesquisas podem contribuir para um maior reconhecimento e apoio à música nas escolas.

Os projetos de pesquisa em andamento do Grupem representam um esforço coordenado e abrangente para avançar o campo da educação musical no Rio Grande do Sul. A partir de uma abordagem criteriosa e diferenciada, estas pesquisas não apenas documentam o estado atual do ensino de música, mas também pavimentam o caminho para inovações significativas e melhorias sustentáveis na educação musical em todo o estado.

Do mesmo modo, ambos os grupos continuam com uma forte atuação na extensão, tendo projetos em andamento, que refletem seu compromisso contínuo com a promoção da arte, literatura e educação musical na comunidade.

O ArtCIEd está conduzindo o projeto "A Arte de Ler", iniciado em 2022, que se destaca por sua abordagem abrangente para promover a apreciação literária, musical e cultural. Este projeto é composto por várias iniciativas interligadas, cada uma visando um aspecto específico da promoção da leitura e das artes. Os "Minutos de Poesia" oferecem vídeos curtos que incentivam o gosto pela poesia de diversos autores, enquanto os "Saraus A Arte de Ler" apresentam eventos virtuais que combinam apresentações musicais, artísticas e leituras literárias. O componente "Poesias para Bebês e Famílias" é particularmente inovador, focando na introdução precoce da literatura para os mais jovens através de leituras e atividades lúdico-criativas adaptadas. Os "Saraus Autorais" proporcionam uma plataforma para estudantes da Uergs e membros da comunidade compartilharem suas criações literárias e musicais.

Este projeto do ArtCIEd é interessante por sua adaptação ao contexto atual, utilizando plataformas digitais para alcançar seu público durante o período de isolamento social causado pela pandemia de COVID-19. A abordagem virtual não apenas mantém a continuidade das atividades culturais, mas também expande seu

alcance potencial, permitindo que um público mais amplo acesse conteúdo cultural de qualidade.

Por sua vez, o Grupem está conduzindo o programa "Educação Musical", também iniciado em 2022, que adota uma abordagem abrangente e inovadora para a educação musical. Este programa se baseia no conceito de MOOCs (Cursos On-line Abertos e Massivos), oferecendo uma variedade de projetos, cursos e ações pedagógico-musicais em formato virtual. O programa é notável por sua flexibilidade, oferecendo atividades síncronas e assíncronas, e por seu público-alvo diversificado, que inclui professores de várias áreas, estudantes e o público em geral interessado em educação musical.

O programa do Grupem é composto por vários projetos distintos, cada um focando em um aspecto específico da educação musical. O projeto de apreciação musical oferece apresentações gravadas em vídeo, promovendo a escuta ativa e o entendimento musical. As "Vivências Musicais e Literárias para Bebês e Famílias" expandem o alcance do programa para incluir os mais jovens e suas famílias, reconhecendo a importância da exposição precoce à música e à literatura. O curso de história da música e o projeto de educação musical e transversalidades abordam aspectos teóricos e práticos da música, conectando-a com outras áreas do conhecimento.

Um aspecto particularmente interessante do programa do Grupem é sua capilaridade internacional. A colaboração com instituições no México e Espanha e, eventualmente, com outros países latino-americanos para a realização de um evento internacional demonstra o compromisso do grupo em promover o intercâmbio de experiências e propostas pedagógicas em educação musical além das fronteiras nacionais.

Ambos os projetos demonstram uma adaptação criativa às circunstâncias atuais, utilizando tecnologias digitais para manter e expandir suas atividades educacionais e culturais. Eles refletem uma compreensão profunda da importância contínua da arte, literatura e música na vida das pessoas, especialmente em tempos de isolamento social. Além disso, esses projetos ilustram o potencial

das plataformas digitais para democratizar o acesso à educação cultural e artística.

A abordagem interdisciplinar presente em ambos os projetos, integrando música, literatura e outras formas de expressão artística, reflete uma compreensão sistêmica da educação cultural. Isso não apenas enriquece a experiência dos participantes, mas também promove uma apreciação mais ampla das interconexões entre diferentes formas de arte e expressão cultural.

Os projetos de extensão em andamento do ArtCIED e do Grupem representam esforços significativos e inovadores para manter e expandir a educação artística e musical em um contexto desafiador. Eles demonstram a capacidade dessas instituições de se adaptarem às circunstâncias em mudança, ao mesmo tempo em que mantêm seu compromisso fundamental com a promoção da arte, literatura e música na comunidade. Esses projetos não apenas servem às necessidades imediatas de seus participantes, mas também estabelecem modelos potenciais para futuras iniciativas de educação cultural e artística em um mundo cada vez mais digitalizado.

Grupos de Pesquisa e Extensão ArtCIED e Grupem: algumas reflexões

Os grupos de pesquisa e extensão ArtCIED e Grupem, vinculados à Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), têm demonstrado uma contribuição significativa para os campos da educação em arte e educação musical, respectivamente. Por meio de uma análise acadêmica de suas atividades e produções, é possível identificar o impacto que esses grupos têm gerado tanto no âmbito acadêmico quanto na prática educacional.

O ArtCIED, fundado em 2002, tem se destacado por sua abordagem interdisciplinar, integrando artes visuais, dança, música, teatro e educação. Essa abordagem alinha-se com as teorias contemporâneas de educação artística integrada, como proposto por

Eisner (2002), que argumenta pela importância de uma educação artística abrangente e interconectada. As três linhas de pesquisa do grupo - "Artes e linguagens em processos de ensino e aprendizagem", "Educação e Interdisciplinaridade", e "Literatura e ações de leitura" - refletem uma compreensão holística da educação artística, consonante com as ideias de Gardner (1990) sobre inteligências múltiplas e sua aplicação na educação.

O Grupem, por sua vez, fundado em 2010, tem focado suas pesquisas na educação musical, com ênfase particular nas políticas públicas e na implementação do ensino de música nas escolas. Este foco é especialmente relevante no contexto da Lei nº 11.769/2008 (Brasil, 2008), que tornou obrigatório o ensino de música na educação básica, sendo regulamentada pela Resolução CNE/CEB nº 2/2016 (Brasil, 2016). As pesquisas do grupo sobre a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e suas implicações para o ensino de música são particularmente importantes, alinhando-se com as discussões contemporâneas sobre currículo e política educacional (Apple, 2016).

A produção acadêmica de ambos os grupos tem crescido, com 55 projetos de pesquisa e 27 projetos de extensão desenvolvidos entre 2002 e 2024. Esta produção não apenas contribui para o corpo de conhecimento em suas respectivas áreas, mas também demonstra um compromisso com a aplicação prática desse conhecimento, como evidenciado pelos projetos de extensão. Tal abordagem reflete o conceito de "conhecimento em ação" de Schön (1983), que enfatiza a importância da reflexão na prática profissional e a integração entre teoria e ação na educação.

Os projetos de extensão, como o "Programa de Educação Musical e Literária em Prol da Vida" e o "A Arte de Ler", demonstram uma preocupação com a democratização do acesso à arte e à cultura, alinhando-se com as teorias de Bourdieu (1996) sobre capital cultural e reprodução social. Estes projetos, ao levarem arte e literatura para diversos espaços, incluindo hospitais e plataformas digitais, contribuem para a ampliação do acesso

cultural, um aspecto crucial na redução das desigualdades educacionais.

A adaptação dos grupos às circunstâncias da pandemia de COVID-19, com a criação de projetos on-line como "Minutos de Poesia" e o uso de MOOCs para educação musical, demonstra uma flexibilidade e inovação pedagógica alinhadas com as teorias de aprendizagem do século XXI, como discutido por Siemens (2004) em sua teoria do conectivismo.

O impacto desses grupos se estende além da academia, influenciando políticas públicas e práticas educacionais. As pesquisas sobre a implementação do ensino de música nas escolas e a análise de documentos curriculares contribuem diretamente para a formulação e avaliação de políticas educacionais, um aspecto relevante destacado por Ball (1994) na Abordagem do Ciclo de Políticas.

O trabalho acadêmico e o impacto dos Grupos de Pesquisa ArtCIEd e Grupem demonstram uma contribuição significativa para os campos da educação em arte e educação musical. Por meio de uma abordagem que integra pesquisa, ensino e extensão, esses grupos não apenas avançam o conhecimento teórico em suas áreas, mas também promovem mudanças práticas na educação artística e musical. O trabalho reflete uma compreensão profunda das teorias educacionais contemporâneas e uma capacidade de aplicá-las de maneira inovadora e relevante para o contexto educacional brasileiro.

Considerações Finais

A análise das contribuições dos grupos de pesquisa e extensão ArtCIEd e Grupem revela um panorama significativo de avanços na intersecção entre arte, educação e música no contexto brasileiro, particularmente no Rio Grande do Sul. Estes grupos têm procurado integrar teoria e prática, pesquisa e extensão, respondendo de forma dinâmica às demandas educacionais contemporâneas.

A abordagem interdisciplinar do ArtCIEd, que integra diversas formas de expressão artística com processos educacionais,

representa uma proposta que se propõe inovadora aos desafios da educação artística no século XXI. Entende-se que esta abordagem enriquece o campo da educação em arte e possibilita a construção de currículos mais integrados e diversificados nas escolas.

Por sua vez, o Grupem tem desempenhado um papel interessante na consolidação da educação musical como campo de estudo e prática no Brasil. Suas pesquisas sobre políticas públicas e implementação curricular têm fornecido reflexões que se propõem inovadoras para educadores e formuladores de políticas, contribuindo para a efetiva integração da música na educação básica, em consonância com as diretrizes legislativas recentes.

A produção acadêmica destes grupos, materializada em numerosos projetos de pesquisa e extensão, publicações e eventos, demonstra um compromisso com a excelência acadêmica e a relevância social. A capacidade de adaptar-se rapidamente a novos contextos, como evidenciado pela transição para plataformas digitais durante a pandemia de COVID-19, ilustra a resiliência e a inovação inerentes a estes grupos.

Um aspecto particularmente que se pode analisar é a ênfase dada à democratização do acesso à arte e à cultura. Projetos como "A Arte de Ler" e "Educação Musical" não apenas disseminam conhecimento, mas também promovem a inclusão cultural, alinhando-se com teorias contemporâneas sobre capital cultural e justiça social na educação.

As parcerias internacionais desenvolvidas abrem perspectivas para um diálogo global sobre educação musical, enriquecendo o campo com diversas perspectivas culturais e metodológicas. Esta internacionalização da pesquisa é um passo importante para posicionar a produção acadêmica brasileira no cenário global da educação artística e musical.

Olhando para o futuro, os projetos em andamento destes grupos sugerem um contínuo compromisso com a inovação e a relevância social. A investigação sobre a implementação de políticas educacionais em nível municipal e regional promete fornecer dados

valiosos para a melhoria das práticas de ensino de música e arte em todo o estado.

Por fim, pretende-se que o trabalho do ArtCIEd e do Grupem possa contribuir para o avanço do ensino da arte e da educação musical no Brasil. Entende-se que esse esforço potencializa o corpo teórico da área. A contínua evolução destes grupos de pesquisa promete desempenhar um papel vital na formação do futuro da educação artística e musical, promovendo uma educação mais inclusiva, criativa e culturalmente rica.

Referências

APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

BALL, Stephen J. **Education reform: a critical and post-structural approach**. Buckingham: Open University Press, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRASIL. **Lei nº 11.769 de 18 de agosto de 2008**. Altera a Lei n. 9394/96, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica. Diário Oficial da União. Seção 1. Brasília: Imprensa Nacional, 2008.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB n.º 2, de 10 de maio de 2016**. Sobre Diretrizes Nacionais para a operacionalização do ensino de Música na Educação Básica. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica, 2016.

EISNER, Elliott W. **The arts and the creation of mind**. New Haven: Yale University Press, 2002.

GARDNER, H. **Art education and human development**. Los Angeles: Getty Center for Education in the Arts, 1990.

SCHAEFFER, P. S.; WOLFFENBÜTTEL, Cristina R. **Educação musical: uma proposta de inserção do ensino da música no projeto político-pedagógico**. 1ª. ed. Ponta Grossa/PR: Atena, 2024.

SCHÖN, D. A. **The reflective practitioner**: How professionals think in action. London/New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2017.

SIEMENS, G. Connectivism: A learning theory for the digital age. **International Journal of Instructional Technology and Distance Learning**, v. 2, n. 1, p. 3-10, 2004.

WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim et al. Educação musical: diferentes tempos, espaços e abordagens. Curitiba: CRV, 2019.

WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim. **Educação, música, folclore, leitura e interdisciplinaridade**: Pesquisas e trabalhos na escola. 1ª. ed. Curitiba: CRV, 2024.

WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim. **Folclore e música folclórica**: o que os alunos vivenciam e pensam. 1ª. ed. Curitiba: Appris, 2019.

WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim; FELICIO, Graziela da Rosa Silva. **Sons da infância**: propostas de atividades musicais para a educação infantil. 1ª. ed. Ponta Grossa/PR: Atena, 2024.

WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim; PACHECO, Eduardo G. (Org.). **Artes em contextos educacionais**: produtos técnicos e tecnológicos. Itapiranga/SC: Schreiben, 2024.

Grupo de Pesquisa Arte e Formação: uma década de pesquisas

Giovana Bianca Darolt Hillesheim
Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva

O grupo de pesquisa Arte e Formação nos Processos Políticos Contemporâneos, CNPq/UDESC foi criado em 2011. Atuamos no campo da pesquisa em arte construindo uma interface com a formação estética e política de professores. A partir do Laboratório Interdisciplinar de Formação de Professores (LIFE) tem construído processos de pesquisa que vinculam o campo da arte e da formação docente investigando os processos políticos e seus grandes temas como as tecnologias, a educação especial e as políticas públicas. Uma das linhas de pesquisa do grupo caracteriza-se por investigar os processos artísticos contemporâneos vinculados à práxis pedagógica. O grupo busca também constituir uma interface com ensino e extensão, além da pesquisa. Possui uma articulação intensa com os fundamentos na Pedagogia Histórico-Crítica. O grupo é vinculado ao Programa de Pós-graduação de Artes Visuais (PPGAV), ao Programa Profissional em Artes (PROFARTES) e ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e envolve pesquisadores da UDESC e de outras universidades brasileiras e internacionais.

Uma trajetória

Desde seu nascimento o grupo comporta o projeto de pesquisa em rede Observatório da Formação no âmbito do Ensino de Arte que reúne 10 universidades, 2 institutos federais e 2 universidades na Argentina.

O grupo contém 3 linhas de pesquisa: Formação de recursos humanos em Arte, que se dedica aos estudos vinculados à formação inicial e continuada de professores. A segunda linha Processos Artísticos no Contexto Contemporâneo, se dedica aos estudos que tomam a arte como elemento central na formação estética dos professores de arte e finalmente a terceira linha que se dedica a investigar a Produção de Materiais Educativos e Tecnológicos.

Participamos de diferentes redes de pesquisa no âmbito da arte e da Educação, sendo elas a Anped (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), a Anpap (Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas), a FAEB, (Federação de Arte Educadores do Brasil). No âmbito de Santa Catarina possuímos um forte laço com o compromisso de fortalecimento da AAESC (Associação de Arte-Educadores do Estado de Santa Catarina). No âmbito internacional possuímos vínculo com a Rede Visível, constituída em Portugal com o objetivo de fomentar a pesquisa sobre arte e seu ensino¹ que em 2025 realizará seu próximo encontro na cidade de Florianópolis, SC. E a rede LAIFOPA, (Rede Latino-americana de Investigadores sobre o tema da Formação de Professores de Arte), constituída no Chile em 2015 com o objetivo de reunir pesquisadores da América Latina que pesquisam a formação de professores de Arte.

Na atualidade, o grupo tem dois principais projetos de pesquisa , sendo um deles o “Observatório da formação de professores no âmbito do ensino de arte: estudos comparados entre Brasil e Argentina” – (OFPEA/BRARG), com financiamento da Fundação de Amparo á Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC).

O projeto Observatório tem como objetivo investigar o estado da arte da formação de professores no âmbito do ensino de arte. Como escopo inicial, comparamos na primeira fase os cursos de graduação em artes entre Brasil e Argentina. Tendo em foco como se configura o tema das inovações no processo de formação de

¹ <https://congressomateria.belasartes.ulisboa.pt/rede.htm>

professores, nossa intenção é construir uma rede de pesquisas articuladas pelo Observatório. Para tal fim, a pesquisa investiga a formação de professores no âmbito da graduação em suas relações com o fortalecimento da pós-graduação. Em uma primeira etapa, o estudo analisou de que maneira temas como tecnologia, gênero, inclusão, educação especial, ecologia e multiculturalismo aparecem nesses contextos de formação de professores de artes visuais. Além das análises das matrizes curriculares, sistematizamos as pesquisas realizadas a partir de 2000 sobre o tema das relações entre o ensino de arte e a formação de professores que ensinam arte no Brasil. Na segunda etapa o estudo se propõe a investigar como se desenvolve o trabalho do egresso das licenciaturas em Artes Visuais. Pretende-se igualmente produzir material bibliográfico que subsidie a formação do pesquisador na graduação e pós-graduação, bem como ampliar e fortalecer a formação de recursos humanos nos programas de pesquisa na área no Brasil. Da mesma forma, esperamos contribuir no fortalecimento de parcerias institucionais, intercâmbios e missões de trabalho com a Argentina e outros países da América Latina.

Na sua terceira fase, o projeto em rede realizou um questionário com cerca de 800 professores de arte residentes nas 5 regiões do Brasil. Esse questionário com 35 questões buscou abordar as questões relativas às condições de trabalho dos professores de arte. Dada à amplitude das questões, também foi possível coletar dados acerca da prática pedagógica e o estado da atuação na perspectiva polivalente. Sobre esse estudo publicamos um número especial da revista *Palíndromo*, (Fonseca da Silva e Fernandes, 2022) e um livro fruto do 4º encontro do Observatório em que a análise e resultado dos dados foram sistematizados. (Fonseca da Silva e Godim, 2023).

Como desdobramento do projeto Observatório, temos um segundo projeto de pesquisa intitulado “Espaços expositivos de arte contemporânea, diálogos com ambientes virtuais de formação”, com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). O projeto surge com as inquietações acerca do

ensino remoto na pandemia, algumas das questões expressas no artigo de Fonseca da Silva, Oliveira e Perini (2021) que colheram dados acerca do Ensino de Arte na Pandemia. Em 2021 o projeto recebeu financiamento do Edital Universal do Cnpq.

Como escopo de pesquisa do projeto Espaços Expositivos, pretendemos investigar as potencialidades de formação de professores de artes no âmbito das tecnologias e otimizar esta relação com plataformas de aprendizagem e dispositivos para a mediação do ensino de arte criados por artistas e espaços expositivos de arte contemporânea, tornando-as mais eficientes e evidenciando a contribuição das artes para o panorama inovador do trabalho no mundo contemporâneo. Trazemos como pergunta a questão central: Como potencializar o uso das produções artísticas tecnológicas e ou veiculadas a partir das tecnologias para uma melhor aprendizagem dos estudantes? A partir de 2024 o projeto conquista um aporte do edital n. 14/2023 do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e torna-se um projeto internacional entre Argentina, Brasil e Portugal.

Ao longo do projeto realizamos vários levantamentos acerca da produção de artistas e museus que produziram materiais ao longo da pandemia do Covid-19. Também levantamos ampla bibliografia sobre o tema, estas foram divididas em categorias para melhor estudo. Sobre o detalhamento desta coleta de dados ver Polidoro e Silva (2023).

Outra etapa do projeto se propôs a fazer um novo levantamento de dados com os professores de arte, nesta coleta no formato de questionários *on line* pelo *google form*, atingimos 334 professores de artes e buscamos identificar a interação com museus e espaços culturais, virtuais e ou presenciais, assim como os diálogos com a arte contemporânea. Esses dados estão sendo sistematizados, pois a coleta se estendeu por todo o ano de 2024. A última questão do projeto perguntava aos envolvidos se havia interesse em cursar uma formação online sobre o tema da arte contemporânea, a grande maioria demonstrou interesse. Extrapolamos o número de participantes dos questionários. Tivemos mais de 400 interessados

na formação online, por meio da plataforma <https://www.moodle.udesc.br/> A proposta foi organizada em 3 módulos: 1) O que é arte contemporânea? 2) Os temas da arte contemporânea, 3) A arte contemporânea na escola. Cada módulo contou com 4 encontros síncronos de 2h com um professor responsável, cada módulo tinha um *videocast* produzido para o módulo e tarefas como fóruns e materiais de leitura. Ao final de cada módulo havia um trabalho final a ser entregue.

Dos 400 inscritos, 196 concluíram o curso. Muitos não conseguiram acessar devido às barreiras tecnológicas ou por dificuldades para entrar na plataforma *moodle*. Dos que conseguiram, uma parte não deu conta de realizar as tarefas demonstrando claramente as extenuantes rotinas dos professores de arte. Até o momento 196 concluíram, mas demos um prazo até fevereiro para o término das atividades buscando ampliar o número de concluintes.

Cada concluinte receberá em sua casa um material didático pensado pelo grupo para ativar o planejamento no campo do ensino da arte, além de materiais complementares como imagens e mapas para auxiliar no processo pedagógico. Nosso prazo de conclusão é abril e temos uma relevante quantidade de dados para analisar. Até o momento estamos satisfeitos com as descobertas sobre o grupo, seus interesses e as possibilidades de qualificação do ensino de arte no contexto capitalista em que vivemos.

No próximo tópico nos propomos a desenvolver um pouco mais a proposta pedagógica e as concepções teóricas do grupo. Finalizaremos apresentando também as pesquisas que se desdobram do projeto Observatório, orientadas por professores atuantes no Grupo de Pesquisa.

PHC: proposta pedagógica e sua concepção

Nossas concepções se pautam na perspectiva do materialismo histórico-dialético, método de investigação da realidade pensado

por Marx (2011) para analisar a sociedade capitalista, uma sociedade de classes, desigual que vem década a década expropriando os trabalhadores, a natureza e as relações humanas. Partindo da observação que todas as desigualdades são produtos da sociedade capitalista para gerar lucro para um seletivo grupo, constata-se uma aliança entre os intelectuais conservadores, as mídias, os conglomerados econômicos, um conjunto de instituições e um conjunto de políticos que validam esse sistema.

Passados muito mais de 100 anos, a atualidade do método se dá porque Marx já apontava fenômenos muito além de seu tempo, alguns deles possíveis de serem visualizados na atualidade. A crítica à teoria marxista foi necessária para que o modelo neoliberal tivesse vigor e se tornasse o pensamento dominante. Junto com ela foram enfraquecidas as organizações trabalhistas, as instituições que atuam no âmbito mais crítico e até mesmo o pensamento crítico dentro das universidades. Outro aspecto diz respeito à pastichização da crítica, muitas vezes banais e esvaziadas de conteúdo, retaliações a uma teoria sem nunca ter lido uma folha sequer da extensa e múltipla produção marxista.

Como atuamos no âmbito da educação e da arte, vimos ao longo dos anos nos pautando na Pedagogia Histórico-Crítica (PHC) por considerar que dentre as pedagogias existentes é a que nos possibilita esse diálogo com o método histórico-dialético. Também, vimos ao longo dos anos fazendo um esforço para pensar o ensino de arte nessa perspectiva, buscando uma escola que contribua para uma formação humana em que a arte pode ter um papel fundamental, como produção social, crítica, que supera a realidade reinventando-a, transfigurando a realidade como nos aponta Vazquez (2010).

Ao analisar os fundamentos da PHC nos deparamos com as contribuições de seu proponente, o pesquisador, educador e filósofo Dermeval Saviani, professor emérito da UNICAMP que em seu livro *A Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações* (2012), destaca as três tarefas da escola na perspectiva da PHC. A primeira

delas é sistematizar os conhecimentos mais relevantes da produção da humanidade, aqueles saberes sem os quais as crianças e jovens não poderão se libertar do jugo capitalista.

O segundo diz respeito a tornar esses conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos conhecimentos escolares capazes de dialeticamente tornar os estudantes mais humanizados. Porque nascemos animais e vamos ao longo da vida nos tornando mais humanos na medida em que temos acesso aos conhecimentos produzidos historicamente pela humanidade.

Já a terceira e última tarefa seria encontrar as formas mais adequadas para que os estudantes tenham acesso ao saber, de uma maneira crítica e emancipatória. Há que se ressaltar que as condições de trabalho são um elemento muitas vezes impeditivo de uma prática pedagógica transformadora.

Inspirados nesses desafios e com ampla experiência na formação de professores na licenciatura em artes visuais, na formação continuada de professores, na lida com a construção de propostas pedagógicas, perguntamo-nos: De onde emergem? Quais os objetivos? Por que esses e não outros? Foi a partir desses questionamentos que o grupo se propôs a pensar nos conteúdos mais adequados para ensinar. Identificamos que o mais relevante seriam as problemáticas que rompem com o que está instalado e começamos um exercício de pensar esses momentos da história humana.

Nesse movimento chegamos ao gráfico das rupturas figura 1. Mas considerando a perspectiva teórica adotada, não bastava listar, era preciso evidenciar algumas categorias de análise como a historicidade e a totalidade.

Vale ressaltar que quando abordamos a historicidade não estamos abordando a cronologia. E quando destacamos a totalidade não estamos interpretando-a como uma universalidade.

Para Cury, (p.35, 1979) “A totalidade não é um todo já feito, determinado e determinante por partes, não é uma harmonia simples pois não existe uma totalidade acabada, mas um processo

de totalização a partir das relações de produção e de suas contradições”. O autor destaca ainda o necessário debate acerca das partes e do todo, bem como da essência e do fenômeno, considerando este último como a aparência e a essência como as condições de produção do fenômeno.

Já a historicidade diz respeito ao movimento de ação e contradição que movimenta a humanidade. Em *A ideologia alemã*, Marx e Engels apontam que a primeira premissa para fazer história, é estar vivo e em condições objetivas de interferir na natureza, transformando-a e ao mesmo tempo sendo transformado por ela. “O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios para a satisfação destas necessidades, a produção da própria vida material (...)” (Marx e Engels, 1984,p. 31).

Esse ato histórico de prover a vida repete-se até os dias de hoje. Sem as condições básicas de existência é difícil conseguir que as pessoas acessem a filosofia, as artes e os conhecimentos científicos. Por isso, compreender o movimento histórico da humanidade é fundamental para compreender a desenvoltura da arte nas diferentes culturas. É preciso chegar nas condições de produção da arte em seus vários momentos, compreendendo as contradições postas para desenvolver um currículo escolar. Santos e Turim (2022) destacam que muitos conteúdos não entram no currículo escolar também por força dos interesses, das ideologias, da sociedade capitalista.

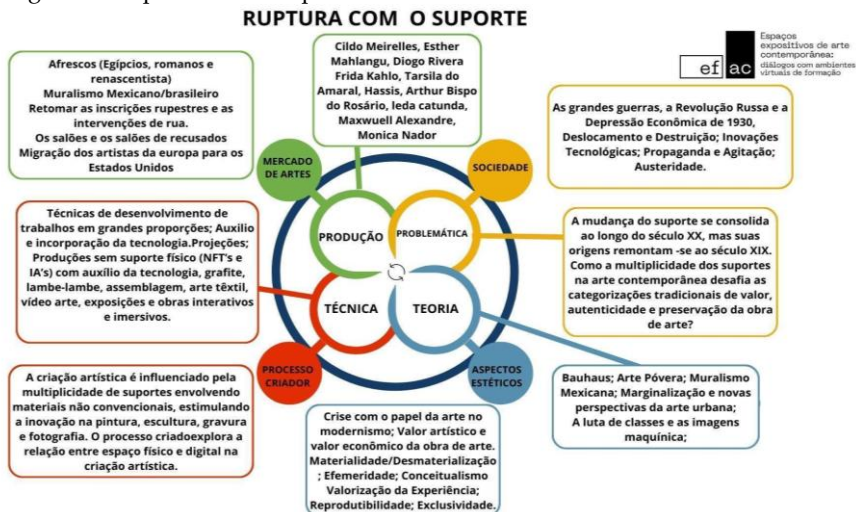
Imagem I - Rupturas, 2024



Tomamos como objetivo para o ensino fundamental democratizar o acesso a produção de conhecimentos da humanidade, de forma problematizadora e sistemática, considerando suas condições de produção, veiculação e consumo e possibilitando situações que ampliem a formação do estudante do ponto de vista do processo criador, do sentido estético, do desenvolvimento simbólico, na especificidade do conhecimento artístico e da percepção de suas contradições na sociedade capitalista.

Produzido então o círculo das rupturas, foi necessário desdobrar e sugerir outros conhecimentos para o professor desenvolver em sala, buscando de alguma forma facilitar o trabalho desenvolvido. Neste sentido foram construídas 8 pranchas auxiliares, uma para cada ruptura, apresentadas da imagem 1, além de materiais auxiliares, como uma linha do tempo e uma mapa para localizar a arte brasileira.

Imagem 2 - Ruptura com o suporte - 2024



A caixa de materiais também acompanha cartas com definições de verbetes a serem utilizados, ora pelo professor para estudar e planejar, ora pelos alunos com atividades de ampliação do repertório.

A próxima fase do projeto é acompanhar a utilização do material em sala de aula. Cada caixa acompanha 32 imagens tamanho A3 para o professor utilizar.

As orientações do grupo de pesquisa

O objetivo deste tópico é mostrar alguns estudos que dialogam com os projetos de pesquisa elencados no tópico 1, certamente o tamanho do artigo não nos permitirá trazer todos os trabalhos orientados no grupo de pesquisa.²

Destacamos no primeiro grupo a tese de Giovana Bianca Darolt Hillesheim, intitulada o “Mercado de arte e sua interface com o

² Orientam no grupo de pesquisas as professoras doutoras: Giovana Bianca Darolt Hillesheim, Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva, Maristela Muller e Valéria Alvarenga Metroski.

trabalho docente: estratégias do capitalismo cultural" concluída em 2018 junto ao PPGAV - UDESC. O estudo buscou analisar como as referências do mercado chegam na sala de aula do professor de artes.

Já a tese de Claudia Carnevskis, intitulada de "Formação de professores de artes visuais nas universidades públicas da Região Norte do Brasil: cultura e arte no currículo das licenciaturas", concluída em 2018 no PPGAV-UDESC obteve bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas. A tese investigou as matrizes curriculares das licenciaturas em artes visuais da Região Norte evidenciando os temas da cultura e arte nos currículos. A análise percebeu que não fica evidente nos currículos as matrizes culturais da região e que as matrizes muitas vezes evidenciam o modelo de formação da Região Sul.

A tese de Janine Alessandra Perini, intitulada de "Arte e cultura africana, afro-brasileira e indígena nas licenciaturas em artes visuais do Maranhão", defendida em 2020, no PPGAV - UDESC, também se dedicou ao tema da análise curricular, evidenciando a existência de conteúdos na perspectiva da lei 11.645/2008.

O estudo de Valéria Metroski de Alvarenga, intitulado de "A formação dos professores formadores nos cursos de graduação em artes visuais: análise comparada entre Brasil e Argentina" foi defendido no ano de 2020. A tese é o primeiro estudo internacional do grupo de pesquisa que busca analisar e comparar a formação dos formadores nos dois países.

Já o estudo de Maristela Muller, intitulado de "Análise das teses e dissertações dos PPG em artes visuais do Sul do Brasil: debate sobre a formação de professores(As)" foi defendido como tese no PPGAV da UDESC no ano de 2021. A tese analisou os estudos dos programas em artes visuais, mapeando como esses estudos evidenciaram a formação. Um dos resultados foi a lacuna existente, mesmo nas linhas de ensino de artes visuais, que são poucas.

A tese de Vinícius Luge Oliveira, cujo título é "Superexploração e polivalência nas condições de ensino dos egressos do curso de artes visuais da UFRR", foi defendida no PPGAV-UDESC no ano de

2022. O estudo analisa a partir das contribuições do autor Gyorgy Lukács a superexploração dos egressos, professores de artes, da UFRR. Ressalta-se que a Região Norte apresenta uma escassez de concursos e de profissionais habilitados.

Já no projeto Espaços Expositivos temos especialmente dois estudos em desenvolvimento no doutorado. O primeiro de Micheline Raquel de Barros, cujo trabalho é “O Ensino de Arte Contemporânea e o uso das tecnologias: indagações acerca da formação de professores”, previsto para a defesa em 2026 no PPGE-UDESC. A tese se dedica a investigar a prática pedagógica na relação escola museu nos centros culturais Pinacoteca do Estado de São Paulo e o Centro del Carmen de Cultura Contemporânea.

Também em andamento pelo PPGAV-UDESC a tese de doutorado de Janaina Enck, intitulada “Lina Bo Bardi e Exposições Didáticas na primeira década do MASP: Contribuições Histórico-Críticas para o ensino de artes”. O estudo busca analisar as contribuições das exposições didáticas de Lina Bo Bardi para a prática pedagógica dos professores de artes visuais.

Além das pesquisas desenvolvidas nos programas de mestrado acadêmico, teses e dissertações, há também as orientações realizadas no programa de Mestrado Profissional de Artes, PROF-ARTES/Udesc. Pela natureza do programa dedicado às inserções diretas na escola, estas pesquisas dão ao grupo a oportunidade de materializar propostas pedagógicas em artes fundamentadas na PHC. Entre elas, a título de exemplo, citamos algumas das investigações, como a de Margarete Gasparin, orientada por Maristela Muller e com previsão de defesa em 2025. A pesquisa se volta ao estudo dos espaços expositivos na cidade catarinense de São Miguel do Oeste, enquanto narra e reflete sobre a criação de um coletivo de arte com nove mulheres/professoras/artistas na mesma cidade, cujo intuito é contribuir com uma formação emancipatória no Oeste Catarinense.

Outra pesquisa realizada no PROFARTES e defendida em 2023, esteve voltada para a formação docente e o ensino de artes visuais na

perspectiva da arte indígena contemporânea. Sua autora, Mariluci Ramos de Quadros Brasil, sob orientação de Valéria Metroski de Alvarenga, tratou da particularidade do ensino de arte ofertado na Terra Indígena Mangueirinha, no Paraná, apontando os gargalos na formação continuada de professores e evidenciando como a PHC poderia contribuir no processo formativo dos professores.

Ainda no contexto diverso das pesquisas, citamos o estudo a ser finalizado em 2025 por Selma Cristina da Silva Bueno e Oliveira, orientado por Giovana Bianca Darolt Hillesheim. Trata-se do inventário e análise da participação dos conteúdos de arte nas provas realizadas até hoje no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). À luz da perspectiva histórico-dialética, Selma identifica tendências curriculares, quantifica a frequência de determinados conteúdos reincidentes, evidencia os discursos e as abordagens educacionais envolvidas neste processo.

Estes são somente três exemplos, dentre tantos outros estudos inovadores desenvolvidos por integrantes do grupo de pesquisa, todos alicerçados na perspectiva do materialismo histórico-dialético e desenvolvidos no âmbito do PROF-ARTES.

Considerações Finais:

Enquanto grupo, nos parece fundamental não perder de vista que a arte, seus avanços e contradições não se explicam por si só, uma vez que todo processo artístico se relaciona com a estrutura social que compõe a realidade. Sendo assim, por acreditar que o ensino da arte pressupõe uma intencionalidade pedagógica que auxilie na compreensão da realidade, e sendo esta passível de transformação, reafirmamos nossa filiação teórico-educacional à Pedagogia Histórico-Crítica.

À medida que propomos uma intervenção pedagógica em que os conteúdos estejam alicerçados no conceito de ruptura, entendemos que avanços, retrocessos e contradições não se explicam isoladamente. A arte não está apartada do mundo real, artistas não

são entes desconectados da estrutura social. Professores, pesquisadores e artistas não são nem agentes isolados, nem agentes harmoniosamente justapostos ao sistema. Há muita luta, cedência e disputa imbricadas neste processo.

É exatamente nesse imbricamento social, enxergando cada sujeito como agente histórico, que este grupo de pesquisa está alicerçado. O projeto *Observatório* é um compromisso com o mapeamento da realidade sob muitos aspectos, uma vez que nos parece pouco salutar tentar colaborar efetivamente com o campo da formação docente sem buscar conhecer as diferentes nuances da realidade. Das oito teses mencionadas acima, seis delas têm foco nesta busca. Por sua vez, o projeto calcado nos *Espaços expositivos* apresenta-se como desdobramento das respostas que temos encontrado no mapeamento desta realidade, sendo duas das teses em andamento voltadas para esta particularidade.

Destacamos que a construção da agenda de um grupo de pesquisa envolve debate, vigília epistemológica e atualização constante. O dinamismo da realidade se impõe, sendo necessário intervir ao mesmo tempo em que se luta para conhecê-la. As pesquisas desenvolvidas junto ao Mestrado Profissional em Artes na Udesc, são ações, reflexões e alinhamentos construídos a partir das pesquisas coletivas do grupo, sempre buscando intersecções entre a Pedagogia Histórico-Crítica e o ensino de arte. Esta construção envolve um número significativo de pessoas, cuja tarefa se torna mais complexa a cada dia que os estudos ganham densidade teórica. Até o momento, uma certeza nos move: o ensino de arte faz mais sentido quando ajuda o sujeito a perceber como são simbolizados as contradições e os anseios de cada época. É no aguçamento da percepção de mundo desse sujeito que residem nossas maiores chances emancipatórias.

Referências:

CURY, Carlos Jamil. **Educação e contradição**. 5. edição São Paulo: Editora Cortez: Autores Associados,1992.

FONSECA DA SILVA, M. C. R.; GONDIM, J. P. (Org.). **As condições de trabalho do professor de arte: um estudo do observatório no âmbito do ensino de arte**. 1. ed. Florianópolis: AAESC, 2023. v. 1. 186p.

FONSECA DA SILVA, Maria Cristina da Rosa; FERNANDES, Vera Penzo. Editorial. **Palíndromo**, Florianópolis, v. 14, n. 32, p. 7–12, 2022. DOI: 10.5965/2175234614322022007. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/21435>.

Acesso em: 7 dez. 2024

FONSECA DA SILVA, M. C. R.; OLIVEIRA, V. L. ; PERINI, J. A. . Professores de artes visuais e a pandemia da covid-19. **Momento - diálogos em educação**, v. 30, p. 99-122, 2021

MARX, Karl, **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011. Musto, Marcello.

MARX, Karl. e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã: teses sobre Feuerbach**. Editora Moraes. São Paulo, 1984.

POLIDORO, Lucas de Abreu Seara; SILVA, Vanessa Estrela Rodrigues da. Espaços expositivos de arte contemporânea, diálogos com ambientes virtuais da formação. In: **Formas de Vida - Anais do 32º Encontro Nacional da ANPAP**. Anais...Fortaleza (CE) IFCE, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/32anpap2023/666223-> Acesso em: 07/12/2024.

SANTOS, Maria Cristina dos; e Turini, Mateus Henrique. **A organização do trabalho pedagógico como prática transformadora na educação básica**. Revista Multidisciplinar em Educação, 09. Porto Velho: EDUCA, jan. 2022. p. 1-28.

VÁZQUEZ, A. S. **As Ideias Estéticas de Marx**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. ed. 3. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Imagem (GEFI)

Giovana Scareli

Andrea Versuti

Rosana Aparecida Fernandes

O Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Imagem (GEFI) é o resultado de um grande encontro. Três professoras, pesquisadoras, se encontraram na Universidade Tiradentes (Unit) em Aracaju/SE, e criaram o GEFI em 2011. Giovana Scareli, que chegou na Unit no final de 2009, Rosana Aparecida Fernandes, que chegou em 2010 e Andrea Versuti, que chegou no final de 2010. Um interesse comum conectava as três professoras-pesquisadoras, o interesse e o trabalho com imagens. Cada uma olhava para as imagens (do cinema, da televisão, da fotografia, das artes) e pensava COM elas, a partir de referenciais distintos, da Filosofia, Comunicação, Sociologia, Antropologia Visual e, principalmente, da Educação.

Ao encontrar tantas convergências de pensamento, mesmo que com referências distintas, percebemos que a Filosofia da Diferença também era algo que nos unia. Além dessa perspectiva teórica, a cartografia como inspiração metodológica passou a ser outra marca do grupo.

O que poderiam três professoras-pesquisadoras vindas de regiões distintas, que se encontraram em terras sergipanas, no nordeste brasileiro? Que combinação esses corpos poderiam produzir diante desse encontro? De quais afectos seriam capazes? Uma aumentava a potência de pensar, de sentir e de criar das outras, e, com o tempo, a confiança e a intimidade foram tornando o GEFI em não só um Grupo de Pesquisa, mas em um grupo onde a amizade se mostrava condição para pensar — uma acompanhava o pensamento da outra, com a alegria e o desejo de que a outra

ultrapasse os seus próprios limites e alcançasse a enésima potência de si e de seus pensamentos. A amizade é a liga que deu força e coragem para cada uma dessas três amigas, sonhar, desejar, mover-se e construir suas trajetórias, permanecendo conectadas, atentas ao pensamento de uma e de outra.

Em Spinoza (2007), a compreensão de um corpo passa por duas proposições: uma cinética, isto é, a individualidade de um corpo se define pelas relações de repouso e de movimento, de velocidade e de lentidão (E. II. Lema 1 da proposição 13, p. 99); e outra dinâmica, pois um corpo se define, também, pelo poder de afectar e ser afectado (E. III. postulado 1. p. 163). Um corpo é sempre relacional, e se define pelos afectos de que é capaz, pelo seu poder de afectar e de ser convocado, atravessado, de sentir. Toda Ética de Spinoza pressupõe a noção de experimentação, além de que não se sabe, antecipadamente, o que pode um corpo em um encontro, em uma combinação, em uma conjugação de forças, temporalidades e velocidades.

Spinoza (2007) diz, ainda: “Por afeto compreendo as afecções do corpo pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções”. (E. III, definição 3, p. 163). E Deleuze (2003), com Spinoza, nos ensina que o bom encontro é aquele em que aumenta a sua potência de agir. Não temos dúvidas de que a nossa potência de agir foi aumentada a partir desse alegre encontro. Não temos dúvida de que a nossa possibilidade de existir dentro da academia, com seus espaços estriados (Deleuze, 2012), foi expandida e fortalecida por nossa amizade. Para Fernandes (2015, p. 41), “Há amizades e encontros que aumentam a potência de agir, viver, pensar, sentir. E pensar com o outro — o amigo — é um pensar que suscita, de fato, aprendizados que persistem e se desenrolam por toda a vida”.

É assim que nasceu o GEFI, de um encontro vindo com os acasos da vida, e do desejo de três mulheres, em terras estrangeiras, de criarem fissuras no tempo-espaço estriado da academia, a fim de instituir espaços-tempos lisos em que o estudo, a fruição e os

encontros pudessem ser valorizados. Mas, assim como Deleuze (2012, p. 192) adverte “devemos lembrar que os dois espaços só existem de fato graças às misturas entre si: o espaço liso não para de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso”. Uma vez o Grupo de Pesquisa aprovado pelo CNPq, passamos a nos reunir, semanalmente, nas tardes de sextas-feiras, para ler, pensar, perguntar, decifrar, partilhar compreensões, questões e aprendizagens.

Ainda sobre os encontros, a perspectiva metodológica que temos praticado no grupo é a cartografia, que como diz Luciano Bedin da Costa (2014, p. 72):

Se pudéssemos apresentar um elemento fundamental para uma prática cartográfica, este seria o encontro. Entretanto é preciso superar a noção comum de encontro como um “encontrar algo” ou “achar alguém ou alguma coisa”. O encontro, da forma como aqui falaremos, é da ordem do inusitado e nunca se faz sem um grau de violência (é claro que não estamos falando de uma violência física; mas de um movimento que é violento porque nos desacomoda e nos faz sair do mesmo lugar). Deleuze, em *Diálogos* (1998), fala do encontro como uma espécie de solidão extremamente povoada. É solitário (porque um encontro nos atravessa sempre de maneira única e singular) e povoado (porque um encontro se dá entre nós e alguma coisa). Um encontro é sempre zigzagueante, algo que se passa entre dois, transitando pela multiplicidade de coisas e signos que povoam o momento singular do encontrar-se.

Os encontros se deram com pessoas, lugares, imagens, teorias, conceitos, interlocutores, mar e sol e se estende pelos cerrados, montanhas e portos com objetivos que continuam, desde a criação do grupo, ler produções imagéticas, debruçar-se sobre elas, decifrá-las, investigar o caráter cultural, filosófico e educacional, suas múltiplas representações, significações e sentidos, através de diferentes abordagens teóricas, a fim de ampliar as possibilidades de conhecimento, de criação e de questionamento com/das imagens, bem como os conceitos e as ideias que as imagens sustentam, confiscam ou

resistem. Foram criadas três linhas de pesquisa dentro do grupo e cada professora-pesquisadora coordena uma delas, a saber:

A Linha de Pesquisa Imagem e Educação tem por objetivos específicos:

- Compreender as diferentes linguagens imagéticas, como cinema, fotografia, histórias em quadrinhos, ilustrações, pinturas etc., estudando seus elementos constitutivos, com o intuito de refletir sobre as possibilidades educativas que essas linguagens têm como potência;

- Privilegiar o estudo das imagens como objetos de pesquisa, trazendo a imagem para o centro das investigações à luz de teorias adequadas a cada objeto.

A Linha de Pesquisa Imagem e Filosofia tem por objetivos específicos:

- Investigar os pressupostos filosóficos e as implicações educacionais e formativas das imagens que nos cercam no dia a dia, das imagens que povoam o imaginário escolar, das imagens que nos constituem;

- Dar às crianças, jovens e professoras/es produções cinematográficas distintas e de diferentes culturas, países, argumentos, produções cinematográficas que, comumente, não são de fácil acesso, não ocupam espaço na mídia televisiva. Criar espaços-tempos de aprendizagem da linguagem audiovisual e de criação de audiovisuais;

- Trabalhar para a formação de sujeitos criativos e críticos, criadores e sensíveis. Fertilizar imaginários, em busca de termos condições de criar outros mundos, outras existências, e de nos diferenciarmos de nós mesmos.

A Linha de Pesquisa Educação e Narrativas Transmídias tem por Objetivos específicos:

- A partir da perspectiva da ecologia dos meios, pensar como as múltiplas linguagens existentes na dinâmica comunicacional

contemporânea do digital, podem contribuir para a construção de novas práticas educativas.

- Investigar as novas formas multimodais e multireferenciais presentes nas construções narrativas imagéticas e seus impactos no tecido sócio-técnico contemporâneo.

Fig. 1 – Colagem com o logo do GEFI e fotografias de vários Encontros com Imagens e Filosofia. Fonte: Acervo do GEFI



Já no primeiro ano de existência do GEFI nós criamos a nossa logomarca, propusemos um Projeto de Extensão “Oficinas para Ler e Pensar: Literatura, Arte e Filosofia Com Crianças e Jovens”,

coordenado pela Profa. Rosana Fernandes e foi desenvolvido em uma escola pública de periferia e teve relação direta com a pesquisa, tanto em nível de iniciação científica, quando de mestrado; e um evento, denominado “Encontro com Imagens e Filosofia”, para o qual convidamos pesquisadores de várias Instituições de Ensino Superior (IES) do país. O 1º Encontro com Imagens e Filosofia teve como tema “Imagens em (des)encantos: ensino, pesquisa e extensão”. Estava ali, na concretização desse evento, que mobilizou estudantes e professores, o cerne do que é o GEFI até os dias de hoje:

O intuito deste evento é ampliar as discussões em torno de temas em comum das linhas temáticas, propondo a multidisciplinaridade, pois acreditamos na importância de hibridizar essas linhas de investigação, oportunizando a interlocução dos pesquisadores. Nem sempre conseguimos unir os três pilares da universidade, o que nos provoca (des)encantos, angústias, (dês)motivação. Com isso, queremos deixar marcada nossa postura política de que essas dimensões são intercambiantes, manchadas de hibridismo para/com/nas imagens. Assim, a proposta deste evento é promover o encontro de pesquisadores que, de alguma maneira, tem a imagem como elemento comum em suas pesquisas, questionando: O que o cotidiano (i)mobiliza? Como as imagens podem potencializar conversas por entre identidades, diferenças, culturas, imagens e conhecimentos? Apostamos em um encontro que poderá potencializar criações coletivas de imagens e textos para movimentar o pensamento e, para isso, incluiremos outras pesquisas com imagens em diferentes suportes, diferentes linguagens em seus diferentes momentos e (des)conexões e(m) produção, divulgação, leituras, desenhando um espaço de reflexão que não se movimenta pelo desejo de generalizações e consensos, mas pelo desejo de expressões e diferenças (Proposta de financiamento para edital interno da Unit, 2011).

O GEFI foi crescendo e incluindo pesquisadores que se alinhavam à proposta de estudo. As professoras Rosana, Andrea e Giovana continuavam e se achegaram José Menna Oliveira (UFRGS), Luciano Bedin da Costa (UFRGS) e Elenise Cristina Pires de Andrade (UEFS), nossa amiga interestelar, que deixou esse planeta, infelizmente, neste ano de 2024. Outros encontros foram realizados em Aracaju, até que as professoras se mudaram para

outras cidades e o grupo mudou de casa. Com a mudança da professora Giovana Scareli para a Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), em São João del-Rei, Minas Gerais (MG), o GEFI foi registrado por aqui no CNPq em 2014. Em terras mineiras, demos continuidade aos estudos semanais, aos projetos de pesquisa e extensão e a organização dos Encontros com Imagens e Filosofia.

Alguns princípios são importantes para esse Grupo de Pesquisa, e gostaríamos de ressaltá-los neste texto de apresentação e de fundamentação teórica e metodológica do GEFI. Além dos encontros e das afecções que já trouxemos, a amizade é, também, um conceito importante para nós, não só um conceito, mas um amor e uma ação, como aprendemos com bell hooks.

Definições são pontos de partida fundamentais para a imaginação. O que não podemos imaginar não pode vir a ser. Uma boa definição marca nosso ponto de partida e nos permite saber aonde queremos chegar. Conforme nos movemos em direção ao destino desejado, exploramos o caminho, criando um mapa. Precisamos de um mapa para nos guiar em nossa jornada até o amor –partindo de um lugar em que sabemos a que nos referimos quando falamos de amor (hooks, 2020, p. 55-56).

Como já foi dito aqui, a nossa amizade nasceu de um encontro entre três estrangeiras em terras nordestinas: alguma coisa que nos fazia pensar juntas, algo que nos ensinava, abria e revelava alguma coisa para nós, se perdura até hoje, persevera e acolhe outros momentos de nossas vidas, cuida das muitas que já fomos e preza por uma intimidade que é nossa. “Ser sensível aos signos, considerar o mundo como coisa a ser decifrada é, sem dúvida, um dom. Mas esse dom correria o risco de permanecer oculto em nós mesmos se não tivéssemos os encontros necessários” (DELEUZE, 2003, p. 25). Sim, 2010 foi um ano de encontro para nós três, mas, sobretudo, foi o tempo que tomamos para nós, um tanto por sobrevivência em terras estrangeiras (que não sabemos se sempre tem as suas hostilidades, mas, que, certamente, tem as suas aberturas), outro tanto pela amizade e os afectos que nos tomaram. Estudamos juntas, caminhamos, trabalhamos juntas, e há intensivos e extensivos

aprendizados que, hoje, nos acompanham, apesar das distâncias, e que nasceram ali, em 2010.

Em *O Abecedário de Gilles Deleuze*, na F de Fidelidade, Deleuze nos diz:

Por que se é amigo de alguém? Para mim, é uma questão de percepção. É o fato de... Não o fato de ter ideias em comum. O que quer dizer “ter coisas em comum com alguém”? Vou dizer banalidades, mas é se entender sem precisar explicar. [...] É verdade que há um grande mistério no fato de se ter algo a dizer a alguém, de se entender mesmo sem comunhão de ideias, sem que se precise estar sempre voltando ao assunto. [...] Há frases insignificantes que têm tanto charme e mostram tanta delicadeza que, imediatamente, você acha que aquela pessoa é sua, não no sentido de propriedade, mas é sua e você espera ser dela. Neste momento nasce a amizade. Há de fato uma questão de percepção. Perceber algo que lhe convém, que ensina, que abre e revela alguma coisa.

Estamos cada uma em uma região do país: Giovana no Sudeste (UFSJ/MG), Rosana no Sul (UFRGS/RS) e Andrea no Centro-Oeste (UnB/DF). Embora distantes geograficamente, nossas formas de olhar, pensar e sentir sobre/no/com o mundo permanece em diálogo e durante os encontros, que até hoje ainda realizamos no formato *online*, experimentamos a sua potência. Alguns membros ingressam no grupo, outros saem, pesquisadores se aproximam e acabam ficando por perto, orbitando, outros colegas se interessam e chegam; os estudantes se formam e se vão, outros chegam e assim seguimos. Nesse contínuo realinhamento de corpos que ocorre desde a sua formação, o grupo ganha mais e mais conexões que o tornam vivo e pulsante! “Uma amizade imensa os corpos, e dá a eles as condições para que pensem, criem, desdobrem-se” (Fernandes; Oliveira, 2012, p. 225) apesar das distâncias físicas.

No que concerne às imagens na dimensão da pesquisa, desejamos encontrar, produzir escritas e pesquisas que pretendam considerar as potências das imagens em não representar a realidade, de não se equivar a conhecimentos concretos, de não remeter a significados estabelecidos *à priori*. Pesquisas que pretendem uma soltura das imagens em perambulações por *non senses*, por vontades

de expressão. “A imagem dogmática, que remete às verdades incontestáveis e inabaláveis, é sempre o pensado do pensamento (...)” (GODOY, 2008, p. 123). Não querer pensamentos já pensados, mas potências de poder vir a ser (ou não) movimentado pelos pensamentos. Singularizar o (im)possível. Fabular ambientes em movimentos que tentam buscar os limites, as margens, os extremos. Esta abertura fabulada de afectos puros, no extremo. E suas provações de intervalos, fissuras, rachaduras: no pensamento, na escrita, na pesquisa em suas muitas possibilidades, na vida.

Na dimensão da extensão, desejamos deslocar essas ideias para pensarmos em imagens, ambientes, filosofia e educação. Extensões para fazer com as escolas, não para levar algo da universidade para outro lugar, mas na perspectiva de fazer junto, de criar junto, de conhecer e, quem sabe, oportunizar trocas, de conhecimento, saberes, ideias, desejos, pensamentos, imagens. Que experimentações podem ser feitas com as imagens que potencializem uma conversa *entre* identidades, diferenças, culturas, conhecimentos e arte? O GEFI acredita que a troca de experiências entre os pesquisadores do grupo com outros pesquisadores e comunidades é sempre uma maneira de criar sentidos outros, de provocar a imaginação, de construir outros conhecimentos. Por isso a realização do evento “Encontro com Imagens e Filosofia”, por isso a produção dos livros com a produção de autores de diversas áreas, por isso, todo o esforço para que o GEFI continuasse apesar da pandemia, das atividades infinitas que a universidade parece cada vez mais exigir dos seus professores-pesquisadores, apesar das distâncias e distanciamentos, apesar do tempo, cuja sensação é de que ele está escorrendo cada vez mais veloz por entre nossos dedos.

Além das imagens, da filosofia e da educação que está entranhada em todas as nossas pesquisas e ações, a memória, as tecnologias, as naturezas-culturas (Haraway, 2023), as espécies companheiras (Haraway, 2021) e o tempo também nos interessam. Andrea Versuti tem como projeto guarda-chuva, desde 2022, “Os processos de transmediação e seus desdobramentos para a

educação”; Giovana Scareli tem se dedicado aos projetos “Cartografando sertões: educação e imagens e literatura e...”, desde 2018 e “A pesquisa com imagens no campo educacional: educação visual, produção cultural e produção infantil”. E Rosana Fernandes integra a equipe dos projetos “Acervos audiovisuais digitais e a universidade na produção de conhecimento escolar”, coordenado desde 2021 pela Profa. Adriana Mabel Fresquet (UFRJ) e do projeto “Entre: artesanias da diferença”, coordenado pela Profa. Daniele Noal Gai (UFRGS), desde 2019.

Fazer laços com humanos e não humanos, inventar pesquisas, organizar encontros para ouvir os amigos, pensar junto são formas de “inventar mundos para nós existirmos”, como disse Ailton Krenak (2020, p. 4). Estamos inventando o GEFI, insistindo na vida, na criação de um mundo possível na academia, há mais de 13 anos. Que seja longa enquanto dure e enquanto tenha seres que desejem criar junto esses espaços-tempos de invenções conjuntas! “33 - Promover bons encontros, e livrar-se dos maus encontros, é viver eticamente, é estar sensível às relações constitutivas do próprio corpo e à variação do poder de afectar e de ser afectado. (Fernandes; Oliveira, 2012, p. 232). Este é o princípio ético do GEFI.

Referências

- COSTA, L. B. da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 066–077, 2014. DOI: 10.5902/1983734815111. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111>. Acesso em: 8 nov. 2024.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, Vol. 5. 2. ed. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Tradução de Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2003.

SPINOZA, B. **Ética**. 2. ed. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

FERNANDES, Rosana Aparecida; OLIVEIRA, José Menna. fragmentos – os ventos, os amigos, a estrada. **Childhood & Philosophy**, [S. l.], v. 15, pág. 221–232, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/childhood/article/view/20745>. Acesso em: 6 nov. 2024.

FERNANDES, Rosana Aparecida. O amigo, o caderno, o pensar. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 43, p. 35–45, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/24566>. Acesso em: 6 nov. 2024.

GODOY, Ana. **A menor das ecologias**. EDUSP, 2008.

HARAWAY, Donna J. **O manifesto das espécies companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Tradução Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazer do Tempo, 2021.

HARAWAY, Donna J. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. Tradução Ana Luiza Braga. São Paulo: N-1, 2023.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.

KRENAK, Ailton. **Do tempo**. São Paulo: N-1, 2020. Disponível em: https://pospsi.com.br/wp-content/uploads/2020/09/TEXTOS_38-ailton-krenak.pdf. Acesso em: 06 nov. 2024.

L' ABÉCÉDAIRE de Gilles Deleuze. Entrevista com Gilles Deleuze. Edição: Brasil, Ministério de Educação, TV Escola, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997. 1 videocassete, VHS, cor.

Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação – Laborarte Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

André Luiz Correia Gonçalves de Oliveira

Eliana Ayoub

Marcia Strazzacappa

Memória

O Laborarte foi um dos primeiros grupos de pesquisa da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE-Unicamp), criado em abril de 1994 pela professora doutora Célia Maria de Castro Almeida, docente do então Departamento de Metodologia de Ensino (DEME). O Laborarte ocupava uma ampla sala no piso térreo do prédio principal da Faculdade de Educação que funcionava como um espaço de formação continuada, com atividades sobretudo de artes plásticas e de música para professoras e professores (especialistas ou não) da rede pública de ensino, majoritariamente, da Região Metropolitana de Campinas/SP. Foram vários os projetos desenvolvidos em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, envolvendo docentes e discentes do grupo, aproximando as escolas públicas e a universidade por meio do oferecimento de cursos e da realização de pesquisas.

À época, a sigla significava "Laboratório de Ensino de Arte". A constituição de um grupo de pesquisa centrado na arte, na década de 1990, serviu para marcar um território e para destacar a importância da arte na formação em Pedagogia, ao lado da filosofia, história, psicologia da educação, dentre outras. Em meados de 2003, com a multiplicação do número de grupos de pesquisa, a Faculdade de Educação teve de reorganizar sua infraestrutura física e reservou um espaço padronizado para alocar todos os grupos de pesquisa,

transformando a sala do Laborarte em uma sala de aula regular. Não foi por acaso que quando houve nova expansão predial da unidade, as docentes do grupo batalharam pela criação de uma sala específica para atividades corporais, a sala ED03, com piso de madeira e desprovida de carteiras e mesas. Essa sala também representou um marco na faculdade, colaborando para a ampliação da percepção docente acerca da formação de professores e professoras, abrindo o olhar para outras organizações espaciais, para além da sala de aula tradicional em que estudantes se posicionam sentados diante de um quadro branco ou de uma tela.

Atualmente, o Laborarte é compreendido como um laboratório de estudos sobre arte, corpo e educação e é descrito como um grupo que:

desenvolve estudos que relacionam arte, corpo e educação, em diálogo com a formação de professores(as) e o trabalho docente, arte educação, educação física, educação somática, educação médica, memórias, narrativas e tecnologias, em diferentes contextos educativos, tanto no âmbito da educação formal como no da educação não formal. Adotamos uma perspectiva de produção de conhecimentos, saberes e práticas educativas em que a dimensão autoral se encontra no centro dos processos de criação de nossas pesquisas (UNICAMPa).

Além de Célia Almeida, outras(os) docentes da FE-Unicamp passaram pelo grupo como Isabel Marques, Ana Angélica Albano e Rogério Adolfo Moura. Desde 2020, o grupo é composto por três docentes, quais sejam: Eliana Ayoub, atual coordenadora, André Luiz Gonçalves de Oliveira, mais novo integrante do grupo, e Márcia Strazzacappa, colaboradora voluntária que foi líder do grupo até 2020, um ano após sua aposentadoria.

Dentro do Programa de Pós-graduação em Educação, o grupo está vinculado à linha de pesquisa intitulada Formação de Professores, Currículo, Trabalho Docente e Avaliação. Segundo o site da pós-graduação,

Esta linha constrói seus temas de pesquisa tendo como princípio ações educacionais e suas implicações em relação à formação de professores, às

políticas educacionais, à produção de saberes e conhecimentos interdisciplinares, às práticas de memórias, histórias e narrativas, assim como ao trabalho e à profissionalização docente, em contextos de educação básica, educação superior e educação não formal, na perspectiva de educação para todos (UNICAMPb).

Em abril de 2024, o grupo completou 30 anos de existência, celebrado por meio de um seminário intitulado: “Rememorar, celebrar, movimentar e semear: 30 anos do Laborarte”. O evento proporcionou uma reflexão acerca das pesquisas e das produções oriundas das pessoas que passaram e daquelas que seguem atuando no grupo de pesquisa, seja como docente, pesquisador(a) de pós-doutorado, doutorado e mestrado. Destacamos que muitas dessas pessoas são docentes em diferentes instituições de ensino superior no Brasil.

Figura 1 – Logo Laborarte a partir de aquarela de Ana Angélica Albano. (2024)



Pesquisas

Atualmente, o grupo tem três pesquisas de docentes em andamento, quais sejam: “Imersões poéticas na interseção entre arte e saúde”, de Márcia Strazzacappa, “Entre corpos, textos e contextos: linguagens da arte em narrativas de mulheres professoras” de Eliana Ayoub e “Arte, educação e emancipação: poéticas, estéticas e éticas em ambientes educacionais” de André Luiz Gonçalves de Oliveira, que passamos a apresentar.

“Imersões poéticas na interseção entre arte e saúde” é uma pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por meio da Bolsa de Produtividade em Pesquisa em ARTES, coordenada pela professora Márcia Strazzacappa. Trata-se de uma pesquisa participante de abordagem qualitativa que visa a difundir e estudar a efetividade de uma metodologia ativa de aprendizagem denominada MEET *Medical Education Empowered By Theatre*, desenvolvida por uma equipe transdisciplinar de pesquisa, (Carvalho, Ledubino, Frutuoso e Strazzacappa, 2020). Na atual etapa do projeto, a pesquisa almeja difundir a referida metodologia junto a cursos superiores do campo da saúde (medicina, enfermagem, fonoaudiologia, dentre outros) no Brasil e no exterior e confirmar a responsividade do MEET em diferentes realidades culturais. Por se tratar de uma pesquisa transdisciplinar, além de buscar qualificar a formação dos(as) profissionais da saúde, visa-se igualmente à especialização de artistas cênicos(as) para esse novo campo de atuação profissional denominado: artistas na saúde.

“Entre corpos, textos e contextos: linguagens da arte em narrativas de mulheres professoras” é como se intitula a pesquisa coordenada pela professora Eliana Ayoub, financiada pela Fundação de Apoio do Estado de São Paulo (Fapesp). Este projeto de pesquisa situa-se na temática das "questões de gênero, raça e etnia" da Chamada LinCAr 2022 do referido órgão de fomento. Trata-se de uma pesquisa narrativa que se apoia numa concepção dialógica e sócio-histórica de linguagem e que tem como objetivo primordial compreender como vem se dando o processo de constituição de mulheres - negras, indígenas e brancas - como professoras da educação básica em redes públicas de ensino de diferentes regiões do Brasil, e como esse processo de constituição docente vem sendo atravessado por diferentes formas de linguagem, especialmente aquelas que se manifestam por meio da arte, do corpo, da gestualidade, da expressão corporal. Interessa-nos ouvir essas mulheres professoras e, para tal, vamos convidá-las a

tomar a palavra para produzir narrativas orais, escritas e visuais a respeito de suas histórias vividas na pluralidade de experiências entre sujeitos que interagem, que se relacionam e que se comunicam por meio de múltiplas linguagens, especialmente, das linguagens da arte. A investigação está sendo conduzida por uma equipe interdisciplinar, com especialidades complementares e com diversificada experiência de pesquisa, composta majoritariamente por mulheres de diferentes instituições brasileiras (abrangendo as cinco regiões do país), além de uma universidade estrangeira.

“Arte, educação e emancipação: poéticas, estéticas e éticas em ambientes educacionais” é a pesquisa coordenada pelo professor André Luiz Gonçalves de Oliveira, mais novo docente do grupo de pesquisa, cujo objetivo é buscar articular essa hipótese, a saber, de que a arte moderna se refere a objetos externos aos corpos, objetos sem matéria e sem história. Quando muito se fala de materialidade, mas não se remete a discussão aos corpos que fazem experiências em lugares específicos. O projeto também desenvolve a hipótese de que há um movimento contemporâneo, ao menos desde a década de 1960, envolvendo novas práticas artísticas (Performance, Instalação e Intervenção) e mesmo um novo paradigma filosófico, apontando para a necessidade de se tratar de corpos específicos que vivem e habitam lugares também específicos. Nesse sentido, por meio de pesquisa teórica e bibliográfica, também com análises de descrições de experiências e obras artísticas em diferentes contextos educacionais, espera-se refletir sobre a relevância das práticas artísticas contemporâneas como colaboradoras na construção de processos emancipatórios. Espera-se também realizar uma crítica das práticas artísticas consideradas vinculadas aos valores da modernidade/colonialidade, sobretudo conforme são vivenciadas nos diferentes ambientes educacionais. Nessa crítica, busca-se localizar os possíveis papéis e posicionamentos éticos assumidos por diferentes práticas artísticas nos ambientes educacionais.

Nesses 30 anos de atividades, o grupo produziu um número significativo de pesquisas e formou um número considerável de

egressos e egressas (vide quadro abaixo). Como não é possível citar todas as produções no presente texto, gostaríamos de destacar dois pontos que consideramos relevantes: o primeiro diz respeito à diversidade e o segundo à abrangência das pesquisas.

Tabela 1 – número de orientações concluídas até outubro de 2024. Autoras e autor.

NÍVEL	ORIENTAÇÕES CONCLUÍDAS	NÚMEROS
GRADUAÇÃO	Trabalho de Conclusão de Curso	82
	Iniciação Científica	42
	Total	124
PÓS-GRADUAÇÃO	Mestrados	95
	Doutorados	52
	Pós-Doutorados	06
	Total	153
	Total geral	277

Diversidade

A diversidade é uma marca registrada do grupo. Isso se deve, em parte, devido às formações (de base e das pós-graduações) das pessoas que compuseram e compõem o laboratório, com licenciatura em educação artística, artes visuais, dança, pedagogia, música, educação física e com mestrado e/ou doutorado em educação, psicologia, filosofia, artes da cena e educação física. O que há em comum nesses diferentes campos é a preocupação com a temática do corpo, suas expressões e seus sentidos.

A diversidade na composição do corpo docente se reflete na pluralidade de temáticas das pesquisas desenvolvidas, que abrangem formação de professores(as) de arte (teatro, dança, artes visuais e música) e de educação física, formação de pedagogas(os), ensino de arte e de educação física, memória, narrativa, estética, o nível da educação estudado que vai da educação infantil ao ensino superior, a educação não formal, passando pela formação docente inicial e continuada, inclusive a educação médica.

Figura 2 – nuvem de palavras a partir das palavras-chaves das pesquisas concluídas do grupo (abril de 2024).



A diversidade está presente, igualmente, no tocante aos referenciais teóricos, às metodologias e ao formato de elaboração dos textos. São vários os referenciais teóricos que embasam as pesquisas do grupo, pois acreditamos que se faz necessário ouvir o objeto de pesquisa para, então, identificar quem serão seus(suas) interlocutores(as), ou seja, os(as) autores(as) chamados(as) para o diálogo, e qual será o caminho, isto é, os métodos a serem utilizados para se aproximar do mesmo.

No artigo, “Com quantos passos se faz um caminho? Um olhar sobre as metodologias de pesquisa de/em dança do LABORARTE/UNICAMP” (Strazzacappa, 2021), é apresentada, de forma detalhada, a transformação entre o projeto inicial e a pesquisa concluída, realizada por três doutorandas, Valéria Maria Chaves Figueiredo, Lilian Freitas Vilela e Scheila Maçaneiro. No referido artigo, pode-se compreender melhor acerca do *modus operandi* do trabalho de orientação no grupo. As três pesquisas analisadas são todas de dança, porém, cada qual com a sua especificidade, mesmo em se tratando do mesmo campo.

A diversidade também marca presença no tocante ao formato da redação final dos textos. De fato, as produções do Laborarte são sempre muito diferentes umas das outras, priorizando e valorizando

a autoria, a autonomia e a criatividade de nossas(os) pesquisadoras(es). Para compreender melhor esse aspecto da criatividade, podemos sugerir algumas leituras como: a tese de Adilson Ledubino escrita como uma dramaturgia, intitulada "Territórios de afetos: o trabalho do ator na Educação Médica" (Ledubino, 2019); a dissertação de Conrado Federici, "De Palhaço e Clown que trata de algumas das origens e permanências do ofício cômico e mais outras coisas de muito gosto e passatempo" (Federici, 2004), escrita como contos de Rabelais; a tese de Annaline Curado Piccolo, "MAR- Metodologias Artísticas Relacionais" (Piccolo, 2024), em que imagem se faz texto; e, ainda, a tese de livre docência da professora Eliana Ayoub redigida em forma de cartas, publicada como livro com o título "Memórias da educação física na escola: cartas de professoras" (Ayoub, 2021), para citar apenas algumas. A listagem completa das dissertações e teses defendidas com os respectivos links pode ser acessada no site do Laborarte, a saber: <https://laborarte.fe.unicamp.br/pesquisas/egressos>.

Ao longo dos anos, as docentes do grupo de pesquisa organizaram algumas coletâneas que foram publicadas, seja como dossiês de revistas acadêmicas, seja como livros de editoras comerciais. As obras apresentam resultados de pesquisas e contaram com a participação de egressos(as) e colaboradores(as) internacionais. Gostaríamos de destacar especificamente dois livros, quais sejam: "O ensino das Artes, construindo caminhos" (2001) e "Entrelugares do corpo e da arte" (2011).

O primeiro, "O ensino das Artes, construindo caminhos", organizado por Sueli Ferreira, foi publicado pela primeira vez em 2001 pela editora Papirus. O livro buscou atender uma demanda específica do professorado que atua diretamente na educação básica. Composto por seis capítulos, a obra apresenta diferentes discussões acerca do ensino das quatro linguagens artísticas que passaram a ser obrigatórias na escola após a LDB de 1996: artes visuais, dança, música e teatro. O livro se encontra em sua 12a. edição e, em 2024,

foi revisto, atualizado e relançado como *e-book* durante as celebrações dos 30 anos do grupo de pesquisa.

O segundo livro, "Entrelugares do corpo e da arte", foi organizado por Ana Angélica Albano e Márcia Strazzacappa. Trata-se de um dos frutos do Seminário Internacional de Educação Estética, realizado em 2010, com o mesmo nome. O livro foi lançado em 2011 pela editora da Faculdade de Educação. O que nos leva a destacar a presente obra é que ela contou com a participação de artistas que escreveram sobre suas práticas, colocando lado a lado textos de pesquisadores acadêmicos, isto é, professores doutores vinculados a instituições de ensino superior, com artistas que atuavam em seus ateliês e junto à educação básica. O livro seguiu a lógica do próprio evento em que a arte se fez presente com o mesmo grau de importância das comunicações orais, rompendo com aquela lógica de eventos universitários em que a arte aparece apenas nos intervalos para descontrair o público. Dentre as(os) artistas convidados a se apresentarem no evento e a escreverem no livro, contamos com a presença da saudosa Anna Marie Holm (Dinamarca), Graham Price (Nova Zelândia), Stela Barbieri e Roberto Gambini, para citar alguns.

Abrangência

A diversidade também é perceptível no tocante à abrangência do trabalho do grupo, tanto nacional quanto internacionalmente. De um lado, o grupo conta com a presença de pessoas oriundas de Norte a Sul do Brasil, pesquisadoras e pesquisadores de diferentes Estados brasileiros, egressas e egressos em praticamente todas as regiões do país, atuando como docentes em universidades públicas federais (Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, Universidade Federal de Goiás - UFG, Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Universidade Federal do Pará - UFPA, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Universidade Federal do Sul

da Bahia - UFSB, Universidade Federal de Viçosa - UFV, dentre outras), mais recentemente, na Universidade Federal de Rondônia - UNIR; públicas estaduais (Universidade de Pernambuco - UPE, Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS) e algumas universidades privadas.

De outro lado, quanto à internacionalização, o Laborarte mantém convênios internacionais com as seguintes universidades estrangeiras: Universidade de Lisboa (ULisboa) e Universidade do Minho (UMinho) em Portugal, *Université du Québec à Montréal* (UQAM) e *Université Laval* (ULaval) no Canadá e com a *University of Groningen* nos Países Baixos. Cabe destacar que o grupo também foi responsável pela primeira cotutela e dupla diplomação na área de humanas da Unicamp concluída em 2015, num convênio entre a Unicamp e a *Université Rennes 2*, França. Posteriormente, no período de 2019 a 2024, outra cotutela com dupla diplomação foi realizada com a *Università di Bologna*, Itália. O grupo incentiva a realização de doutorados sanduíches e/ou a realização de parte da pesquisa em outros países por meio de estágios de curta duração, geralmente com apoio de órgãos de fomento da própria universidade ou editais específicos. Isso porque acreditamos que ao se trabalhar com educação e com arte, é primordial a ampliação de olhares e de horizontes.

Por fim, não poderíamos deixar de lembrar e frisar a participação ativa de docentes e egressas do Laborarte, que encabeçaram várias ações na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) para o reconhecimento das pesquisas de/em arte na educação. O empenho resultou na criação do Grupo de Estudos GE01-Educação e Arte que, seguindo o regulamento da associação, funcionou por dois anos e se transformou no Grupo de Trabalho GT 24 Educação e Arte na 32a. reunião da Anped, em outubro de 2009, em Caxambu/MG.

Figura 3 – montagem a partir da página da ANPEd. Autoras e autor (2024).

32ª reunião anual da anped
Sociedade, cultura e educação: novas regulações?

CAXAMBU, 04 A 07 DE OUTUBRO DE 2009
PROGRAMAÇÃO DOS GTs

- GT 2 - História da Educação
- GT 3 - Movimentos Sociais e Educação
- GT 4 - Didática
- GT 5 - Estado e Política Educacional
- GT 6 - Educação Infantil
- GT 7 - Educação da Criança de 0 a 6 anos
- GT 8 - Formação de Professores
- GT 9 - Trabalho e Educação
- GT 10 - Alfabetização, Leitura e Escrita
- GT 11 - Política de Educação Superior
- GT 12 - Gestão
- GT 13 - Educação Fundamental
- GT 14 - Sociologia da Educação
- GT 15 - Educação Especial
- GT 16 - Educação e Comunicação
- GT 17 - Filosofia da Educação
- GT 18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas
- GT 19 - Educação Matemática
- GT 20 - Psicologia da Educação
- GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais
- GT 22 - Educação Ambiental
- GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação
- GT 24 - Educação e Arte

GT24 – Educação e Arte
Coordenadora: Luciana Gruppelli **Loponte** (UFRGS)
Vice-Coordenadora: Márcia Maria Strazzacappa **Hernandez** (UNICAMP)
Representantes no Comitê Científico: Célia Maria de Castro **Almeida** (UNIUBE)
Marcos Villela **Pereira** (PUC-RS)

Local: Sala 01 – Escola Municipal Padre Correia de Almeida

Segunda-Feira – 05 de Outubro

Considerando o que foi explicitado anteriormente, reconhecemos e reforçamos que o Laborarte caracteriza-se como um grupo de pesquisa em constante movimento e que tem como centro dos seus trabalhos investigativos uma perspectiva democrática e humanizadora de educação (Freire, 1997), portanto, sempre aberta a diálogos pulsantes nos processos de produção de conhecimentos e saberes.

Referências

- ALBANO, Ana Angélica e STRAZZACAPPA, Márcia. **Entrelugares do corpo e da arte**. Campinas: Editora da Faculdade de Educação, 2011.
- ANPEd. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Disponível em: <https://legado.anped.org.br/reunioes-cientificas/nacional>. Acesso em: 03 nov. 2024.
- AYOUB, Eliana. **Memórias da Educação Física na escola: cartas de professoras**. Campinas: Pontes Editores, 2021.
- FEDERICI, Conrado Augusto Gandara. **De palhaço e clown: que trata das origens e permanências do ofício cômico e mais outras**

coisas de muito gosto e passatempo. 2004. 99f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/306431?guid=1730245554346>. Acesso em: 29 out. 2024.

FERREIRA, Sueli (org). **O Ensino das Artes: construindo caminhos**. 1. ed. Campinas: Papirus Editora, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LEDUBINO, Adilson. **Território de afetos: o trabalho do ator na educação médica**. Tese de doutorado em Educação. 2019. 233f. **Tese** (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1102530>. Acesso em: 29 out. 2024.

PICCOLO, Annaline Curado. MAR: **Metodologias Artísticas Relacionais**. 2024. 255f. **Tese** (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Resultado/Listar?guid=1730245380202>. Acesso em: 29 out. 2024.

STRAZZACAPPA, Márcia. Com Quantos Passos Se Faz Um Caminho? - Um Olhar Sobre As Metodologias de Pesquisa de/em Dança do LABORARTE/UNICAMP. **Revista Cena**, n. 34, p. 10-10, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2236-3254.111068>. Acesso em: 29 out. 2024.

UNICAMPa. **Faculdade de Educação**. <https://laborarte.fe.unicamp.br/>. Acesso em: 29 out. 2024.

UNICAMPb. **Faculdade de Educação**. <https://www.fe.unicamp.br/ensino/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado-em-educacao/sobre-o-programa/estrutura-linhas-de-pesquisa>. Acesso em: 29 out. 2024.

MIRADA em múltiplas visualidades, corporeidades, sonoridades e teatralidades

Francione Oliveira Carvalho
Olga Egas

Fundado em 2016, o **MIRADA – Grupo de Estudo e Pesquisa em Visualidades, Interculturalidade e Formação Docente**, alocado na Faculdade de Educação da UFJF, Juiz de Fora, MG, é liderado pelo Prof. Dr. Francione Oliveira Carvalho e pela Prof^a Dr^a Olga Egas e formado por pesquisadores, professores, estudantes, técnicos e membros da comunidade da UFJF, como também de estudantes de mestrado e doutorado do Programa de Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da Universidade de São Paulo. Cadastrado no Diretório de Grupos do CNPQ, o grupo propõe desenvolver estudos, reflexões, investigações e ações de extensão que problematizem o impacto das múltiplas visualidades nos processos educativos e na formação do professor (IRWIN, 2008; NÓVOA, 2009, 2012; WALSH, 2013; EGAS, 2018; MIGNOLO, 2018). Num mundo visualmente complexo como o contemporâneo, as imagens devem ser pensadas como cruzamentos de linguagens, saberes, tradições e experiências e, a formação docente, como um território mediador que convoque a atitude necessária à compreensão dos diversos elementos da arte e da cultura na contemporaneidade.

O grupo possui três linhas de pesquisa: 1. Diálogos interculturais na Arte, na Educação e na Formação de Professores; 2. Múltiplas visualidades, corporeidades, sonoridades e teatralidades na (da) escola; 3. Territórios Interdisciplinares em Educação, Arte e Cultura. E atua nos três eixos da universidade pública, o Ensino, a Pesquisa e a Extensão.

É importante registrar que os professores pesquisadores que integram o MIRADA atuam em diversas licenciaturas: Prof. Dr.

Francione Oliveira Carvalho e Prof^a Dr^a Olga Botelho Egas nos cursos de Artes Visuais e Pedagogia; Prof. Dr. Pedro Augusto Dutra no curso de Música, além de atuar no Colégio de Aplicação João XXIII, Unidade Acadêmica da UFJF, a Prof^a Dr^a Mariana Galon também no curso de Música e o Prof. Dr. Flávio Tonnetti no curso de Pedagogia e Dança na Universidade Federal de Viçosa.

Entre 2017 e 2019 o MIRADA em parceria com o Centro de Educação a Distância (CEAD) da UFJF, coordenou o curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais, na modalidade a distância com o objetivo de estimular práticas contemporâneas no ensino e aprendizagem da arte na educação básica a partir dos processos de criação, da estética do cotidiano, da cultura visual, da interculturalidade e da mediação cultural, explorando suas ressonâncias no ensino e aprendizagem da arte na escola e para além dela. O curso atendeu 250 estudantes, matriculados em três polos: Juiz de Fora, Ubá e Boa Esperança, todas cidades da Zona da Mata Mineira.

Ao mesmo tempo que desenvolvem o trabalho de Ensino na Graduação e na Pós-Graduação tanto no PPGE da UFJF, quanto no PPGE da UFV, os professores trabalham de forma colaborativa nas pesquisas coletivas que agregam todas as pessoas pesquisadoras atuantes no MIRADA.

A primeira pesquisa coletiva do Grupo, intitulada *Experiências de Dentro e de Fora – O que a Universidade pode aprender com a Escola?* foi desenvolvida entre 2018 a 2020 a partir das inquietações em relação ao discurso recorrente que a universidade muitas vezes se afasta do cotidiano e da realidade das escolas, ao mesmo tempo em que a universidade alega que os conhecimentos produzidos no seu interior não chegam ou não impactam as práticas vivenciadas nas escolas. Independente das lacunas ou dos fatores que legitimam esses discursos, uma constatação é real, há um distanciamento entre o que se produz e o que se vive em ambos os espaços.

Tanto a escola quanto a universidade produzem conhecimento e criam maneiras próprias de ser, estar e pensar. Entretanto, são

mais comuns ações ou falas que colocam a universidade e a escola em lugares diferentes, como se a primeira tivesse que iluminar a segunda, como se o conhecimento produzido na escola não tivesse o mesmo valor que o acadêmico.

A investigação procurou tencionar estes discursos e valorizar os conhecimentos e as experiências que são criados nas e pelas escolas, tais como: estratégias e práticas pedagógicas; metodologias reinventadas; maneiras próprias de se apropriar dos espaços internos e externos à escola; vínculos criados com as comunidades onde estão inseridas; abordagens que valorizem as diversidades; formas de ocupar as paredes, muros e quadros; trabalhos colaborativos e interdisciplinares; inserção das/dos alunas/os no cotidiano das escolas; apropriações dos territórios da arte e da cultura (MARTINS, 2011) e professores que fazem diferença.

Os objetivos da investigação foram identificar práticas e ações pedagógicas geradas pelas escolas que podem ajudar a compreender como elas percebem a educação, a arte e a cultura; refletir sobre o que a universidade pode aprender das experiências gestadas por elas; identificar os temas, as metodologias e as questões valorizadas pelos profissionais de arte, ou, silenciadas pelas escolas, tais como as questões de gênero e sexualidade. Os resultados foram compartilhados no livro *Experiências de dentro e de fora: o que a universidade pode aprender com a escola?*. Rio de Janeiro: Batuque ; Juiz de Fora, MG: Mirada, 2021, que pode ser baixado gratuitamente no link: . <http://grupomirada.com/livro/>

Imagem 1 – Leandro Souza. Cianotípias sobre papel de aquarela 300 g/m² 14,8 x 21,0. In: *Experiências de dentro e de fora: o que a universidade pode aprender com a escola?* (2021).



A nossa segunda pesquisa coletiva está sendo *Mirando arte na zona da mata mineira*. Iniciada no ano de 2021, pretende mapear como ocorre o ensino e a aprendizagem da arte no Ensino Médio Estadual da Zona da Mata Mineira a partir da Reforma do Ensino Médio implementada no ano de 2022. A reflexão e a criação de novos dados sobre o Ensino Médio no Estado de Minas Gerais se fazem urgente, principalmente em relação ao ensino da arte, para auxiliar na compreensão dos impactos das políticas públicas nacionais e estaduais, dos obstáculos para a implementação da Reforma e na elaboração de possíveis estratégias que possam colaborar no crescimento qualitativo da educação neste segmento.

No Ensino Médio o componente Arte está inserido na área de conhecimento de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Documentos e diretrizes nacionais, inclusive a BNCC, promulgada em 2018, propõem que a arte seja discutida e vivenciada na escola a

partir das suas múltiplas linguagens e em conexão com o cotidiano dos alunos. Recomendam que ao longo do Ensino Médio os/as estudantes tenham oportunidades de ter experiências significativas com a linguagem cênica, musical, visual, audiovisual e híbrida. Diversos estudos apontam o Ensino Médio como o segmento da Educação Básica que mais problemas enfrenta para alcançar suas metas (KRAWCZYK, 2011; LEBOURG, COUTRIN, 2018; GOMES, 2019), intensificados ainda mais pela pandemia de Covid 19. A pesquisa aponta que entre diversos fatores, a falta de identidade e clareza dos objetivos a serem alcançados por professores/as e pelos/as estudantes se contrapõem às proposições oficiais. Especialmente no componente Arte, onde os/as docentes entrevistados relataram o desafio cotidiano de ter que legitimar a Arte enquanto área de conhecimento fundamental na escola. A pesquisa encerra-se no primeiro semestre de 2025.

Os paradigmas contemporâneos do ensino da Arte são fruto de conservações e mudanças, preservações, substituições e ressignificações de questões estéticas e educacionais. Diante disso, a busca de propostas contemporâneas para tratar dessas questões vem sendo uma das principais preocupações dos arte-educadores brasileiros nas duas últimas décadas (FUSARI, FERRAZ, 2001; BARBOSA, 2002, 2006; MARTINS, PICOSQUE, 2012; CARVALHO, EGAS, 2021; LOPONTE, MOSI, 2023). No MIRADA estamos comprometidos e atentos às dinâmicas de tal complexidade, posto que nos interessa “dar a ver” aos estudantes, futuros docentes, os impactos das múltiplas visualidades nos processos educativos na Educação Básica.

Entre as diversas ações extensionistas do MIRADA, destaca-se o curso de extensão universitária MIRANDO ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL, que teve edição mais recente no ano de 2023. Com carga horária de 60 horas, direcionado aos profissionais que atuam no Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação de Juiz de Fora.

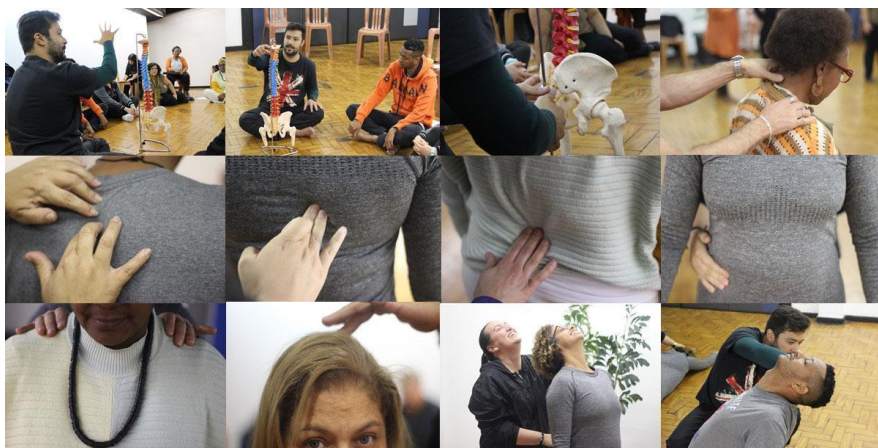


Imagem 2 e 3 – Curso de Extensão MIRANDO ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL (2023) em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Juiz de Fora/MG. Fotos: Francione Oliveira Carvalho.



Outra parceria importante do MIRADA com a Secretaria de Educação da Prefeitura de Juiz de Fora, juntamente com a FAEB - Federação de Arte Educadores do Brasil foi a realização, no ano de 2022, do XXXI Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil (ConFAEB) - *O invisível não é irreal: é o real não percebido. Por uma Arte/Educação sensível*, e o IX Congresso Internacional de Arte-Educadores. O título do evento fez referência a obra *O discípulo de Emaús* (1944) do escritor juiz-forano Murilo Mendes (1901-1975), patrono das artes de Juiz de Fora. O poeta nos convida a tomar consciência de si através do sentir e experimentar a existência do mundo a partir das ressonâncias sensoriais e perceptivas que nos atravessam.

Imagem 4 – Registro do XXXI Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil (ConFAEB) - O invisível não é irreal: é o real não percebido. *Por uma Arte/Educação sensível*, juntamente com o IX Congresso Internacional de Arte-Educadores (2022), Theatro Central, UFJF.



Entre as diversas pesquisas orientadas por docentes do MIRADA, destacam-se a monografia da Especialização em Artes Visuais de Lígia Gonçalves Costa, intitulada *Alimentação Escolar: uma busca pelas cores, formas, texturas, olhares e afetos* (2019), orientada pela Prof^a Dr^a Olga Maria Botelho Egas. A pesquisa de Iniciação Científica *Música em comunidade: processos educativos na Folia de Reis Estrela do Amanhã* (2021), coordenada pelo Prof. Dr. Pedro Augusto Dutra que teve como bolsista Paula Duarte. As dissertações *O terreiro de Umbanda como lugar de aprendizagem e arte: Macumba Pictórica* (2023), de Pedro Ivo Cipriano; *O que vi da vida: um estudo sobre os saberes individuais nas aulas de arte da EJA do C.A. João XXIII* (2023), de Frederico Crochet; *Diálogos entre criação, arte e subjetividade: uma visão artográfica do conhecimento em artes visuais no novo ensino médio* (2024), de Juliana Monteiro de Souza Dias e a tese de doutorado *EU NUNCA VIVI ISSO ANTES: presença do corpo e práticas pedagógicas aforreferenciadas para uma educação antirracista* (2024), de Thalita de Cássia Reis

Teodoro, todos trabalhos orientados pelo Prof. Dr Francione Oliveira Carvalho.

Imagem 5 – Ligia Gonçalves Costa, *Alimentação Escolar: uma busca pelas cores, formas, texturas, olhares e afetos.* (Especialização, 2019). Acervo da autora.



IMAGENS-CHAVE

Imagem 6 – Pedro Ivo Cipriano, *O terreiro de Umbanda como lugar de aprendizagem e arte: Macumba Pictórica* (Dissertação, 2023). Foto: Francione Oliveira Carvalho.

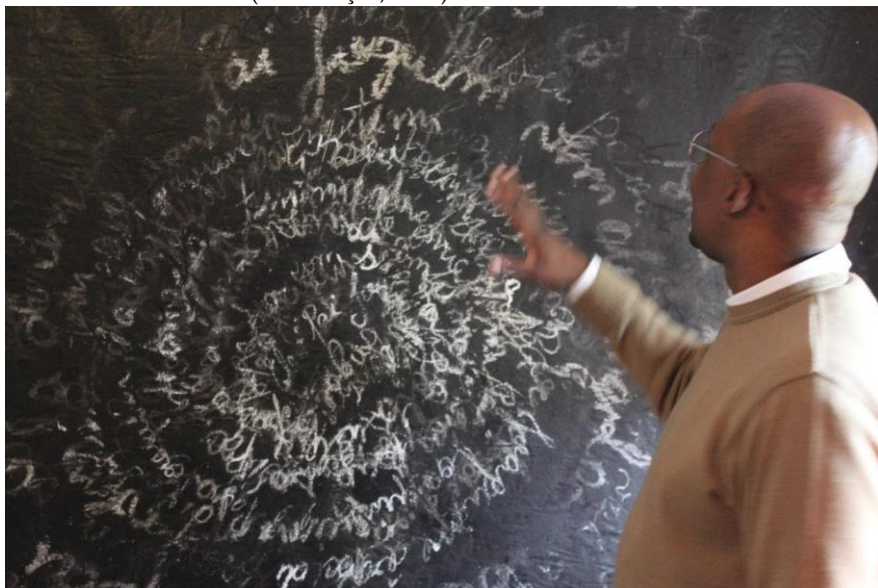


Imagem 7 e 8 – Exposição “Filhos de Quem?” (2017) In: CROCHET. Frederico. *O que vi da vida: um estudo sobre os saberes individuais nas aulas de arte da EJA do C.A. João XXIII.* (Dissertação, 2023. Foto: Renata Oliveira Caetano.



Imagem 9 – Juliana Monteiro Dias, 2024. In: *Diálogos entre criação, arte e subjetividade: uma visão artográfica do conhecimento em Artes Visuais no Novo Ensino Médio.* (Dissertação).



Imagem 10 – Thalita de Cassia Reis Teodoro. *EU NUNCA VIVI ISSO ANTES: presença do corpo e práticas pedagógicas afrorreferenciadas para uma educação antirracista* (Tese, 2024). Fotos: Paula Duarte.



Imagem 11, 12 e 13. Projeto de Extensão *Música em comunidade: processos educativos na Folia de Reis Estrela do Amanhã* (2021), coordenado por Pedro Augusto Dutra, em Juiz de Fora. Fotos: Paula Duarte.





Ao longo do percurso do MIRADA nos deparamos com muitas inquietações, um tanto de desafios e algumas descobertas que ao serem compartilhadas no grupo e para além dele, reverberam em

novas aprendizagens e entrecruzamentos entre a academia, as linguagens artísticas e as culturas da contemporaneidade.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. **Arte/Educação contemporânea**. São Paulo: Cortez, 2006.

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

CARVALHO, Francione Oliveira. EGAS, Olga (orgs.) **Experiências de dentro e de fora: o que a universidade pode aprender com a escola?**. Rio de Janeiro: Batuque; Juiz de Fora, MG: Mirada, 2021. Disponível em: <http://grupomirada.com/livro/>

CIPRIANO, Pedro Ivo Inocêncio. **O terreiro de Umbanda como lugar de aprendizagem e arte: Macumba Pictórica**. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. Disponível em:

COSTA, Ligia Gonçalves. **Alimentação escolar: uma busca pelas cores, formas, texturas, olhares e afetos**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização Ensino de Artes Visuais) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/10527> Acesso em :15.10.2024.

CROCHET, Frederico Marcelo. **O que vi da vida: um estudo sobre os saberes individuais nas aulas de arte da EJA do C.A. João XXIII**. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/16493>. Acesso em: 15.10.2024.

DIAS, Juliana Monteiro de Souza. **Diálogos entre criação, arte e subjetividade: uma visão artográfica do conhecimento em artes visuais no novo ensino médio**. 2024. Dissertação. (Mestrado em Educação) –Faculdade de Educação. Universidade Federal de Juiz

de Fora, Juiz de Fora. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/17286>, Acesso em: 15.10.2024.

EGAS, Olga. A Fotografia na pesquisa em Educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, [S.l.], p. 953-966, jul. 2018. Disponível em <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/10871>>. Acesso 15/10/2024.

FUSARI, Maria F. de Rezende e. FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 2001.

GOMES, Heyde Ferreira. **O novo ensino médio na rede pública estadual de Minas Gerais: um estudo da implementação do tempo integral e integrado**. Dissertação. (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação - Conhecimento e Inclusão Social: UFMG. Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/35482>, acesso 15/10/2024. https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFJF_df0c230cd9945c380721f7c2381c06dc. Acesso em: 15.10.2024. <https://doi.org/10.1590/2175-623664657>, acesso 15/10/2024. <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/258314/001168950.pdf?sequence=1&isAllowed=y>, acesso 15/10/2024.

IRWIN, Rita. A/r/tografia: uma mestiçagem metonímica. **Interterritorialidade: mídias, contextos e educação**. BARBOSA, Ana Mae. AMARAL, Lilian. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

KRAWCZYK, Nora. Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje. **Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas**. v.41, núm. 144, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/mq5QhqMxcsdJ9KfDZjqLmtG/?format=pdf&lang=pt>

LEBOURG, Elodia Honse e COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação. Eu Não Queria Estar Aqui: juventude, ensino médio e deslocamento. **Revista Educação & Realidade** [online]. 2018, vol.43, n.2, pp.609-627. ISSN 2175-6236.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. MOSI, Cristian Poletti (org.). **ARTEVERSA: arte, docência e outras invenções**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. Disponível em:

MARTINS, Miriam Celeste. PICOSQUE, Gisa. **Mediação Cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Intermeios, 2012.

MARTINS, Mirian Celeste & Grupo de Pesquisa em Mediação Cultural: contaminações e provocações estéticas. *Mediação Cultural: Expandindo conceitos entre Territórios de Arte&Cultura*. In: XXI CONFAEB – CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE EDUCADORES DO BRASIL – CULTURAS DA PESQUISA: ARTE, EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA, 2011, ANAIS [...]São Luís.

MIGNOLO, Walter. **A colonialidade está longe de ter sido superada, logo, a decolonialidade deve prosseguir**. Projeto Arte e Descolonização: Masp Afterall, 2018. Disponível em <<https://masp.org.br/arte-e-descolonizacao>>. Acesso 15/10/2024.

NÓVOA, António. Devolver a formação de professores aos professores. **Cadernos de Pesquisa em Educação - PPGE/UFES**. Vitória, ES. a. 9, v. 18, n. 35, p. 11-22, jan./jun. 2012. Disponível em <<http://www.periodicos.ufes.br/educacao/article/view/4927/3772>>.

Acesso em 15/10/2024.

NÓVOA, António. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. In: **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

TEODORO, Thalita de Cassia Reis. **EU NUNCA VIVI ISSO ANTES: presença do corpo e práticas pedagógicas afrorreferenciadas para uma educação antirracista**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2024.

WALSH, Catherine (Ed.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

Movimentos de um bando chamado gepaefd (UFSM)

Marilda Oliveira de Oliveira
Vivien Kelling Cardonetti
Francieli Regina Garlet

O Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Filosofias da Diferença (GEPAEFD) não nasceu com este nome no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, antes ele foi Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura, sofreu mutações, variações contínuas e foi mudando a pele, perdendo a casca e se metamorfoseando.

Nasceu em 2006 na Universidade Federal de Santa Maria, no Centro de Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação, na Linha de Pesquisa 4 – Educação e Artes e desde o início teve uma configuração particular, compunha-se de membros virtuais (colegas pesquisadoras/pesquisadores de outras IES) e de membros presenciais (acadêmicas/os, pós-graduandas/os de diferentes áreas e orientandos/as de mestrado, doutorado e pós-doutorado da líder do grupo, profa. Marilda Oliveira de Oliveira).

O propósito inicial foi congregar em um grupo pesquisadoras/es de diferentes IES com quem pudéssemos manter uma conversação sobre eventos e publicações da área, naquele momento, ainda bastante restritos. Desde o início acolhemos colegas de diferentes campos do saber (artes visuais, teatro, dança, comunicação, letras, biologia, filosofia, psicologia, pedagogia, educação especial, entre outros), o que nos permitiu uma profícua hibridez desses campos com a educação.

E assim, o grupo de pesquisa cumpriu uma função genuína, foi rede de apoio e serviu de lastro para muitas invenções nesses 24 anos de vida. Realizamos, durante esse tempo, a leitura e estudos de textos de diversas áreas e gêneros, dentre eles artigos, livros

organizados e obras de uma/um mesma autora/autor, como: Anne Cauquelin, Roland Barthes, Gilles Deleuze, Felix Guattari, Suely Rolnik, Carlos Skliar, Walter Benjamin, Jacques Derrida, Michel Foucault, dentre outros. Também apresentamos nossos projetos de pesquisa no grupo para serem debatidos, assistimos filmes, produzimos escritas coletivas, tivemos convidados que ofereceram conversas, realizamos oficinas em várias cidades do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, promovemos o 1º Congresso de Arte, Educação e Cultura em 2007 e o 2º CEAC em 2009, organizamos um livro com textos dos membros do grupo, lançado no 1º CEAC em 2007, intitulado “Arte, Educação e Cultura”, obra que teve uma 2ª edição em 2015, ambas as edições pela Editora da UFSM.

Ao olhar para a trajetória deste coletivo, percebemos que nos unimos em torno de um tema específico com o objetivo de investigar, experimentar e produzir conhecimento juntas/os. Deste modo, um grupo de pesquisa tem grande relevância não apenas para o ambiente acadêmico, mas também para diminuir a solidão que abate quem pesquisa.

Essa colocação tem relação com o questionamento de Clareto e Veiga (2016, p. 33) “O que pode um grupo?” Ao lançar esta problematização estão fazendo referência a grupos que escrevem juntos, produzem pesquisas de modo coletivo e nos propõem a pensar um grupo de pesquisa, enquanto um corpo que tem potência de afetar e ser afetado (Spinoza, 2010). E, neste sentido, temos pensado outros modos de produzir escrita acadêmica ao investir no compartilhamento com o grupo das dissertações, das teses e também da escrita pós-doutoral que estão em processo. Esse movimento tem possibilitado uma multiplicidade de olhares atentos, mãos inquietas a compor encontros com singulares formas de ler e escrever no coletivo. Pesquisadoras/es em diferentes estágios de pesquisa têm ocupado diferentes [com]posições de escrita ao pensar juntas/os, produzido afetos, tramado coisas e realizado atravessamentos, fazendo de cada texto uma escrita em travessia, que se move no entre.

O 'entre' aqui mencionado não se trata do espaço entre uma escrita e outra, mas uma escrita que se movimenta no processo, nos devires produzidos com os signos lançados que nos forçam a movimentar o pensamento. Nesse movimentar-se no 'entre', uma multiplicidade é operada, pois as pesquisas se entrecruzam junto às leituras, às/aos autoras/es, aos conceitos, às produções de sentidos, aos afetos, às experiências e a um olhar/pensar diferenciado para/com as imagens, tudo isso produz uma escrita de muitas/os, entre muitas/os (Cardonetti; Oliveira, 2018).

A escrita vai se fazendo, sendo que cada um também vai se produzindo/subjectivando junto a esses diferentes corpos. Uma escrita experimentação passa a granjear potência na partilha, no encontro, no 'estar juntos'. Ao usufruir dessa intensa zona de vizinhança, passamos a conjecturar e a pensar que todo e qualquer texto que se escreve é gotejado por inúmeras vidas, passando a respingar também na nossa própria vida. Isso permite dizer que o que se escreve acaba nos escrevendo; o que se produz também passa a nos produzir. Ao transitar desta forma, permitimo-nos "deixar de ser, de dar-se de bruços com a impossibilidade de fazê-lo, de estar do lado do desassossego" (Skliar, 2014, p. 65).

Conforme Clareto e Veiga (2016, p. 33), a

Escrita por um grupo, junta em si várias vozes, vozes que perturbam a noite, ressoam no corpo, insônia. Falas do não falante e também do falante, pausas e não falas, silêncios, quietudes esburacadas com corpo.

Como Clareto e Veiga (2016) mencionam, queremos produzir textos, dissertações e teses que sejam um ponto de partida e não de chegada, abrir e pensar possibilidades, ao invés de fechar, afetar para além de fazer entender. Entender, aqui, não significa somente compreender de fato o que o outro escreve e o que acontece, ou as relações interpretações que este outro faz, mas sim estar em contato, aproximar-se da língua que fala, dos acontecimentos, abrindo mão do entendimento, do juízo de gosto e do avaliar, possibilitando com isso o pensar de outras perspectivas.

Assim, como grupo, temos pensado em diferentes formas de fazer pesquisa, de produzir a escrita e também diferentes métodos de pesquisa. Algumas escritas exploram a cartografia, outras a pesquisa biografemática, a fiandografia, a andarilhagem, a garimpagem, a artegrafia, dentre outras listadas ao longo deste texto. Esses métodos de pesquisa com imagens têm permitido explorar a criação, buscando a ampliação de possibilidades nesses espaços de pesquisa para compor com a arte (Neuscharank; Dalmaso, Oliveira, 2019).

As temáticas abordadas pelo grupo também são amplas, bem como o que movimenta cada pesquisadora/or, uma vez que temos produzido pesquisa com a fabulação; com as possibilidades outras dos currículos escolares, de modo a resistir à fixidez dos mesmos, pensando em uma educação menor e nas micropolíticas como resistência, no tempo e nos entretempos na educação; com a experiência docente bilíngue de estudantes surdos; com uma docência que cava a si mesma produzindo vazios em um borramento de fronteiras para pensar a fixidez e os desvios produzidos na educação.

A seguir, apresentamos uma tabela com as dissertações, teses e pesquisas pós-doutoral desenvolvidas no grupo com o ano de início e fim, nome da/do pesquisadora/or, título, método e as palavras-chave.

Tabela 01*. Dissertações de Mestrado (M), Teses de Doutorado (D) e Trabalhos de Pós-doutorado (PD) produzidos no grupo de 2006 a 2024, orientados por Marilda Oliveira de Oliveira.

Início/Fim M/D/PD	Pesquisadora/or	Título da Pesquisa	Método de Pesquisa	Palavras-chave
2006-2008 M	Daniele Noal Gai (coorientação)	Álbum de família líquida: conversações possíveis para a (des)construção da marca deficiência mental.	Investigação baseada nas artes (IBA).	Família líquida, diferença, imagens, conversações.
2007-2009 M	Juliano Reis Siqueira	Aprendizagem da Arte e formação de educadores	Investigação baseada nas artes (IBA).	Arte, aprendizagem, formação do artista e formação de educadores.
2007-2009 M	Ana Claudia Machado Paim	A cultura visual no âmbito escolar: uma viagem a Dilermando de Aguiar/RS.	Investigação baseada nas artes (IBA).	Cultura visual, escola rural, pesquisa narrativa.
2008-2010 M	Leila Adriana Baptaglin	Construindo projetos, arquitetando ideias, analisando dados: a reforma curricular do Curso de Licenciatura em Artes Visuais 2004/UFSM.	Estudo de caso.	Formação inicial, Artes Visuais e organização curricular.
2008-2010 M	Aline Nunes da Rosa	Narrativas fílmicas e educação das artes visuais, percursos, afetos e bricolagens na formação inicial de professores.	Bricolagem.	Narrativas fílmicas, bricolagem, formação de professores e educação das artes visuais.
2008-2010 M	Cristian Poletti Mossi	Possíveis territorialidades e a produção crítica da arte, suturas e sobrejustaposições	Sobrejustaposições.	Produção crítica da arte, território, subjetividade, corpo, veste.

		entre vestes sem corpos e corpos sem vestes.		
2009-2011 M	Silvia Guareschi Schwaab	Sobre a formação continuada em artes visuais: experiências narrativas a partir da cultura visual.	Investigação baseada em artes (IBA).	Narrativas, formação continuada e cultura visual.
2009-2011 M	Maria Goreti Cortes Mendonça	Visualidades do espaço escolar: uma interlocução com a cultura visual	Investigação baseada em artes (IBA)	Grafite, cultura visual e espaço escolar.
2010-2012 M	Daniela Medeiros	Diferença e subjetividades do corpo: que educação é essa?	Investigação baseada em artes (IBA).	Educação, corpo, diferença e subjetividade
2010-2012 D	Lutiere Dalla Valle (coorientação)	Miradas y direccionalidades en el cine en torno a los sentidos de ser docente – una investigación narrativa desde la educación de la cultura visual.	Pesquisa narrativa. (Universidad de Barcelona)	Cine, enseñanza, cultura visual y investigación narrativa.
2011-2013 M	Thais Raquel Da Silva Paz	Processos de subjetivação e narrativa autobiográfica de uma professora de Artes visuais.	Pesquisa narrativa.	Narrativa autobiográfica, artes visuais, docência e processos de subjetivação.
2011-2013 M	Tamiris Vaz	Encontros e esperas de uma professora em percurso.	Investigação baseada em artes (IBA).	Percursos, intensidades, esperas, professora e encontros.
2012-2014 M	Francieli Regina Garlet	Pesquisar andarilho: cintilâncias e transbordamentos de uma docência.	Andarilhagem	Docência em artes visuais; Método andarilho; Deleuze; Guattari

2010-2014 D	Cristian Poleti Mossi	Um corpo-sem-órgãos, sobrejustaposições. Quem a pesquisa [em educação] pensa que é?	Sobrejustaposições.	Corpo-sem-órgãos, sobrejustaposição e pesquisa em educação.
2011-2014 D	Vivien Kelling Cardonetti	Experiências educativas: ressonâncias de intercessões fílmicas.	Autoetnografia.	Experiência educativa, intercessões fílmicas, ressonância, multiplicidade, acontecimento e devir-criança.
2011-2014 D	Marli Simionato	Percursos, fragmentos e encontros: singularidades na docência.	Cartografia.	Singularidades, encontros, docência, subjetividade e potência de agir.
2013-2015 M	Angélica Neuscharank	Uma docência pela garimpagem: encontros com signos.	Garimpagem.	Docência, aprendizagem, encontros, signos e Proust.
2013-2015 M	Ana Cláudia Barin	Afetos de um mundo secreto: Fabulações de uma formação docente.	Fabulação.	Fabulação, formação docente, Coraline e afetos.
2013-2016 D	Alice Copetti Dalmaso	Fiandografia: experimentações entre leitura e escrita numa pesquisa em educação.	Fiandografia.	Fiandografia, leitura, escrita, (de)formação e Educação.
2015-2017 M	Carin Cristina Dahmer	Apropriações nos territórios curriculares: cartografando de-formações na história da arte.	Cartografia.	Docência em artes visuais, apropriação, currículo e filosofias da diferença.
2015-2017 M	Francieli Backes	A matrioska em mutação: processos de subjetivação na docência em artes visuais.	Bricolagem.	Processos de subjetivação, complexidade, matrioska e bricolagem.

2014-2017 D	Daniela Grieco Nascimento e Silva	Corpo – escrita no balé: para repensar o corpo doce da bailarina da caixinha de música em uma pesquisa em educação e arte.	Corpo-escrita.	Corpo-escrita, ballet, corpo doce e bailarina da caixa de música.
2014-2017 D	Juliana Zanini Salbego	Sobre atravessamentos e visualidades em ambientes educativos: aproximações com o PIBID Artes Visuais.	Etnografia pós-moderna.	Educação, cultura visual, visualidade e atravessamentos.
2016-2018 M	Sara Beatriz Huppés	Educação e diferença: uma experiência docente em artes visuais na comunidade surda.	Biografemática.	Diferença, surdez e experiência.
2014-2018 D	Francieli Regina Garlet	Entre o visível e o enunciável em educação: o que pode uma docência que cava a si mesma?	Andarilhagem	Docência menor, devir-traça, pesquisar andarilho, vazio, imagem e escrita.
2014-2018 D	Daniela Minello Manzoni	Dançografia em processo de criação: uma docência artista em dança.	Dançografia.	Processo de criação e docência artista.
2016-2018 PD	Vivien Kelling Cardonetti	Leitura e escrita: repercussões e ressonâncias propagadas em um coletivo.	Cartografia	Leitura, escrita, coletivos.
2017-2019 M	Cristine Schüssler de Vasconcellos	‘Entre’ multiplicidades de um coletivo: sobre a produção de diários da prática pedagógica.	Autoetnografia.	Agenciamento coletivo, bando, encontro com signos, multiplicidade, docência em Artes Visuais e diários de prática pedagógica.
2017-2019 M	Rosenara da Silva Soares Maia	Artegrafar uma docência menor.	Artegrafia.	Educação menor, docência menor em artes visuais.

2015-2019 D	Angélica Neuscharank	Coextensividade: Sobre as noções de tempo na educação.	Garimpagem.	Coextensividade, tempo, imagem e educação.
2015-2019 D	Ana Cláudia Barin	Invento-me: potências do devir – criança-uma educação pela fabulação.	Fabulação.	Devir-criança, memória infante, literatura e fabulação.
2016-2020 D	Cláudia Aparecida dos Santos	Desvio-escrita-pensamento: para traçar possíveis na educação e na pesquisa.	Desvio-escrita-pensamento.	Educação, arte, pesquisa e filosofias da diferença.
2018-2020 M	Marcela Bautista Nunez	Encontros de Orientação Coletiva – <i>pasearse</i> por agenciamentos coletivos e produções de pesquisa a n-1.	<i>Pasearse</i> investigativo	Educação, Artes, Dissertações, Teses, Escritas a n-1.
2018-2020 M	Rafael Agatti Durante	Entrevaguear e pesquisar em educação: livros de artistas-professores [e o que se cria] no deambular entre o estágio curricular supervisionado e o Programa Residência Pedagógica.	Deambulação	Processo de criação, Livros de artistas-Professores, deambular, Programa Residência Pedagógica, Estágio Curricular Supervisionado.
2018-2020 M	Denise Meller Losekann	Revista Digital do LAV/UFSM: conversações entre arquivo, gênero e sexualidade.	Arquivo/mundo	Revista Digital do LAV, arquivo, gênero, sexualidade, educação e artes.
2017-2021 D	Carin Cristina Dahmer	História da arte em des-remontagens: experimentações de entre-tempos na educação.	Des-remontagens	História da arte, entre-tempos, educação, des-remontagens
2018-2022 D	Caue de Camargo dos Santos	Corpo-ateliê: memórias performadas por um professor-artista	Investigação-criação	Corpo-ateliê, educação e arte, memória,

				performance, professor-artista.
2019-2023 D	Cíntia Medianeira Bitencourt de Lima	Jardim-semente e reverberações: uma docência pela singularidade	Biografemática	Singularidade, experiência do fora, respigar, docência, jardim.
2021-2023 M	Stefhani Dalla Nora Michelin	Uma docência com infâncias atravessada pelos diários visuais e/ou textuais e pelas questões de corpo e gênero	Biografemática	Gênero, corpo, infâncias, docência, biografemática
2021-2023 M	Andressa Coelho Muller	Experiências estéticas em instituições de reeducação de crianças e jovens	Investigação baseada nas artes (IBA)	Institucionalização, experiências estéticas, processos educativos, reeducação, criação de circunstâncias.
2021-2024 D	Thaís Thaianara Oliveira da Costa	Devir tubo: linhas, traços e marcas de uma tese-diagrama na Vila Princesa em Porto Velho – Rondônia	Escrita-mergulho	Devir, escrita-mergulho, Vila Princesa
2022-2023 PD	Francieli Regina Garlet	O imprevisível das imagens como campo de experimentação em educação: paisagens andarilhas de uma travessia pós-doutoral	Andarilhagem	Escrita, imagens, imprevisível.
2022-2024 M	Luana da Silva	Uma docência em meio ao devir-criança atravessada por processos de escrita	Ensaio	Docência; devir-criança; processos de escrita; ensaio

*Estudo realizado por Marcela Bautista Nuñez na Dissertação “Encontros de Orientação Coletiva – *pasearse* por agenciamentos coletivos e produções de pesquisa a n-1”, defendida em 2020 e complementada nos anos seguintes.

Assim, interessa-nos enquanto grupo:

Conceber uma investigação em educação que, fazendo uso da potência da arte – mais como postura diante do mundo e da produção de conhecimento e menos como fabricação de um objeto especial –, deslocar aquilo que usualmente chamamos de pesquisa (Mossi; Oliveira, 2018, p. 121).

E, onde não seja possível separar a pesquisa da/o pesquisadora/pesquisador e do objeto pesquisado. Nesse processo de construção coletiva de pesquisas, investigamos juntas/os, compartilhamos achados e estudamos de forma conjunta. Assim, não nos acomete a solidão durante o árduo processo de escrever um artigo, uma dissertação ou uma tese. O fazemos com muita seriedade, porém de forma leve. E nesse coletivo que habitamos e que somos habitadas pelas multiplicidades presentes, pensamos uma educação menor, e “na educação menor, não há a possibilidade de atos solitários, isolados; toda ação implicará muitos indivíduos. Toda singularização será, ao mesmo tempo, coletiva” (Gallo, 2002, p. 176).

A educação menor é uma aposta nas multiplicidades, que rizomaticamente se conectam e interconectam, gerando novas multiplicidades. Assim, todo ato singular se coletiviza e todo ato coletivo se singulariza. Num rizoma, as singularidades desenvolvem devires que implicam em hecceidades (Gallo, 2002, p. 176).

Podemos dizer que almejamos uma escrita menor, rizomática que afeta a cada uma/um do grupo de forma singular, que movimentam multiplicidades ao pensar a pesquisa e a produção de textos, teses e dissertações com imagens. Línguas que se cruzam e entrecruzam em um pesquisar que não conclui, que não se fecha, mas que mantém vivas as problemáticas que as movimentam.

Ao sobrevoar este tópico, poderíamos sublinhar o quanto a formação docente em artes visuais ocupou vastos períodos de pesquisa, escrita e produção intelectual deste grupo, pois inúmeras publicações se detiveram neste tema. Igualmente, e não menos importante, outras temáticas foram exploradas: as questões

metodológicas da pesquisa em educação, os diários de aula, a escrita e a leitura acadêmica, as questões do currículo, da história da arte, das imagens e das imagens fílmicas (Cardonetti, Garlet, Mossi, Oliveira, 2023). Nada disso teria sido possível se não fosse o movimento do grupo de pesquisa, e a esse respeito há uma citação de Deleuze que nos parece muito oportuna para pensar este bando.

Os bandos vivem os piores perigos, reformar os juízes, tribunais, escolas, famílias e conjugalidades, mas o que há de bom em um bando, em princípio, é que cada um cuida de seu próprio negócio encontrando ao mesmo tempo os outros; cada um tira seu proveito, e que um devir se delinea, um bloco, que já não é de ninguém, mas está 'entre' todo mundo, se põe em movimento como um barquinho que crianças largam e perdem e que outros roubam (Deleuze; Parnet, 1998, p. 8-9).

Cada uma/um cuida da sua própria pesquisa, do seu trabalho e de sua vida, mas cada uma/um se retroalimenta no bando, pede ajuda, divide o fardo e assim tudo parece ser mais leve, fazendo mais sentido.

Criação de métodos de pesquisa com imagens

Com o propósito de adentrar um pouco mais neste campo de força que é tão específico do nosso grupo de pesquisa vamos apresentar os movimentos e pensamentos que têm atravessado o GEPAEFD, explorando esse panorama multifacetado que, ao deslocar-se transversalmente, passa a criar outros métodos [ou seriam modos?] de fazer pesquisa em educação e arte.

Temos, enquanto grupo de pesquisa, bebido na área da filosofia (plano de imanência), estudado autores como Nietzsche, Deleuze, Guattari, Foucault, Derrida, Corazza, Rolnik e Gallo, para citar, apenas, alguns deles. Esses estudos têm o intuito de arejar nosso pensamento ao forjar métodos de investigação no campo da educação (plano de referência) com imagens (plano de composição), buscando apostar no emaranhado de saberes e na conversa com a diferença e a multiplicidade. Isto é, temos investido nas filosofias da

diferença, com temas e questões que extravasaram o campo específico da educação e das artes visuais, pois temos sido afetadas por encontros que nos desafiam uma aproximação com temáticas e áreas não tão próximas às nossas.

A presença da imagem junto à escrita tem nos inquirido a olhar demoradamente para esse âmbito de estudo por configurar um espaço próprio de experimentação – que, inclusive, ainda hoje é extremamente pouco explorado, muito embora nosso cotidiano seja bombardeado todos os dias por visualidades de inúmeras naturezas –, as imagens, (nesta perspectiva que apostamos) solicitam outra relação por parte de quem com elas interage.

Deste modo e com esses referenciais teóricos, as imagens não são subordinadas à lógica dos textos, tampouco são ‘lidas ou ‘decodificadas’ por um sujeito que se impõe como ‘decifrador’ de códigos, já que nem mesmo a leitura com a qual trabalhamos está a serviço dessa posição de suposto ‘saber’. A imagem, quando não tem o propósito de representar a narrativa textual, possibilita a ampliação de sentidos, sinalizando outros elementos que talvez fossem imperceptíveis se tivessem sido apresentados de outra maneira. Em vez de servir de equivalência, de correspondência ou de reprodução do texto, as imagens podem nos desafiar a estabelecer outras pontes e inúmeros liames.

Por fim, algumas questões também têm nos acompanhado neste percurso: como fazer emergir entre as palavras, a leitura e a escrita acadêmica outras sonoridades? Como povoar a leitura e a escrita de possibilidades, distanciando-se da informação, do relato, do senso comum e daquilo que faz cantar sempre em uníssono? Que forças podem nascer do dissenso e da dobra (Oliveira, 2015)? Como experimentar outros timbres e inflexões com métodos de pesquisa forjados em um coletivo?

Estes são alguns dos movimentos que temos feito no GEPAEFD ao longo desses anos e que nos inspiram a seguir invencionando maneiras de estar juntas/os.

Referências

CARDONETTI, Vivien Kelling; GARLET, Francieli Regina; MOSSI, Cristian Poletti; OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Conversações e contágios: o que se passa em uma escrita coletiva atravessada pelos encontros “sábados com Deleuze”? **Palíndromo**, Florianópolis, v. 15, n. 35, p. 133–155, 2023. DOI: 10.5965/2175234615352023133. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/22866> Acesso em 23 out. 2024.

CARDONETTI, Vivien Kelling; OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Escrita acadêmica: repercussões e ressonâncias propagadas em um coletivo. **Revista Contrapontos**, Eletrônica, Vol. 18 - n. 2 - Itajaí, ABR-JUN 2018. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/11259> Acesso em 23 out 2024.

CLARETO, Sônia Maria; VEIGA, Ana Lygia Vieira Schil da. Uma escrita de muitos ou uma escrita em travessia. In: CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice (Orgs.) **Uma escrita acadêmica outra: Ensaios, experiências e invenções**. Lamparina: Rio de Janeiro, 2016, p. 31 – 47.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor. **Revista Educação e Realidade**. V. 27, n2. UFRGS. Porto Alegre, RS, 2002, p. 169-178.

MOSSI, Cristian Poletti; OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Variações em torno das pesquisas em educação e arte com imagens. **Leitura: teoria e prática**, Campinas, São Paulo, v.36, n.72, p.115-131, 2018. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ltp/v36n72/2317-0972-ltp-36-72-115.pdf> Acesso em 23 out. 2024.

Neuscharank, Angélica, Dalmaso, Alice Copetti; Oliveira, Marilda Oliveira de. Agenciamento cartografia-garimpagem: um modo de produzir pesquisa em educação. **Educação**, 42(1), 3–11. <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2019.1.26673> Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/26673> Acesso em 23 out. 2024.

NUNEZ, Marcela Bautista. Encontros de Orientação Coletiva – *pasearse* por agenciamentos coletivos e produções de pesquisa a n-1. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Federal de Santa Maria, 2020. <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/23095> Acesso em 23 out. 2024.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Como "produzir clarões" nas pesquisas em educação?. **R. Educ. Públ. [online]**. 2015, vol.24, n.56, pp.443-454. ISSN 2238-2097. <https://doi.org/10.2015/repub-v24n56maio.ago009> Acesso em 23 out. 2024.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem**: educar. Tradução de Giane Lessa. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

NUPAE: O fazer-se sensibilidade na pesquisa

Silvia Sell Duarte Pillotto
Mirtes Antunes Locatelli Strapazzon

O Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE), vinculado atualmente ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade da Região de Joinville (Univille), Santa Catarina/Brasil, tem sua origem no ano de 2003. Um grupo de professores/pesquisadores interessados em (des)velar caminhos outros de fazer pesquisas, articuladas às práticas sociais, tendo em suas bases os estudos e experiências com/nas Sensibilidades.

Neste ano de 2024, o NUPAE comemora sua maioridade, 21 anos de existência fazendo pesquisa, extensão e form(ação) nos territórios da educação, da arte e da cultura, tendo duas linhas de atuação: *Educação Estética e Processos de Criação*, e *Educação, Linguagens e Práticas Educativas*.

A primeira linha de pesquisa: *Educação Estética e Processos de Criação* investiga questões relacionadas à Educação Estética e as Sensibilidades. As temáticas estão ancoradas na poética, na curadoria, nos processos de criação e na educação patrimonial em espaços formais, não formais e informais da educação.

Alguns autores têm sido fundamentais nas pesquisas desta linha, a exemplo: Bachelard (2009), Deleuze; Guattari (2011, 2006, 1995), Duarte Jr. (2010), Han (2022), Larrosa (2015), Ostrower (2002), Pillotto; Meira (2022), Rosenfield (2009), Schiller (1989), entre outros. Estes autores são subsídios que mobilizam também nossos processos de criação como professores/pesquisadores, pois com afirma Ostrower (2002, p. 39) o que “implica uma amplitude de visão que permite muitas coisas se elaborarem e se interligarem, implica uma visão globalizante dos processos de vida”, e nisso consiste nosso olhar criativo/sensível.

Os referidos pensadores têm contribuído para que possamos estar “mais atentos e sensíveis aos acontecimentos em volta, tomando melhor consciência deles e, em decorrência, dotando-nos de maior oportunidade e capacidade para sobre eles refletirmos” (Duarte Jr., 2010, p. 185), seja nos territórios da pesquisa, da docência e/ou da form(ação).

A segunda linha de pesquisa: *Educação, Linguagens e Práticas Educativas*, tem investigado sobre o ensino, aprendizagem e linguagens das artes (visuais, cênicas, musicais, literárias e tecnológicas) considerando os territórios da educação, das artes, das culturas, e também os virtuais e estéticos. Ainda estuda e pesquisa sobre o Currículo e Práticas Educativas no Ensino Básico e Superior.

Devido a amplitude e diversidade das pesquisas nesta linha, alguns autores têm sido importantes para dar consistência às questões conceituais e metodológicas, a exemplo: Abrahão (2018), Bertaux (2010), Deligny (2018), Garcés (2022), Morin (2003), Pillotto (2020), Rancière (2015), Skliar (2014) entre outros que encontramos no percurso de fazer pesquisa.

As pesquisas para o NUPAE estão pautadas nos vínculos afetivos, sustentados pela união e a confiabilidade, e como afirmam Meira e Pillotto (2022, p. 20), “o afeto é um mapeamento sensível do que acontece [...] transmutando-se em valor para a vida pessoal e social”.

Esses valores são marcados pela ideia da pesquisa/viva, aquela que não separa e não tem personagens, mas a que nos alerta sempre de que o vivido em uma trama de Sensibilidades, mobiliza a “construção evolutiva de identidades narrativas, [e] faz todo o sentido em processos formativos” (Abrahão, 2018, p. 46).

A pesquisa é compreendida por nós e nossos métodos como modo de mediação, provocando “novos modos de perceber o entorno. A mediação é aqui entendida como interação entre pessoas, obras, espaços, objetos culturais e também momento singular e plural de experiências” (Strapazzon; Pillotto, 2022, 386).

São duas décadas de encontros e reflexões que resultam em construções afetivas e práticas educativas, subsidiadas sobretudo, pela esperança de uma educação pelo sensível, (re)significada em espaços formais, não formais e informais, tendo a Educação Estética como inspiração(ação).

Somos um núcleo de pesquisadores/formadores, comprometidos com práticas sociais na socialização de conhecimentos sensíveis, reiterando a ideia de que “criar um núcleo de pesquisa em uma Universidade é uma ação que envolve, antes de tudo, a relação de corpos sensíveis, na qual se busca pela experiência conhecer-se e conhecer o outro” (Pillotto; Silva, 2020, p. 3).

Atualmente, o NUPAE conta com 18 pesquisadores das mais variadas áreas de conhecimento, a exemplo: artes visuais, teatro, dança, música, pedagogia, psicologia, filosofia, direito, administração; é formado por pesquisadores da graduação e da pós-graduação.

O que nos une nos múltiplos campos de conhecimento é a Sensibilidade e a Educação Estética que tem lugar garantido em nossas pesquisas, pois, como afirma Schiller (2017, p. 108) “não existe maneira de fazer racional o homem sensível sem torná-lo antes estético”.

As pesquisas do NUPAE seguem alinhadas ao pensamento de autores que sustentam a Sensibilidade e a Estética, e geralmente aprovadas em editais da Fundação de amparo à pesquisa e inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) e no Conselho Nacional de desenvolvimento científico e tecnológico (CNPq), Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina (Uniedu), além de editais próprios da universidade.

Os percursos de fazer pesquisa relacionados aos processos de práticas form(ativos), nos instigam a criar novas composições, uma vez que as (in)quietações sobre a Educação Estética e a Sensibilidade nos causam preocupação. Isto, devido a quase ausência na Educação Básica, no Ensino Superior e mesmo na pós-graduação.

Afinal, estar no campo da Sensibilidade e da Educação Estética nos possibilita viver sensações e sentimentos que nos ajudam na apreensão da realidade, quando o conhecimento não é apenas resultado da atividade intelectual, mas também de uma ação guiada pelo imaginário. Ou ainda, como afirma Rosenfield (2009, p. 7) “investiga sua integração nas atividades físicas e mentais do homem, debruçando-se sobre as produções (artísticas ou não) da sensibilidade, com o fim de determinar suas relações com o conhecimento, a razão e a ética”.

Essa constatação está nas pesquisas desenvolvidas pelo NUPAE, mas sobretudo, em nossa experiência docente e com a (form)ação de professores. Questão complexa que necessita não somente de reflexão, mas do movimento das políticas públicas para/na educação e nas práticas educativas resilientes e contínuas. Como destaca Morin (2003) a complexidade se faz no universo da ambiguidade e da incerteza, nos fluxos e movimentos que se dão no mundo fenomênico. Ou seja, constituem-se em linhas de tensões atravessadas pelas fronteiras entre realidade e imaginário.

Além disso, é necessário que o determinismo e o enquadramento no campo das pesquisas, sejam substituídos por outros caminhos de fazer investigação, a fim de inverter o modelo científico, que ainda tem em suas bases a verdade absoluta. Como afirma Rancière (2015, p. 23) a academia ainda está presa à lógica do sistema explicador. A explicação é necessária para socorrer uma incapacidade de compreender”.

Portanto, é urgente pensarmos em fazer/viver a pesquisa como “um modo provisório, inacabado, em vias de se fazer a cada vez o conhecimento produzido, ou seja, o que se pretende é dar visibilidade para o percurso da pesquisa e seus processos” (Pillotto; Silva, 2019, p. 8).

Esses são caminhos tencionados de fazer/viver pesquisa, rompendo com fronteiras (in)visíveis que nos impediriam de ousar; ao contrário nos provocam e nos encorajam a construir linhas (in)acabadas “sempre a fazer-se, que extravasa toda a matéria

vivível ou vivida. É um processo e passagem de vida que atravessa o vivível e o vivido, a experiência e o experimentado” (Deleuze, 2006, p. 2011).

Ou seja, as pesquisas realizadas no NUPAE têm caráter enigmático e (in)ventivo, buscando manter a curiosidade e a abertura para o (des)conhecido (Pillotto, Silva, 2020). Suas travessias rizomáticas, são (des)dobradas em cartografias, a/r/tografias, (auto)biografias e narrativas, investindo na experiência, no encontro, na passagem e no (trans)passar de corpos em pensamentos e sentires. Afinal, como afirmam Deleuze e Guattari (1995, p. 31), “[...] nada de avanço significativo que não se faça por bifurcação, encontro imprevisível, reavaliação do conjunto a partir de um ângulo inédito”.

As pesquisas atuais e relacionadas às bases conceituais e metodológicas do NUPAE, são as seguintes: - *O desenho infantil como expressão de sentidos: leitura estética e psicológica* (Edital CNPq) da acadêmica do curso de Psicologia Ana Clara Lucri. A pesquisa está na fase do estado de conhecimento, buscando no NUPAE e nas plataformas, visualizar outras pesquisas que tratem de temática. A referida investigação visa contribuir nos campos da educação e da psicologia, compreendendo que a temática pode ser um diferencial na compreensão das infâncias, em especial nas possibilidades de leitura do desenho infantil.

Vale dizer que as investigações no NUPAE “acontecem em múltiplos territórios, o que implica aos pesquisadores uma condição entre o comum e o diferente, entre o planejado e o imprevisto; experiências e relações tensionadas cunhadas pelo desejo de sair do lugar comum” (Pillotto; Celório; Almeida, 2024, p. 11).

A seguir, apresentamos a pesquisa em desenvolvimento: *A experiência estética no campo da Educação Física* (Uniedu) da acadêmica Talita Montes do curso de Licenciatura em Educação Física da Univille. O objetivo é refletir sobre a experiência estética no campo da Educação Física, a fim de potencializar as relações entre o corpo/movimento e suas possibilidades na educação. A pesquisa

bibliográfica, tem em suas bases os estudos de autores que tratam do corpo, da estética e da educação.

Na outra ponta temos a pesquisa de Pós-Doutoramento: *Educação Estética e Práticas Educativas: as artesanias como intervenção formativa nos cursos de Pedagogia*, da pesquisadora Rita de Cássia Fraga da Costa. A investigação analisa a Educação Estética desdobrada em práticas educativas e também a inserção das artesanias nos cursos de Pedagogia no nordeste de Santa Catarina. Além disso tem promovido seminários de discussão e Ateliês em Artesanias, destacando impactos na formação do pedagogo. A pesquisa narrativa está na fase do estado de conhecimento e desenvolvimento de seminários e ateliês.

Na sequência temos a pesquisa de doutoramento: *Educação Estética nas infâncias como mobilizadora de memórias e experiências pedagógicas na constituição humana*, da pesquisadora Daiane de Melo Gava. O objetivo é tematizar a Educação Estética nas infâncias mobilizada pelas memórias e experiências pedagógicas, a fim de contribuir na constituição humana. A pesquisa de abordagem narrativa (auto)biográfica está em fase de análise de duas importantes ações: Mostra Educativa, constituída de fotos referentes às experiências estéticas das crianças e Entrevista Narrativa Coletiva sobre a educação estética na escola.

Fig. 1 - Mostra Educativa.



Fonte: Acervo NUPAE.

Como nos indicam Pillotto e Silva (2019, p. 20) a “experiência na pesquisa abre brechas para modificar a si próprio porque é um encontro em que a verdade do que se vive se manifesta na própria subjetividade, constituindo-se um processo formativo por excelência”.

Na continuidade, apresentamos três pesquisas de Mestrado em Educação, que refletem a Sensibilidade nos Cursos Superiores de Administração, nos Cursos de Pedagogia e na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A pesquisa: *Práticas Educativas e Sensibilidades no Ensino Superior em Administração: possibilidades e reverberações* (CAPES) da pesquisadora Alessandra Daiana da Costa, questiona a redução das Sensibilidades nos Cursos Superiores de Administração. O objetivo é problematizar as práticas educativas no Ensino Superior em Administração e os dispositivos utilizados na formação do profissional, enfatizando aspectos relacionados às Sensibilidades. A análise da produção de dados nas entrevistas narrativas com estudantes, professores e coordenação do curso serão fundamentais nas reflexões sobre a importância das Sensibilidades no currículo e

consequentemente nas práticas educativas dos Cursos Superiores em Administração.

Também a pesquisa: *Educação Estética na Pedagogia: práticas educativas e seus desdobramentos para a docência* da pesquisadora Kelly Mariot Rohr (CAPES) enfatiza a relevância da Educação Estética nos currículos e práticas educativas dos Cursos de Pedagogia. A intenção é tematizar a Educação Estética na formação inicial, (des)velando os desdobramentos e impactos na docência pelo viés narrativo.

Na educação estética “o coração bate em direção ao outro. Nós também encontramos o outro nas coisas do coração. Eles são, muitas vezes, um presente do outro” (Han, 2022, p. 74). Talvez esse seja um dos maiores desafios nas pesquisas que trazem as Sensibilidades como bálsamo para a alma.

A pesquisa: *As Sensibilidades no território da Educação de Jovens e Adultos (EJA) por meio da a/r/tografia* (FAPESC) da pesquisadora Maura Maria Roth tem como propósito compreender as demandas socioemocionais dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O método utilizado tem como fundamento a a/r/tografia, tendo Proposições Estéticas como potencializadoras de Sensibilidades. A pesquisa desenvolveu cinco Proposições Estéticas: A escrita de si; (Re)significando a poesia em mim e no outro; Impressões que se (re)novam em outros olhares; modelando as Sensibilidades e Cartografias Afetivas. A investigação está em fase de análise, fundamentada no princípio-compreensivo-interpretativo (Bertaux, 2010).

Figs. 2 e 3 – Proposições Estéticas com estudantes da EJA.



Fonte: Acervo NUPAE.

As pesquisas nos dizem pelas palavras de Deligny (2018, p. 85) que “existe o lugar de dizer e o outro lugar, que não é de dizer e não tem grande coisa a ver com (o) dizer, fora o que o dizer vem efetivamente acrescentar ainda por cima, aproveitando-se da coincidência, o que já aparece como sendo representado”.

Por fim, a pesquisa internacional: *Formação Docente em e com Artes/Culturas*, formada por vinte e uma instituições brasileiras e estrangeiras e coordenada na Univille pela pesquisadora Silvia Sell Duarte Pillotto, produziu mapeamento da bagagem artística/cultural de acadêmicos de Pedagogia, traçando linhas de atuação para potencializar as Artes/Culturas na formação dos envolvidos.

A pesquisa teve em suas bases a abordagem a/r/tográfica, que se desloca de modo rizomático, constituindo teias que se atravessam de um ponto a outro, como afirmam Deleuze; Guattari (2011, p. 48)

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inte-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e...e...”. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser.

Uma força indizível feita de muitos olhares, muitas linhas que se atravessam, mas que não buscam um fim e sim um novo começo. São os entres da pesquisa que se movem e que se misturam às

sensações e sentidos, formando uma rede de Sensibilidades. Rumos (in)certos, carregados de possibilidades e de encontros.

Talvez, um dos grandes desafios da pesquisa e da form(ação) seja “mostrar a árvore que ainda não existe, a trajetória invisível de um som até sua inesperada palavra, a rebelião de uma ideia e suas cinzas, o momento em que a chuva é posterior à sua pronúncia” (Skliar, 2014, p. 154).

Fig. 4 – Experiência Estética no NUPAE.



Fonte: Acervo NUPAE.

A experiência no fazer/viver a pesquisa abre brechas para pensarmos no encontro como manifestação de pensares e sentires, como aproximação de si e do outro.

O NUPAE é tudo isso: um encontro, um sentir, um inquietar-se e um afetar-se. Como nos lembra Garcés, (2022, p. 9) é um “deixar-se afetar para poder entrar em cena. Não se pode ver o mundo sem percorrê-lo. Implicar-se é descobrir-se implicado”.

Os encontros, as produções de conhecimento e sua socialização nos dizem intimamente que “não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 10).

O NUPAE é o (entre)lugar uma vibração de uma eventualidade à outra – transitoriedade; movimento (in)acabado e sempre pronto a buscar outros caminhos. Diluição de verdades absolutas; entre gestos, rastros e espera, seguimos.

Referências

ABRAHAO, Maria Helena Menna Barreto. A aventura do diálogo (auto)biográfico: narrativa de si narrativa do outro como construção epistêmico-empírica. In: **Pesquisa (auto)biográfica: diálogos epistêmicos-metodológicos**. Maria Helena Menna Barreto Abrahão, Jorge Luiz da Cunha, Lucia Villas Bôas (organizadores) Curitiba: CRV, 2018. p. 25-49.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

DELEUZE, Gilles. **El Leibniz de Deleuze: exasperación de la filosofía** – 1ª ed. – Buenos Aires: Cactus, 2006.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. 2. v. 1. 3. ed. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. I. São Paulo: Ed.34, 1995.

DELIGNY, Fernand. **Os vagabundos eficazes, operários, artistas, revolucionários: educadores**. Tradução e notas: Marlon Miguel. São Paulo. N- Edições, 2018.

DUARTE Jr., João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba: Editora Criar Edições, 2010.

GARCÉS, Marina. **A honestidade com o real**. Tradução: Luísa Rabello. Cadernos de leitura, Minas Gerais, v. 155, 2022.

HAN, BYUNG-CHUL. **Não-coisas**: reviravoltas do mundo da vida. Tradução: Rafael Rodrigues Garcia. Petrópolis: Vozes, 2022.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. (Educação: experiência e sentido).

MEIRA, Marly Ribeiro; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Arte, afeto e educação**: a sensibilidade na ação pedagógica. Porto Alegre: Mediação, 2022.

MORIN, Edgar. **Educar na era planetária**: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 15. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte (Org.). **Linguagens da arte na infância**. – 2. ed. atualizada. Joinville, SC. Univille, 2020.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; CELORIO, José Aparecido; ALMEIDA, Rogério de. **Escola, universidade e lugares outros**: imaginário e sensibilidades como potência de vida. Revista da FUNDARTE. Montenegro, RS, v.60, nº60, 2024. p. 1- 23.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; SILVA, Carla Clauber da. **Experiência e amorosidade**: abrindo caminhos para a pesquisa. Atos de Pesquisa em Educação. Blumenau, v.14, n.1, p.7-28 jan./abr. 2019. p. 7-28.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; SILVA, Carla Clauber da. Pesquisar e pesquisar-se na educação: movimentos criados pela estética e pelas sensibilidades. Eccos – Revista Científica. São Paulo, n. 53, abr/jun, 2020. p. 1-15.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**. Trad. Lílian do Valle. – 3. Ed. 5. Reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

ROSENFELD, Kathrin H. **Estética**. Tradução: Nertan Dias Silva Maia. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem**. Tradução: Roberto Schwarz e Marcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1989. (reimpressão 2017).

SKLIAR, Carlos. **O ensinar enquanto travessia**: linguagens, leituras, escritas a alteridades para uma poética da educação. Tradução: Adail Sobral...[et al.]. Salvador: EDUFBA, 2014.

STRAPAZZON, Mirtes Antunes Locatelli; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. Paisagem sonora no museu: uma experiência com as infâncias. In: GUEDES, Valdir Lamim (Org.). **Educação em Pesquisa**: diálogos interinstitucionais dos Programas de Pós-Graduação em Educação da ACAFE. São Paulo, SP. Editora Na Raiz, 2022. 377-392

O espectador como um narrador complementar e as narrativas do silêncio na arte.

Rosangela Martins Carrara
Henry Wilson León Calderón
Anne Caroline de Moraes Santos

Este capítulo explora as "Narrativas do Silêncio" e o conceito de "Narrador Complementar", focando na experiência artística dentro da Educação Artística. Aborda tanto o processo quanto o produto e a difusão decorrentes das atividades em sala de aula, seja na educação formal ou não formal. Destaca-se a relação do espectador, que atua como um narrador complementar, construindo suas próprias narrativas e incorporando-as silenciosamente em sua vida. O objetivo geral é analisar as experiências artísticas como obra, processo e produto em suas diversas linguagens e silêncios, sob a perspectiva do espectador como narrador complementar. Os objetivos específicos incluem: (1) identificar as diferentes formas pelas quais o espectador se aproxima da experiência artística como vivência da obra, do processo e/ou do produto; (2) entender as experiências repletas de incertezas e certezas que o espectador explora; e (3) compreender como a obra ou o produto artístico é incorporado (encarnado) na vida de cada pessoa. Para a coleta de dados, utilizou-se a técnica de grupo focal, essencial em pesquisas qualitativas para entender percepções e atitudes sobre um fato, prática, produto ou serviço e para análise do materialismo histórico e dialético.

O projeto está na primeira fase de pesquisa, que abrange a aproximação das narrativas do silêncio e do espectador como narrador complementar em cada uma das linguagens artísticas (artes visuais, literatura, cinema e teatro). Os resultados parciais apontam para uma análise mais crítica da forma de experimentar a

obra e de criar discurso. O grupo de pesquisa CNPq Linguagem, Educação, Tecnologia e Cognição - LETEC, tem por líderes as Professoras pesquisadoras Arceloni Neusa Volpato, Dr. Rosangela Martins Carrara, Dr. O grupo é criado em 2007 e, atualmente está vinculado ao Centro Universitário UNIFACVEST. O Projeto Global: Ciência, Arte, Cultura e Linguagens em Leitura Multidisciplinar: Objetos, Processos, Produtos e Relações - CACLLEM tem por coordenação geral as professoras Arceloni Neusa Volpato, Dr e Vera Wannmacher Pereira, Dr. Os subprojetos estão assim constituídos: SBG 1 – Processamento de leitura; SBG 2 – Direito à cultura e à leitura; SBG 3 – Leitura, ambiente e saúde; SBG 4 – Arte, literatura e cultura em leitura e SBG 5 – Leitura e cartografia. Projeto de ensino, pesquisa, extensão e produção organizado em subprojetos, por professores, alunos e colaboradores.

O foco nesse capítulo é no subprojeto SBG4: Arte, Literatura e Cultura em Leitura, com o título: O espectador como um narrador complementar e as Narrativas do silêncio na arte. Tem por coordenadores os professores Henry Wilson León Calderón e Rosangela Martins Carrara e os professores participantes: Anne Caroline de Moraes Santos e Luís Miguel Cardoso. O eixo temático eleito é a leitura em suas concepções e recortes relevantes para o aprendizado dos estudantes, para o aprofundamento de conhecimentos dos professores e para o avanço desse campo de conhecimentos de natureza multidisciplinar. Nessa diversidade benéfica, unem-se ciência, arte, cultura e linguagens elegendo para análise e reflexão objetos, processos, produtos e relações. Nessa busca de convergência da multiplicidade, seu traço natural é a interação, de formações dos participantes, de campos do conhecimento, de ensino, pesquisa, extensão e produção, de instituições de lugares diversos aproximando Universidades e Escolas em Rede, de tecnologias múltiplas. Sendo em leitura o eixo convergente, há para cada Subprojeto o caminho mais produtivo para a execução das atividades propostas, garantindo que os

objetivos traçados sejam alcançados de forma eficiente, respeitando as especificidades e demandas de cada área.

A pesquisa qualitativa é um campo vasto e multidimensional, que engloba diferentes abordagens metodológicas, cada uma oferecendo ferramentas específicas para a compreensão profunda e contextualizada dos fenômenos estudados. (Gamboa, In: Fazenda 2010). Sua flexibilidade permite que o pesquisador se adapte ao dinamismo da realidade investigada, possibilitando a incorporação de novas técnicas de coleta e análise de dados à medida que surgem demandas ou mudanças no campo de estudo. Isso abre espaço para interpretações ricas e plurais, respeitando a complexidade dos contextos sociais, culturais e históricos investigados. Sob a perspectiva dialética, a análise dos fenômenos não é neutra ou fragmentada; ela busca compreender as relações de produção e as dinâmicas sociais em sua totalidade, considerando as contradições e conflitos que emergem dos processos históricos e materiais (Triviños, 1987). A partir dessa ótica, a interpretação dos dados coletados na pesquisa qualitativa não se limita a descrições superficiais, mas revela como as estruturas econômicas, culturais e políticas influenciam a subjetividade e as práticas sociais. Assim, a realidade é entendida como um processo em constante transformação, no qual a pesquisa não apenas descreve, mas também participa ativamente da produção de conhecimento crítico, desvelando as condições materiais subjacentes e suas implicações para a transformação social. Assim, o campo da pesquisa qualitativa se constitui de diversas possibilidades metodológicas, as quais permitem um processo dinâmico de aderência a novas formas de coleta e de análise de dados.

Dentre essas possibilidades, o grupo focal representa uma técnica de coleta de dados que, a partir da interação grupal, promove uma ampla problematização sobre um tema ou foco específico, pois vai além da mera coleta de opiniões estéticas, mas busca compreender as manifestações artísticas enquanto expressões das contradições sociais, econômicas e culturais de um determinado momento histórico. No

grupo focal, é possível explorar como obras artísticas (filmes, peças teatrais ou instalações visuais) dialogam com questões como classe, opressão, ideologia e resistência, permitindo que os participantes discutam o significado social das produções culturais. A investigação por meio de grupos focais pode revelar como o público interpreta a obra à luz desse contexto, evidenciando as conexões entre a experiência estética e as estruturas econômicas e sociais.

A proposta temática *Narrativas do silêncio e do narrador complementar* se estabelece inicialmente em relação à experiência artística na educação artística, levando em conta o processo, o produto e a difusão, decorrentes da experiência em sala de aula, tanto da educação formal quanto da não formal. A criação artística, assim como sua fruição e difusão, é entendida não apenas como uma expressão individual ou estética, mas como um processo socialmente determinado em constante transformação. As narrativas são uma fonte permanente de encontro com o que aconteceu e que no momento foi silenciado, a memória se une ao acontecimento e a experiência como testemunho em busca de uma verdade (Ruíz, 2014). A experiência artística na educação emerge como um movimento contraditório entre o processo criativo e os condicionantes sociais e institucionais. O silêncio, nesse contexto, não é apenas a ausência de fala, mas uma força histórica que evidencia aquilo que foi silenciado pelas condições materiais e ideológicas de uma época. Como destaca Ruíz (2014), as narrativas silenciosas são formas de encontro com o passado ocultado, onde a memória se entrelaça com a experiência vivida, produzindo testemunhos críticos em busca de uma verdade histórica.

O silêncio tem sido mais considerado na literatura, especialmente porque "o silêncio abre caminho entre as palavras para iluminá-las" (Teixeira, 2016, p. 148), o silêncio como disposição do ato criativo ou como tema da escrita, mesmo quando "escrever sobre o silêncio ainda é uma contradição". Porque dar a conhecer, levantar, o silêncio que nos ocupa, devemos falar sobre isso, escrever, em algum momento" revelando assim as forças sociais que

o produziram e mantiveram (Ramírez, 2016, p. 151). A experiência que constitui a relação entre o dizer, os modos de dizer e o sentido do que é dito em um contexto é, em grande parte, produto de uma construção sociocultural Vygotsky (1999) e; Luria (2000), mostram que a linguagem é um produto das interações sociais, mediada por práticas culturais e ideológicas, o que significa que toda narrativa artística é atravessada por relações de poder e ideologias que determinam o que pode ser dito e o que permanece silenciado.

Umberto Eco (1972) ao afirmar que a obra, para ser completada, carece de acabamento que deve advir das interpretações dadas pelo leitor/espectador. Qual é a relação entre o espectador como narrador complementar e a experiência artística como obra, processo, produto em suas diferentes/diversas linguagens desde as que constroem suas próprias narrativas e as que incorporam silenciosamente em sua vida? E, nesse sentido afirma Eco (1989), o espectador assume o papel de narrador complementar, integrando ativamente sua experiência e sua inserção social às múltiplas linguagens e sentidos da obra. as narrativas do silêncio e do narrador complementar não são apenas expressões estéticas, mas práticas sociais e históricas que revelam e questionam as condições materiais de produção da arte e da educação.

O silêncio, assim como a palavra, é uma dimensão dialética e histórica, atravessada por relações de poder que determinam o que pode ser dito e o que deve ser silenciado. A obra artística, enquanto processo, produto e experiência difusa, só encontra sua plenitude na participação ativa do espectador, que se torna um narrador complementar, integrando suas próprias vivências às narrativas que a arte propõe. Assim, a arte e sua recepção se constituem em uma prática transformadora, na qual a experiência estética se entrelaça com a crítica social e a luta por novas possibilidades de existência. Propõem-se três fases para o estudo, sendo que, neste capítulo, abordaremos a primeira fase, aproximando as narrativas do silêncio e o papel do espectador como narrador complementar em diferentes linguagens artísticas (artes visuais, literatura, cinema e teatro).

O procedimento metodológico envolve a escolha de uma obra de arte específica para cada linguagem, que servirá como referência para orientar os encontros dos grupos focais. A população investigada inclui alunos, professores, escola e universidade, selecionados intencionalmente conforme os objetivos da pesquisa (Lima; Bucher, 2004; Pizzol, 2004; Trad et al., 2002). Importante que os participantes conheçam sobre o propósito da pesquisa. Nessa primeira fase, o número de participantes será definido de forma a garantir a adequação à pesquisa e a efetiva participação de todos envolvidos (Veiga; Gondim, 2001). A experiência realizada em um grupo focal com estudantes da licenciatura em Educação Artística de uma escola em Bogotá, Colômbia, destacou a interseção entre a realidade e as artes visuais. Os sentidos, como visão e audição, como argumenta Eisner (2002), vão além de meros sistemas sensoriais; são também ferramentas para interpretar a realidade construída por símbolos. A percepção de uma imagem não revela tudo, e é fundamental aprender a identificar o que permanece oculto. Assim, visualizar e criar imagens se entrelaçam em um processo de leitura e escrita complexos. Para que essa experiência de ver e fazer seja significativa, deve estar contextualizada no cotidiano dos alunos, conforme a tríade proposta por Ana Mae Barbosa, o exercício de leitura de obras de arte tem sido aplicado tanto no ensino secundário quanto no universitário, seguindo três princípios: (1) reconhecer a obra como uma narrativa dramatúrgica, (2) desvendar a história que a obra apresenta e (3) questionar o que ela oculta, mas comunica simultaneamente. Um exemplo prático foi a análise da pintura *A Luta do Destino* (1944) de Débora Arango, que retrata uma briga entre duas mulheres em um espaço social, evidenciando o tema da violência.

Imagem 1 – Quadro A Luta do Destino (1944).

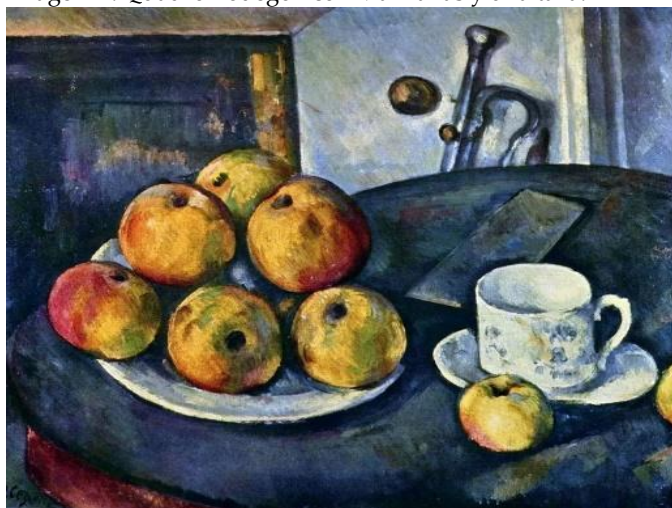


Fonte: La lucha del destino (1944). Débora Arango. Fuente: MAMM

A descrição de uma obra de arte, como a cena da briga entre duas mulheres, não se limita ao que é visível — a posição dos corpos, as cores dos trajes e os adornos —, mas também abrange as dimensões invisíveis que moldam a realidade social e histórica retratada. As motivações da briga, a indiferença das pessoas do outro lado da porta e as características do ambiente são elementos que evidenciam as tensões sociais subjacentes e as relações de poder que permeiam a cena. As respostas dos espectadores variam, refletindo suas próprias experiências e contextos sociais, o que, por sua vez, orienta a forma como cada um interpreta a situação apresentada. *“elas brigam pelo marido, porque já são mulheres mais velhas”; “dá para ver que uma tem mais dinheiro que a outra, dá para ver o olhar arrogante e raivoso dela”; “ela pegou ela pelos cabelos desprevenida, não deu chance para ela se defender”; “Pode não ser por causa do marido, pode ser também por causa do dinheiro, porque eles estão num restaurante*

ou algo assim". Posteriormente, questiona-se se conheceram experiências deste estilo ou as viveram. Alguns contam o que lhes aconteceu, outros preferem contar na terceira pessoa, alguns contam o que aconteceu em suas famílias. Ao serem informados de que a obra corresponde a uma pintura de 1944, meados do século XX, surgem outros comentários: *"então é como numa cidade do setor rural, não está em a cidade"*; *"No campo as mulheres brigam mais pelos homens"*, entre outros comentários. Essa pluralidade de interpretações é uma manifestação da luta de classes e dos conflitos sociais que moldam a percepção individual e coletiva da realidade. Assim, a obra não é apenas um espelho da superfície visível, mas um espaço de contestação e revelação das forças sociais que a produziram e que a mantêm. Essa abordagem dialética permite que os observadores não apenas vejam a imagem, mas também entendam as narrativas que se entrelaçam com a experiência humana e suas condições materiais de existência. Um exercício semelhante foi feito com uma natureza morta (ver imagem 2).

Imagem 2. Quadro Bodegón con Manzanas y una taza.



Fonte: Bodegón con Manzanas y una taza (Cézanne, 1894).

Fonte: <https://arthive.com/es/paulcezanne/works/>

A narrativa dramatúrgica foi utilizada como um recurso de leitura no exercício, onde alunos foram incentivados a ver as frutas de uma natureza morta como personagens, criando histórias a partir da cor e dos objetos presentes na imagem. Esse enfoque promove uma leitura mais dinâmica, permitindo que os espectadores atribuam vida às personagens e explorem novas formas de interpretação da natureza morta. A dramaturgia se estende além do visual, incluindo elementos sonoros e corporais, reafirmando que a arte emerge da ação, não apenas da fala. A abordagem dialética sugere que o movimento e a ação devolvem vitalidade à imagem, ao mesmo tempo em que revelam dimensões invisíveis na narrativa, como o som e a palavra. Isso posiciona o espectador como narrador complementar, onde sua experiência e percepção transformam-se em histórias. Sob a perspectiva de Bakhtin (2011), a compreensão que o ser humano tem de si é fragmentária, moldada por sua interação com o mundo. A visão que um indivíduo possui de si mesmo é limitada, e elementos que são percebidos pelos outros não estão acessíveis a ele. Essa ideia se conecta à noção de um "contemplador estético," que observa e constrói conhecimento a partir de sua posição no espaço, indicando que a interpretação de uma situação varia conforme a perspectiva do observador. Essa multiplicidade de visões enriquece o entendimento e revela a complexidade da experiência humana, mostrando que a percepção não é apenas um ato passivo, mas um processo ativo de significação e revelação. A obra literária é um espaço onde os elementos de compenetração e acabamento coexistem de maneira não linear, refletindo as dinâmicas sociais e históricas que influenciam sua criação e interpretação. O teórico russo enfatiza que os significados da obra transcendem a consciência individual da personagem, tornando-se perceptíveis apenas por meio da interação do contemplador com o texto. Essa relação revela que a interpretação é moldada pela consciência coletiva e histórica, que fornece um contexto mais amplo para a análise.

Umberto Eco (1989) destaca a importância do leitor na atribuição de sentidos às obras, sugerindo que a obra se completa através das interpretações individuais. Essa perspectiva contemporânea, que começou a se desenvolver em meados do século XX, valoriza a plurissignificação, onde cada nova leitura pode proporcionar acabamentos e significados distintos. Jonathan Culler (1999) complementa essa visão ao afirmar que os leitores de ficção não se limitam a buscar a intenção do autor, mas se dedicam a interpretar a obra, mergulhando no espaço aberto da linguagem. Este espaço, conforme ele indica, é dinâmico e flexível, permitindo que os leitores vivenciem a multiplicidade da obra, experimentando diferentes formas de ser e de se relacionar com o texto. Dessa forma, a experiência de leitura não é apenas um ato de decifração, mas um processo transformador que permite ao indivíduo transbordar suas próprias vivências e emoções, reconhecendo a complexidade e a riqueza que as obras artísticas oferecem em suas interações sociais e históricas.

A pesquisa em andamento com alunos da Educação Básica explora a função dos estudantes como narradores complementares nas atividades de leitura de textos artísticos e literários. Na primeira fase, vinte e cinco alunos do primeiro ano do Ensino Médio de uma Escola Estadual no Rio de Janeiro, participaram de um grupo focal após lerem o conto "Maria", de Conceição Evaristo (2016). O objetivo do grupo focal foi coletar percepções e experiências dos alunos em relação à obra, por meio de perguntas que buscavam entender como cada leitor, a partir de seu contexto de vida, contribui para os significados emergentes da narrativa. As questões elaboradas, como "Qual foi sua percepção sobre a obra?" e "Essa obra te afetou de algum modo?", visavam não apenas captar a resposta estética, mas também revelar as interações sociais e emocionais que ocorrem durante o processo de leitura. Essa abordagem dialética enfatiza que o significado de uma obra não é fixo, mas dinâmico, sendo constantemente moldado pelas vivências e perspectivas dos leitores, refletindo as relações complexas entre indivíduo e sociedade

(Bakhtin, 2011). A experiência coletiva dos alunos permite um aprofundamento na compreensão de como a literatura pode servir como um espaço de reflexão e transformação social, onde cada voz contribui para a construção de novos sentidos. Ainda nessa primeira fase, a pesquisa contou com 20 alunos do ensino médio de uma Escola Estadual de Santa Catarina.

Para o exercício artístico considerou-se a narrativa como uma condição histórica. A obra escolhida foi *O Almoço na Relva* (*Le Déjeuner sur l'herbe*), de Édouard Manet (1863), não apenas representa uma inovação artística, mas também expressa as contradições sociais e ideológicas de sua época. A obra, ao retratar um piquenique com dois homens vestidos ao lado de uma mulher nua em um cenário natural, rompe com as convenções da moralidade burguesa e das expectativas estéticas vigentes, evidenciando o conflito entre tradição e modernidade. A escolha de Manet em expor a nudez feminina em um contexto cotidiano, em vez de mitológico, revela como a arte pode refletir e questionar as estruturas sociais e ideológicas dominantes. Assim, sua obra pode ser lida como uma crítica implícita às relações de poder e aos papéis de gênero, além de indicar o tensionamento entre arte acadêmica e novas formas de expressão artística.

No processo histórico-dialético de transformação da arte, *O Almoço na Relva* surge como uma ruptura que antecipa a transição do realismo para o modernismo, incorporando elementos que seriam fundamentais para o impressionismo e redefinindo o papel da arte na interpretação da realidade social.

Imagem 03 – O Almoço na Relva.



Fonte: *O Almoço na Relva* (Le Déjeuner sur l'herbe) Édouard Manet, 1863.

Fonte: https://arteeartistas.com.br/o-almoco-na-relva-obra-primade-edouard-manet/#google_vignett

Durante o exercício, os alunos do Ensino Médio apresentaram uma diversidade de interpretações, refletindo tanto o impacto visual e cultural da obra quanto suas vivências pessoais e o contexto social em que estão inseridos. Adotando uma abordagem pedagógica dialética, esses jovens exploraram diferentes perspectivas, analisando aspectos estéticos e sociais da obra. As respostas variaram entre expressões de curiosidade, desconforto e crítica, especialmente em relação à nudez feminina e à dinâmica entre os personagens. Alguns questionaram por que a figura feminina está desnuda enquanto os homens permanecem vestidos, provocando debates sobre desigualdade de gênero e objetificação da mulher. Também emergiram reflexões sobre como a sociedade contemporânea continua a reproduzir padrões de corpo e comportamento, ainda que de formas distintas. Assim se expressaram: *"Por que ela está nua e eles não? Parece injusto."* *"Isso faz*

pensar como as mulheres eram vistas naquela época e como isso ainda acontece hoje.”

Outros alunos interpretaram a obra sob uma ótica mais estética, destacando a inovação de Manet ao romper com as convenções artísticas tradicionais. Observaram o contraste de luz e sombra e a ausência de uma narrativa mitológica como algo provocador e interessante; *“É interessante que ele não escolheu uma história mitológica. Parece mais real, mas ao mesmo tempo estranho.”* *“Gostei das cores e do contraste, mas é uma cena que confunde.”* Alguns jovens conectaram a obra com questões contemporâneas, como a liberdade de expressão e a normalização do corpo humano, comparando-a com situações atuais nas mídias sociais ou campanhas artísticas que discutem padrões de beleza; *“Isso me lembra como hoje algumas pessoas postam fotos sem muita roupa na internet, e como sempre tem quem critique.”* *“Acho que a obra era como um choque cultural para eles, igual algumas campanhas publicitárias hoje causam polêmica.”*

Por outro lado, a obra gerou desconforto e silêncio entre alguns alunos, especialmente aqueles menos habituados a interpretar arte de forma crítica ou provocativa. O silêncio pode indicar tanto uma resistência pessoal quanto uma dificuldade em expressar sentimentos em palavras; *“Não sei bem o que pensar... é meio estranho.”* *“Acho que não entendi muito bem o que ele queria mostrar.”* Essas respostas refletem como os alunos poderiam interagir com a obra em múltiplos níveis — desde a percepção estética até questionamentos sociais — e como a arte se torna um espaço de diálogo, onde emergem diferentes interpretações ancoradas nas vivências pessoais e nas contradições da sociedade atual.

A análise das reações dos alunos ao *Almoço na Relva* revela como a arte reflete e reproduz as contradições sociais e culturais de seu tempo, bem como provoca novas interpretações no presente. A crítica à nudez feminina e à desigualdade de gênero expressa pelos alunos indica a persistência de formas de opressão que atravessam épocas, revelando que, apesar das mudanças históricas, as relações de poder entre homens e mulheres continuam sendo um campo de

disputa. O desconforto e a curiosidade dos estudantes demonstram a forma como a obra desestabiliza normas culturais e provoca reflexões sobre padrões sociais, fazendo da experiência estética um meio de conscientização crítica.

A abordagem dialética também sugere que a compreensão da obra não se limita a seu conteúdo isolado, mas emerge da interação entre o sujeito (aluno) e o objeto (obra) em um contexto histórico-social específico. As associações com temas contemporâneos, como a liberdade de expressão e as polêmicas nas redes sociais, mostram como os fenômenos artísticos são reinterpretados a partir das contradições vividas na atualidade. A diversidade de reações — desde críticas conscientes até silêncios reflexivos — evidencia que a experiência estética não é neutra, mas permeada por conflitos e processos sociais em constante transformação, onde a arte atua como um espelho das condições materiais e culturais de cada período.

Considerações Finais

A relação entre autor, obra e leitor é dinâmica e dialética, com o sentido da obra emergindo da interação contínua entre esses pólos. Nenhuma dessas partes exaure o significado por completo; o leitor complementa o que o autor e o texto não podem ver por si mesmos, tornando-se um narrador adicional e atribuindo novos significados a cada leitura. A obra literária e a experiência estética ganham forma por meio dessa troca, evidenciando que o envolvimento afetivo e interpretativo é condicionado tanto pelas habilidades individuais quanto pelo contexto de interação com a obra. Os resultados preliminares da pesquisa sugerem que o silêncio dos estudantes não é apenas desinteresse, mas revela as dificuldades de interpretação e expressão subjetiva. A falta de familiaridade com a linguagem literária e a ausência de prática discursiva podem limitar a participação crítica dos alunos. No entanto, a arte dramática, ao exigir uma construção ativa de significados, pode incentivar um engajamento mais profundo. Assim, é essencial criar espaços pedagógicos de escuta e diálogo que

estimulem os estudantes a explorarem suas percepções sem julgamentos, promovendo práticas de fruição ativa e interpretativa. A continuidade dessa pesquisa pode fornecer *insights* valiosos sobre como ajudar os jovens a se tornarem narradores complementares e protagonistas na construção de sentidos, tanto na literatura quanto em outras expressões artísticas.

Referências

ARANGO, Débora. **A Luta do Destino** (1944). In: Museu de Arte Moderna de Medellín – MAMM, Colômbia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ck0YCHv515s>. Acesso em: outubro de 2024.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CÉZANNE, Paul. **Bodegón con Manzanas y una taza** (1894). Disponível em: <https://arthive.com/es/paulcezanne/works/>. Acesso em: outubro de 2023.

CULLER, Jonathan. **Literary Theory: A Very Short Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

ECO, Umberto. **A definição de arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

EISNER, Elliot W. **The arts and the creation of mind**. [New Haven]: Yale University Press, 2002.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Palhas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

GAMBOA, S. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional: fundamentos e técnicas**. São Paulo: Cortez, 2010.

LIMA, A. C.; BUCHER, T. **Metodologia da pesquisa em educação**. São Paulo: Editora Moderna, 2004.

LURIA, A. R. **Cultura e desenvolvimento da mente**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MANET, Édouard. **O Almoço na Relva** (Le Déjeuner sur l'herbe, 1863). Disponível em: https://arteeartistas.com.br/o-almoco-na-relva-obra-prima-de-edouard-manet/#google_vignette. Acesso em: novembro de 2023.

PIZZOL, M. **Pesquisa qualitativa: fundamentos e práticas**. Curitiba: Editora CRV, 2004.

RAMÍREZ, S. O silêncio e a narrativa: entre a palavra e o não-dito. In: BECKER, H. S. (Org.). **Escrita acadêmica: desafios e reflexões**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

RUÍZ, C. **Estatuto epistêmico do testemunho das vítimas: o desaparecido, paradigma do testemunho indizível**. *Revista Anistia Política e Justiça de Transição*, v. 9, p. 50-72, 2014.

TEIXEIRA, Luana da Silva. **No silêncio entre as palavras: um atalho nos caminhos da docência**. 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://tede.ufrjr.br/jspui/handle/jspui/6230>. Acesso em: [data de acesso].

TRAD, L. et al. **Metodologia da pesquisa: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VEIGA, L.; GONDIM, S. M. G. **A utilização de métodos qualitativos na Ciência Política e no Marketing Político**. *Opinião Pública*, Campinas, v. 7, n. 1, p. 1-15, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

O Grupo Flume e a pesquisa entre Educação e Artes Visuais na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Carmen Lúcia Capra

A Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs) é uma universidade pública de 23 anos e é constituída por 23 unidades em sete *campi* regionais. O Grupo Flume: educação e artes visuais reúne as pesquisas realizadas na Graduação em Artes Visuais – Licenciatura, que ocorre em Montenegro e Porto Alegre, e no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) da Uergs, na cidade de Osório, litoral norte do estado, onde são oferecidos cursos de mestrado e doutorado profissionais.

A presença e a importância dos leitos de água nos três municípios motivaram o nome do grupo: inicialmente o trabalho na graduação em Montenegro, cidade por onde passa o Rio Caí, a inserção na pós-graduação, em Osório, onde existem 23 lagoas e, mais recentemente, a abertura dos cursos de artes da Uergs em Porto Alegre (licenciaturas em artes visuais, música, dança e teatro), onde está o rio ou lago Guaíba.

O Flume foi fundado em 2018 pelo então grupo de docentes da Graduação em Artes Visuais – Carmen Lúcia Capra, Igor Simões, Mariana Silva da Silva e Mariane Rotter – e, nos seus seis anos de existência, dirige-se aos principais eixos dessa formação docente, constituindo-se de três linhas de pesquisa: Poéticas Visuais, História, Teoria e Crítica das Artes Visuais e Educação e/em Artes Visuais.

Na linha de Poéticas Visuais, Mariana Silva da Silva coordena o grupo de investigações poéticas *Infraordinaries*, desde 2019, reunindo estudantes de graduação e pessoas egressas dos cursos de artes da Uergs, artes visuais, dança e teatro. O grupo propõe

publicações de artistas, performances e exposições, como: *Estou bem, mas poderia estar um pouquinho melhor* (com Bruno de Andrade, Gustiele Fistaról, Kellem Francini Santos, Lai Borges, Lau Graeff, Lis Machado, Mani Torres, Mariana Silva da Silva, Mayara de Lima, Nina Picoli e Leonardo Ramos, Tatiane Passos, Samira Abdalah, Savana Flores e Susana Toledo, na Galeria Loide Schwambach, FUNDARTE, Montenegro, em 2022); *Infrações poéticas na Noite Artes Uergs* no Theatro São Pedro em Porto Alegre, em 2023 (reunindo propostas de Bruno Andrade, Kellem Francini Santos, Lai Borges, Lau Graeff, Lis Machado, Mani Torres, Mariana Jesus, Mariana Silva da Silva, Mayara de Lima, Tatiane Passos, Samira Abdalah), e *Tocar em você, tocar em mim* (com Bruno de Andrade, Lai Borges, Mariana Silva da Silva, Mayara de Lima e Raphael Varjak, na Galeria Chico Lisboa/DMAE, Porto Alegre, em 2024). Duas publicações foram lançadas em pequenas edições impressas, *Ocupação Jardim* (por Bruno de Andrade, Lai Borges e Mariana Silva da Silva, 2022) e *Pequeno livro de gestos {infraleves}* (por Mariana Silva da Silva e Mayara de Lima, 2023) e uma publicação foi lançada em formato e-book, *Ateliê infraordinário: arte, natureza e cidade* (organização e design de Bruno de Andrade, Glaucis de Moraes, Lai Borges e Mariana Silva da Silva, 2024).

Nos primeiros projetos, a partir do conceito elaborado pelo autor francês Georges Perec (2011), o *infraordinário*, foram propostas práticas investigativas em artes visuais conectadas à natureza, *no* e *do* cotidiano; aquela presente nas cidades e nos espaços da vida. A proposta metodológica consistia em leituras, práticas artísticas e discussões coletivas tanto partindo de Perec, quanto de autores como Ailton Krenak (2019), Donna Haraway (2021), Emanuele Coccia (2018; 2020), Philippe Descola (2016) e Stefano Mancuso (2018; 2021), evidenciando perspectivas que não limitam a cultura como algo separado da natureza. Uma natureza dos interstícios, que foge à própria cidade: os terrenos baldios, a beira dos rios, o mato que não é jardim. Dessa forma, sem separação

dos fenômenos humanos daqueles não humanos, sem negar as forças de destruição e reconstrução de toda natureza e de toda arte.

Em um segundo momento, investigou-se um conjunto de gestos de contato {gestos infraveles} partindo do conceito-chave *inframince* do artista Marcel Duchamp (2008) – em tradução livre, infravele ou infrafino. Gestos de inventar arte a partir das pequenas percepções em tempos pós-pandêmicos, tempos de tensão sanitária, econômica, política, social e cultural. A metodologia empregada foi, novamente, aquela orientada pela prática artística, e o objetivo da pesquisa era fomentar experiências poéticas baseadas na gestualidade, na fotografia e no audiovisual, dialogando com diferentes campos de estudos, como a literatura e a filosofia de José Gil (2005), Vilém Flusser (2014) e Gonçalo M. Tavares (2013), que apontam para o gesto como um condutor que media o corpo e o mundo através de um contato infravele.

Mais recentemente, os projetos de pesquisa e extensão estão articulados nas "espécies de espaços", igualmente partindo de Péric (2000) e acionando espaços do cotidiano. Do espaço da página ao espaço do mundo, examina-se nosso relacionamento com o espaço em todas as suas dimensões, a casa, a cidade, a terra e os rios. Em diálogo, Michel de Certeau (2001) e Bruce Béguin (2010) apontam para uma vida cotidiana que é heterogênea e dentro dela seríamos capazes de diluir sistemas de homogeneização social. Aproximando-nos do pensamento de Antônio Bispo dos Santos (2023), são empreendidas tentativas de se criar espaços coletivos e da ordem do comum, articulando perspectivas artísticas sobre a casa, a cidade e a natureza. Em tal investigação, encontramos ainda Joice Berth (2023) e Leslie Kern (2021), interseccionando abordagens sobre a cidade, o espaço das mulheres e das lutas antirracistas. Para tentar entender o mundo através da arte é preciso tentar compreender o espaço que habitamos e compartilhamos.

À vista disso, a partir destes projetos de pesquisa, foram concebidas ações de extensão que vão adensando tais práticas e reflexões, entre elas as *Infraconversas*, ocorridas no formato remoto

(2020), *Como desenhar pedras (e outras infranaturezas)*, ocorridas no formato remoto e híbrido (2021 e 2022), *Ateliê extraordinário: arte, natureza e cidade* (2023) e *Espécies de espaços: ateliê extraordinário* (2024), ocorridas presencialmente, com parceria do Centro de Desenvolvimento da Expressão (CDE), localizado na Casa de Cultura Mario Quintana, nas quais professores, artistas e pesquisadores de diferentes campos são convidados a compartilhar suas investigações com um público externo à universidade. Participaram dos primeiros encontros Camila Hein, Claudia Hamerski, Daiana Schröpel, Fercho Marquéz-Elul, Glaucis de Moraes, Janice Martins, Leonardo Marques Kussler, Marcelo Forte, Máximo Adó, Melissa Flôres, Steph Lotus e Vicente Carunchinski. Neste ano, está prevista a participação de Aline Kauana, Ana Coronas, Bruno Andrade, Carmen Capra, Luciane Bucksdricker, Mani Torres, Maria Ivone dos Santos, Patricia Binkowski, Tatiane Passos e Tulio Garcia de Souza. Atualmente, ao grupo inicial, somaram-se novas acadêmicas, Gabrielle Araújo e Stefani Braun, sendo desenvolvidos dois projetos de pesquisa em iniciação científica com bolsistas de graduação (CNPq e FAPERGS) e um projeto de extensão também com bolsista (PROBEX)¹.

Também atuante na linha de pesquisa em Poéticas Visuais, Mariane Rotter coordena o *Núcleo de Fotografia da Uergs*, que desenvolve três projetos principais. A exposição fotográfica *Através da imagem: a fotografia como arte contemporânea*² ocorre desde 2015 e durante o mês de agosto, a cada ano com uma nova curadoria e a partir de acervos e coleções diferentes. Junto às exposições são realizados encontros com artistas e teóricos da área para apreciar e debater a partir da imagem fotográfica. Nos *Encontros com a Fotografia*, artistas e fotógrafos apresentem sua produção e pesquisas mais recentes em encontros virtuais. O material gerado é editado e

¹ As publicações do grupo podem ser acessadas em: <https://anyflip.com/homepage/qaofd/>

² *Através da Imagem: a fotografia como arte contemporânea* pode ser acessado em: <https://atravesdaimagem.wordpress.com/>

disponibilizado no canal do grupo³. Esse tipo de encontro foi muito importante e frequente durante a pandemia (2020-2021), quando estávamos reclusos em isolamento social, e voltou a ser importante durante a enchente que devastou o estado do Rio Grande do Sul pelas chuvas de maio de 2024. O terceiro projeto do Núcleo de Fotografia é o *LABi – Laboratório de Imagens*. Em parceria com a Casa de Cultura Mario Quintana desde 2022, realiza oficinas práticas de fotografia analógica em processos alternativos e históricos, como a fotografia na lata (*pinhole*), a cianotipia, entre outras. O projeto tem recebido uma bolsa de extensão remunerada a cada ano (PROBEX) e conta também com três estudantes da graduação em artes visuais que participam de forma voluntária na manutenção do site e das redes sociais e na definição e divulgação dos encontros.

Na linha de História, Teoria e Crítica das Artes Visuais, atua a pesquisadora convidada Izis Abreu, que atualmente realiza pesquisas curatoriais, uma delas sobre o antigo Largo da Quitanda, em Porto Alegre, um espaço marcado pela presença física e simbólica de homens e mulheres africanos e crioulos, onde esses grupos consolidaram sua identidade por meio de demarcações simbólicas, e sobre o ofício de quitanda. Esse ofício representa um fenômeno tipicamente africano, essencialmente feminino, comum aos povos ambundos da região centro-ocidental da África e introduzido no Brasil durante a diáspora. Já sobre os africanos retornados para Lagos, na Nigéria, no século XIX, a pesquisa busca refletir e evidenciar a história, a herança arquitetônica e as manifestações artístico-culturais do Bairro Brasileiro, localizado na cidade de Lagos, Nigéria. O bairro teve origem no século XIX com os chamados "Agudás." A primeira repatriação de africanos da diáspora ocorreu em 1835, com a deportação de africanos libertos ou alforriados das etnias iorubá e hauçá, após a Revolta dos Malês, deflagrada em Salvador, Bahia. A segunda repatriação ocorreu em 1888, após a abolição da escravatura no Brasil, e continuou até o final do século XIX. A recente pesquisa de mestrado, concluída em 2022,

³ Acervo disponível em: <https://www.youtube.com/@grupoflume187>

dedicou-se ao repositório memorial da diferença racial representações de sujeitos racializados como negros no Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli, MARGS⁴.

Na linha de pesquisa Educação e/em Artes Visuais atuam três professoras pesquisadoras. Sandra Monteiro Lemos, através do seu projeto âncora intitulado *Identidades culturais nas escolas de educação básica: itinerários construtivos*, desenvolve pesquisas visando a produção de conhecimento relacionando ensino, pesquisa e extensão, no nível de graduação, pós-graduação *stricto sensu* (Mestrado) e *lato sensu* (especialização) e em consonância com a formação docente nas suas interfaces com a cultura e as escolas públicas de educação básica (em especial, da região de Porto Alegre, Montenegro e do litoral norte). Sob a perspectiva pós-estruturalista dos Estudos Culturais em Educação, suas pesquisas apresentam abordagens pautadas por entendimentos sobre a virada cultural, momento em que a cultura passa a ser vista como produtiva, como constitutiva de nossos modos de ver, pensar e ser. Ao reconhecer o sujeito imerso na condição cultural, atravessado por inúmeros investimentos que o modificam, subjetivam e o conduzem a diferentes maneiras de ser e estar no mundo (Hall, 2006; Woodward, 2000), busca-se compreender o modo como estudantes que frequentam a escola básica têm sido interpelados. Tais compreensões poderão ser produtivas para (re)pensar sobre as práticas docentes desenvolvidas nas escolas contemporâneas. Assim, os atravessamentos da cultura, seja através da arte, da escola, ou mesmo no cotidiano da vida em sociedade vêm sendo o ponto de partida para olhares atentos. A orientação de vários trabalhos vêm dando materialidade aos estudos propostos ao tomar como objeto de análise diferentes artefatos culturais, narrativas, filmes, legislações, documentos escolares, dentre outros.

Assim, desde 2018 as pesquisas de Sandra Monteiro Lemos na pós-graduação (PPGED/Uergs), na Linha Educação, Culturas, Linguagens e Práticas Sociais, enfocam a cultura através dos

⁴ Acesso à dissertação: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/253283>

artefatos, seja contextualizando o cotidiano, a comunidade, a diversidade ou mesmo problematizando documentos normativos e legais. São elas: *Os centauros urbanos e seus trânsitos entre cinema juventudes e identidades* – (2018) mestrando: Henrique Leal; *Políticas Públicas “com” juventudes: clandestinidade e processos de subjetivação* – (2020) mestrando: Felipe Ferreira Lopes; *Matemática na Educação: representações, práticas e saberes locais* (2020) – mestranda: Mariana Bueno do Nascimento; *Leituras, experiências e narrativas: fios que tecem o professor do campo* (2021) – mestranda: Mariana Doninelli; *Pesquisautística em Educação: processos (de)compostagem autoral* (2022) – mestranda: Aline Knordörfer; *Mulheres transformadoras: protagonismo feminino, identidades, culturas, educação e cidadania em ações comunitárias* – acadêmica: Roberta Cornely; *Letramento de percurso: o contato sociocultural com a escrita nas práticas em educação ambiental na educação básica* (2024) – Acadêmico: Heleno Bejoza da Silva; *Juventudes, sociabilidade e a ressignificação do “estar junto” no contexto de retorno presencial pós-pandemia: representações e identidades juvenis no Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Osório* – (2024) acadêmico: Antônio Sperandio.

Em 2023, foram produzidos e apresentados em eventos científicos e publicados em periódicos os estudos de conclusão de curso de especialização (Educação e Cultura – Uergs) focalizando artefatos culturais como podcast e revistas em quadrinhos (HQs), por exemplo. Alguns títulos ilustram os referidos trabalhos: *As mulheres contemporâneas nas narrativas veiculadas nos Podcasts* – acadêmica Daniela Ross; *Cascão lava as mãos como medida de enfrentamento à COVID-19: os artefatos culturais e suas pedagogias* – acadêmicos: Lucas Pacheco Brum e Marcos Vinícius Magalhães; *Turma da Mônica: uma reflexão sobre as pedagogias culturais e os regimes de visualidade no contexto da pandemia* – acadêmicos: Lukas Pacheco Brum e Marcos Vinícius Magalhães; *O riso e seu papel na sociedade: reflexões a partir de um ‘baú de memórias’* – acadêmica Odelta Simonetti.

A linha de pesquisa Educação e/em Artes Visuais também conta com Adriana Aparecida Ganzer, recentemente inserida ao Grupo

Flume por sua participação como docente substituta na Graduação em Artes Visuais - Licenciatura na UERGS. O escopo da linha de pesquisa abraça seus estudos e investigações de mestrado e doutorado, nas quais as relações da arte com a educação foram investigadas sob diferentes perspectivas com distintas metodologias, sempre no intento de produzir aproximações de artistas visuais, obras e públicos. No primeiro, manteve diálogos intensos com crianças e pesquisadores das teorias da infância e dos museus. O conhecimento foi produzido na partilha de experiências vivenciadas no tempo das visitas às exposições, em distintos espaços expositivos de Porto Alegre. Nos desdobramentos foi imperativo apreciar as inter-relações das teorias pesquisadas com as propostas pedagógicas envolvidas na docência, seja na formação de futuros docentes de artes visuais, seja no repensar as relações da arte com a educação, museu e escolas.

Destarte, objetivou no doutoramento (2024) proceder uma operação historiográfica de modo a elaborar uma narrativa histórica sobre o MARGS, tendo a educação como fio condutor. Nesse sentido, os estudos proporcionaram aprendizagens que modificaram o modo de pensar a história dos museus e suas intersecções com a museologia, a arte e a educação. Uma questão acompanhou todo o processo, qual seja, como se deu a atuação educativa do museu e quais foram seus principais agentes.

Ao considerar documentos históricos como pistas, tomou como ponto de partida uma pergunta problema, considerada norteadora da tese: a criação e a atuação do MARGS estavam relacionadas a um projeto de progresso para o estado do Rio Grande do Sul, no qual a educação do povo para as artes tinha um papel relevante? Ademais, o intento de abordar mulheres que atuaram como agentes culturais e educacionais contribuiu para uma visibilidade historicamente localizada. Desde a criação do MARGS com Ado Malagoli, idealizador e primeiro diretor, as primeiras assistentes técnicas foram as professoras e artistas Alice Ardohain Soares e Chistina Helfensteller Balbão. Outro destaque foi a atuação de Teniza

Spinelli, funcionária do museu, e Antonietta Barone, diretora do Departamento de Assuntos Culturais (DAC) da Secretaria de Educação e Cultura do Estado. O trabalho e as potencialidades destas mulheres e de Evelyn Berg Ioschpe, primeira diretora do MARGS, estão narrados na tese⁵, assim como muitas outras, cujos nomes e trabalhos foram mencionados, apesar dos poucos rastros sobre suas trajetórias.

Portanto, o educar nos museus forja-se no processo de constituição de uma coleção e da abertura pública de um espaço para dialogar com os públicos através da exposição. Outrossim, a possibilidade de intercambiar conhecimentos com os estudantes de artes visuais abarca metodologias pensadas para aulas expositivas e dialogadas, sempre com o objetivo de promover a concepção de práticas educativas para o ensino da arte.

Completando o grupo de pesquisadoras da linha Educação e/em Artes Visuais, Carmen Lúcia Capra, líder do grupo, reúne estudantes e egressos da Graduação em Artes Visuais – Licenciatura e do PPGED/Uergs, além de um estágio de pós-doutorado e pesquisadores convidados. As pesquisas de mestrado profissional sob sua orientação, a partir de 2021, integram a Linha Artes em Contextos Educacionais. Os temas versam sobre as possibilidades de emancipação no ensino de teatro em espaços não escolares, as relações entre extensão universitária e as artes no Instituto Federal de Osório e o convívio com a Mata Atlântica em implicação com o território a partir das artes visuais e da educação, respectivamente desenvolvidas por Patricia da Silva Wiersbitzki, Gabriela Silva Morél de Oliveira e Camila Scheffer Hein⁶. As pesquisas adotam metodologias pós-estruturalistas com tendência à criação e atenção

⁵ Em processo de publicação no repositório da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁶ Destas, está concluída a dissertação “Possibilidades de nós: teatro, educação e cenas emancipatórias” (Wiersbitzki, 2023) e pode ser consultada em <https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/handle/123456789/3078?show=full>. O respectivo produto artístico educacional está disponível em <https://www.youtube.com/@RastrosdeumaEducadoraInquieta>

ao caráter político da investigação, havendo um crescente interesse em compor e atuar com autorias dissidentes do ideário majoritário.

Sendo um programa profissional, as pesquisas incluem a criação de um produto educativo que, respectivamente, compreendem: o concluído podcast *Rastros de uma Educadora Inquieta* e, em desenvolvimento, um fanzine que reúne educação e artes com foco na extensão universitária e recursos estéticos-visuais para crianças e adultos para o fortalecimento do imaginário da floresta a partir dos bichos da Mata Atlântica do Rio Grande do Sul.

A pesquisa de pós-doutoramento de Leonardo Marques Kussler, filósofo, traz ao grupo de orientação as formas poéticas e desobedientes de vida na sociedade tecnocrata (2022-2024). Também conta-se com a colaboração de Juzelia de Moraes (Rede Municipal de Ensino de São José/SC e UDESC) e Daniel Bruno Momoli (UFPel) que, junto a Capra e Kussler, foram responsáveis pelo *Seminário Internacional Artes, Comunidades e Educação*⁷ (2023) e seu desdobramento, o *Dossiê Artes, Comunidades e Educação* (2024)⁸.

O conjunto apresentado é acolhido na pesquisa *Arquivo e Prática do Comum: gerar o que ainda não pensamos sobre arte sobre educação e artes visuais* (2021). As práticas do comum são práticas experimentais no âmbito da docência da pesquisadora, que possam instituir princípios, práticas ou orientações do comum. A intenção é abrir os códigos legitimadores ou familiares do que se entende para educação e artes visuais e pensar a formação docente nesta área. Uma dessas práticas é o Vincular, um grupo de estudos que se transformou em *coletivo docente em artes* quando passou a ser idealizado por quem participa dele. Reunindo professoras e professores de Arte (dança, música, teatro ou visuais) em escolas, sua programação é de fonte aberta, o que inicialmente se inspira nos *commons*, esquemas colaborativos de programação em informática

⁷ Sobre o Seminário Artes, Comunidades e Educação, ver: <https://grupo.flume.com.br/index.php/encontro-internacional/>

⁸ Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/issue/view/101>

(Solón, 2019; Laddaga, 2012). Por uma implicação mútua, os encontros do coletivo docente podem deslocar o que explora ou debilita as existências artísticas nas escolas, além de produzir um ritual compartilhado, um novo meio ou uma nova percepção (Han, 2021) para as artes escolares. Busca-se instituir uma poética-política em tempos de neoliberalismo e das múltiplas formas de exploração e de violência que incidem no sistema educacional.

O *Bordado Livre*⁹ e o *grupo de estudos um com um* também são práticas do comum realizadas em extensão no contexto da pesquisa acadêmica. A primeira compreendeu encontros de bordado e convívio na rua, perto das unidades universitárias da Uergs em Montenegro, Porto Alegre e Osório (RS), desde 2022. Com bolsistas e voluntariado da graduação e, ocasionalmente, do mestrado, estende-se um tecido de cinco metros com almofadas, muitas linhas e agulhas, interrompendo o esperado para aqueles espaços públicos e acionando um vínculo improvável com passantes, em razão de bordados livres por serem iniciados, continuados ou por inventar. Dessa forma, alimenta-se o interesse sobre a formação de docentes e o ensino de artes visuais em relações abertas, de um vínculo educativo por ser fundado e sustentado no bordado, observando possibilidades radicais de estabelecimento de um comum. Já o *grupo de estudos um com um*¹⁰ dedica-se ao estudo desse princípio político. Desde 2021 e em salas virtuais, forma-se um grupo que observa o comum tratado em filosofia, ciências sociais, artes e educação. Inicialmente houve uma dedicação às disciplinas mais tradicionais e atualmente buscam-se recursos transdisciplinares ou dissidentes, que sejam implicados com o modo de tratar a realidade e tratar a nós

⁹ O Bordado Livre da Uergs compõe a Rede Hilo-Fio – rede internacional de pesquisa e práticas em arte consolidada a partir de 2013 – , com apoio da Universidad de la República do Uruguai (Udelar), por meio da professora Ana Laura López de La Torre, e da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), pela professora Thereza Portes, além de outros coletivos em Montevidéu, Buenos Aires e Porto Alegre.

¹⁰ Os estudos e temas de interesse ao um com um podem ser conhecidos em https://www.facebook.com/groups/934368907390916/?_rdr

mesmos (Garcés, 2022). O grupo recebe participantes de diferentes regiões do Brasil e já esteve com uma turma da Escola Nacional de Belas Artes do Uruguai, sob orientação da professora Ana Laura de la Torre, em busca de comunizar idiomas e estudos.

Apresentadas as linhas e pessoas que conduzem pesquisas no Grupo Flume, é tempo de observar que a extensão universitária adquire a função de divulgar a diversidade das investigações e demais produções entre educação e artes, os respectivos cursos de graduação e pós-graduação e a própria universidade pública estadual. A extensão também é um veículo de formação para a pesquisa, orientando jovens pesquisadores para a escrita e para a publicação acadêmicas¹¹, além de propiciar a fundamental interação com contextos não acadêmicos.

Pelo grupo de pesquisa também são fortalecidas as conexões da Uergs com instituições culturais do estado do Rio Grande do Sul. Existem dois importantes convênios, um firmado em 2022 com a Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ)¹², que abriga o Instituto de Artes Visuais (IEAVI)¹³, o Centro de Desenvolvimento da Expressão (CDE)¹⁴ e o Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (Macrs)¹⁵, citando os de maior diálogo com o Grupo Flume. Já o convênio com o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS)¹⁶ está ativo desde 2012 e, desde então, é um impulsionador de ensino, pesquisa e extensão em diversos entrelaçamentos interinstitucionais, alguns motivadores de reflexões inadiáveis e investigações que seguiram rumos além da circunscrição estadual. Exemplo disso é a sequência entre o

¹¹ *Tópicos de escrita acadêmica e argumentação* foi um curso em duas edições (2019 e 2021), coordenado por Leonardo Marques Kussler e Carmen Lúcia Capra.

¹² Sobre a Casa de Cultura Mario Quintana, ver: <https://www.ccmq.com.br/>

¹³ Sobre o Instituto de Artes Visuais, ver: <https://cultura.rs.gov.br/ieavi>

¹⁴ O Centro de Desenvolvimento da Expressão é uma instituição da Secretaria de Estado da Cultura (Sedac), foi criado em 12 de abril de 1961 e atua nas áreas educativa, artística e cultural. Ver: <https://cultura.rs.gov.br/cde>

¹⁵ <https://macrs.rs.gov.br/>

¹⁶ Sobre o Museu de Arte do Rio Grande do Sul, ver: <https://www.margs.rs.gov.br/>

seminário *Arte, Política e Educação* (Uergs/UFRGS/MARGS)¹⁷, em 2019, e o *Programa Público Presença Negra no MARGS*¹⁸, entre 2021 e 2022, com a curadoria realizada pelo então pesquisador do Flume, Igor Simões, por Izis de Abreu e pela acadêmica de artes visuais, Caroline Leite Ferreira, ambas à época atuantes no museu. Uma das ações do programa público Presença Negra no MARGS foi dedicada a estudos sobre representatividade, miscigenação e o mito da democracia racial no Brasil e branquitude em artes e educação (Capra; Araujo, 2022; Pereira *et al*, 2024).

A relação próxima entre artes, educação e cultura está na origem dos cursos de artes da Uergs. As licenciaturas em artes visuais, dança, música e teatro foram criadas junto à Fundação Municipal de Artes de Montenegro (FUNDARTE)¹⁹, no interior do Rio Grande do Sul, e lá se desenvolveram entre 2002 e 2022. Dessa forma foi possível ao Grupo Flume participar de atividades conjuntas que reuniram estudantes de uma escola de artes e de uma universidade pública com a comunidade local, regional e nacional, uma vez que a instituição tem uma sólida e reconhecida atuação em artes e educação.

Assim, o percurso apresentado leva a entender que a convivência corrente e de intensidade incomum entre universidade e instituições públicas de artes e cultura, permite que no seu interior sejam abordados assuntos urgentes ao estado e ao país, como são, por exemplo, as relações raciais nas artes visuais institucionalizadas. Essa questão vem sendo exposta na vida acadêmica, assim como a desigualdade entre os gêneros e outras. A universidade acessa as condições candentes de vida, assume-as na pesquisa acadêmica e as compartilha de modo cooperativo e interinstitucional. Dessa forma, um grupo de pesquisa que atua entre artes visuais e educação na capital e no interior do estado, vivendo de perto as problemáticas

¹⁷ Coordenados por Carmen Lúcia Capra e Igor Simões em 2019.

¹⁸ Sobre o Programa Público Presença Negra no MARGS, ver: <https://www.margs.rs.gov.br/midia/presenca-negra-no-margs/>

¹⁹ Sobre a FUNDARTE, ver: <https://www.fundarte.rs.gov.br/>

sociais que lhe afetam, tem meios de questionar hierarquias que atuam, por exemplo, à base de sobreposição e generalização.

Pela dimensão, pela distribuição geográfica e pela intensa trajetória de luta da Uergs, existe um tipo de relação entre docentes, estudantes e egressos que também escorre para o grupo, irrigando as suas produções com ousadia, envolvimento e cooperação. Para o Flume, refletir sobre o estado das coisas em artes visuais e educação e seus efeitos é um impulso fundamental para a pesquisa. A não separação entre arte e vida, humano e não humano, cotidiano e criação permitem, todavia, que pesquisar também seja criação e tomada de posição junto ao que acontece, no espaço compartilhado.

Espera-se que o que energiza o Flume possa questionar e fender os demarcadores culturais – econômicos, geográficos, identitários – que incidem na formação de docentes, na educação escolar e não escolar e na oferta das artes à população em direção à reparação das existências subalternizadas e da criação de modos para estar e tomar posição no mundo.

Referências:

ANDRADE, Bruno; BORGES, Lai; SILVA, Mariana Silva da. **Ocupação jardim**. Porto Alegre: edição dos autores, 2022.

Ateliê extraordinário: arte, natureza e cidade. Organizadoras (es): B. Andrade; L. Borges; M. Silva da Silva [*et al.*]. Porto Alegre: Uergs, 2024. E-book. Disponível em: <<https://anyflip.com/qaofd/vvwc/basic>>. Acesso em out. de 2024.

BÉGOUT, Bruce. **La découverte du quotidien**. Paris: Allia, 2010.

BERTH, Joice. **Se a cidade fosse nossa**. São Paulo: Paz e Terra, 2023.

CAPRA, Carmen Lúcia. *Arquivo e Prática do Comum: gerar o que ainda não pensamos sobre arte sobre educação e artes visuais*. Porto Alegre: Uergs, 2021.

CAPRA, Carmen Lúcia; ARAUJO, Iury de Mello. Grupo de estudos sobre representatividade, miscigenação e branquitude – uma ação

desenvolvida para o Programa Público Presença Negra no MARGS. In: **Anais XXX Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil e VIII Congresso Internacional de Arte/Educadores**. Pelotas(RS): UFPel, 2021. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/xxxconfaeb/432905-grupo-de-estudos-sobre-representatividade-miscigenacao-e-branquitude-uma-acao-desenvolvida-para-o-programa-pub/>. Acesso em: 29/10/2024

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001.

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas - Uma metafísica das misturas**. Florianópolis: cultura e Barbárie, 2018.

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Rio de Janeiro: Editora Dantes, 2020.

DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas, outras culturas**. São Paulo: Editora 34, 2016.

DUCHAMP, Marcel. **Notes**. Paris: Flammarion, 2008.

FLUSSER, Vilém. **Gestos**. São Paulo: Annablume, 2014.

GARCÉS, Marina. **A honestidade com o real**. Belo Horizonte: Chão da feira, 2022. Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno155/> Acesso em: 29/10/2024

GIL, José. **A Imagem-nua e as Pequenas Percepções**. Lisboa: Relógio d'Água, 2005.

HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente**. Tradução: Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

KERN, Leslie. **Cidade feminista: A luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LADDAGA, Reinaldo. **Estética da emergência**: a formação de outra cultura das artes. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

LIMA, Mayara de; SILVA, Mariana Silva da. **Pequeno livro de gestos {infraleves}**. Porto Alegre: edição das autoras, 2023.

MANCUSO, Stefano. **Revolução das plantas** – Um novo modelo para o futuro. São Paulo: Ubu: 2018.

MANCUSO, Stefano. **A planta do mundo**. São Paulo: Ubu: 2021.

PEREC, Georges. **Espèces d’espaces**. Paris: Galilée, 2000.

PEREC, Georges. **L’infra-ordinaire**. Paris: Seuil, 2011.

PEREIRA, Antônio Cícero A.; CAPRA, Carmen. L.; ARAÚJO, Danielle Ferreira. M. da S. de; FERREIRA, Rose Mari (Orgs.).

Representatividade, miscigenação e branquitude em artes e na educação. Deerfield Beach, FL: Pembroke Collins, 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Piseagrama/Ubu: 2023.

SOLÓN, Pablo. (Org.). **Alternativas sistêmicas**: bem viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização. São Paulo: Elefante, 2019.

TAVARES, Gonçalo de. **Atlas do corpo e da imaginação** – Teoria, fragmentos e imagens. Lisboa: Editorial Caminho, 2013.

WOODWARD, Kathryn. 2000. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.).

Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes.

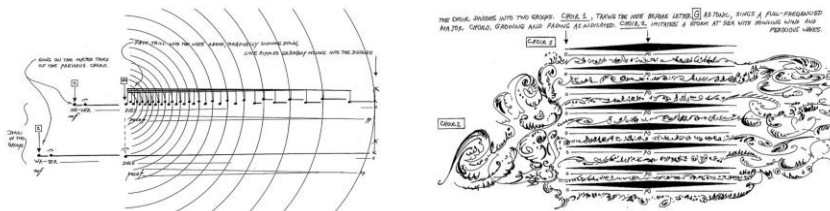
Sobre o GPAP: infiltrações investigativas em Arte e Educação

Jéssica Mami Makino
Mirian Celeste Martins

Somos água, umidade, goteira, filete, trovoada, vapor... água em muitas formas e quantidades, em muitos lugares, infiltrando em materiais diversos, formações diversas, instituições diversas.

Como trilha sonora da história do GPAP, trazemos a peça vocal *Miniwanka*, do compositor canadense Murray Schafer (1995). Além de músico, Schafer era ecólogo e artista visual especializado em nanquim. *Miniwanka* é uma obra sonora, ecológica e visual, pois trata da sonoridade da palavra “água” traduzida nas muitas línguas dos povos originários canadense, cantada por coro misto. A água descrita por Schafer é apresentada nos estados da matéria, líquido, sólido, gasoso, na forma de gotas, tempestades, rios, lagos, mar, nuvem, neve, onda...

Imagem 1 e 2 – trechos da partitura *Miniwanka*, de Murray Schafer



Essa obra sintetiza nossa trajetória. Arte Educadores de diferentes linguagens, que atuam em diferentes áreas, ora com diferentes pesquisas, ora em pesquisa unificada. Às vezes somos poucos, às vezes, somos muitos. Às vezes estamos plácidos como lagos de gelo, outras vezes, estamos revoltos em discordância, como

tempestade no oceano. Somos umidade e unidade, persistentes em infiltrar a Arte na Pedagogia.

Na paisagem deste texto, trazemos uma síntese de percursos desde 2012 para desaguar na paisagem da pesquisa que se encerra neste ano e ainda em movimento...

Águas que se movem no GPAP – Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia

Documentos que testemunham a luta pela inclusão da arte nos processos educativos desde a infância. Em 1980, a Semana de Arte e Ensino idealizada por Ana Mae Barbosa na USP, enlaçou educadores de todas as linguagens que iniciaram a criação de muitas associações estaduais ou regionais. Em 1985, o Manifesto de Diamantina; em 1986, a Carta de São João Del-Rei em 1986; em 1987, o Manifesto dos Arte-Educadores do Estado de São Paulo, e a forte ação junto à Constituinte que se consolidou em 1988, foram marcos importantes. Neles, a prof. da Faculdade de Educação da USP, Maria Felisminda Rezende e Fusari ou Mariazinha como era carinhosamente chamada, era a porta-voz da necessidade da implantação de uma disciplina de fundamentos da arte-educação nos cursos de Pedagogia. Claudia Bellochio, Nilce Pippi Carva, João Pedro de Alcantara Gil, Santa Marli Pires dos Santos e Ana Luiza Ruschel também foram pioneiras na luta pela presença da arte nos cursos de Pedagogia.

As lutas moveram as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Pedagogia como determinação do CNE do Ministério da Educação, Resolução do CNE/CP n. 1, de 15 de maio de 2006. Um documento que incorpora a arte como um campo de conhecimento essencial para a formação do pedagogo, incluindo as dimensões estética, cultural e artística, e o ensino de Arte.

Estes documentos voltam à tona na preparação do XXII ConFAEB em 2012, foi formado um grupo que atuava em cursos de Pedagogia e que se reuniu presencialmente em 18 de junho de 2012,

no Instituto de Artes da Unesp. Contava com 34 professores, representantes do Distrito Federal e das capitais e cidades do interior dos estados do Ceará, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Tocantins. E assim o GPAP – Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia iniciou suas ações com a pesquisa *Situação da Arte na Pedagogia: levantamento nacional*.

Muitos artigos como o dossiê da Revista Trama Interdisciplinar (2015), além de muitos outros, foram consolidando o grupo. Foram realizados cinco *Simpósios Internacionais Formação de Educadores em Arte e Pedagogia*, com a proposta de dar visibilidade a questões relevantes no contexto nacional no diálogo entre a Universidade e o Ensino Básico tendo como foco a compreensão das infâncias tratadas em sua pluralidade em conexão com formação de educadores em Pedagogia, Arte e Mediação Cultural. No II, em 2016, Grupos de Pesquisa relacionados à temática apresentaram seus modos de ser e fazer investigações coletivas. Em 2017, ampliaram-se as reflexões e discussões sobre o tema da interdisciplinaridade, da formação cultural e dos processos colaborativos. Estes três Simpósios geraram a publicação do livro *formação de educadores: modos de pensar e provocar encontros com arte e mediação cultural* (Martins, Momoli e Bonci, 2018). O caráter interdisciplinar do *IV Simpósio Internacional Formação de Educadores em Arte e Pedagogia* em 2018, com grande diversidade de convidados. Nele foi apresentada a pesquisa Arte na Pedagogia nas duas primeiras décadas do século XXI com o levantamento de artigos publicados em anais dos congressos mais importantes na área de Educação e Arte/educação (Faria et al, 2019), publicada no livro *formação de educadores: contaminações interdisciplinares com arte na pedagogia e na mediação cultural* (Martins, Faria e Lombardi, 2019).

Em 2020, foi realizado o *V Simpósio Internacional Formação de Educadores em Arte e Pedagogia*, frente à pandemia de COVI-19, em modo *online*, trouxe conferências, mesas-redondas e ações poéticas que geraram espaços de conversa nos Ciberdiálogos realizados em salas *online*, com a presença de Joaquin Róldan da Universidade de

Granada, de Gloria Jové da Universidade de Lleida e de convidados as questões indígenas e afro-brasileiras. Gerou a publicação em 2021 do livro *:formação de educadores: formação cultural: arte: docências: Pedagogia* (Martins, Bonci, Makino, Americano, Costa, 2021).

Em 2021 começa a pesquisa que está sendo encerrada agora, em 2024: *Formação docente com e em artes/culturas*.

O começo da pesquisa que se finda

O tema da pesquisa emerge dentre as discussões desenvolvidas no Congresso da InSEA - *International Society of Education through Art*, realizado em Vancouver, no Canadá, em 2019. Vários arte educadores observaram que professores em formação inicial demonstravam em seus cursos não conhecerem os patrimônios artísticos de sua localidade, não consumirem a cultura popular da região, tampouco os espaços de difusão de Arte. Todos os relatos demonstravam que lhes faltava quantidade e variedade de repertório em sua bagagem.

Enquanto chegava a pandemia em 2020 e encerrávamos a pesquisa sobre os relatos das práticas docentes, a nova pesquisa germinava na elaboração das perguntas que a encabeçava: quais seriam as bagagens culturais/artísticas dos estudantes dos cursos de pedagogia e similares? O que nos revela?

Esse início mostrou o tom de como seriam os trabalhos nos anos que se seguiram. Gotas d'água que se juntaram em enxurrada. A cada tomada de decisão, uma tempestade. A cada reunião, outra reunião.

Um núcleo dos participantes mais presentes dos grupos de pesquisa GPAP e do GPeMC (Mediação cultural: contaminações e provocações estéticas), se formou para gerenciar a pesquisa. Com o passar dos meses, houve desvios de curso e alguns pesquisadores se afastaram para regressar, eventualmente, nos simpósios da pesquisa, e outros, ainda, não voltaram a frequentar o grupo.

Em 2021, o Grupo Gestor encontrou-se quinzenalmente para traçar os procedimentos da pesquisa. O primeiro passo foi a elaboração de uma enquete, convidando pesquisadores de instituições nacionais e internacionais a participarem da investigação.

Esse grande número de pesquisadores formou o Grupo-Pesquisador, composto por profissionais e estudantes de instituições públicas e privadas.

Ao longo de 2022 o projeto foi sendo delineado junto com esses profissionais. As escolhas metodológicas, de procedimento, de referencial teórico, o cronograma de atividades, tudo era acordado com o grande grupo. O projeto foi encaminhado à plataforma Brasil em setembro de 2022, com as cartas de anuências das universidades e foi aprovado. Começa a pesquisa de campo fundamentada no método cartográfico (Kastrup *et al*, 2009), na artografia que escrevemos sem as barras (Irwin, 2008; Dias e Irwin, 2013) e a sociopoética (Gauthier, 2012) que orientaram o desenvolvimento da pesquisa, da produção e análise dos dados.

Proposições Artísticas como Provocadoras de Processos Criativos e da Pesquisa

Para realizar a pesquisa baseada em arte que atenda a necessidade de produzir ações investigativas com base na experiência estética provocadora e, ao mesmo tempo, possibilitar a leitura sobre as bagagens artísticas/ culturais de estudantes de Pedagogia, criamos proposições artísticas. Também para os pesquisadores, elas provocaram o exercício de uma docência criativa pautada na observação, na valorização das vozes de estudantes, e o acompanhamento de suas descobertas, entraves e desafios frente à criação.

Duas foram as bases para o conceito de proposições. Na primeira, Lygia Clark (1968) que declarava:

Nós somos os propositores: nós somos o molde, cabe a você soprar dentro dele o sentido da nossa existência.

Nós somos os propositores: nossa proposição é o diálogo. Sós, não existimos. Estamos à sua mercê.

Nós somos os propositores: enterramos a obra de arte como tal e chamamos você para que o pensamento viva através de sua ação.

Nós somos os propositores: não lhe propomos nem o passado, nem o futuro, mas o agora.

O diálogo, a provocação para a ação, a produção de sentido foi a propulsora de inúmeras intervenções de Lygia Clark e Hélio Oiticica, marcando a arte contemporânea brasileira e convocando para outros processos educativos. A proposição, assim, deveria ser provocadora de fazeres gerando pensamentos vivos por meio da ação.

Outra base foi a proposta de pesquisa coordenada por Gilberto Icle (2021) publicada no livro *Formação e processos de criação*. Recriamos os protocolos para a elaboração das proposições tendo em vista a nossa pergunta de pesquisa:

a) Ser provocadora de encontros com a arte – estudantes como leitores/fruidores e como produtores;

b) Ser passível de ser praticada por um outro grupo, envolvendo três ou mais de 30 pessoas, mesmo que requerendo adaptações;

c) Ser escrita da forma mais clara, precisa, polida e objetiva possível para que o professor possa replicar a proposição;

d) Disparar uma prática que não separe processos de criação, ações formativas e reflexões sobre a experiência estética vivida por meio da proposição e sobre a própria concepção de educação em arte. Tais reflexões produzirão dados para o mapeamento da bagagem artística/cultural dos(das) participantes da pesquisa.

O processo de criação das proposições foi participativo. Cada instituição contribuiu com uma ou mais proposições que foram submetidas para serem avaliadas e reescritas em várias reuniões.

Assim chegamos a 21 proposições. Delas, cinco foram selecionadas, possibilitando que fossem repetidas em outros grupos permitindo amplas análises. Cada pesquisador(a) pôde escolher uma ou mais proposições e adaptá-las às próprias realidades, para serem propostas e vividas por estudantes da Pedagogia em contextos diversos. São elas:

Arte/Corpo/Cidade proposta por Margarete Sacht Góes (UFES); Maria da Penha Fonseca (Faculdade Novo Milênio); Veronica Devens Costa (SEME/PMV). Prevê a investigação de um local em uma cidade. Dividida em ação e reflexão, a proposição prevê registros visuais, sonoros, audiovisuais e uma cartografia.

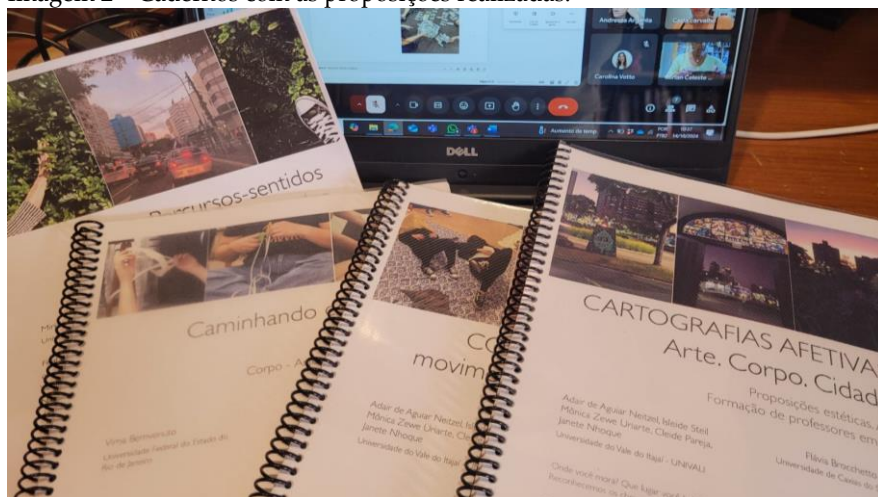
Caminhando com Lygia Clark proposta por Mirian Celeste Martins (UPM). Trata-se da proposição de Lygia Clark revisitada.

Percursos sentidos proposta pelo grupo coordenado por Daniela Schneider (Universidade Federal do Rio Grande/Grupo de Estudos e Pesquisa AFEE! Arte, Formação e Experimentações Estéticas). Investigação em cinco dias de um trajeto do cotidiano com atenção nos sentidos do corpo. A cada dia, um sentido é focalizado.

Saber de Cor – Vinícius Stein e João Paulo Balisei (Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens – ARTEI Universidade Estadual de Maringá). Levantamento de cores que se relacionam com outros elementos que não são cor: laranja, cor-de-rosa, berinjela, caramelo, entre outros. A proposição prevê registro em imagens e reflexão a partir da coleta realizada.

Da memória musical ao movimento (im)pensado proposto por Adrienne Ogêda (UNIRIO, Grupo FRESTAS) e Jéssica Makino (FFCLRP – USP Ribeirão Preto). Uma proposta de coleta da música mais antiga da memória dos participantes seguida de um jogo realizado a partir do sorteio de partes do corpo e de ações que deverão ser realizadas com essas partes sorteadas.

Imagem 2 – Cadernos com as proposições realizadas.



Um farto material textual composto também com as vozes de estudantes dos cursos de Pedagogia em diálogo com foto-ensaios, compôs um material que ainda será publicado.

Três Simpósios para dialogar, planejar, avaliar processos

No primeiro Simpósio Internacional Formação docente com e em artes/culturas, em novembro de 2022, além da possibilidade de encontrar fisicamente pessoas que só conhecíamos no on-line, foi possível receber os professores drs. Bernadete Gatti (USP), Ana Angélica Albano e Marcia Strazzacappa (UNICAMP) e Jaime Solorzano (Universidad Surcolombiana) e, da mesma universidade e de modo on-line, Rocio Polania Farfán. Foram analisadas as primeiras proposições realizadas e para pensar no planejamento futuro.

Imagem 3 – Divulgação dos três Simpósios Internacionais Formação Docente com e em Artes/Culturas.



Em setembro de 2023, foi realizado o II Simpósio com o objetivo de avaliar a produção realizada buscando compreender como analisar o rico material coletado. Contamos com a presença da profa. dra. Virgínia Kastrup que nos ofereceu uma visão ampliada de analisadores a partir do método cartográfico.

O último, ocorrido em outubro de 2024, contou com a presença de professores de vários estados brasileiros, da prof. Me. Gabriela Ferreira Olasco do Uruguai, além de participantes por meio do youtube, com a vivência, inclusive de uma das proposições. Teve como objetivo primário apresentar uma cuidadosa análise das metodologias utilizadas nas reuniões que merece destaque.

Metodologias do trabalho colaborativo

No fluxo investigativo que concretizou a pesquisa, destacamos recursos metodológicos que podem ser considerados inovadores, como a *nutrição estética*, os *registros fotográficos* e as *narrativas*, instrumentos metodológicos criados por Mirian Celeste Martins, que tinham como primeira finalidade desenvolver e registrar as aulas de Arte na Graduação. No contexto da pesquisa, com professores/artistas/pesquisadores, esses instrumentos foram utilizados para provocar os afetos, os sentidos e o intelecto por meio do contato com obras de arte, garantindo encontros que nos moviam entre os procedimentos científicos e os artísticos.

A *nutrição estética* é uma ação mediadora artística/cultural/estésica/pedagógica que provoca os participantes a pensar a partir de referenciais artísticos os temas trabalhados na reunião, na aula, na oficina, no encontro. É uma proposta de alimento, que, ao mesmo tempo em que movimentava uma discussão, promove ampliação de repertório. Assim, as *nutrições estéticas* que abriam cada reunião provocavam os pesquisadores a sentir e a pensar as temáticas a serem discutidas no encontro. Para cada tema, uma obra, um artista...

As nutrições estéticas também ocorreram nos Simpósios, com a visita ao Farol Santander (2022), na Bienal de São Paulo (2023) e na Pinacoteca (2024). No III Simpósio, Renata Americano (2024) criou a “Mesa de Bisbilhos Nutrição Estética” preparada como uma intervenção, juntamente com Ana Claudia Oliveira, Adriana Liza e Leisa Sasso.

Imagem 4 – Mesa de Bisbilhos Nutrição Estética por Renata Americano no Centro Universitário Maria Antonia em 19/10/2024.



Os registros fotográficos aconteciam em cada reunião testemunhando, de algum modo, o que foi a temática mais significativa.

Imagem 5 – Para além da fotografia-registro. Da análise no I Simpósio para a produção de um livro de artistas.



Além das fotos, as memórias dos encontros eram registradas em forma de texto e poesia por relatores voluntários. Essas produções eram chamadas *narrativas* e eram lidas no início de cada encontro, antes de realizarmos a *nutrição estética*. Essa ação garantia o fluxo entre um encontro e outro, proporcionando a diminuição da distância temporal entre um encontro e outro. Ao mesmo tempo que nos oferecia o olhar de cada pesquisador que ampliava questões e referências teóricas. Durante o III Simpósio as narrativas geraram uma análise criada:

Imagem 7 – Rede + ARTE NA PEDAGOGIA. Criação de Lutiere



O intuito é que outros grupos de pesquisa, instituições e pesquisadores independentes se reúnam para investigar os assuntos relacionados à Arte nos cursos de Pedagogia.

Para o GPAP, a formação da Rede +Arte na Pedagogia possibilitará a parceria com pesquisadores com os quais ainda não interagimos, a elaborar coletivamente perguntas ainda não feitas, a conhecer referências teóricas ainda não estudadas por nós, em novas confluências em rios, mares e oceanos ainda não avistados.

Somos água
Vamos nos infiltrando nas superfícies, nos sólidos, nas matérias;
criando frestas, erodindo e abrindo espaço
Nos unindo em caminhos de água
A outros cursos, a outros grupos
A outros rios
Ora nos acalmamos
Ora fluímos sob o solo
Ora flutuamos feito vapor
Ora nos congelamos
Mas logo voltamos a ganhar corpo, viramos tempestade
E nos unimos em
Enxurrada
Jéssica Makino, abril de 2024

Referências

- AMERICANO, Renata Queiroz de Moraes. **Ao redor da mesa dos bisbilhos com docentes das escolas das águas no Pantanal Sul-Mato-Grossense**, 2024. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/38360>. Acesso em 25 out.2024
- DIAS, B. & IRWIN, R. (2013). **Pesquisa educacional baseada em Arte: A/r/tografia**. Santa Maria, RS: Editora da UFSM.
- EGAS, Olga Maria Botelho. **Metodologias artísticas de pesquisa em educação e deslocamento na formação docente: a fotografia como construção do pensamento visual**, 2017. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/3264>. Acesso em 22 out. 2024.
- FARIA, A. A. de et al. Arte na Pedagogia: um coletivo em pesquisa - Grupo de pesquisa Arte na Pedagogia (GPAP). In: MARTINS, M. C.; FARIA, A. A. de; LOMBARDI, L. M. S. dos S. (Orgs.). **Formação de educadores: contaminações interdisciplinares com arte na pedagogia e na mediação cultural**. São Paulo: Terracota Editora, 2019.
- GAUTHIER, J. *O oco do vento: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais*. Curitiba, PR: CRV: 2012.
- IRWIN, R. A/R/Tografia: uma mestiçagem metonímica. In: BARBOSA, A.; AMARAL, L. (Org.). **Interterritorialidade: mídias, contextos e educação**. São Paulo: SENAC/SESC, 2008, pp. 87-104.
- KASTRUP, V.; PASSOS, E.; ESCÓCIA, L. **Pistas do método cartográfico: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- MARTINS, M. C.; BONCI, E. M. O.; MAKINO, J. M.; AMERICANO, R. Q.de M.; COSTA, V. D. (orgs). **Formação de educadores: formação cultural: arte: docências: Pedagogia**. São Paulo: LiberArs, 2021. Disponível em: <<https://www.arte-pedagogia-mediacao>

com.br/_files/ugd/7ee6db_65e77f8f0cbd4ca6b92ac2014cd40bf3.pdf>. Acesso em 04 novembro 2024.

MARTINS, M. C.; FARIA, A. A.; LOMBARDI, L. M. S. dos S. (orgs). **Formação de educadores:** contaminações interdisciplinares com arte na Pedagogia e Mediação Cultural. São Paulo: Terracota, 2019. Disponível em: <https://www.arte-pedagogia-mediacao.com.br/_files/ugd/7ee6db_a382de24805344cb94854a0923542895.pdf>. Acesso em 04 novembro 2024.

MARTINS, M. C.; MOMOLI, D.; E. M. O. (orgs.). **Formação de educadores:** modos de pensar e provocar encontros com a arte e mediação cultural. São Paulo: Terracota, 2018. Disponível em: <https://www.arte-pedagogia-mediacao.com.br/_files/ugd/7ee6db_eae317e45a284d11b33bc5237a7315d9.pdf>. Acesso em 04 novembro 2024.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (horas.). **Pistas do método da cartografia:** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulinas, 2015.

SCHAFER, M. **Miniwanka:** the moments of Water for choir. Ontario: Arcana Editions, 1995.

Pesquisas em Artes e Visualidades - PAVIS UERJ

Ana Valéria de Figueiredo

Isabel Carneiro

Valéria Leite de Aquino

Iniciando o percurso

Grupo de Pesquisa PAVIS – Pesquisa em Artes e Visualidades foi criado em agosto de 2018 inicialmente ligado à Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Para tal, seguimos o processo institucional de organizar os objetivos e linhas de pesquisa do grupo e solicitamos o cadastro na Pró-Reitoria de Pós-graduação da UERJ (PR2). Na ocasião fomos questionadas sobre não estar atuando na pós-graduação *stricto sensu* para poder registrar o grupo.

Entretanto, argumentamos que nossas pesquisas também vinham sendo realizadas e desenvolvidas na graduação e na pós-graduação *lato sensu* com a orientação de trabalhos finais de graduação/licenciatura, monografias e outras produções de pesquisa no Departamento de Ensino de Artes do Instituto de Artes da UERJ. As justificativas apresentadas foram consideradas fundamentadas e assim, foi autorizado o cadastro do Grupo de Pesquisa em Artes e Visualidades PAVIS UERJ.

Imagem 1 – Identidade Visual do PAVIS



PAVIS
Grupo de Pesquisa em
Artes e Visualidades

Fonte: elaborado pelo Prof Dr Rodrigo Torres do Nascimento (Instituto de Artes – UERJ)

Frente ao percurso narrado, o PAVIS, em sua gênese, foi articulado, de maneira um pouco diferente da prática usual adotada pela maioria dos grupos de pesquisa que, geralmente, se iniciam vinculados aos programas de pós-graduação. Esse é um ponto relevante, tendo em vista que muitas pesquisas iniciadas na graduação, tais como trabalhos de conclusão de curso, projetos de iniciação científica, projetos de iniciação à docência entre outros, frequentemente acabam se diluindo e não são incorporados a pesquisas de forma mais sistematizada. Como possível consequência, essas pesquisas perdem a oportunidade de serem ampliadas e aprofundadas na pós-graduação.

Agregando as pesquisas diversas ao PAVIS, temos constatado que as chances para a continuação das investigações aumentam potencialmente no ingresso dos estudantes na pós-graduação. Vemos a trajetória do PAVIS, inicialmente criado na graduação, como bastante singular e exitosa, conforme constatamos a seguir neste texto apresentando um breve quadro da composição das linhas, seus participantes e orientações de pesquisas.

O PAVIS e suas Linhas de Pesquisa

Como descrito no espelho do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP/CNPq)¹, o PAVIS tem como objetivo investigar os processos de educação formal e não formal em artes, culturas e ensino de artes de maneira ampla, bem como suas estratégias de ensino-aprendizagem, com o intuito de registrar e analisar como ocorrem essas aprendizagens em suas singularidades no campo das artes e visualidades.

As características do grupo possibilitam o trânsito por diversas instâncias e níveis educacionais, o que pode proporcionar à universidade a experiência e a oportunidade de um diálogo mais amplo em projetos de pesquisa, ensino e extensão. Como

¹ PAVIS UERJ – espelho do grupo de pesquisa disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/352770>. Acesso em: 08 nov. 2024.

desdobramento das pesquisas empreendidas pelo PAVIS, espera-se fomentar o debate sobre práticas e estratégias artístico-pedagógicas em diferentes cenários, diante da diversidade de um mundo plural, firmando convênios e parcerias com espaços de ensino, extensão e pesquisa para profissionais e estudantes da universidade, tanto da graduação quanto da pós-graduação.

Ter registrado institucionalmente um grupo de pesquisa posteriormente certificado pelo CNPq foi - e tem sido - fundamental para expandir alguns projetos advindos da graduação, bem como para a construção coletiva de outros tantos na pós-graduação, de maneira continuativa e integrada. Em 2020-2021, quando ingressamos como docentes permanentes no Programa de Pós-graduação em Artes da UERJ (PPGArtes UERJ)², revisamos as linhas de pesquisa anteriormente agrupadas e inserimos outras. Atualmente, são seis as linhas de pesquisa e seus objetivos:

(1) *Arte, Cultura Lúdica e Visualidades* - o objetivo central da linha é investigar arte, ludicidade e visualidades que envolvem aspectos da Cultura Lúdica e seus desdobramentos nos processos estéticos, artísticos e de ensino e aprendizagem;

(2) *Imagens, contra-saberes, subversões epistêmicas e demais riquezas nos cotidianos escolares* - a linha investiga a produção, edição e circulação de imagens presentes nos ambientes escolares. Busca compreender como crianças e jovens, aparentemente distantes dos elementos oficiais da instituição escolar (currículos, planejamentos e objetivos) criam oportunidades pedagógicas significativas para si mesmos e para aqueles que desempenham o papel de professores. Essas práticas colocam educadores como aprendizes, contribuindo para compreender as dinâmicas educacionais e relações na escola;

(3) *Imagens e Visualidades Escolares Cotidianas* – a linha tem como objetivo central estudar os cotidianos escolares, suas articulações e desmembramentos no/para o ensino de artes;

² PPGArtes – Programa de Pós-graduação em Artes disponível em: <https://www.ppgartes.uerj.br/>. Acesso em: 09 nov. 2024.

(4) *Jogos de temporalidades inconciliáveis* – busca investigar novas metodologias de ensino das artes e suas complexidades no cenário contemporâneo. Os jogos de temporalidades inconciliáveis são abordagens, meios e procedimentos de desenvolvimento de práticas artístico-pedagógicas e trabalham questões conceituais como a ideia de colagens históricas e suas reverberações no ensino das artes;

(5) *Pedagogia das Visualidades no Ensino de Artes* - os estudos da linha visam contribuir para a integração teoria-prática, buscando ampliar experiências de ações voltadas para a docência e suas práticas pedagógicas, e também conhecer como está se configurando a produção acadêmica na área, cunhando o que se pretende conceituar como Pedagogia das Visualidades. Busca investigar meios e possibilidades de ensino e aprendizagem no Ensino de Artes, Arte/Educação e seus desdobramentos frente aos Estudos Culturais e Cultura Visual;

(6) *Práticas, representações e saberes não hegemônicos* – a linha traz como objetivo analisar as culturas populares contemporâneas em seu sentido simbólico e material, tendo como referência os sujeitos sociais em suas práticas, representações e saberes. Busca contribuir para a reflexão sobre os processos de ensino e aprendizagem formais e não formais, assim como sobre as temporalidades e territorialidades que constituem e atravessam o universo das culturas populares.

Em termos quantitativos, o PAVIS registra atualmente o seguinte quadro com orientações em andamento:

Quadro 1 – quantitativo PAVIS 2024.

Linhas de Pesquisa	06
Pesquisadores	06
Mestrandos	12
Doutorandos	04
Licenciandos em Artes Visuais	06
Professores da Educação Básica com Mestrado	03
Supervisão de pós-doutorado	02
Dissertações defendidas	05

Fonte: elaborado pelas autoras.

Dentre as orientações que passaram pelas linhas de pesquisa, contabilizamos 31 estudantes distribuídos entre Licenciatura em Artes Visuais, Mestrado e Doutorado em Artes, Supervisão de Pós-doutorado com trabalhos defendidos e aprovados.

Parcerias

Ao longo de sua permanência, o PAVIS vem estabelecendo colaborações em nível regional, nacional e internacional. Dentre essas destacamos a parceria institucional com o Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES relativamente ao Ensino de Artes. Além da participação em bancas de Mestrado e Doutorado, foi editado o livro *ArteGestoAção: minhas mãos são minha liberdade* (Carneiro; Vignoli; Baltar, 2023), com auxílio editoração da FAPERJ. As organizadoras/autoras trazem textos que partem de práticas do/no ensino de Artes Visuais em diálogo com cultura surda e a linguagem de sinais, resultantes de estudos e pesquisas desenvolvidos em dissertações, teses, exercícios diários em sala de aula entre outras ações/produções artísticas.

Também tem sido exitosa e profícua a parceria com o Núcleo de Cultura Popular (NCP UERJ)³. Conforme a descrição do grupo, o NCP UERJ se constitui um espaço de reflexão sobre as culturas populares e arte. Reúne pesquisadores, professores, artistas, agentes culturais, alunos de graduação e pós-graduação voltados para pesquisa, documentação, análise, difusão e apoio das expressões de arte e cultura e que buscam realizar estudos, encontros, seminários, exposições, publicações e outras ações de conhecimento e valorização do universo das artes e das culturas populares em sua diversidade e pluralidade.

Em ações coletivas NCP-PAVIS vimos realizando eventos *online*/presenciais tais como o *Webinário de Artes e Cultura Popular*

³ O Núcleo de Cultura Popular é liderado pela Professora Valéria Leite de Aquino e Professor Ricardo Lima e realiza ações de pesquisa e extensão. Disponível em: http://www.art.uerj.br/paginas/pesquisa/_cultura_popular.html. Acesso em: 09 nov. 2024.

(WaCPop), que é uma ação idealizada e realizada por alunos de graduação do Instituto de Artes/UERJ, onde artistas e pesquisadores são convidados para um bate-papo descontraído apresentando seus trabalhos e pesquisas atuais das/nas áreas de artes, educação e cultura popular contemporânea. Desde 2021 até o momento já foram realizados 22 webinários⁴.

As parcerias internacionais se estendem em ações de organização de seminários acadêmico-científicos e redes de pesquisa, bem como com participações em eventos artísticos-acadêmicos. Dentre esses citamos o *I Colóquio Internacional Artes, Educação e Tecnologias* (I CIAET), uma iniciativa da articulação entre a Universidade do Estado de Rio de Janeiro, a Universidade Nova de Lisboa e a Universidade Estácio de Sá realizado em novembro de 2023 de forma remota pelo canal Pedagogia das Visualidades (*YouTube*)⁵. O evento teve como objetivos promover espaços de diálogos e consolidação de pesquisas, seus processos e relações, além de seus resultados e fortalecer a compreensão que nas práticas do dia a dia é que o diverso se estabelece e solicita que seja entendido em suas múltiplas formas.

O PAVIS tem um diálogo em parceria bastante próxima com o *Laboratório de Ensino da Arte* (LEA UERJ)⁶ coordenado pelo Professor Aldo Victorio Filho. O LEA é uma Unidade de Desenvolvimento Tecnológico (UDT) e foi criado para oferecer apoio, fomento técnico e desenvolvimento às diversas modalidades de ensino da arte, processos formais, informais e não formais. Emerge da necessidade de se agrupar os diferentes projetos existentes no Departamento de Ensino da Arte e Cultura Popular, ao qual o PAVIS também se filia.

Ainda sobre articulações, o PAVIS vem participando de ações interinstitucionais nacionais e internacionais tais como a elaboração

⁴ Webinários disponíveis em: <https://www.youtube.com/@nucleodeculturapopular7151/streams>. Acesso em: 08 nov. 2024.

⁵ Conferências, palestras e apresentações de trabalho estão disponíveis em: <https://www.youtube.com/@pedagogiadavvisualidades4134/streams>. Acesso em: 08 nov. 2024.

⁶ Laboratório de Ensino da Arte disponível em: <http://www.art.uerj.br/documentos/P%C3%81GINA%20PARA%20O%20IART.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2024.

e exercício de disciplinas no PPGArtes UERJ. Destacamos em nível internacional o curso *Pesquisa em Ciências Humanas no mundo contemporâneo: olhares metodológicos - disciplina interinstitucional* realizado no segundo semestre de 2023 com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Estácio de Sá (UNESA), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Universidade da Madeira (UMA, Portugal). A disciplina, oferecida nos Programas de Pós-graduação em Educação e Artes dessas universidades, contou com dez docentes lecionando os temas e teve como ementa: olhares metodológicos na pesquisa em ciências humanas. Pesquisa cartográfica. Narrativas e histórias de vida. Metodologias visuais. Metodologia da conversa com imagens. Etnografia visual. Pesquisa-ação. Casos de pesquisa⁷.

A disciplina *Processos artísticos e práticas cotidianas* foi elaborada com a parceria PAVIS-INES e realizada no âmbito do PPGArtes UERJ no primeiro semestre de 2024. A ementa abordou os seguintes tópicos: onde a arte existe na prática pedagógica. Virada educativa na arte contemporânea. Programa da arte contemporânea. Assuntos emergentes: decolonialidade, feminismo, antirracismo. Performar a sala de aula: aulas expositivas e tarefas práticas.

No segundo semestre de 2024 organizamos e implementamos juntamente com o Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ (PROPEd) a disciplina *Estética, Currículos e Cotidianos* que elencou os seguintes pontos de estudo: o processo de realização e partilha do conhecimento como processo poético. Autocriações pessoais como elaborações estéticas dinamizadas cotidianamente nas redes coletivas. A Estética para além dos discursos de outorga da Arte. Educação e formação pessoal e coletiva como ação estética e produção poética. A imagem visual e a Cultura Visual como

⁷ Disponível em: <https://ria40tena.wixsite.com/ria40tena/c/C3%B3pia-semin%C3%A1rios-e-curso-de-extens%C3%A3o>. Acesso em: 10 nov. 2024.

currículo e seu jogo contínuo frente à condição humana de fruição e criação estética. Seminários de Apresentação de Pesquisa.

As pesquisadoras e pesquisadores do PAVIS integram redes de pesquisa em Artes, Educação e Cultura. Dentre essas citamos a *Rede Internacional de Ações em Educação* (RIA)⁸, composta por docentes de diversos lugares do Brasil, da América Latina e da Europa, discentes e parceiros, que planejam, articulam e realizam ações em Artes e Educação em vários locais, de forma presencial e *on line*.

Destacamos também a *Rede Internacional de Investigação em Artes, Educação Artística e Arte/Educação* (enREDE)⁹, uma plataforma de partilha para consolidar redes de relacionamento e expansão partilhada entre pessoas que investigam em Artes, Educação Artística e Arte/Educação. Conforme apresentado, constitui-se, assim, numa plataforma nas línguas espanhola e portuguesa, de partilha de contatos que pretende criar e consolidar redes de relacionamento para a expansão da investigação.

Abordagens e Metodologias de Pesquisa em Artes

O PAVIS agrega e desenvolve em suas linhas, abordagens/metodologias de pesquisa que dialogam com a criação-produção-fazer artístico, Artes e Culturas, o Ensino de Artes entre outras possibilidades, que articulam: pesquisa e criação de novas abordagens, meios e procedimentos dos processos artísticos e pedagógicos nas/das Artes Visuais através da realização de laboratórios, oficinas, seminários, grupos de estudos e rotinas de estudos.

Uma das abordagens de criação-produção-investigação em Artes tem sido as Oficinas. Em uma perspectiva freireana, as oficinas são espaços dinâmicos de construção do conhecimento que pretendem fomentar o diálogo como estímulo e oportunidade do

⁸ Rede RIA disponível em: <https://ria40tena.wixsite.com/ria40tena>. Acesso em: 10 nov. 2024.

⁹ enREDE disponível em: <https://www.up.pt/enrede/alfa/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

fazer criativo e coletivo para a transformação da realidade, na horizontalidade do saber inacabado. Nesse sentido, se constroem como espaço-tempos de trocas de experiências e formação de vínculo que buscam a aprendizagem, a reflexão do pensar, sentir e agir, proporcionando ao grupo a análise da realidade e a construção coletiva do saber (Freire, 1998).

Sobre as práticas artísticas e acompanhamento de experiências cotidianas em sala de aula, propomos novas abordagens, meios e procedimentos, como por exemplo a ação *1 palavra por aula*. A partir daí, construímos mapas radiais que são formados por essas palavras e suas relações conceituais e bibliográficas. Essas práticas artísticas e suas reverberações no Ensino das Artes, vão se configurando um sistema complexo que possibilita pensar novas formas de existir e estar no mundo e, dessa forma, “pensar a metodologia como um jogo criativo, estético, impregnado das nossas histórias, projetos e experiência de vida” (Tourinho, 2015, p. 64).

Como a sala de aula muda a relação da artista dentro do ateliê? Com esse questionamento, a busca é pela construção coletiva e ampliação do entendimento de que uma prática artística é necessariamente uma prática pedagógica e faz com que esse conjunto possa contribuir para outras epistemologias do fazer artístico. As abordagens/metodologias amparam-se também na pesquisa bibliográfica do campo do Ensino das Artes Visuais e na pesquisa bibliográfica específica da relação entre as visualidades e outros campos sensoriais.

O PAVIS abriga também pesquisas desenvolvidas a partir da utilização de narrativas de vida ou narrativas autobiográficas. Entendemos, a partir de Brockmeir e Harré (2003), que a narrativa, dentro da proposta (auto)biográfica é um paradigma alternativo, pois se constituem como verdadeiras portas de acesso aos modos como a comunidade ou o sujeito atribui sentido à sua experiência, como justifica suas ações, como organiza suas memórias ou silencia outras, acabando por fornecer padrões de interpretação para o

conhecimento humano ao mesmo tempo em que colaboram no aprimoramento da pesquisa qualitativa interpretativa.

Desse modo, operamos com as noções de reflexividade (auto)biográfica que acontece por meio narrativas autobiográficas, e que possibilita ao ser humano olhar para si mesmo abrindo, inclusive, a oportunidade de (re)elaborar as experiências vividas.

Adotamos também a abordagem da Cartografia Cultural (Deleuze; Guattari, 1995), que permite mapear as conexões entre artistas, obras e movimentos artísticos e culturais contemporâneos. Este percurso metodológico é especialmente útil para revelar as relações e interações entre diferentes práticas artísticas e culturais em resistência ao sistema de arte hegemônico.

A Cartografia Cultural, segundo Souza (2016), visa compreender as práticas culturais em suas múltiplas dimensões, identificando suas interconexões e seus contextos socioculturais e nos possibilita sistematizar as informações sobre as produções artísticas e culturais, ajudando a visualizar a dinâmica cultural em seu contexto mais amplo.

Os fundamentos da Cultura Visual também têm permeado as opções teórico-metodológicas do PAVIS. Nesse sentido buscamos um diálogo com o que denominamos *Pedagogia das Visualidades e Ensino de Artes* (Figueiredo; Pedrosa, 2017). Compreendemos a

Pedagogia das Visualidades como modos quase didáticos – mas muitas vezes sem o serem explicitamente – de um conjunto de prescrições, sistemáticas ou não, que indicam como ver/produzir, de onde ver/produzir e para que ver/produzir as imagens que nos circundam e com as quais interagimos cotidianamente. Assim nessas indicações estão contidas maneiras de ver, de produzir e de fruir os textos imagéticos (Figueiredo; Pedrosa, 2017, p. 88).

Esses são alguns dos pressupostos teórico-práticos de abordagens e metodologias e suas epistemologias que partilhamos no PAVIS e que têm se mostrado como caminhos bastante interessantes, estimulantes e de resultados que vão se consolidando, e sendo constantemente revistos e ampliados frente aos estudos,

pesquisas e projetos que vimos desenvolvendo na graduação e na pós-graduação.

Os Projetos

Como dito anteriormente neste texto, o PAVIS se origina inicialmente relacionado às pesquisas e projetos desenvolvidos na graduação, mais especificamente na Licenciatura em Artes Visuais da UERJ. Nesse sentido, além das orientações na pós-graduação, ressaltamos a importância de igualmente enfatizar os projetos que vêm sendo implementados na Educação Básica que têm relação direta com as abordagens/metodologias de pesquisa em Artes e Ensino de Artes.

Destacamos três projetos articulados às linhas de pesquisa do PAVIS desenvolvidos no Departamento de Ensino de Artes (DEACP) e Departamento de História da Arte (DTHA): Projetos Prodocência¹⁰: *EréPomteca: a arte e o brincar para a re-educação das relações étnico-raciais* coordenado pela Prof^a Ana Valéria de Figueiredo (DEACP); *Escritas de Si - Narrativas Autobiográficas como Estratégia de Formação Reflexiva* coordenado pela Professora Valéria Leite de Aquino (DTHA); e *Abordagens, Meios e Procedimentos no ensino das Artes Visuais* coordenado pela Professora Isabel Carneiro (DEACP).

O projeto *EréPomteca* tem como objetivos centrais favorecer o contato do licenciando em Artes Visuais com a prática no chão da escola da Educação Básica para sua formação docente, elaborar e desenvolver metodologias e práticas inovadoras relacionadas à docência no/para o Ensino de Artes em suas interfaces com o lúdico.

¹⁰ O Programa de Incentivo à Docência na Graduação (PRODOCÊNCIA) foi criado pela Reitoria em 2021 com o “objetivo de ser mais uma das ações de valorização dos docentes na UERJ, mediante à concessão de bolsa de apoio à implementação de projetos de trabalho que articulem o ensino da graduação à prática profissional dos discentes”. O programa tem bolsas previstas para os estudantes e professores-coordenadores (UERJ, 2021).

Escritas de Si tem como objetivo principal valorizar as experiências vividas em uma perspectiva reflexiva, com destaque para o papel e lugar da experiência no contexto da formação, tanto acadêmica quanto humana, na busca de estimular a reflexividade biográfica e a consciência histórica através de discussões temáticas e do compartilhamento de experiências vividas numa perspectiva socioantropológica.

Ambas as propostas vêm sendo realizadas desde junho/2022 com crianças de 10 a 12 anos (em média) em uma escola de Educação Básica da rede pública municipal de uma cidade da Baixada Fluminense, região geopolítica do Estado do Rio de Janeiro. As ações e práticas didático-pedagógicas se relacionam à formação docente e fomentam o desenvolvimento de propostas diretamente com os estudantes na unidade escolar, oportunizando aos licenciandos as vivências nos/dos cotidianos escolares em suas nuances e peculiaridades, além das possibilidades de articular aspectos das pesquisas que já vêm sendo desenvolvidas e/ou pode mesmo suscitar temas para investigação futuras na pós-graduação.

As escritas produzidas pelas crianças – *imagemtexto* - vêm ao encontro das leituras de mundo que se imbricam numa ecologia imagética que dialoga com suas vivências de ser-estar no mundo e com as vivências dos estudantes em formação, criando microssistemas particulares e de riqueza ímpar.

O projeto *Abordagens, Meios e Procedimentos no Ensino das Artes Visuais* é voltado para a compreensão e apropriação de aspectos metodológicos do Ensino da Arte e prepara o licenciando para conceber formas didáticas diversas desde os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. Essas relações tratam de princípios baseados em proposições artísticas, jogos de criação de visualidades, compreensão das dimensões da Cultura Visual e abordagens, produções de linguagens híbridas, experiências estéticas, meios e procedimentos múltiplos na plena contribuição da área específica das Artes Visuais para a formação cidadã.

De forma geral, os projetos se destinam à sistematização das

aprendizagens prático-teórico-instrumentais, acumuladas e articuladas ao longo da Licenciatura e cumprem papel fundamental à atuação do futuro docente, entendidas as suas concepções como flexíveis e sensíveis às imprevisíveis condições dos cotidianos escolares como convém a toda preparação dos estudantes, cursos, planejamento de aulas e oficinas. As propostas desse espaço e tempo curricular se oferecem à aplicação nos projetos, contando, portanto, além dos resultados junto aos estudantes, com a experiência e sensibilidade das coordenadoras para os ajustes, aprimoramentos e adequações que se fizerem necessárias.

Os projetos tomam centralidade na formação docente em Artes, pois que o Ensino de Artes ocupa lugar de destaque no âmbito escolar e espaços não formais tendo em vista que instiga ao posicionamento crítico e ativo em concomitância com o desenvolvimento de metodologias inovadoras no espaço escolar, almejando a transformação das experiências vividas em conhecimento da experiência.

Ainda, fortalecem possibilidades de desenvolvimento de reflexões sobre os processos de ensino-aprendizagem em Artes nos espaços formais e não formais, onde se busca, ao mesmo tempo, estimular o pensamento sobre possíveis formas de pensar-fazer pesquisa na interface arte-ensino de arte-processos artísticos.

Brevíssimas considerações finais

Frente ao que aqui apresentamos, o Grupo de Pesquisa em Artes e Visualidades PAVIS UERJ tem se consolidado como um catalisador de propostas inovadoras, fomentando e produzindo estudos, pesquisas e projetos que se desdobram em diversas possibilidades. Atuando de maneira interdisciplinar, o grupo não apenas desenvolve parcerias com outras instituições e coletivos, mas também se lança à articulações que permitem a construção, a partilha de conhecimentos e experiências.

Essa interação constante resulta na formação de uma rede potente e colaborativa, com diversas possibilidades de gerar diálogos que reverberam na produção de conhecimentos críticos e criativos no campo das Artes, do Ensino de Arte e da Cultura.

As atividades do PAVIS abrangem desde a produção acadêmica com trabalhos de final de curso, monografias, dissertações e teses até propostas de intervenções culturais, buscando sempre expandir e ampliar as fronteiras disciplinares do saber e promover práticas e intervenções artístico-educativas transformadoras, alinhadas aos desafios contemporâneos da sociedade.

Referências

BROCKMEIR, Jens; HARRÉ, Rom. Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. **Psicologia: Reflexão e Crítica** 18(3), pp. 525-535. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/8z4tybyPwGwyfgfsVBQMXgH/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 08 nov. 2024.

CANDAU, Vera Maria. **Didática: questões contemporâneas**. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

CARNEIRO; Isabel; VIGNOLI, Lucia; BALTHAR, Nena. **ArteGestoAção: minhas mãos são minha liberdade**. Rio de Janeiro: Amandai Edições, 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs vol. 1**. São Paulo: Editora 34, 1995.

FIGUEIREDO, Ana Valéria de; PEDROSA, Stella Maria P. de A. **Fotografia e Educação: possibilidades na produção de sentidos dos discursos visuais**. *Nuances: Estudos sobre Educação*, Presidente Prudente, v. 28, n. 1, p. 78–94, 2017. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/4828>. Acesso em: 12 nov. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e Mudança na Educação**. Os projetos de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à lava jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2016.

TOURINHO, Irene. Metodologia (s) de pesquisa em Arte/Educação: o que está (como vejo) em jogo? In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (Org.) **A/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

UERJ. **Ato Executivo de Decisão Administrativa AEDA 051/Reitoria/2021**: cria o Programa de Incentivo à Docência na Graduação – Prodocência, além de conferir outras providências. SEI/ERJ 23533809 *Ato Executivo de Decisão Administrativa*. Disponível em: http://www.boluerj.uerj.br/pdf/aeda_00512021_15102021.pdf. Acesso em: 10 nov. 2024.

Sobre as autoras e os autores

Adrienne Ogêda Guedes

Doutorado e Mestrado em Educação (UFF), Especialização em Docência na Educação Infantil (PUC), Docência no Ensino Superior (UNirio) e Alfabetização (UFRJ). Formação técnica em bailarina pela Escola Angel Vianna e em Arte Educação pelo Ateliê Hélio Rodrigues. Líder do Grupo FRESTAS (UNIRIO). Professora Associada da Universidade Federal do Estado do Rio Janeiro (Unirio). Email: adrienne.ogeda@gmail.com

Ana Valéria de Figueiredo Costa

Professora Adjunta da UERJ no Instituto de Artes, Licenciatura em Artes Visuais e PPGArtes-UERJ. Professora Titular II na UNESA, Licenciaturas e PPGE-UNESA. Cursa Estágio Pós-doutoral pela Universidade Nova de Lisboa - CICS Nova. Líder de Pesquisa dos Grupos PAVIS Pesquisa em Arte e Visualidades (UERJ) e GEPA Estratégias Pedagógicas de Aprendizagem (UNESA). Pesquisadora Seraphicus (UERJ), Estudos Culturais em Educação, Artes e Saúde (UERJ), Laboratório de Estudos e Pesquisas em Tecnologia, Educação e Cultura (LEPTEC UNESA). E-mail: anavaleria_figueiredo@yahoo.com.br

André Luiz Correia Gonçalves de Oliveira.

Doutor em Arte (Universidade de Brasília), Mestre em Filosofia (UNESP), Graduado em Música (Universidade de Londrina) Professor e pesquisador da Universidade Estadual de Campinas. É vice-líder do Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação (LABORARTE) da FE/UNICAMP. E-mail: andrelcg@unicamp.br

Andrea Cristina Versuti

Doutora em Educação com ênfase em Ciência e Tecnologia pela Universidade Estadual de Campinas (2007), Mestre em Sociologia com ênfase em Sociologia da Cultura pela Universidade Estadual de Campinas (2000) e Graduada em Ciências Sociais (Bacharelado e Licenciatura) também pela Universidade Estadual de Campinas (1997). Realizou pós-doutorado na Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista (UNESP/Bauru). Vice-líder do grupo de pesquisa GEFI, Educação, Filosofia e Imagem. E-mail: andreaversuti@unb.br

Anne Caroline de Moraes Santos

Doutora em Letras. Coordenadora e professora universitária de cursos da Educação Superior a distância e presencial (Graduação e Pós-graduação). Coordenadora de diferentes cursos na área da Educação e do Ensino, tais como, Psicopedagogia, Educação Especial e Letras. Coordenadora do curso Tecnológico de Artes Visuais UVA Ead. Coordenadora de Projetos Capes com Educação Básica na formação de professores, Pibid e Residência Pedagógica. Tutora no Programa Nacional de Comitê de Cultura do Ministério da Cultura. Pesquisadora do Grupo LETEC/UNIFACVEST/SC. E-mail: anne.santos@uva.br

Aldo Victorio Filho

Ex professor de Artes Visuais da rede municipal de Educação do Rio de Janeiro; professor de Educação Artística da rede estadual de Educação do Rio de Janeiro. Doutorado e Mestrado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ Graduado em Gravura pela Escola de Belas Artes UFRJ e Licenciado em Educação Artística. Professor visitante da Facultad de Belles Arts da Universitat de Barcelona 2017/2018. Professor Associado; Coordenador do curso de Licenciatura em Artes Visuais; Docente do Programa de pós-graduação em Artes - PPGARTES e do Programa

de pós-graduação em Educação - PROPED, ambos da UERJ. Procientista UERJ. E-mail: avictorio@gmail.com

Carmen Lúcia Capra

Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2007 e 2017). Especialista em Gestos de Escrita como prática de risco pela Casa Tombada/Facon (2022) e em Produção de Imagens com Meios Tecnológicos pela Universidade de Caxias do Sul (UCS, 2003), onde obteve o título de Licenciada em Educação Artística (1999). Professora Adjunta da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs) desde 2011. E-mail: carmen-capra@uergs.edu.br

Cláudia Ribeiro Bellochio

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003), mestra em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (1994) e graduada em Música - Bacharelado em Piano (1987) e em Pedagogia (1989) pela UFSM. É Professora Titular do Departamento de Metodologia de Ensino, Centro de Educação (UFSM), atuando no Programa de Pós-graduação em Educação. Na graduação atua nos cursos de Música – Licenciatura, Pedagogia e Educação Musical. Tem experiências editoriais na área de educação e de educação musical. Pesquisa formação de professores, estágio supervisionado, pesquisa (auto)biográfica. É líder do grupo de pesquisa FAPEM (CNPq). E-mail: claudiabellochio@gmail.com

Cristina Rolim Wolffenbüttel

Pós-doutora, doutora, mestre e licenciada em Música. Especialista em Informática na Educação, Literatura Brasileira, Filosofia, Educação Infantil e Anos Iniciais. Professora do PPGED/UERGS, coordenadora da Linha 2: Artes em Contextos Educacionais e da Especialização em Educação Musical. Membro do Comitê Assessor de Artes e Letras da FAPERGS. Bolsista de Produtividade em

Pesquisa do CNPq - Nível 2. E-mail: cristina-wolffenbuttel@uergs.edu.br

Débora Rosa da Silva

Mestra em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie- Diálogos silenciosos: ação mediadora e o desvelar de referências teóricas e vividas (2018). Possui graduação em Artes Visuais pela Universidade Cruzeiro do Sul (2011). Educadora com experiência no ensino formal e não formal, atuou em exposições como educadora no atendimento a grupos, como formadora e como supervisora de equipes de educadores. Atualmente é professora de Arte na rede pública do Município Estância Balneária Peruíbe, São Paulo. E-mail: osadeboraxxx@gmail.com

Deborah Vier Fischer

Mestra e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), especialista em Educação Psicomotora pela FAPA/POA, graduada em Pedagogia (UFRGS). Atuou como coordenadora geral da Escola Projeto (POA), de 2008 a 2025. Foi professora de educação infantil e de ensino fundamental I, nesta mesma instituição de 1990 a 2008. Trabalhou como professora em Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIs) e na Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre de 2003 a 2007. É integrante do ARTEVERSA e do CEM – Currículo, Espaço e Movimento – Grupo de estudo e pesquisa da Univates/Lajeado - RS. E-mail: deborahvfischer@gmail.com

Denise Espírito Santo

Professora Associada do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e do programa de pós-graduação em Artes - PPGARTES; coordenadora de pós-graduação e pesquisa do Instituto de Artes. Professora integrante do programa de internacionalização "Geopoéticas e novas epistemes: relações da arte

e cultura na contemporaneidade", Programa CAPES Print. Possui doutorado em Teoria Literária pela UFRJ (2002) e mestrado em Literatura Brasileira pela UFRJ (1994); graduada em Teoria do Teatro pela UNI-RIO. E-mail: deniseespirito@gmail.com

Eliana Ayoub. Livre Docente

Doutora em Educação Física (Unicamp), Mestre em Educação Física (Unicamp), graduada em Educação Física (Unicamp). Professora e pesquisadora da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: ayoub@unicamp.br

Estela Maria Oiveira Bonci

Doutorado e mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Graduação em Pedagogia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e graduação em Artes - Educação Artística (licenciatura) pelo Centro Universitário Claretiano. Especialização em Psicopedagogia, Educação Especial e Psicopedagogia Institucional. Vice-líder do GPeMC - Grupo de Pesquisa em Mediação Cultural: contaminações e provocações estéticas. Pesquisadora do GPAP - Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia. E-mail: estelabonci@hotmail.com

Francieli Regina Garlet

Doutora em Educação (2018) pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil. Professora EMEB Leonel José Vitorino Ribeiro, Indaiatuba, SP. Editora de seção da Revista Digital do LAV. E-mail: garletfran@gmail.com

Francione Oliveira Carvalho

Doutorado e Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Bacharelado em Artes Cênicas pela Faculdade de Artes do Paraná. Licenciatura em

Educação Artística pela Belas Artes de São Paulo. Pós-Doutorado em História pela FFLCH/USP. Docente da Faculdade de Educação da UFJF. Atua no PPGE/UFJF e no Programa de Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da USP. Líder do MIRADA – Grupo de Estudo e Pesquisa em Visualidades, Interculturalidade e Formação Docente. E-mail: francione.carvalho@ufjf.br

Giovana Bianca Darolt Hillesheim

Doutora e Mestre em Artes Visuais pelo PPGAV/UDESC. Membro do grupo de pesquisa Formação e Arte nos Processos Políticos Contemporâneos - CNPq/UDESC e do Observatório da Formação de Professores no âmbito do Ensino de Arte: estudos comparados entre Brasil e Argentina - (OFPEA/BRA-ARG). Possui licenciatura em Educação Artística - habilitação em Artes Plásticas e especialização em Educação: Leitura, Letramento e Literatura. É professora efetiva do Instituto Federal de Santa Catarina-IFSC/Xanxerê e professora visitante do Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES/UDESC). E-mail: giovana.artes@gmail.com

Giovana Scareli

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp (2009). Mestre em Educação na mesma área pela Unicamp (2003) e Graduada em Pedagogia também pela Unicamp (1999). Realizou pós-doutorado na área de Educação, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, com missões de estudo na Universidade de Buenos Aires e na Universidade Nova de Lisboa. É Professora Associada do Departamento de Ciências da Educação da UFSJ, atua no PPGE da UFSJ e Líder do Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Imagem - GEFI/UFSJ. E-mail: giovana_scareli@ufsj.edu.br

Henry Wilson León Calderón

É professor do Distrito Capital (Bogotá D.C.), formado em Dança e Teatro, com especialização em Multimídia Educacional pela

Universidade Antonio Nariño e estudos em Cinema e Música pela Acropocine. Ele também estudou música na Academia Luis A. Calvo e teatro na Academia Charlot e na Escola Estúdio 21. Pesquisador do Grupo LETEC/UNIFACVEST/SC/BR. E-mail: henry.leon@uniminuto.edu.co

Isabel Almeida Carneiro

Doutora pelo PPGAV/EBA/UFRJ. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Artes da UERJ. Licenciada em Artes Visuais pelo Centro Universitário Barra Mansa em 2005. Especialista pela PUC-Rio em História da Arte e da Arquitetura no Brasil. é artista visual e professora adjunta do Instituto de Artes da UERJ no departamento de ensino da arte e cultura popular. Professora do Programa de Pós-Graduação em Artes da UERJ (PPGArtes). E-mail: bebelcarneirogm@gmail.com

Karine Storck

Doutoranda em Educação (UFRGS), Mestre e Especialista em Educação (UFRGS), Licenciada em Artes Visuais (UFRGS). É Professora de Artes Visuais do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAp/UFRGS) e integrante do ArteVersa - Grupo de estudo e pesquisa em arte e docência. E-mail: karinestorck@gmail.com

Kelly Sabino

Doutora e Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da USP. Artista, docente e pesquisadora. É professora da Faculdade de Educação da Unicamp. Chefe do Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte (DELART). Vice-coordenadora do GT Educação e Arte da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED. Pesquisadora do LABORATÓRIO DE ESTUDOS AUDIOVISUAIS - OLHO, da Universidade Estadual de Campinas e do grupo de pesquisa PHALA: Educação, Linguagem e Práticas Socioculturais, da Universidade Estadual de

Campinas. Membro da Rede Internacional de Investigação em Artes, Educação Artística e Arte/Educação. E-mail: ksabino@unicamp.br

Luciana Gruppelli Loponte

Doutora em Educação (UFRGS), Mestre em Educação (UNICAMP), Especialista em Educação (UFPEL), Licenciada em Educação Artística - Habilitação em Artes Plásticas (UFPEL). É professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e líder do Arteversa - Grupo de estudo e pesquisa em arte e docência. Foi uma das fundadoras do GT 24 - Educação e Arte da ANPEd, sendo uma das primeiras coordenadoras do grupo. E-mail: luciana.arte@gmail.com

Luciane Wilke Freitas Garbosa

Doutora em Música - Educação Musical pela Universidade Federal da Bahia (2003), especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade de Cruz Alta (1997) e graduada em Música - Bacharelado em Piano pela Universidade Federal de Santa Maria (1994). É Professora Titular da Universidade Federal de Santa Maria, atuando com formação de professores nos cursos de Música - Licenciatura e Pedagogia, no Laboratório de Educação Musical - LEM/Centro de Educação. Atua com formação de professores, estágio supervisionado, produção e análise de materiais didáticos, pesquisas (auto)biográficas. Coordena o grupo CriaMus, vinculado ao REDE Básica, e é vice-líder do grupo de pesquisa FAPEM (CNPq)

Marcia Strazzacappa.

Livre docente (Unicamp), Doutora em Artes: estudos teatrais e coreográficos (Université Paris 8, França), Mestre em Educação (Unicamp), bacharel em Dança (Unicamp), licenciada em Pedagogia (Unicamp). Bolsista de produtividade em Pesquisa/Arte CNPq. Professora e pesquisadora da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: mstrazza@unicamp.br

Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva

Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Educação Artística pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Estágio de Pós-doutorado na Universidad de Sevilla/Espanha. É professora titular do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina. Atua como professora do Mestrado e doutorado em Artes Visuais (PPGAV), no mestrado e doutorado em Educação (PPGE) e no mestrado profissional de Artes (PROFARTES) UDESC. Coordena o Observatório da Formação de Professores no âmbito do Ensino de Arte: estudos comparados entre Brasil e Argentina - (OFPEA/BRARG) e o Laboratório Interdisciplinar de Formação de Professores - LIFE-CEART-UDESC. E-mail: cristinaudesc@gmail.com

Marilda Oliveira de Oliveira

Titular do Departamento de Metodologia do Ensino, professora permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil. Doutora em História da Arte, Mestra em Antropologia Social, ambas pela Universidad de Barcelona, Espanha. Bacharela e Licenciada em Artes Visuais, ambos pela UFSM. Editora Chefe da Revista Digital do LAV. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5092-8806>. E-mail: marilda.oliveira@ufsm.br

Michelle Dantas Ferreira

Doutoranda em Educação (UNIRIO), Mestra em Educação (UNIRIO), Graduada em Pedagogia (UERJ) e Pesquisadora do Grupo FRESTAS (UNIRIO) interessada em investigar a relação entre Formação Docente, Educação Estética, Corporeidade e Arte. Professora da Educação Básica da Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro (SME), atuando na gestão de um Espaço de

Desenvolvimento Infantil (EDI) na Zona Oeste da cidade. E-mail: michaduda@yahoo.com.br

Mirian Celeste Martins

Graduada em Licenciatura em Desenho e Plástica pela Faculdade Santa Marcelina. Mestre em Artes pela Escola de Comunicações e Artes/ USP e Doutora em Educação pela USP. Professora do Curso de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura e do Curso de Pedagogia na modalidade presencial da Universidade Presbiteriana Mackenzie onde coordena os Grupos de Pesquisa: Arte na Pedagogia e Mediação Cultural: provocações e mediações estéticas. Professora aposentada do Instituto de Artes/UNESP. Conselheira da América Latina da INSEA - International Society of Education through Art (2017-2022). E-mail: miriancelestemartins@gmail.com

Mirtes Antunes Locatelli Strapazon

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade (PPCS) da Universidade da Região de Joinville (univille). Vice-Líder do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE/Univille). E-mail: mirteslocatelli@gmail.com

Olga Egas

Doutora em Educação, Arte e História da Cultura (UPM), Mestre em Artes Visuais (IA/UNESP). Possui especialização em Arte Educação (ECA/USP), Design Gráfico (Anhembi Morumbi) e Pedagogia. Licenciada em Arte (FAAP) e Desenho (FASM). Professora na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACED/UFJF) atuando nas Licenciaturas em Artes Visuais e Pedagogia. Vice-líder do MIRADA – Grupo de Estudo e Pesquisa em Visualidades, Interculturalidade e Formação Docente. E-mail: olga.egas@gmail.com

Renata Gesomino

Doutora e Mestre na linha de pesquisa de História e Crítica da Arte pelo PPGAV-UFRJ. Bacharel em artes plásticas/pintura, pela Escola de Belas Artes da UFRJ. Possui licenciatura em educação artística pela UCAM-AVM. Professora associada do IART-UERJ e do PPGARTES-UERJ na linha de Pesquisa "Arte, crítica e criação". E-mail: renata.gesomino@gmail.com

Rosana Aparecida Fernandes

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas, com período de sanduíche na Universidade Nova de Lisboa (UNL). Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Especialista em Ensino de Filosofia pela Universidade de Brasília. É graduada em Pedagogia pela Universidade de Brasília e em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É professora de Filosofia da Educação no Departamento de Estudos Básicos (DEBAS), da Faculdade de Educação (FACED), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É membro do Grupo de Pesquisa Educação, Pensamento e Filosofia. Forças políticas do ensinar e do aprender (UERJ) e do Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Imagem (GEFI /UFSJ). É líder do Grupo Cabeça de Criança: Arte, Educação, Filosofia e Infâncias (AEFI/UFRGS). E-mail: rosanafernandes.edu@gmail.com

Rosângela Martins Carrara

Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Autônoma de Assunção. Mestre em Educação pela UFRGS. Licenciada em Educação Artística pela PUC/CAMP e Pedagogia pela Universidade de Ciências e Letras Plínio Augusto do Amaral. Arte Educadora, Pedagoga. Docente - Pesquisadora: UFRGS, UFPeL, UNIFACVEST, Consultora Educacional – FAMPER. E-mail: rotsaba@gmail.com

Silvia Sell Duarte Pillotto

Pós-Doutora pelo Instituto Estudos da Criança na Universidade do Minho (UMINHO, Braga/Portugal). Professora/pesquisadora no

Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade da Região de Joinville (univille). Líder do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE/Univille). E-mail: pillotto0@gmail.com

Valeria Leite de Aquino

Doutora em Antropologia Cultural e Mestre em Sociologia e Antropologia, ambos pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Especialista em Gestão e Políticas Culturais pela Universidade de Girona (ESP); Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Goiás. É professora e pesquisadora do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, desenvolvendo ensino, pesquisa e extensão nas áreas de culturas e artes populares e periféricas e patrimônio imaterial. E-mail: valeriaquino@gmail.com

Vivien Kelling Cardonetti

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria. Professora do Curso de Pedagogia da Faculdade Antônio Meneghetti (AMF) e Professora Externa do Curso de Pedagogia –Modalidade EAD, UFSM. Editora de seção da Revista Digital do LAV. E-mail: vicardonetti@gmail.com

Virna Bemvenuto

Mestre em Educação pelo PPGEDU/UNIRIO. Graduada em Artes Plásticas - Licenciatura pela EBA/UFRJ. É artista, pesquisadora, professora de artes visuais na educação básica. Investiga relações entre processos de criação e formação docente, desde o corpo como território do sensível nas experiências poeticopedagógicas. E-mail: bemvenutovirna@gmail.com

Pedro Ivo Cipriano (Capa)

Mestre em Educação pela UFJF. Licenciado em Letras pela Universidade Católica de Petrópolis. Membro do MIRADA – Grupo

de Estudos e Pesquisa em Visualidades, Interculturalidade e Formação Docente. Artista visual com participações em importantes exposições como Direito à Forma – Inhotim; Dos Brasis (SESC/SP), Um Defeito de Cor (MAR), Pontos cantados, pontos riscados: um pensamento-desenho afro (MAMM/JF).



Histórico das coordenações do GT 24

2024-2025

Francione Oliveira Carvalho (UFJF) – coordenador

Kelly Sabino (UNICAMP) – vice-coordenadora

2022-2023

José Albio Moreira de Sales (UECE) - coordenador

Francione Oliveira Carvalho (UFJF) – vice-coordenador

2020-2021

Marilda Oliveira de Oliveira (UFSM) – coordenadora

José Albio Moreira de Sales (UECE) – vice-coordenador

2018-2019

Everson Melquiades Araújo Silva (UFPE) – coordenador

Marilda Oliveira de Oliveira (UFSM) – vice-coordenadora

2016-2017

Marcelo de Andrade Pereira (UFSM) – coordenador

Everson Melquiades Araújo Silva (UFPE) – vice-coordenador

2014-2015

Marcelo de Andrade Pereira (UFSM) – coordenador

Everson Melquiades Araújo Silva (UFPE) – vice-coordenador

2013 (Anual)

Márcia Maria Strazzacappa Hernández - coordenadora
(UNICAMP)

Marcelo de Andrade Pereira (UFSM) – vice-coordenador

2012 (Anual)

Márcia Maria Strazzacappa Hernández - coordenadora
(UNICAMP)

Marcelo de Andrade Pereira (UFSM) – vice-coordenador

2011 (Anual)

Monique Andries Nogueira – coordenadora (UFRJ)

Luís Fernando Lazzarin (UFSM) - Vice-coordenador

2010 (Anual)

Luciana Gruppelli Loponte (UFRGS) – coordenadora

Márcia Strazzacappa (UNICAMP) – vice-coordenadora

2009 (Anual)

Luciana Gruppelli Loponte (UFRGS) – coordenadora

Márcia Strazzacappa (UNICAMP) – vice-coordenadora

2008 (Anual)

Luciana Gruppelli Loponte (UFRGS) – coordenadora

Márcia Strazzacappa (UNICAMP) – vice-coordenadora

2007 (Anual)

Maria Isabel Leite (UNESC) - coordenadora

Luciana Gruppelli Loponte (UFRGS) - vice- coordenadora

Com este livro, reafirma-se o papel do GT 24 – Educação e Arte como um espaço de resistência, produção e compartilhamento de saberes que contribuem para o fortalecimento do campo da arte na educação no Brasil. As reflexões e trajetórias compartilhadas evidenciam não apenas a potência do coletivo em articular pesquisas, metodologias e ações que transformam o campo da educação e da arte, mas também sua capacidade de impactar realidades institucionais e sociais.



ANPEd | Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

